



A EVOLUÇÃO

SEMANARIO REPUBLICANO

A nossa theoria historica representa necessariamente a realza moderna como o unico resto capital do antigo regimen das castas.

A. COMTE, Cours de Philosophie positive, t. 6. pag. 298.

Com os progressos da cultura geral o governo republicano deve e não pode deixar de estabelecer-se em todas as partes do mundo.

E. DE HARTMANN, Philosophie de l'Inconscient t. 1. pag. 430.

Caminhamos para um ideal politico em que a acção do governo será reduzida ao minimo e a liberdade elevada ao maximo grau compativel com a liberdade dos outros.

H. SPENCER, Classification des sciences, pag. 119.

N.º 18

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Cada serie de 15 numeros 300 reis.

COIMBRA, 27 DE MARÇO DE 1882

PUBLICAÇÕES

Anuncios, 20 reis a linha.—Toda a correspondencia deve ser dirigida para a Couraça dos Apostolos, n.º 29.

ANNO 1.º

A MISSÃO DA REALEZA

N'esta lucta de ideias e de principios em que vamos empenhados, temos por vezes, infelizmente, de combater affirmações que teem lóros de cidade na politica militante, apesar de serem extraordinariamente absurdas.

Os que não teem argumentos solidos para sustentar uma opinião recorrem a todos os meios, falseando a lição da historia e apresentando, como certos, principios que são radicalmente falsos. O que é doloroso, todavia, é que não o façam por ignorancia, mas movidos simplesmente pelo interesse mais sordido.

Os nossos politicos sabem que a realza se tornou incompativel com as necessidades politicas dos povos. É um corpo estranho conservado no organismo social: representa o papel d'um aparelho de cirurgia, cuja necessidade findou, e que serve apenas para impedir livre o desenvolvimento do individuo a que se applica. Os medicos poucos conscienciosos são interessados na sua conservação e nada lhes importa, por isso, que elle seja uma causa de atrophia.

É por esta razão que ouvimos repetir tão a miúdo que a monarchia é uma condição indispensavel da nossa vida autonómica.

Dizer isto é especular torpemente com a ignorancia dos credulos; é calar o testemunho da historia; é obscurecer a lição proficua que se tira dos factos para ensinamento dos homens.

Que importa, porém, isso aos politicos de officio? Pouco escrupulosos na escolha dos meios, elles só se importam com a consecução do seu fim — a exploração indigna do povo, á sombra d'uma instituição que o rebaixa.

Quando o laço social era fraco, quando as forças que se desenvolvem no campo da sociedade obedeciam ainda a uma lei dispersiva, era indispensavel a existencia d'uma auctoridade mais poderosa que podesse congregar na consistencia de nação os elementos esparcos operando sem conexão e sem intuitos.

A realza tinha então sobre a humanidade uma acção paterna, tutelar. A auctoridade real era indiscutivel e sagrada: se o povo via os reis muito superiores a elle, via-os tambem, no momento do perigo, tomando a mais bella responsabilidade da lucta.

Com o desenvolvimento da sociabilidade a auctoridade foi diminuindo gradualmente; as diversas attribuições do monarcha especificaram-se, dividindo-se, em funcionarios diversos.

Surge o poder ministerial e os reis passam a desempenhar uma função secundaria.

Vem depois a revolução franceza e dá ao povo direitos, que até alli tinham sido desconhecidos ou contestados. D'aqui em diante, elie começa a governar-se por leis estabelecidas pelos seus representantes.

Ampliam-se mais tarde esses direitos: e as nações obrigam os poderes constituídos a reconhecer a existencia d'uma nova força social, — a opinião popular.

De sorte que as funções legislativas, executivas, militares e religiosas, accumuladas e reunidas nos primitivos monarchas, foram-se deslocando e fixando em outros tantos individuos que se tornaram a sede de poderes independentes, até que finalmente se reconheceu a todo o paiz o direito de se governar por si mesmo.

De transição em transição, a auctoridade politica achou hoje a sua origem legitima e indiscutivel na soberania do povo. Todo o acto governativo que não proceda d'ella é um acto de despotismo.

Eis os resultados positivos a que nos leva a historia. É por elles que o paiz se deve regular.

Que os homens de dignidade e de senso deixem de proferir no parlamento e na imprensa esta phrase torpemente ridicula: a monarchia é a condição indispensavel da nossa independencia.

Que caso devemos nós fazer das penas venaes dos jornalistas estipendiados pelo thesouro? Que conceito nos podem merecer os discursos dos deputados que o governo fez eleger á custa da nação?

Deixemos discorrer-los; tenhamos simplesmente a cautela de não nos aproximarmos d'elles.

É perigoso o contacto da podridão.

Discurso pronunciado na camara electiva em 15 de fevereiro pelo deputado republicano, o sr. José Elias Garcia.

Tem-se dito que a substituição do sr. Antonio Rodrigues Sampaio foi uma substituição inconstitucional.

Não sou eu de certo o deputado que pôde aqui vir defender, não os principios constitucionaes, porque esses tenho ouvido dizer de todos os lados da camara que estão esquecidos, mas ao menos umas theorias constitucionaes inventadas para estas situações, para estados excepçoes em que se acham os povos, e em que porventura se encontra o nosso tambem.

Nós sabemos, porque nol-o contou aqui, com extrema franqueza e lisura, que muito o honra, o sr. presidente do conselho de ministros, que na occasião em que o sr. Anselmo José Braamcamp deixou o governo foi s. ex.ª incumbido de organizar um novo ministerio.

E s. ex.ª era effectivamente apontado como aquelle que devia assumir a direcção dos negocios publicos.

Não o digo eu, dizem-no os srs. deputados da opposição, e, se bem me recordo, este ponto frizou-se especialmente na camara alta.

Mas s. ex.ª empenhou a sua palavra para não aceitar o governo, e essa palavra respeito-a eu, e todos a devemos respeitar.

S. ex.ª estava com a saude enfraquecida, e essa hypothese devemos tambem tel-a em toda a consideração, porque, como s. ex.ª mesmo disse, não ha circumstancia alguma que force um homem a desempenhar um papel de actividade e de trabalho quando as forças lhe faltam e a doença o acabrunha.

E s. ex.ª entendeu que ficava muito bem desenhada a representação do partido de que é chefe, entregando a presidencia do conselho ao sr. Antonio Rodrigues Sampaio.

Effectivamente o sr. Antonio Rodrigues Sampaio chegou ás cadeiras do poder, voltou-se para os representantes do paiz e disse que não queria reformas politicas.

Disse, porém, igualmente que algumas cousas boas faria.

Realmente algumas cousas boas foi s. ex.ª fazendo.

Acerca do tratado de Lourenço Marques devo dizer que não sei se foi bom, se foi mau o que se fez.

O que sei é que vi começarem as perseguições á imprensa, que muitos applaudiram, e com a substituição d'esse governo as perseguições acabaram. Nós vimos então que não era permitido nem acatado o direito de reunião, que ao meu amigo o sr. Luiz Palmeirim parece de pouco valor, mas que é um direito sacratissimo, que está consignado na lei eleitoral de 1859, lei redigida principalmente pelo sr. Antonio d'Oliveira Marreca, e que foi arrancada n'esta camara aos ministros que então se assentavam nas cadeiras do poder; direito arrancado por José Estevão, porque aquella lei é devida principalmente ao nosso grande orador.

Recordo-me de que José Estevão, quando a maioria parecia hesitar, se comprometia, quaesquer que fossem as consequencias, a arrancar das banquetas dos ministros aquella lei. E' que elle bem sabia que era uma grande garantia para o corpo eleitoral o direito de reunião; o direito de reunir em qualquer parte os eleitores, não para receber d'elles o mandato imperativo, que é desnecessario, mas para que n'essas grandes reuniões se conheça o sentir popular, e possam os representantes da nação, ajustar por elle os seus actos, e afferir os dictames da sua consciencia.

E que succedeu no ministerio do sr. Sampaio? Impediam-se as reuniões e agrediam-se quem n'ellas estava; mandava-se para ellas as auctoridades que se julgavam azadas para representar a sua politica, e para intimar a dissolução d'essas reuniões, quando melhor lhes parecesse.

Nós vimos ainda ha dias o que succedeu no Porto, e que não fóra felizmente apoiado, nem applaudido pelo actual sr. ministro do reino. S. ex.ª disse n'esta camara que assim que sobbera ter sido impedida uma reunião politica, expedira logo ordem terminante para que se não embarçassem de forma algumas essas reuniões. Eu applaudo-o por isso.

Mas este seu acto está em contradicção aberta com o que se deu n'uma reunião em Setubal, em que a auctoridade foi obstar a essa reunião, dizendo que o fazia por ordem superior.

E não julgue v. ex.ª que eu quero referir-me a qualquer nome com desfavor; não o costume fazer a respeito de ninguém, e principalmente a respeito d'aquelles que, em qualquer epocha da sua vida, prestaram va-

liosos serviços á causa da liberdade. (Apoiados.)

Declaro tambem que pouco me importam as incoherencias dos homens, tenho até por bem vindas as incoherencias que nos dão mais largas liberdades; mas não posso applaudir aquellas que nol-as tiram ou nol-as cerceiam. (Apoiados.) E não sei a que attribuil-as, porque eu creio que o espirito não envelhece, dondeja apenas.

O sr. Sampaio esteve, não sei quantos mezes, no governo: caiu e caiu bem. Não digo que caiu por já não ter força para sustentar-se. (Apoiados.) Foi bom. Estimo, applaudo que tivesse caído, porque melhor foi isso do que vel-o aqui embaraçado, afflicto, enleado, não digo para justificar-se, mas para explicar o seu procedimento. (Apoiados.)

Repito. O sr. Sampaio caiu e caiu bem, embora a sua queda não fosse constitucional. Não poudo levantar-se, e surgiu o sr. Fontes.

S. ex.ª já tinha sido chamado para aquelle logar, (indicando a presidencia do conselho,) mas não acudira ao chamamento; mas, ao segundo mandado, não podera resistir, disse-o s. ex.ª com toda a franqueza, e accitou o encargo.

Permitta s. ex.ª que eu lhe diga que não eston de accordo com algumas palavras que proferiu quando fez a historia de certos factos, palavras que eu registo, não com satisfação, mas como prova da debilidade e da fraqueza do regimen que nos rege.

Disse s. ex.ª que n'estas cadeiras se contradictava o que dos logares dos srs. ministros se avançava, e das cadeiras do ministerio se contradictava o que d'aqui se dizia. Será isto bom regimen? Não me parece que o seja.

Ha incontestavelmente muitas mudanças de ministerios que se podem apontar como factos constitucionaes, não digo á luz dos verdadeiros principios do regimen representativo, mas á luz d'uns certos principios mais accommodaticios d'este regimen, mudanças em que não se respeita realmente a vontade popular; mas nas quaes ha para com ella ao menos a apparencia d'esse respeito.

S. ex.ª afirmou que podia ir buscar a outros paizes exemplos de menos respeito pelos principios constitucionaes, e apontou o ultimo que se deu na Inglaterra por occasião da subida de Gladstone ao poder.

Mas o sr. presidente do conselho sabe de certo que este facto não é unico, já da primeira vez Gladstone caiu por causa das eleições, e o mesmo succedera a Disraeli. E' historia recente.

Todos a conhecem. (Apoiados.)

Já da primeira vez não foi preciso que se reunisse o parlamento; apenas terminadas as eleições, immediatamente o decreto da demissão do ministerio conservador estava lavrado. Disraeli caía, e o partido liberal subia ao poder, por ganhar as eleições com applauso da Inglaterra, sentindo Londres, no meio das alegrias da victoria, apenas a magua pela perda da eleição de Stuart-Mill, que, apesar de não tomar assento na camara, não deixava de ser um poderoso auxiliar do movimento liberal.

E depois Disraeli, alcançando a victoria eleitoral, tomou o poder que Gladstone lhe cedera antes de aberto o parlamento, como por sua parte succedera ultimamente a Gladstone, vencendo na urna a lord Beaconsfield.

Quando n'um paiz a opinião governa; quau-

do ella se manifesta tão accorde, e se afirma na indicação d'um nome, como ali, todos os poderes se curvam, nenhum hesita, não pôde haver hesitação.

(Continúa.)

A doutrina dos jesuitas

No numero anterior expuzemos alguns pontos da doutrina jesuitica que vão d' encontro aos principios ensinados por Christo e seguidos em parte pela igreja.

Continuemos com esta exposição, apresentando ao mesmo tempo a condemnação dos papas e os testemunhos dos Padres, bem como os logares das Escripturas que repugnam totalmente com aquella doutrina.

Dizem os jesuitas que a Humanidade, unida hypostaticamente ao divino verbo, podia ser sujeita ao erro, ao peccado, e á pena eterna.

E com tudo S. Paulo diz na sua epistola aos Colassenses: que em Christo habita toda a plenitude da divindade corporalmente.

E S. Agostinho no Livro da lucta christã diz: "... e cremos que o divino verbo uniu a si completamente toda a Humanidade".

As consequencias de tal doutrina são de tal modo obvias e tão offensivas á ideia de divindade que nos recusamos a apresental-as.

Mas a doutrina de tal seita levou tão longe o seu arrojo que, desde já pedimos aos piós e catholicos ouvidos se vão armando da resignação evangelica para podermos continuar na sua succinta exposição.

O sacrilegio, crime que entre as nações mais barbaras era desprezível e odiado, esse mesmo foi defendido por os homens que se intitulavam a Sociedade de Jesus.

Pois estes, tractando dos preceitos do decalogo, esse codigo sublime, dado por Moysé aos seus subditos d'Israel e mais tarde modificado por Christo, o sabio compilador das ideias do oriente e ao mesmo tempo o grande conhecedor do coração humano e das tendencias progressivas dos povos, não duvidaram afirmar que para satisfazer ao preceito de ouvir missa não é necessaria attenção alguma interior ou affecto d'animo pio e devoto mas basta a assistencia material, como Gury afirma no seu compendio de moral, livro ainda hoje adoptado em muitos seminarios.

Relativamente mesmo a outros preceitos, diz Escobar que com uma confissão voluntariamente nulla e uma communhão sacrilega se satisfaz aos mandamentos da igreja.

Porém Christo é bem explicito quando chama hypocritas os que o honram com os labios quando o coração está longe d'elle (1).

Mas não para aqui a sua osadia. Até mesmo ácerca da doutrina do mestre disseram: não é evidente com evidencia moral propriamente dicta que a religião christã seja verdadeira.

Bastava esta proposição para cavar um abysmo entre jesuitas e christãos. Contudo elles, cegos, saltam estas barreiras para entrar na grande e outr'ora poderosa Sociedade.

Mas nós vamos mostrar-lhes ainda mais os saltos que têm de dar.

Sirmond, Anato, Moya, Tamborino e le Moyne affirmaram que para cumprir com o primeiro preceito do decalogo bastava observar os outros preceitos da lei divina.

Cabrespine e Pintereau disseram tambem que Deus no primeiro mandamento não manda positivamente que o amem; mas que não o aborçam.

Isto é evidentemente contrario á religião de Christo; mas, para evitar discussões inúteis, ahí a tondes condemnada por Alexandre VIII em 24 de agosto de 1690 e pela Universidade de Paris em 1665 e pela assembleia do clero francez em 1700.

E Christo diz: *qui non diligit me sermones meos non servat* (2).

Vamos mais apresentar uma proposição condemnada por Innocencio XI em 1679 e pela Universidade de Lovaina em 1657 e pelo Clero de França em 1700 e terminaremos.

Realmente é desolador o quadro que nos desenrola á vista o desvario de taes homens e, francamente, não sabemos que cegueira

leva os nossos theologos a defender tal gente.

A proposição é esta:
Tam clarum est fornicationem se nullam involvere malitiam; et solum esse malam quia interdicta, ut contrarium omnino dissonum rationi videatur.

Apresentamol-a tal qual foi condemnada, para não fazer corar as faces pudicas dos individuos que lêem e apreciam o canticos dos canticos em latim; e a que fariam um auto de fé se elle fosse escripto em portuguez.

Ha coisas assim.

A missa se fosse dicta na nossa lingua perdia cinco por cento do seu valor.

E do resto que diremos?

O baptismo tambem se faz n'esta lingua. As creanças sabel-a-hão ao nascer?!

Creio mesmo que até o diabo a não ignora; pois que os exorcismos são feitos na lingua das Messalianas e dos Heliogabalos.

Poderíamos dilatar-nos em largas considerações sobre muitos outros pontos da moral jesuitica, mas supponmos sufficientemente provada a nossa these.

Não podemos defender os jesuitas e sér catholicos, apostolicos romanos.

Poderíamos mesmo fallar na praxe jesuitica que consistia em introduzir discordia e divisão entre os homens para conseguir os seus fins que com innegavel verdade se referem na *Deductão chronologica e analytica*, particularmente na primeira parte, divisão dez, § 406.

Isto seria acrescentar massada não só aos leitores, mas tambem a nós que, confessamos nos custa a manejar uns grandes alfarrabios em latim, lingua que está morta, bem como *quasi tudo* que n'ella se escreveu.

Nós aqui não atacamos nem catholicos nem jesuitas; mostramos apenas a doutrina d'uns e d'outros; e com tudo elles andam de mãos dadas!

O que resultará da liga?!

Um futuro proximo o dirá.....

Coimbra, 16-3-82.

A. R. NOGUEIRA.

NINI

O seu rosto pequenino
É como miniatura.
D'uma madona formosa,
D'uma formosa pintura
De Raphael.

É branca; d'uma brancura
Que nos faz lembrar Ophelia;
Não ha nenhuma camelia,
Que ao vér-lhe do rosto a alvura
Não se sinta, á lucta, inerme,
E não lhe inveje a cor branca
Da sua branca epiderme.

É travessa,
Como são sempre as creanças,
Sem pensamentos, sem dores:

A cabeça,
Alegre, viva, ladina,
Parece ser sementeira
D'uma seara divina...
Ouro passado á fleira!

Os seus olhos innocentes
São azues; mas d'um azul
Assim da cor do luar;
Um pouco mais carregado,
Assim um azul esverdeado,
Como que azul verde-mar.

Os labios! que lindos são!
Vivos na cor, o carmin...
Se quereis a imagem real
É ir a qualquer jardim,
De rosa qualquer bolão
Abrindo-se: é tal e qual!

Quando ella os abre louçã,
Alveja o branco dos dentes
Dos labios sobre o rosado:
Parece um pomo encantado:
Que tem perl'as por sementes,
—E se abre como a romã,—
D'algum paiz do El-Dorado!

Os pés e mãos... causa riso
Examinar cada dedo!
Curtinhos, brancos, replectos,
Intrigam como um sagredo;
Mais gentis do que amuletos:
Dos cinco o grupo:—um briaquedo.

Emfim, tão branca ella é,
Tão leve o corpo gentil,
Tão airosos mão e pé,
Tão captivante o perfil:

São os cabellos d'um ouro,
Tem tanto mimo o dizer,
Tal o perfume que emana,
É tão formoso este ser,
Tão fóra da raça humana:

Que das geraes me esqueço
E creio que deva ser:
O primeiro beijo impresso
No nosso primeiro amor,
Que pelo proprio calor
Cristalizou em mulher!

Um dia ao vél-a chorar
Mudou-se-me a phantasia;
Fui procurar-lhe a existencia
Na velha mythologia:
D'um lago pequena Ondina
Perdida n'alguma bruma...
Ou Nereida pequenina
Que fosse trazida escrava
No dorso d'alguma vaga
N'um berçosinho de espuma.

M. MESQUITA.

Secção Pombalina

Eis a carta da commissão de Coimbra, a que no último numero nos referimos.

SR. REDACTOR DO JORNAL

A «EVOLUÇÃO»

No n.º 16 da sua folha, publicada no dia 13 do corrente mez inseriu v. o programma, que elaborámos, das solemnisações com que a Academia de Coimbra intenta celebrar o centenario do Marquez de Pombal, e accompanhou-o d'algumas reflexões que não podemos deixar ficar sem resposta.

Impressionou-se desagradavelmente v. com o facto de se não referir o programma ao *Instituto de ensino livre*, que planeiam os estudantes de Lisboa, e estranhou tambem que, no dia 7, em que se realiza n'aquella cidade um congresso para tractar da federação academica, o nosso programma indique a reunião d'uma assembleia geral de todos os estudantes de Coimbra, no theatro Academico. «Era, já se vê, necessaria (commenta v.) a comparencia em Lisboa dos estudantes de Coimbra, mas a commissão, que elles elegeram, pede-lhes que fiquem.»

Agrupamos estes dois pontos, que mereceram reparos de v., porque dizem respeito ás relações d'esta commissão na comprehensão do seu mandato, com a commissão dos estudantes de Lisboa e ás solemnisações que ella projecta.

Os nossos intuitos sobre tal assumpto estão bem expressos no seguinte periodo do programma:

«Não quer isto dizer, senhores, que na mente da vossa commissão esteja o interpretar o vosso procedimento como um testemunho de menos cordeal e sincera adhesão ás manifestações sympathicas e dignas que por esse motivo organisem estudantes d'outras escolas do paiz. Significa simplesmente que tomamos o logar que d'antiga data nos pertence entre a classe Academica portugueza, e vimos com a nossa iniciativa corroborar e fortificar o nobre pensamento que outros pretendem brilhantemente realisar.»

É claro que não podíamos fazer, nem dizer mais: a Academia de Coimbra, resolvendo commemorar n'esta cidade o centenario pombalino, incumbiu-nos estrictamente de organizar o programma d'essa commemoração.

As relações entre os estudantes d'aqui e da capital não entravam nos dominios da nossa competencia prefixal-as; por mais sym-

pathicos que nos sejam os intuitos e projectos dos estudantes lisboenses, não nos cumpria a nós determinar a parte que a Academia deve tomar nas suas festas. Uma assembleia geral, e só ella, pôde pronunciar-se como entender.

Mas ha mais. No dia 7, segundo lêmos no programma Academico dos festejos de Lisboa, deve com effeito reunir-se n'aquella cidade um congresso destinado a occupar-se da federação Academica. N'esse congresso, porém, só terão logar dois representantes das faculdades da Universidade, e portanto claro fica que podemos os restantes reunir-nos em assembleia geral, sem que isso implique a rejeição anticipada de que vão lá representantes da Academia.

A expressão «todos os estudantes» em o nosso programma, visa a comprehender os estudantes de qualquer graduacão, tanto da Universidade como de preparatorios, e não se refere á totalidade dos estudantes, individualmente considerados, o que seria dispoticamente absurdo.

Não somos nós que dizemos aos Academicos que *fiquem*: foram elles que nos não elegeram para a missão de os mandarmos para Lisboa. Para isso não precisavam d'uma commissão. Se nos elegeram, foi para que organisassem as celebrações com que os estudantes da unica Universidade portugueza haviam jstamente resolvido festejar o centenario do Marquez de Pombal, na séde d'essa Universidade.

Quanto á proposta do sr. Alvares de Moura, votada em assembleia geral, está v. equivocado.

Essa proposta dizia simplesmente que os estudantes não comparecessem nas festas universitarias; mas n'ella não se alludia se quer ao convite feito ao Reitor e ao corpo docente afim de tomarem parte nas nossas festas. Nós tambem não apreciamos essa proposta: limitamo-nos a assignalar que o que se lê no programma não está de forma alguma em desacordo com a deliberação, boa ou má, da assembleia geral.

Declarava v. que achava mais justo e mais em harmonia com o caracter liberal d'estas festas, que fosse franca para todos a inscripção para uso da palavra na reunião publica do dia 8.

A commissão tambem ventilou esta questão, e ponderando bem os inconvenientes d'um e outro partido a tomar, entendeu que a inscripção absolutamente livre era talvez mais prejudicial aos nossos intuitos do que aos d'aquelles que desejam tirar a estas solemnisações o caracter imponente que devem revestir.

Comprende v. os motivos que nos levam a fazer estas rectificações, e ao mesmo passo a explicar os pontos do nosso programma, que foram injustamente apreciados.

Não podíamos deixar correr mundo uma interpretação menos harmonica com os nossos intuitos ao escrevermos o documento de cuja elaboracão e execucao tivemos a honra de ser encarregados pela Academia.

Coimbra, sala da commissão pombalina, 14 de março de 1882.

PRESIDENTE

Antonio Henriques da Silva.

1.º SECRETARIO

Pedro de Mascaranhas Gaivão.

2.º SECRETARIO

Leopoldo Mourão.

THEZOUREIRO

José d'Ornellas Cysneiros.

VOGAES

Alfredo da Castro.

Alfredo Vieira Peixoto Villas-Boas.

Antonio Feijó.

Antonio de Padua Bandarra de Seixas.

Antonio Pinto Mesquita.

Carlos Lobo d'Anila.

Francisco Maria Gomes do Rego Feio.

Francisco Pinto Coelho Soares de Moura.

Francisco Roberto Martens Ferrão.

José d'Ornellas Cysneiros.

Luiz de Magalhães.

Narciso d'Oliveira e Silva.

Tito Vespasiano Castello-Branco.

(1) Math. XV, 7 e 8.

(2) Joann. XIV, 24.

Referindo-se ao que n'este jornal disse-mos relativamente ao *Instituto de ensino livre* e ao congresso academico, diz a commissão que não têm lugar as nossas observações, porque ella estava estritamente incumbida de organizar o programma do centenario em Coimbra.

Ora a commissão foi eleita, se bem nos recordamos, para examinar as propostas apresentadas em assembleia geral, tomando-as para base d'um projecto de programma. Uma d'essas propostas, pelo menos, referia-se ao *Instituto*; parece-nos, portanto, que a commissão não exorbitava das suas attribuições occupando-se d'este assumpto.

Mas supponhamos que a memoria nos foi infiel. Pouco importa isso; nós acceitamos a questão no terreno em que os illustres commissarios a collocaram.

A base de toda a argumentação é o escrupulo de ultrapassarem os limites da sua competencia, que se reduz a organizar o programma do centenario em Coimbra. Não têm mandato da assembleia para prefixarem as relações entre os estudantes d'aqui e os da capital.

Completamente de accordo: a sua missão é essa e o seu escrupulo é muito digno.

Mas em que exorbitava a commissão, occupando-se do *Instituto*, se elle não é devido exclusivamente aos estudantes de Lisboa, mas creado, por meio d'uma subscrição nacional, a expensas de todas as classes do paiz?

O caracter, que tal estabelecimento reveste impõe, segundo cremos, a todas as commissões que, em qualquer ponto do paiz, se occuparem d'esta festa civica, o dever de o tomarem em consideração. A commissão de Coimbra tem não só o direito de se occupar d'elle, mas o dever indeclinavel de o fazer. Nem se comprehendia que a academia de Coimbra hesitasse em concorrer para perpetuar n'um estabelecimento utilissimo o nome d'aquelle a que tanto deve.

Acresce ainda que os estudantes brasileiros vão naturalmente concorrer para este fim. Se o fizerem, parece-nos que nós, mostrando menos interesse por um assumpto que de mais perto nos toca, não daremos uma ideia muito levantada da comprehensão dos nossos deveres.

Relativamente ao segundo ponto, — a assembleia do dia 7 — julgamos que a commissão a podia omittir sem faltar aos seus deveres, porque ella não trouxe da assembleia geral mandato expresso para celebrar forçosamente o dia 7. O que n'esse dia faz podia perfeitamente fazel o n'outro qualquer. E, para a commissão pôr bem em evidencia a sua vontade de prestar uma adhesão cordeal e sincera ás manifestações dos outros estudantes do paiz, é nossa opinião que devia ter accedido, pelo menos n'este ponto, ao desejo da commissão de Lisboa, da qual, segundo ouvimos, recebeu um officio n'este sentido.

No ponto da carta, ao qual agora chegamos, começam a faltar os argumentos e a apparecer o espirito.

É claro que não podiamos dar ao programma a interpretação tão despoticamente absurda que a commissão parece querer attribuir-nos. Tão absurda ella é que nem mesmo de intelligencias tão fracas como a nossa podia merecer adhesão.

Diz a commissão que não foi eleita com o fim de nos mandar para Lisboa. Com certeza que não; mesmo porque as commissões não costumam ser eleitas para mandar os que as elegem. Mas o que tambem é certo, é que não lhe conferiram a missão de estabelecer incompatibilidades, que nada pôde justificar.

O que de tudo isto deduzimos é que a commissão não nos quiz comprehender. É forçoso, portanto, que fallemos mais claro.

Corria com insistencia que a commissão entendia que *nenhum* estudante de Coimbra deveria ir a Lisboa. Era a este boato que nos referiamos; e se o não fizemos mais claramente, foi porque julgamos a commissão boa entendedora.

Relativamente ao convite feito ao corpo docente, que nós dizssmos estar em desharmonia com a proposta do sr. Moura, parece-nos que não nos equivocamos.

O espirito d'essa proposta, deduzido das considerações de que foi acompanhada, é

evidentemente contrario ás resoluções da commissão.

Quanto á reunião publica, não cremos que a inscrição absolutamente livre prejudicasse os intuitos de commissão, favorecendo os d'aquelles que desejam tirar a estas solemnizações o caracter imponente que devem revestir.

Ainda ha pouco se realison em Lisboa um comicio extraordinariamente concorrido, sem haver a menor tentativa de desordem da parte d'aquelles a quem os principios alli expostos desagradavam.

Não temos razões para suppôr que em Coimbra succedesse o contrario: a attitude das pessoas que se reunirem não será de certo muito benevola para os que quizerem ir alli fazer de martyres. Acreditamos mesmo que os martyres desistirão de representar o seu evangelico papel.

Só nos resta agora pedir á commissão que não veja nas nossas palavras intuitos de opposição systematica.

Expomos a nossa razão de divergir, mas desejamos do coração que seja executado com todo o brilhantismo o programma, do qual, de resto, discordamos em parte. Não seremos nós que lhe crearemos embaraços: acima de quaesquer divergencias está o fim elevado a que todos visamos.

E, se a commissão não ficar convencida com as nossas razões, continuaremos a discutir com todo o gosto com quem tão attenciosa e urbanamente sabe fazel-o.

Publicações recebidas

O homem quaternario e as civilizações pre-historicas na America, PELO DR. FERRAZ DE MACEDO.

Em primeiro logar temos a pedir mil desculpas ao auctor d'esta esplendida monographia por só agora nos podermos occupar d'ella com a attenção que merece.

O livro de que nos occupamos é uma excellente edição elzviriana. Saiu dos prelos da Imprensa Nacional.

É uma apreciação do livro recente de Florentino Ameghino, intitulado *A antiguidade do homem no Prata*.

Os estudos americanos, a que o sr. Ferraz de Macedo se dedica, com tanto proveito para a sciencia, se bem que dos mais interessantes, são, infelizmente, d'aquelles em que a investigação scientifica menos se tem exercido.

Apesar dos bellos trabalhos de Morton, e d'Orbigny e de tantos outros mais recentes, pôde-se dizer que os americanistas a poucos resultados positivos tinham até ha pouco chegado.

O congresso de Nancy, em 1875, embora fertil em communicações e em memorias de bastante valor scientifico, se conseguiu evidenciar a importancia dos estudos relativos á America, não resolveu d'um modo satisfatorio muitos dos problemas que se levantam em face de tão antiga civilização.

A archeologia prehistorica, a linguistica e a anthropologia, os mais poderosos instrumentos de investigação na historia primitiva dos povos não têm produzido, quanto aos povos americanos, tudo o que tinham a esperar.

Apesar da opinião contraria de Whitney e d'outros linguistas, é geralmente admittida a divisão morphologica das linguas em tres typos principaes: linguas monosyllabicas, agglutinativas e flexionaes. Pois o systema linguistico dos povos americanos é tão importante, que a gus philologos têm querido agrupar as linguas da America sob um novo typo morphologico: as linguas polysyntheticas.

D'aqui se vê a sua importancia, que merecia um estudo mais profundo.

Nestas condições qualquer livro sobre a America primitiva despertava sempre o mais vivo interesse, e o seu auctor é respeitado como um obreiro andacioso que procura abrir caminho por um campo por assim dizer inexplorado.

Tal foi a impressão que o grande trabalho de F. Ameghino despertou no sr. F. de Macedo: tal foi a impressão que *O homem quaternario* despertou em nós.

O sr. Ferraz de Macedo demonstra no seu livro que a America tem uma civilização original e propria, não importada de

paiz algum, n'uma palavra, que o *homem americano é originario da propria America, e não lançado n'aquelles pontos por nenhum dos mais antigos povos dos velhos continentes conhecidos*.

O sr. F. de Macedo, baseado nos factos irrefutaveis apresentados por Ameghino, acha-se de accordo com os sabios mais eminentes da actualidade.

O auctor do livro que vimos analisando mostra que está a par de todo o movimento scientifico, e firma a sua opinião nos livros mais recentes de philosophia, de paleontologia e de sciencias biographicas. Parece-nos, porém, injusto para com Guatrefages, um sabio de primeira ordem, um dos mestres da anthropologia, em França.

Não sympathisamos nada com o dogmatismo de Quatrefages; mas não podemos acceitar a opinião que o sr. F. de Macedo exprime n'estas palavras: «O sr. Quatrefages é uma especie e pedra de toque negativa, onde a pleyade gigante de sabios que o circunda cõstuma afferir a justeza de suas ideias e da sua orientação: se são reprovadas, é porque são boas; se são acceitas, os seus auctores vacillam ou duvidam da verdade que expenderam.»

Parece-nos que o sr. F. de Macedo ha de ter poucos que o acompanhem n'esta sua apreciação do eminente anthropologista.

Lamentando o não podermos dispôr de mais espaço terminarmos aqui esta noticia, felicitando o sr. dr. Ferraz de Macedo pelo seu valioso trabalho, e agradecendo-lhe a delicadeza da offerta com que nos honrou.

Agradecemos a remessa do jornal — *La Mosca* — *periodico politico joco-serio* que se publica semanalmente em Barcelona.

Os numeros 108 e 109 do *Contemporaneo* — O 1.º traz o retrato de Eça de Queiroz e biographia por Valentim Demonio.

O 2.º traz o de Gervasio Lobato, biographado por Urbano de Castro, um soneto de Joaquim de Araujo e a continuação do «Raphael».

Recebemos e agradecemos o *Jornal de Agricultura*. O summario é o seguinte:

Secção agricola: — Apreciação do poder germinativo das plantas pela acção do fogo. — A Urtiga branca: Considerações geraes, multiplicação, cultura, vantagens, valor da fibra. — Uso da Urtiga branca. — Machina dos srs. Labrie e Berthet. — Plano de plantação da Urtiga branca. — Um apparelho para pisar uvas. — Uma nova ceifeira mechanica. — Nova grade articulada. — Chronica agricola.

Secção de medicina veterinaria: — Alguns apontamentos sobre hygiene veterinaria militar. — Eccos veterinarios: Concurso importante. Nas congestões do casco dos solípedes. Envenenamento pela veratrina.

Assignatura por semestre — 15300 réis. Redacção Campo dos Martyres da Patria, 132 — Porto.

LISBOA

25 de março de 1882

Não me foi possível fornecer, como de costume, aos leitores do ultimo numero da *Evolução*, algumas noticias d'esta capital. Se o tivesse feito ter-lhes-hia fallado do *meeting* do dia 12 e da prisão de Magalhães Lima, redactor principal do *Seculo*.

Do *meeting* fallou a *Evolução* n'um bem decidido artigo editorial; quanto á prisão de Magalhães Lima, já os leitores estão ao facto d'esta recente arbitrariedade policial ordenada superiormente.

Foi uma vingança que o governo desejou tomar da imponente manifestação republicana do dia 12. Mas, para se vingar d'uma, veio provocar uma outra de que Magalhães Lima tem sido alvo; de todos os pontos do paiz lhe tem sido dirigidas cartas e telegrammas de felicitação, além de que estas prepotencias produzem sempre indignação da parte de todo o homem serio e digno.

— A representação redigida e assignada pela commissão do comicio republicano contra os novos impostos, além de ter sido já apresentada na camara dos deputados, tambem o foi n'um d'estes ultimos dias, na camara dos pares por dois dos membros da referida commissão, Magalhães Lima e Silva Lisboa. Projecta-se um outro comicio para tractar do mesmo assumpto. Venham elles que são uma das mais esplendidas conquistas da democracia; estas reuniões essencialmente populares onde o povo vai ouvir os seus mais queridos tribunos e valentes defensores de seus direitos, só as realiza hoje em Lisboa o partido republicano.

— Nenhum grupo monarchico ousa mais convocar-as; a ultima licção que apanharam foi no comicio do Theatro de S. Carlos, fez ha poucos dias um anno.

— Mais um centro republicano acaba de constituir-se.

Tem a sua sede na freguezia de Santa Izabel e denomina-se — Club republicano Gomes Freire d'Andrade.

O partido republicano, na capital, actualmente atravessa um periodo effervescente de desenvolvimento. Por parte de todos os seus membros nota-se uma actividade extraordinaria. Nos varios centros que já sobem a perto de 30, realisam-se amiudadamente conferencias; todos elles tractam tambem de organizar os seus gabinetes de leitura e de fundar as suas escolas, cuja frequencia é muito regular. Na provincias é que é necessario mais trabalho; ha ainda muitos pontos onde a propaganda republicana não chegou. O partido republicano da capital precisa destacar para a provincia alguns dos seus membros mais activos e prestimosos afim de irem organizar centros e onde for possível a fundações de jornaes que propaguem os nossos principios. Precisamos todos os dias e redobrar d'energia, proseguir constantemente n'esta lucta que encetamos contra todos os abusos, contra todos os privilegios, contra a realza emfim, porque quanto mais cedo o povo começar a governar-se por si mesmo, tanto melhor.

Desenganemo-nos de que dentro da monarchia constitucional nenhuma garantias de liberdade obteremos mais; pelo contrario agora tratarão de as resarcir o mais possível. É necessario apressar a queda das instituições monarchicas, é necessario fazer a revolução, para em seguida, á sombra d'esse governo que d'ella deve saber, tractarmos da nossa reorganização. Pratiquemos este acto de grande abnegação patriótica; que nos sirvam de exemplo os heroes revolucionarios de 1793. Se elles se não sacrificassem n'aquella occasião, talvez que na França tivesse tambem entrado o constitucionalismo, a transigencia da realza com o povo, ou antes o ludíbrio do povo pela realza.

— Amanhã realisa-se no salão do theatro de D. Maia II a segunda conferencia promovida pela commissão executiva do centenario pombalino. E conferente o nosso distincto correligionario dr. Mannel d'Arriaga.

O governo, segundo nos consta, não presta o minimo auxilio aos academicos para a realização d'esta festa nacional, porque o marquez de Pombal, além de reedificar a cidade de Lisboa, foi o reformador completo da nossa sociedade; fomentou a industria, desenvolveu a agricultura, fez respeitar os nossos direitos pelo estrangeiro, especialmente pela Inglaterra, reorganizou em bases scientificas a instrucção, restringiu os privilegios da nobreza, e livrou este paiz do jesuitismo, bando negro cujos representantes combatendo tanto o centenario bem mostram que o marquez de Pombal não era seu amigo. O governo pensa em concorrer com dinheiro para a estatua que a maçonaria pretende erigir ao eminente estadista, isto é, o governo não auxilia a fundação do *Instituto livre* e vae auxiliar a manufactura d'uma molle de bronze de nenhuma utilidade para a civilização. Mas quem saber porque o sr. Fontes pratica assim? porque, diz elle e o seu rebanho, não queremos concorrer para uma festa que pôde tomar um caracter democratico, não queremos ser cumplices n'uma manifestação que pôde redundar em desprestigio da realza que nós muito amamos.

Pois está redondamente enganado o sr. Fontes; ha de ser esse isolamento em que a commissão academica vai ficar do elemento official, que ha de tornar a celebra-

ção do centenario pombalino uma manifestação ainda mais democratica do que o foi a do centenario camoneano. O paiz, como se tracta d'uma questão altamente pratica e nacional, ha de fazer o mesmo que fez por occasião do tractado de Lourenço Marques, ha de auxiliar a briosa geração academica, aquella de que elle espera o seu futuro, e o centenario do Marquez de Pombal será uma comemoração civica brilhante que mostrará a todo o mundo que no povo portuguez ainda se guardam sentimentos generosos e independentes que se manifestam nas occasiões opporrtunas. E estas provas mostrarão tambem á realza que o paiz terá, quando a julgar em completo antagonismo com as suas aspirações, a força de a eliminar.

ANTONIO FURTADO.

Eis o manifesto que a *Commissão executiva da solemnisação do centenario do Marquez de Pombal*, em Lisboa, dirige

AO PAIZ

O espirito humano, aspirando sem cessar á perfectibilidade, depois de ter percorrido um longo estadio na estrada triumphal da civilização, reconsidera ás vezes, e lança sobre o passado um olhar investigador, como quem procura destrinçar através dos tempos uma luz acariciadora e meiga que lhe dirija os passos, um estimulo poderoso e energico, um exemplo brilhante que lhe reanime as forças.

A humanidade abre então o grande livro da justiça, e lê ahí os nomes dos benemeritos cujos feitos reclamam uma glorificação universal.

E' esta a origem das modernas comemorações civicas.

E' a eternidade do bem proclamada pelo voz unisona d'uma geração inteira, é o espirito do homem sublimado e deificado entre os transportes da gratidão, é a historia, o juiz incorruptivel, pronunciando o seu *verdictum* solenne.

Nada mais commovente, e sobretudo nada mais util e vivificante para uma nação decaída, do que a apothose dos heroes, que lhe douraram a existencia com as fulgidas scintillações do genio.

A vida d'elles é a historia da nação, que os viu nascer; é do conjuncto das suas acções grandiosas que sae essa resultante luminosa, que se chama a gloria d'um povo.

A memoria d'elles, invocada nos momentos difficeis d'uma nacionalidade, é como que a renovação da seiva primitiva das nações: é o sol que as illumina e aquece, deixando sempre assignalada a sua passagem com o vestigio indelevel d'uma nova conquista, ou pelo menos, arrancando ao delatento muto espirito, que o seu brilho seduz, deslumbra e atrahie.

Esta é a brilhante utilidade do culto civico.

Todos os paizes, onde a consciencia publica segue uma orientação elevada, assim o têm comprehendido. Portugal, que, no livro de ouro da civilização, tem paginas tão honrosas, ainda ha pouco teve emquanto prezada e venera as tradições de gloria, prestando ao auctor dos *Lusíadas* a mais esplendida homenagem.

O dia 10 de junho de 1880 marcou entre nós uma era de rejuvenescimento: foi a affirmacão brilhante do espirito que anima a geração de hoje, geração de fortes que, pela revivencia dos grandes modelos, procura insuflar na alma d'este povo a energia de que carece, para entrar desassombadamente no goso das regalias que o progresso das sciencias offerece aquelles que o acompanham.

Fomos o povo guerreiro e valoroso na epocha em que a espada delimitava fronteiras; as quinas portuguezas tremulavam altivas quando era preciso reforçar, pela conquista, o nosso direito á vida autonoma, e, por fim, soubemos tambem ensinar aos estranhos como se defende o lar conquistado em seculos successivos de luctas titanicas. Depois, por uma d'essas fatalidades que a historia explica, caímos no abatimento dos organismos cansados, e, á sombra de antigos louros, dormiamos descuidados um somno que, inconscientemente, nos ia arrastando

para o abysmo onde se somem as nações perdidas.

N'este tempo houve um homem, um portuguez, que só, com a sua energia indomavel, com o seu genio superior, realisou, n'esta sociedade que se esquecera do que foi, o milagre de a galvanisar e suspender-lhe a queda, cauterizando feridas antigas, extirpando erros e vicios, que tinham a consagração de seculos de existencia.

Rompendo com antigos privilegios, calcando erroneos preconceitos, como que inspirado por essa intuição maravilhosa que caracteriza os grandes homens, fazendo-lhe prever o futuro, soube arrancar do seio mesmo da nação o cancro que a corroia, e abri-lhe um horizonte vastissimo para o desenvolvimento de todas as forças que lhe podiam assegurar um futuro risonho.

Reformou os estudos, creou a industria nacional, desenvolveu o commercio, animou a agricultura, aboliu os autos de fé e a escravatura, e restabeleceu a altivez e legitimo orgulho da sua patria perante a diplomacia estrangeira.

Eis os fructos beneficos da sua administração, a synthese luminosa da sua obra, que deixa na penumbra todos os erros e defeitos que, porventura, commetteu.

Honrar-lhe, portanto, a memoria é um dever de gratidão; nenhum portuguez pôde contestar, sem renegar, a maior gloria nacional do seculo passado. Tributar ás suas cinzas venerandas uma homenagem condigna, é uma obrigação que a solidariedade humana impõe ás gerações de hoje, que já podem avaliar bem todo o alcance das suas reformas.

A academia de Lisboa julgou interpretar os sentimentos da nação, levantando da indifferença em que talvez agonisasse a ideia de celebrar o centenario do Marquez de Pombal.

Nenhum pensamento exclusivista dicta os nossos actos, queremos associar o paiz aos nossos esforços, e fazel-o participe do entusiasmo e da fé que nos anima.

Sendo a instrucção a base do progresso e da prosperidade material das nações, o monumento que nos parece traduzir melhor as necessidades do paiz, continuando ao mesmo tempo as theorias do Marquez de Pombal, será um instituto de ensino livre, onde se empreguem os processos mais perfectos para favorecer o desabrochar das aptidões e garantir a liberdade dos espiritos.

O alcance e os promenores d'esta instituição não podemos desde já fixal-os exactamente, por estar dependente de homens competentes; mas o que affirmamos sem reboço, é que o fim principal d'elle é introduzir no nosso paiz alguns ramos da sciencia que, ou não existem, ou então apenas vegetam sem valor. Desenvolver e crear o ensino professional e colonial para satisfazer uma necessidade da nação, animar o estudo da sociologia, biologia, anthropologia e outras sciencias, que não se professam entre nós e que são d'uma utilidade incontestavel, eis as bases em que assentará esta empreza, se merecer o applauso do paiz.

Ligar a uma fundação d'esta ordem o nome de Sebastião José de Carvalho e Mello, é o mesmo que affirmar a vontade de prolongar a marcha reformada.

Faltam-nos, porém, os recursos; appellamos para os homens liberaes; para todos aquellos que entenderem ser este o melhor tributo a memoria do grande estadista portuguez.

E' ao mesmo povo que glorificou Camões em aclamações delirantes, e que affirmou o desejo de caminhar, que nós lembramos um alvitre, apresentamos uma ideia, que, realisada, seria um passo gigante na grande estrada do futuro.

Em Camões, festejamos o cantor das glorias nacionaes; no Marquez de Pombal veneramos o genio reormador e o talento politico. Aquelle foi a divindade que se invocou antes de entrar em combate, seja esta a bandeira, o guia, que nos conduza á conquista do bem estar e da prosperidade da patria.

NOTICIARIO

O espectáculo de sexta-feira no *Theatro*

Academico correu exactamente como se esperava — bem.

Seria injustiça especificar, quando todos desempenharam os seus papeis com o successo a que assistimos. Concorrença regular; nas frizas e camarotes de 1.^a ordem achavam-se as principaes familias de Coimbra e a plateia estava repleta.

Representou-se o *Ditosa fado*, onde entravam a gentil Thomazia Velloso e o sympathico auctor dos — *Primeiros Versos*, cujo fino espirito de artista se nos manifestou sob uma forma que ainda não conheciamos.

O sr. Macedo Santos representou no extracto uma scena comica de bastante graça. Representaram-se mais duas comedias, a *Roca de Hercules* e *As eleições*, onde entraram além de Thomazia Velloso os applaudidos academicos os srs. Ferreira da Silva, Alexandre Silva, José d'Ornellas e Pina Calado.

O sr. Ferreira da Silva recitou tambem a *Mosca*, feliz traducção de Fernando Caldeira, com muita distincção, revelando, assim como nos outros actos em que tomou parte, uma aptidão para o palco, muito apreciavel.

Esta bella *troupe* deu em Aveiro uma recita em beneficio da Sociedade-Philantropica com uma boa enchente e um extraordinario delirio de palmas.

Concluiu as provas do concurso para a faculdade de Medicina o sr. dr. Augusto Rocha.

Nada mais fez do que confirmar a opinião dos que o consideram um dos nossos mais brilhantes oradores portuguezes.

Referindo-nos, ha pouco, ao concurso para a cadeira de Litteratura Classica no Curso Superior de Lettras, dissemos que eram concorrentes os srs. Freitas Costa, Santos Valente e Pinheiro Chagas.

As nossas informações eram inexactas. D'estes tres cavalheiros só concorre o sr. Pinheiro Chagas.

Foi julgado em audiencia geral no dia 21 o ex.^{mo} sr. Joaquim Alfredo Baião n'esta cidade. Constava a sua accusação de haver produzido uns ferimentos n'um policia, quando o sr. Baião aqui cursava os seus estudos.

Demonstrou exuberantemente o digno advogado, o sr. dr. Calisto, a falsidade da accusação, manifestando-se sob a declaração franca e leal do réo que este só havia distribuido um ou outro bofetão, como era natural nas circumstancias em que se encontrou em face do policia.

Realmente custa a comprehender que um sooco, dado durante uma noite de S. João em Coimbra, produzisse tanto empenho da parte do juiz em condemnar o sr. Baião. Bem fez o jury, respondendo aos quesitos de um modo que o honra tanto. O quesito subsidiario foi convenientemente interpretado pelos srs. jurados.

Felicitemos sinceramente o sr. Baião.

A commissão encarregada da reforma dos estatutos do Club Academico já concluiu os seus trabalhos. Depois das ferias de Paschoa haverá assembleia geral dos socios para serem discutidos os novos estatutos.

Tem-se notado que as vinhas da Sicilia são muito resistentes á acção do phylloxera em resultado de um pequeno insecto que lhe promove uma guerra constante. As vinhas atacadas estão muito vigorosas, differindo pouco das não affectadas.

Recebemos e agradecemos o manifesto dirigido ao paiz, contra as medidas financeiras, pelo Centro Republicano do Porto.

Por absoluta falta de espaço não o publicamos hoje.

No dia 18 houve recita no *theatro* de D. Luiz. A Sociedade *Ensaio Dramaticos* levou á scena as seguintes enraçadas comedias: *Cazar para morrer*, em 2 actos, *Cau-*

tella com as creadas, em 1 acto e *Velhos Gaiteros*. Os curiosos Alexandre Barata, Carlos d'Almeida, José Doria, Cardozo, Brito Magro e José Augusto de Brito manifestaram-se mais uma vez, como intelligentes cultivadores da arte do Talma.

As actrizes Maria Costa e Maria Baptista mostraram tambem muita habilidade no desempenho dos seus papeis.

A direcção d'esta Sociedade é digna de louvor pela seriedade e boa ordem, que se observam n'estas recitas, que fazem esquecer as antigas arruaças do *theatro* de D. Luiz. Honra lhe seja.

Recebemos e agradecemos o *Relatorio* apresentado ao ex.^{mo} sr. governador civil do districto do Porto pela sub-commissão encarregada das visitas aos estabelecimentos industriaes.

A sub-commissão é composta dos srs. A. J. Carneiro e Silva, Joaquim Antonio Gonçalves, Antonio Manuel Lopes Vieira de Castro, e J. P. Oliveira Martins.

A *Folha de Braga*, é um jornal semanal que começou a publicar-se n'esta cidade em 19 do corrente.

Seu redactor principal o sr. José da Luz Braga.

No seu artigo editorial diz, dirigindo-se ao leitor:

«Tens, pois, ante o teu olhar um periodico rasgadamente independente, isento de afeições partidarias, que julgará como souber das coisas publicas, mas sempre sem ominimo vislumbre de paixão politica.»

COMMUNICADO

Tavira

Declaro, por me ter sido pedido n'um communitado exarado no *Seculo* sob o n.^o 351, que nos estatutos da sociedade Mixta Tavirense, não ha nem houve artigo algum que registasse a admissoão a socio de qualquer proposto quando não obtivesse unanimidade de votos.

Cumpre-me mais declarar que, antes de se constituir tal sociedade, houve reunião de alguns srs. com o fim de formular os estatutos, os quaes em diferentes sessões, fizeram diversas propostas sobre a maneira de os levar a effeito, havendo uma dos mesmos srs. que effectivamente propoz, que a admissoão de socios da dicta sociedade fosse por eleição obtendo unanimidade de votos, o que foi largamente discutido por diferentes vezes terminando por ser approvada tal ideia.

É tudo quanto se me offerece declarar sobre tal assumpto.

20 março de 1882.

Sou de v. etc.

Antonio Xavier da Trindade.

ANNUNCIOS

ESTÁ JÁ Á VENDA O GRACIOSO

ALMANACH DO

ZÉ-ALBARDADO

PARA ESTE ANNO

Critico e burlesco, cheio de attracções divertidas para rir, tem 88 paginas e 26 gravuras de varios typos.

PREÇO 60 RÉIS

Á venda em varias livrarias, tabacarias e em todos os kiosques de Lisboa.

Requisições a J. M. G. rua Nova d'Alegria, 116 pateo, Typographia, — Lisboa.

Quem requisitar dez exemplares faz-se-lhe abatimento de dez réis em cada um.



A EVOLUÇÃO

SEMANARIO REPUBLICANO

Com os progressos da cultura geral o governo republicano deve e não pode deixar de estabelecer-se em todas as partes do mundo.

E. DE HARTMANN, *Philosophie de l'Inconscient* t. 4. pag. 430.

A nossa theoria historica representa necessariamente a realza moderna como o unico resto capital do antigo regimen das castas.

A. COMTE, *Cours de Philosophie positive*, t. 6. pag. 298.

Caminhamos para um ideal politico em que a acção do governo será reduzida ao minimo e a liberdade elevada ao maximo grau compativel com a liberdade dos outros.

H. SPENCER, *Classification des sciences*, pag. 119.

N.º 19

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Cada serie de 15 numeros 300 reis.

COIMBRA, 4 DE ABRIL DE 1882

PUBLICAÇÕES

Anuncios, 20 reis a linha.—Toda a correspondencia deve ser dirigida para a Couraça dos Apostolos, n.º 29.

ANNO 1.º

EMPREGADOS PUBLICOS

N'um povo atrazado em civilisação, em que as relações sociaes são muito restrictas, a industria miseravel, os recursos materiaes muito escassos, e portanto muito limitado o numero de individuos instruidos, a grande multiplicidade dos empregos publicos é tambem um importantissimo elemento de ruina, uma causa geral de enfraquecimento da raça.

Um facto reconhecido hoje, e facil de demonstrar, é o de que a actividade productora d'este mecanismo chamado o Estado sempre dispense maior somma de energia do que o trabalho da mesma natureza, que é executado em virtude da iniciativa particular. D'esse consumo demasiado uma das causas está no favoritismo, que parece, pela sua generalisação, ser um vicio inherente a todo o exercicio da auctoridade, em ponto grande. Do favoritismo resulta, como consequencia immediata e fatal, uma selecção invertida das capacidades e aptidões, que produz um retrocesso da raça, em direcção contraria á do progresso realzado constantemente pela escrupulosa selecção individual, devida á livre iniciativa dos particulares. Se a extensão respectiva d'estes dois processos, um progressivo, outro regressivo, um de evolução, outro de dissolução, é maior no primeiro caso do que no segundo—queremos dizer: se a esphera da actividade dos particulares é mais ampla do que a do Estado, a ponto de compensar pelos seus beneficios, os prejuizos por elle causados, a nação progride, embora seja mais lenta a sua marcha do que o poderia ser, desembaraçada d'aquelle importuno tropeço. É o que succede em Inglaterra. Se, porém, a esphera da actividade official excede muito em extensão a que corresponde á iniciativa dos particulares, como entre nós acontece, então a nação retrograda fatalmente, e é tanto mais accelerada a sua ruina, quanto maior for o numero dos individuos providos de empregos publicos.

Além d'esta causa de viciação nas funcções do Estado, que era por si bastante para tornar mais oneroso e funesto, do que o dos particulares, o trabalho por elle dispendido, ha muitas outras que rapidamente vamos apresentar.

O provimento dos empregos publicos em favor dos incapazes, ou exclusivamente—o que raras vezes terá succedido—ou em maior ou menor proporção mesclados com os mais aptos, dá em resultado uma perversão, ou um exercicio menos regular do trabalho da machina official, e d'aquí necessariamente um dispendio excessivo de forças. Os serviços são mal feitos e caros, para expri-

mimos o facto em linguagem corrente. Aonde vae por fim reflectir-se o prejuizo que d'esse facto resulta? Nas condições physicas dos individuos, no seu desenvolvimento, no seu bem-estar.

Multiplicados em maior proporção do que é necessario, os empregos publicos são ainda uma causa extremamente complexa de um grande numero de factos desastrosos, todos tambem, por seu turno, causas de ruina e degeneração da raça. Não é só a má execução dos serviços, o mau desempenho das funcções impulsoras e prelectoras do Estado: é a absorção das capacidades de que podia lançar mão a iniciativa particular, em favor de si propria e do paiz; é a ociosidade garantida pelo ordenado certo; é a impunidade mais ou menos assegurada pelo prestigio da auctoridade official de que se está revestido; é o grande numero de exigencias sociaes de representação, de obediencia servil a todas as imposições, justas ou injustas, de superiores ineptos e, muitas vezes, corruptos; é a immoralidade que anda sempre associada a recursos pecuniarios não correspondentes ao trabalho produzido; é a concentração, nas grandes povoações de vida faustosa e insensata, de capacidades que disseminadas pelas terras secundariasahi levantariam o nivel intellectual e pagariam os conhecimentos e o trabalho de utilidade commum, pelo exemplo da sua actividade aperfeiçoada, além de que ali poderiam, com proveito das localidades e do paiz exercer os cargos electivos, hoje confiados, por exclusão d'aquelles empregados, a homens incompetentes.

Não serão já razões bastantes para condemnar severamente o excessivo numero dos empregos publicos? Se não são, temos ainda mais, encarando o assumpto por outra face.

Os empregados publicos são sustentados pelo trabalho util dos particulares, que furtam ao seu bem-estar um quinhão importante com que os nutrem. Se o serviço que esses funcionarios desempenham é superfluo ou mal feito, o fructo d'aquelle trabalho é dispendido improduttivamente, ou menos productivamente do que o seria nas mãos de quem o souber adquirir, e lhe conhece bem o valor. Assim uma somma valiosissima de capital é completamente annullada, ou perdida em grande parte, com enorme prejuizo dos que trabalham, e ainda dos que não trabalham, porque é um facto que se arruinam tambem os que sem fazer esforços, recebem como se os fizessem. De recursos adquiridos sem difficuldade quanto é grande quasi sempre, a porção dispendida em mil coisas futeis ou nocivas, que a ociosidade suggere como instantes necessidades! Que o digam todos os empregados publicos que tiverem re-

presentada, no seu desequilibrado orçamento, a palpitante e sinistra imagem das finanças geraes do estado.

Referindo-nos agora mais particularmente ao viver domestico dos tristes funcionarios publicos, á desgraçada sorte das suas familias, só ahí, quantos males em elaboração, quantos soffrimentos intimos, e que terrivel espectáculo de decadencia da raça! Uma existencia quasi toda entretida com falsas apparencias, com essa tola ostentação que, por mais que façam, em tudo está denunciando a miseria; os filhos insufficientemente alimentados, mal dirigidos no seu desenvolvimento physico, intellectual e moral, na sua educação para o trabalho, succumbindo prematuramente, victimas das chamadas *doenças da miseria physiologica*, umas vezes resultado da falta de nutrição desde o começo da sua existencia, outras efeitos de costumes depravados, ou da incapacidade para exercerem uma profissão na industria ou no commercio; a esposa torturando a sua existencia para obedecer ás impertinentes exigencias da moda, ás deletérias seduções do luxo, e quantas vezes esquecendo os seus deveres moraes, indispensavel cimento em todas as constituições da familia. Elementos assim, em tão alto grau corrosivos, contando-se por milhares reproduzindo-se de geração em geração, haverá ainda quem duvide serem uma horrorosa calamidade publica, um sorvedouro de vidas, de capitaes, da maior parte dos recursos do solo, das melhores qualidades da raça, da propria existencia da nação, como um todo independente?

H. F.

Discursa pronunciado na camara electiva em 15 de fevereiro pelo deputado republicano, o sr. José Elias Garcia.

Já não está a França, a mesma França republicana, nas mesmas condições; não occulto os meus sentimentos, porque, embora seja mais partidario do seu regimen, das ideias republicanas, nunca deixarei de apontar os defeitos d'ella quaesquer que elles sejam.

Nós vimos os resultados das eleições de 21 de agosto em França; entretanto não levaram ellas ás alturas do poder o sr. Gambetta. Só o vimos mais tarde, e depois de reunido o parlamento, entrar para a direcção dos negocios.

Na occasião de se apresentar aqui um projecto que auctorizava a reforma da carta, projecto que não era, como se tem dito a reforma da da carta (*Apostolos*), e acerca do qual a camara faria o melhor aproveitando o que fosse justo, veiu a noticia da queda do sr. Gambetta e da ascensão ao poder do sr. de Freycinet.

Se não houvesse aquella mutação de governo em França não havia um argumento apresentado como tão concludente para mostrar a geral conveniencia de não tratar das

questões politicas com preferencia das questões de administração.

O sr. de Freycinet um espirito superior, largo e lucido, tão habituado a comprehender os problemas complexos, tão conhecedor da sciencia da mechanic, que elle tão distinctamente cultiva, na conjuntura em que tomava o governo, não podia propôr a revisião da constituição.

Desde que havia desacordo no partido republicano acerca do ponto da revisião limitada ou illimitada, e uns entendiam que era indispensavel a revisião total, e havia considerações que levavam outros a evital-a, depois do que se passara, aquelle procedimento está explicado.

O mesmo que succedeu ao sr. Gambetta, succederia n'este momento ao sr. de Freycinet.

Não basta apontar os factos. É preciso applicar aos factos a critica imparcial, despreocupada, sem a qual não se pôde tirar d'elles lição proveitosa.

O outro ponto de que se tem tratado é o das medidas extraordinarias tomadas por este governo. Permittam-me os srs. ministros que eu me refira n'este ponto ao que se diz, não na resposta ao discurso da corôa, mas ao discurso da corôa que nós devemos ouvir com todo respeito que é devido ao chefe do estado, mas pelo qual são responsaveis os srs. ministros.

Diz-se aqui: «No intervallo das sessões foi o meu governo obrigado a tomar algumas medidas extraordinarias»; algumas como se fora cousa de pequena importancia, de pequeno valor; *extraordinarias*, como se fora cousa não prevista, e até provocada.

Permittam-me s. ex.ª que lhes diga que não foram francos.

Deviam ter dito: «O meu governo dará conta ás côrtes das medidas com caracter legislativo que publicou durante este intervallo.»

Esta era a verdade. Algumas medidas extraordinarias praticadas pelo proprio que as tinha previsto, não comprehendendo.

Algumas medidas! Pois são algumas medidas a medida mais importante, aquella que para ser tomada requer a mais clara e positiva intervenção popular!

Não me lembro de que no nosso regimen politico tivesse nunca sido classificada por este modo a reparação dos impostos depois do acto adicional.

Este procedimento ha de ser discutido; esperemos por essa discussão.

O sr. presidente do conselho já teve a bondade de declarar perante a camara que teria feito melhor se tivesse vindo aqui seguindo os exemplos de 1868, 1869 e 1870, apresentar o *bill* de indemnidade logo no proprio dia em que a camara se constituiu, ou no seguinte. S. ex.ª d'esta vez não só veiu mais tarde apresental-o, mas nem sequer acceitou o que se lhe offereceu logo, porque esta camara antes quiz que se esquecesse o governo d'aquillo de que elle nunca deveria ter-se esquecido.

É exactamente no acto adicional que está definido, d'uma maneira clara, o preceito da apresentação do orçamento e ao mesmo tempo o da votação annual dos impostos, e consignado que no fim do anno aduca a auctorisação para a cobrança d'elles.

O illustre presidente do conselho apresenta o acto adicional como um titulo de gloria; e eu lamento que fosse esquecido o acto adicional ao qual s. ex.ª tem a honra de haver ligado o seu nome.

Não digo que elle não tenha consequencias uteis, nem proveitosas para uso do regimen representativo; mas o que parece estranho é que s. ex.^a apresente o acto adicional como uma reforma importante, de corridos já tantos annos, e não reconheça a necessidade de emprender outras reformas! (Apoiados.) Permitta-me s. ex.^a que discorde completamente da sua opinião suppondo que estas reformas não são opportunas: entendo que ellas são necessarias e impostas pela opinião. (Apoiados.)

Tenho ouvido apontar como razão para se não fazerem reformas politicas, o paiz não as pedir e estar pacifico! E pareceu-me tambem ter ouvido ao illustre presidente do conselho dizer que não emprehedia agora reformas, porque se arreceiava das paixões! Não sei se o paiz está ou não em pleno socego; mas entendo necessario fallar em reformas, porque se não fallarmos n'ellas, não se fazem; e é indispensavel que fallemos muitas vezes, porque ha paizes, como a Inglaterra, em que as reformas só se conseguem depois de se ter fallado n'ellas muitas vezes! Neste ponto sigo a opinião dos meus illustres collegas que se levantaram para defender a necessidade das reformas.

Essas reformas são necessarias, e não serve na minha opinião o argumento que se tem apresentado, de que para ellas se fazerem é indispensavel o accordo dos partidos. S. ex.^a o sr. presidente do conselho parece não estar lembrado do que aconteceu com o acto adicional, que não foi por accordo dos partidos. (Apoiados.) Quem conhece a historia, sabe que isto é a verdade. (Apoiados.)

Tem-se dito agora n'esta casa, que o acto adicional foi feito pelo accordo dos partidos, que então estavam em frente um do outro; mas o certo é que o partido conservador era contrario á reforma, e até veio levantar perante esta camara, tendo os seus deputados diplomas com poderes constituintes, uma questão previa, para resolver se a camara tinha ou não poder para reformar a constituição.

Porque o partido conservador nunca afrouxou no empenho em que sempre tinha andado de contrariar tudo quanto fosse reformar a carta constitucional, sem ser pelos meios que a própria carta indicava, e por isso veio a esta casa e impugnou a proposta do governo para o acto adicional, porque essa reforma não era constitucionalmente feita, na sua opinião.

O acto adicional foi obra do grande partido progressista, d'aquelle antigo partido, cheio de homens dedicados, e que se não acotovelavam para serem ministros; esse partido estendeu o seu braço ao nobre duque de Saldanha, para o salvar da empreza a que elle se arriscara em 1851. E o duque pagou aquella divida de gratidão, divida que o partido progressista, na generosidade do seu animo, não tratou de saber se estava ou não saldada.

«Não tenho direito qualquer que seja a minha opinião, de a impor ao paiz», exclamava n'esta epoca, d'estas cadeiras, a voz eloquente de Passos Manuel.

Eu tambem respeito a opinião do meu paiz, e se lido para que a sua opinião seja a minha, não lh'a imponho.

Outra voz eloquente se ergueria n'esta casa para fallar sobre o assumpto, era a de José Estevão, se acaso uma doença pertinaz não o detivesse no leito da dor, estando todos mais empenhados em salvar-lhe a vida, do que em pensar se o acto adicional passaria ou não.

Todos sabiam que, salva aquella bella alma, o principio das reformas teria um grande defensor.

Devem recordar-se de que n'aquella occasião o que mais divergencias levantou foi a abolição da pena de morte em crimes politicos.

Causou grande impressão no paiz, que um governo onde estavam Garrett, o poeta distincto, e eu tenho grande sympathia pelos poetas, Seabra, auctor do projecto do codigo civil; Rodrigo da Fonseca Magalhães, o orador vehemente contra a politica das violencias; o marechal Saldanha, tão valente nos combates, como generoso na vida intima, causou, repito, grande impressão que esse governo hesitasse em aceitar a proposta para a abolição da pena de morte.

Foi o unico ponto em que se empenhou o partido progressista, o que obrigou o go-

verno a addiar a camara, e venceu. Honra seja feita aos homens que estavam á testa do governo e ao sr. presidente do conselho, que tem o seu nome no acto adicional, por concorrerem para se consignar no nosso codigo constitucional a abolição da pena de morte nos crimes politicos. Essa gloria não lh'a disputo nem um instante.

(Conclue)

Embora as escripturas conservem inserto nas suas paginas o texto que reconhece a auctoridade divina nos reis, o povo já ha muito conhece que isto seria bom para os tempos primitivos; em que a theocracia dominava tudo—instituições e consciencia.

Tudo passa por transformações successivas, segundo a lei inevitavel do progresso.

No povo eleito passou o reinado dos patriarchas, dos juizes, dos reis, e as instituições religiosas foram-se mais ou menos corrompendo até que Christo as reformou.

Um povo qualquer, enquanto conserva a pureza das crenças, embora absurdas, a inteireza dos costumes e todas as demais virtudes civicas, tem elementos de sustentação e de prosperidade.

Mas invadido pelo luxo, pela desmoralização dos que o regem, esse povo vai-se desmoralizando pouco e pouco, soffre uma agonia dolorosa, até que uma crise violenta o mata ou salva.

E' o que succedeu a Roma, é o que nos ha de succeder a nós.

Passados seis seculos e meio sobre a existencia de Roma tinha ella conquistado o mundo.

Realizou-se este phenomeno á custa de muito patriotismo, de muito sangue vertido, d'uma grande disciplina nos soldados.

As revelações de Numa eram conservadas com a pureza primitiva, cada virtude tinha o seu Deus que era adorado com veneração e respeito por aquelle povo de heroes.

Eram austeros nos costumes, o patriciado conservava-se virtuoso e os dictadores sabiam da charrua.

O general não combatia pelos despojos, mas pelo amor da patria.

As eleições eram sinceras, os juizes honrados.

Era assim a republica. Mas as conquistas, que tanta dedicação valorosa tinham custado, despertaram o luxo e as ambições.

Começaram a formar-se os partidos, começou Roma a precipitar-se.

Já não era o amor da patria que chamava os patricios ao senado, mas o amor dos despojos.

Os triumviros disputam as redeas do governo e a republica precipita-se na mão dos Cesares.

Estava irremediavelmente perdida.

Desapareceram os oradores desinteressados, que traduziam ao povo em palavras de fogo os sentimentos de valor que lá lhe iam dentro.

Agora só os poetas serviam para cantar as devassidões dos imperadores a troco d'um logar no paço e d'uma boa prestação.

Tudo se vendia, consciencia, dever, honra, tudo bateria as azas para não mais voltar.

A vida de Roma depois d'isto foi um cahos de devassidão, de luxo, adulterios, matança e nada mais.

Similhante á mulher que perde a sua pureza e se vai mergulhando mais e mais no vicio, vendendo os beijos e as caricias por um vestidos mais, por uma joia nova, cercando-se de luxo, aturdindo se nos prazeres, desprezando o futuro, assim Roma procedia.

Os imperadores mandavam construir grandes amphitheatros, espaçosas thermas; e o Zé povinho gosava, cansava-se n'estes prazeres ephemeros pagos com o seu sangue.

Novos impostos e mais assucar a involver a pillula; é o que hoje ainda succede.

Estava tudo a esphacelar-se, bastava um sopro para o deitar a terra.

Roma conquistava os povos, mas foi vencida por estes que a dominavam com a sua doutrina.

O estoicismo substituiu a philosophia pagã; mas o estoicismo não podia regenerar a sociedade.

Veio um povo rude, puro ainda nos cos-

tumes, de logares desconhecidos e este povo conquistou Roma.

Não era um povo que conquistava outro. Era a revolução pulverizando os vicios dos imperadores.

Este povo representou um papel brilhante no progresso da humanidade.

Destruio as podridões, purificou os costumes, preparando os povos para receberem a nova philosophia pregada por Christo.

Christo, brilhante manifestação da ideia, deu um grande impulso progressivo e este avançou despedaçando os sceptros.

Mas correram os annos, a tyrannia substituiu a egualdade christã.

O povo foi de novo sacrificado ás ambições dos poderosos e de novo levantou a cerviz em '93.

Era outra vez a revolução, operada pelo adiantamento da philosophia, pela dilatação dos conhecimentos humanos.

Agora nós.

Desappareceu o soldado rude de Affonso Henriques, o navegador intrepido, honra do nome portuguez.

A nossa antiga franqueza para os reis desappareceu.

Achamo-nos divididos em partidos que só tractam dos seus interesses, onerando-nos cada vez com mais impostos.

Vivemos apenas de tradições e sacrificios.

Os funcionarios immoraes, governantes ineptos, politicos de harriga. Eis o que nós temos.

O povo onerado, ignorante, levado ás eleições como animaes arrebanhados, inconsciente.

Por toda a parte a falta de character, a dignidade offendida.

Os nossos deputados não vão ás camaras defender os interesses do povo; mas os do chefe.

Onde nos encaminha isto?

A historia que invocamos, creio, me permite prophetisar.

Os ministros da religião do estado não pregam já com o exemplo a doutrina que nem mesmo elles seguem: pervertidos, corrompem o povo.

Tudo precisa de reforma, as instituições, a philosophia, os costumes.

Prevê-se uma revolução na nossa organização politica e moral.

A religião substituida por uma philosophia sã, mais harmonica com os nossos tempos.

O governo mais moral e justo que cuide dos interesses do povo, que procure instruil-o para comprehender as novas ideias.

Felizmente já vemos uma pleiada de homens integros, rectos e que promettem futuro auspicioso.

Vemos já por toda a parte a monarchia sem prestigio, desconsiderada.

Vem apparecendo uma nova aurora, tudo nos encaminha para a—REPUBLICA.

Coimbra, 13—3—82.

A. R. NOGUEIRA.

Curiosidades

NICE

Sendo o meu fim n'esta secção de *Curiosidades* fazer passar ante o leitor os exploradores notaveis, fallar-lhe das descobertas geographicas, das cidades celebres, das lendas, costumes e monumentos dos povos, conforme as circumstancias o exigirem, vou hoje fallar de Nice, *Nizza la bella* dos Italianos, da rainha das cidades do Mediterraneo, a que os Francezes chamam *Villes d'Iver*.

Segundo a historia, Nice não tem sido o prototypo da fidelidade; tem tido caprichos e inconstancias.

Examinando os seus annos, vemos que tendo-se entregado voluntariamente no seculo XIV a Amadeu, duque de Saboia, em 1792 enfadada já do dominio d'este, se incorporou na Republica Franceza.

Vêm os acontecimentos de 1814, volta as costas á França e vai lançar-se nos braços de Carlo Felice, rei da Sardenha; dá a este rei as maiores provas de dedicação, funde-lhe estatuas e levanta-lhe um arco de triumpho em que manda gravar *Portam et corda pandunt*.

Quando Carlo Felice mais se revia nos

seus fleis subditos de Nice, Napoleão III foi á campanha da Italia e a mesma porta e os mesmos corações abrem-se de novo á França.

A industria de Nice é muito florescente, as suas sedas rivalizam com as de Lyon, as suas excellentes confeitarias fazem as delicias dos Gargantuas de todo o mundo e os seus jardins fornecem Paris de frescas e perfumadas flores.

Mas a principal celebridade de Nice é o seu excellentissimo clima, que faz com que n'ella se goze uma amenissima primavera, emquanto o resto da Europa se cobre de pelles e accende os fogões para resistir ás brisas de novembro e ás neves de dezembro.

Depois que entraram nos costumes contemporaneos e na pratica therapeutica os *banhos de sol*, adeus Paris!... esse Paris que outr'ora tinha o condão de atrahir a si durante o inverno toda a Europa *fashionable* tem hoje o desgosto de ver passar durante o mez de novembro, em direcção a Nice, Menton, etc., numerosas caravanas de rubicundos Inglezes e de pallidas *misses*, em fim de gente de todas as nacionalidades que vão procurar, n'esse eden, calor e ar puro.

Nice é sem duvida uma cidade cosmopolita; para ella convergem todos os doentes imaginaveis, todos os ociosos e felizes da sociedade humana que querem passar alegremente o seu tempo, já sulcando o sereno mediterraneo; já no theatro ouvindo as celebridades do canto como a Pati, Donadio, Faure e Nicolini, etc.; já emfim respirando o perfume das flores e as emanações suaves e medicinaes dos eucalyptus.

O *rendez vous* da sociedade elegante de Nice é o *passeio dos Inglezes*, situado á borda do mar e plantado de palmeiras e loureiros rosas.

Nada mais agradável do que ir ali passear ás 3 horas da tarde—a hora da moda.

E' então que a colonia feminina, sentada nos classicos bancos pintados de verde, exhibe suas custosas *toilettes*.

Conversa-se, formando grupos segundo as nacionalidades.

Goza-se d'um sol verdadeiramente de abril.

Admiram-se as principescas equipagens que percorrem o passeio, e o azul puro do mar tornado ainda mais agradável pela multidão d'aves aquaticas que sobre elle voitam.

Bordam este passeio esplendidos palacetes e luxuosos hotéis, cercados de jardins plantados de roseiras, gardenias e jasmimetros; em geral de plantas odoríferas.

Um outro logar de passeio, muito mais bonito do que este de que acabo de fallar, é o das margens do Paillon, mas a implacavel moda ainda se não dignou volver os olhos sobre este *oasis* viridante.

O carnaval de Nice é celebre, e dá uma pequena ideia do de Roma, com o qual tem de commun o jogo dos *confetti*, tão querido dos Italianos.

O anno de 1881 deixou na historia de Nice uma pagina lutuosa; foi o incendio da opera Italiana na occasião em que ia começar a recita.

Cantava-se a *Lucia* e tomava parte Bianca Donadio. Houve muitas victimas.

A cidade tomou luto por dois dias.

LOVEL.

Instrução

A decadencia material e o deploravel estado anti-hygienico dos estabelecimentos officaes de primeiro ensino são dois agentes poderosos para atrophiar a mocidade estudiosa obviando ao seu desenvolvimento physico e intellectual. Os poderes publicos, porém, aspirando phreneticamente aos seus arranjos não se occupam d'essas *minucias* nem lhes convém tampouco promover a civilização popular e a hygiene das escolas, porque a ignorancia é a pedra angular do regio solio; e tanto assim que ainda não appareceu uma lei tendente a dar maior incremento á educação da plebe, com quanto se tenham promulgado algumas no sentido de apparentar grande amor pela instrução, para vender os incautos, e illudir o povo.

Nas aulas, onde se recebe o primeiro ensino, dá-se ordinariamente um contraste: ou lhes falta o ar e luz sufficientes e a capacidade necessaria para receber o numero pro-

vavel de frequentadores, calculado na razão da população; ou a dimensão e a luz são excessivas e as correntes d'ar circulam rijamente alimentadas pelas camadas que passam através das janellas e orificios do sobrado e tecto. Estes excessos são a origem incessante e fecunda de grande numero de enfermidades que embora se conservem latentes por algum tempo, hão de produzir mais tarde um desarranjo organico. O dazno é ainda mais palpavel quando no rigor das estações o alumno tiver de se conservar na aula seis horas diariamente, apenas com um curto intervalo de descanso. O mau ambiente é um foco de letargia que ha fatalmente de causar um desconcerto physico principalmente nos alumnos de temperamento melindroso. Além do mal physico que naturalmente flue d'aquelle estado desolador ha tambem outro—a improficuidade do ensino. O organismo, em condições anormaes, priva o espirito da sua actividade reflectida, o que occasiona a desatenção, tanto mais predominante quanto menor for a idade. N'estas circumstancias a creança, já de si naturalmente bulicosa, não pôde aprender, pelo seu estado d'abstracção.

Não dizemos ainda tudo. Geralmente ministra-se quasi exclusivamente o ensino theorico quando devia ser secundado pela pratica; d'ahi provém o esvaziamento dos conhecimentos que se não radicaram por se não fazer applicação dos instrumentos indispensaveis n'uma escola primaria bem organizada mas que infelizmente não existem. Além do ensino se limitar ordinariamente a simples exposição das materias, a doutrina não é, muitas vezes, forte e solida, como convém.

Os estabelecimentos, afóra aquellas lacunas, são pouco centraes quando deviam ser accessiveis, quanto possivel, para poupar ás creanças um percurso muitas vezes de dois kilometros e mais, o que lhes prejudica muito a saúde. Ha ainda outras faltas muito notaveis, embora pareçam pouco importantes, que concorrem bastante para o enfeamento dos alumnos: a não existencia d'uma aula de gymnastica, cuja necessidade se faz sentir cada vez mais.

As escolas primarias não podem pois satisfazer aos requisitos necessarios tanto pela sua pessima organização como pelas deficiencias que se notam na sua maior parte.

E porque fallamos das escolas, não deixemos de fazer umas ligeiras considerações sobre a habitação do professorado. A classe mais util á civilisação é recebida ordinariamente em apesentos indecentes e impudicos onde a vida se torna impossivel muitas vezes; quando o primeiro civilizador da sociedade merece mais alguma consideração do que actualmente goza no conceito de muitos. Previligiados talentos tem assombrado o mundo e entretanto estariam eternamente immersos na ignorancia e esquecimento sem a primeira lapidação. Desenvolver a intelligencia, desbastar-lhe a primeira semente e educar os sentidos, compete ao primeiro cultivador; aperfeiçoal-a e polil-a cabe aos preceptores d'ensino secundario e superior.

Sendo pois aquella classe tão prestadia á sociedade não deve o paiz ser ingrato dando-lhe por ironia uma morada ás vezes indecente e doentia, como presentemente se faz: o mais humilde forasteiro não mereceria certamente tanto desprezo.

Agora vem a proposito fazer umas ligeiras considerações sobre o honorario do professorado. Meio seculo d'existencia conta o governo constitucional sem que até hoje se tenha melhorado condignamente o premio do seu serviço; ao passo que os outros corpos docentes tem sido attendidos consideravelmente sendo ainda pela ultima reforma elevado o seu ordenado de 350\$000 réis a 500\$000 réis nos lycens nacionaes e a 600\$000 réis nos centraes, quando ha 22 annos percebiam apenas o vencimento annual de 200\$000 réis! Quando se elaborou a lei em vigor esperava o professorado primario ser contemplado com 200\$000 réis annuaes; a sua esperanza porém foi vã e as cousas ficaram como d'antes se não peor: augmentou-se o serviço e a retribuição e a mesma, porque a lei suppõe que o magisterio primario fez voto de pobreza perpetua. Segundo a legislação actual divide-se o ensino primario em elementar e complementar: aquelle com o ordenado minimo de 100\$000 réis

e este com o de 180\$000 réis e as gratificações de frequencia, e 2000 réis por alumno approved em exame d'admissão. As camaras municipaes, cujos encargos já eram grandes, agora muito mais se agravaram pelo acrescimo de despeza com a instrucção e por isso só pagam áquelles infelizes funcionarios o ordenado minimo estipulado e as gratificações que são eventuaes.

Bem sabia o governo (?) que se a maioria dos municipios mal podiam pagar o minimo sem sacrificio, tambem não podiam com as gratificações. O magisterio só deve pois contar com o ordenado estabelecido por lei. Ora se 180\$000 réis é uma retribuição diminuta para alimentação na presente epoca em que a vida é mais cara, com os magros cem mil réis, (275 réis por dia!) é impossivel sustentar a sua posição official nem tampouco desempenhar bem a sua missão, porque, quando o organismo está fraco e desalentado, é humanamente impossivel resistir ao trabalho com a energia e actividade que requer tal ramo de ensino. Se os predilectos descessem á misera e triste condição de reger a eschola primaria com 275 réis diarios conheceriam então por dolorosa experiencia as agruras e cruéis privações do magisterio primario e talvez trabalhassem com afan para attenuar ao menos grande parte dos males que ora o angustiam. O corpo docente dos institutos secundarios tem lutado e vencido obtendo em pouco mais de 20 annos quasi o triplo do ordenado; mas o d'instrucção primaria está condemnado eternamente a morrer á mingua porque vive ignorado sem que ninguém tenha commissão d'elle advogando sequer a sua causa nas casas do parlamento.

Não invejamos a fortuna de tão honrada, respeitavel e laboriosa classe como é a do corpo docente d'instrucção secundaria nem consideramos injusta a melhoria; mas devia haver equidade augmentando tambem o rendimento das cadeiras primarias porque se não se julgam credores, pela superioridade do seu merito litterario, de mais avantajado ordenado, outros tambem tem direito a melhor remuneração, com quanto a sua capacidade seja inferior áquella, porque o seu serviço demanda mais fadiga e tempo. Mas a patria enche uns de bens como filhos legitimos e engeita outros como espurios. A este mal accresce outro ainda maior. Acabamos de ver a villania com que se paga o honorario: vejamos agora como se recebe. Antes da lei em vigor os vencimentos estavam a cargo do Estado e recebiam-se um pouco tardiamente; mas as cousas mudaram passando o pagamento ao cargo das camaras municipaes. Os cofres municipaes estão esgotados e d'ali deriva o atraso nos pagamentos, chegando o professorado d'alguns municipios a esperar oito mezes para embolsar o seu ordenado. Ora figuremos a hypothese d'um professor reger cadeira n'uma localidade onde não possa prover-se de generos alimenticios senão a prompto pagamento. Em circumstancias tão precarias só lhe resta um meio: pedir esmola para se alimentar.

(Continúa.)

Lisboa que passa

Esta boa senhora de azul e branco, apezar das febres que alimenta municipalmente no seu seio, e mesmo no meio da preoccupação dos novos impostos que estão imminentes, está demonstrando que cuida tambem no futuro, e que sabe ser grata a quem lhe soube dar um aspecto rasoavel de novidade e belleza.

A opinião publica, esse catavento das necessidades sociaes, começa a falar no centenario do marquez de Pombal; e aos domingos quando ha conferencia, é interessante ver como no salão de D. Maria se acotovellam os bons burguezes, que saem do passeio publico, com os ovuidos cheios de harmonia e com o fato polvilhado de branco.

Ainda no ultimo domingo presenciamos um espectáculo animador.

Estava annunciada uma conferencia pelo dr. Manuel d'Arriaga, para as 3 horas da tarde. As 2 horas abriram-se as portas do salão, e estabeleceu-se immediatamente uma corrente de ouvintes que em breve encheu o salão com as duas galerias.

E o mais bonito é que a 1.ª ordem de ga-

lerias que estava reservada para as senhoras, ficou tambem apinhada sendo preciso ficarem algumas em pé.

Prova isto que a mulher lisboeta vai-se convencendo que não nasceu só para tocar piano, ler romances do Ponson e ir á missa a S. Domingos.

Produziu uma certa impressão desagradavel o tom em que estava redigido o programma que ahi foi elaborado. E se bem que é para lastimar que quaesquer influencias tenham prejudicado a necessidade de sermos todos solidarios n'esta commemoção, por outro lado isso em nada influirá nos sentimentos de fraternidade que dictaram o programma d'aqui.

Na Associação vai uma animação extraordinaria; á noite enchem-se as salas; grupos numerosos se apinham em redor da commissão executiva e todos trabalham com vontade.

A commissão diligencia activamente remover todos os attrictos que surgem donde menos era de esperar. Corre que o governo pretende deixar na sombra a iniciativa academica e para isso dizem-nos que vai levantar um monumento e fazer uma parada. Oxalá que tudo se faça como elle deseja; mas se isto é um manejo para impedir o cortejo civico, desconfiamos que se illude.

Veremos..... Na politica nada ha a registar que mereça a attenção da critica, ou antes, todos os actos d'essa velha regateira são tão dignos de censura que não sei por onde começar.

Do parlamento não sae um echo, uma nota alegre que destoe da monotonia rotineira dos expedientes d'ocasião, dos artificios surrateros com que todos os ministerios se arranjam no poder. Não se discutem as grandes questões vitales da prosperidade d'uma nação, não sae d'aquelle amalgama de imbecillidades servis uma ideia generosa de liberdade, uma reforma, uma conquista social ao menos, um progresso, nada d'isso. Approva-se um dispendio enorme com o pessoal da penitenciaría, mas nega-se o auxilio a uma commissão que vá a Lourenço Marques observar a passagem de Venus. Criam-se nichos na engenharia, em toda a parte, mas pedem-se impostos ao povo porque elle pôde e deve pagal-a. Approvam-se syndicatos de Salamanca, tratadas de Burnay, caminhos de ferro de Torres, mas deixam-se no desespero e na miseria certas classes que, dependendo do thesouro, vencem ainda os mesmos ordenados que tinham em 1848.... enfim é o arbitrio, o nepotismo, e o cynismo tripudiando á vontade nos bancos do poder, é o servilismo ignobil, a annullação das vontades e das opiniões sacrificadas no altar da omnipotencia do sr. Fontes.

E ha ainda ingenuos que o julgam o heroe, o salvador da patria, o palladio das liberdades publicas!! Como pôde elle ser isso, se é elle o primeiro a dizer que o seu programma é o mesmo que era em 1851?!—Que amor do progresso!!

Eis ahi, amigo leitor, o juizo, superficial ainda, que somos forçados a fazer! das nossas instituições. Ha tanto que fazer, tanto que destruir!!...

Até breve.

BINOCULO.

DITOS E PHRASES

A liberdade não está segura senão quando a educação illustra o suffragio.

As ideias são os grandes combates do mundo, e toda a guerra, que não tem atraz de si uma ideia, é uma brutalidade.

Garfield.

S. Thomaz d'Aquino, o mais profundo philosopho do seculo XIII, ao observar-lhe Innocencio IV que tinha passado o tempo em que S. Pedro dizia:—«não possuo nem ouro nem prata», respondeu:—«que tambem passado é o tempo em que S. Pedro dizia ao paralitico:—«levanta-te e anda», epigramma pungente atirado ás faces de um papa, cuja cobiça não conheceu limites.

A. Herculano.

Onde vigorou o terrivel tribunal da inquisição, a fogueira estava sempre prompta para a verdade.

Gmeiner.

Nos proprios conflictos da força material, é a intelligencia que fica soberana.

Gambetta.

Deus tambem quiz ser escriptor. A sua prosa é o homem, a sua poesia a mulher.

Napoleão.

Á porta do circo: —Fantoques! que quer dizer isto? Um empregado do theatro, explicando: —Fantoques são esqueletos desengonçados que fallam e mechem por todos os lados.

Ha lagrimas que actuam no coração, como a chuva nas terras: fertilisam.

(Legouvé)

A polidez é como os grandes pensamentos: vem do coração.

(Vauvenargues)

Á portinhola d'uma carruagem. Um passageiro quer sabir e outro, que está sentado proximo da porta, impede-o, gracejando.

Depois de muito instar, volta-se para o importuno:

—Ora que já seu pae era assim, teimoso como o senhor!

—O sr. conhece-me? porque diz que elle era teimoso?

O outro, com o maior naturalidade: —Era tão teimoso que teimou em não casar e não casou.

Imagine-se como ficaria o espirituoso viajante.

A gratidão é uma vereda que rapidamente nos conduz ao amor.

(Th. Gaut.)

Ser enganado é pagar o tributo devido á humanidade.

(Desmahis.)

A inveja é o verme roedor do merito e da gloria.

(Bacon)

Nas mulheres, a vaidade causa mais victimas que o amor.

(Abbé Bautain)

A VICTOR HUGO

Cobriu-te o coração o crape luctuoso Da mais profunda dor, ó pensador gigante. Viste os filhos rolar no abismo tenebroso Um a um. O Destino é um luctador possante! Veio lançar a sombra á luz d'essas auroras. Um—dos *homens do exilio* a rude historia erguia; O outro—a Shakespeare as angustiadas horas Votava—o heroe proscripto o genio traduzia! E esse mimo de luz, a filha estremeçada, A alegria do lar, ha muito que voou; Nunca mais lhe beijaste a face adormecida: A onda murmurante á vida t'a roubou. A companheira fiel do teu labor constante Chamou-te um dia a si, e disse-te:—é preciso Deixar-te, pobre amigo—é o ultimo instante. —E nunca mais brilhou seu pallido sorriso. Depois foram bater ás portas da nação, D'essa bella Paris que tu amavas tanto, A guerra, o extermínio e a desolação! Viste o quadro sinistro—a fome, o roubo e o pranto, E por entre a ruina o vulto da agonia Perpassar ao clarão d'incenlios devorantes; Viste o bravo vencido, a patria que soffria, E o vencedor cantando os hymnos triumphantes, E tu que foste assim da sorte o perseguido, Que atravessaste o exilio e as revoluções, E sentiste partir-se o coração dorido Ao ver morrer em volta as puras illusões, Conservas, rude heroe, a antiga valentia...

É que ainda para ti existem n'este mundo Dois astros ideaes de singular magia, Que fazem reviver teu espirito profundo. Chama-se um Consciencia, abrazador e claro Que te incita a luctar a bem da Humanidade; O outro é estrella amiga... o teu celeste amparo... É o olhar de Jeannette... um mar de suavidade.

Coimbra—82.

MANUEL DA SILVA GATO

Publicações recebidas

Recebemos e muito agradecemos: *Pero Gallego* n.º 8 e 9. *Contemporaneo*—n.º 110—Retrato de Baptista Machado, distinctissimo auctor dramatico e actor de D. Maria, e perfil biographico por Magalhães Lima. N.º 111—Retrato de Delmira Mendes formosa e intelligente actriz Portuense, biographada por Mendes d'Araujo.

Commercio e Industria. N.º 15—Retrato de Polycarpo J. Lopes dos Anjos, notavel commerciante, biographado por J. Alfredo Dias. Insete mais, a *Agiotagem* e *Escola Typographica*—artigos extrahidos da *Sciencia* para todos.

Perfiz Artisticos gazeta musical de Lisboa—N.º 15. É uma esplendida publicação, magnificamente impressa, em 8 paginas de papel velino. É seu director Alfonso Vargas. Administração na rua do Ouro—267—269.

Jornal de Horticultra Pratica. *Coimbra Medica*. N.º 7—2.º anno—Summario:

Consulta Medico-Legal—Julio d'Oliveira e A. Rocha—*A variola em Coimbra*—J. Nazareth. *A tisana de Zittman em Faro*—Manuel Aguedo. *Hospitais da Universidade*—E. A. Elyzeu. *Miscellanea*.

Jornal de Agricultura e Sciencias correlativas—N.º 7—Volume 3.º—Summario:

SECÇÃO AGRICOLA:—Da Associação dos viticultores do Douro em especial—A Beteraba—Discurso proferido pelo abbade Alves Torgo, na reunião dos viticultores do concelho de Santa Martha de Penaguão—Discurso pronunciado pelo abbade Manuel de Azevedo no comicio dos viticultores de Villa Real—Sobre a plantação da vinha—*Chronica Agricola*.

Redacção—Campo dos Martyres da Patria, 132. Porto. Semestre 1500 réis.

NOTICIARIO

Vão sendo approvadas as medidas financeiras, apresentadas ás camaras pelo sr. Fontes.

A maioria retira para os corredores, quando fallam os deputados da opposição, porque sente umas certas *picadas* pouco agradaveis. Tem de as approvar *fatalmente*; portanto não vale a pena ouvir os contrarios.

Vamos bem, não ha duvida; mas se o povo se recusar ao pagamento dos impostos, tambem não irá mal. Experimente-se e ver-se-ha o que sae.

Está felizmente melhor da grave enfermidade que o accommetheu o distincto academico, sr. João Arroyo.

Consta-nos que o sr. Alexandre Herculanô deixára para publicar um livro em que se combatiam os jesuitas com o vigor e a sciencia, com que tão distincto escriptor sabia combater.

Se é verdadeira a noticia, parecia-nos altamente propria a publicação do livro, a que alludimos durante o centenario de Pombal.

Partiu para Ferreira do Alemtejo, terra da sua naturalidade, a passar as ferias de Paschoa, o nosso particular amigo e condiscipulo Filipe José Apparicio de Vilhena. Que passe umas ferias divertidas e vá encontrar sua extremosa familia de perfeita saude é o que sinceramente lhe desejamos.

Recebemos do Cartaxo uma correspondencia que hoje não podemos publicar. Fal-o-hemos n'um dos proximos numeros, porque apreciamos em muito quem nos escreveu, e porque a villa do Cartaxo nos merece todas as sympathias. Se podesse ser alli perfeita-

mente banido o elemento reaccionario, o Cartaxo tornava-se uma localidade da mais aprisivel convivencia social.

Ainda assim os homens de bem, que professam os principios rasgadamente liberaes, vivem em completa harmonia e estimavel camaradagem.

Inserimos no logar competente um annuncio relativo aos exames de admissão aos lyceus nacionaes.

Erratas:—No artigo—*A missão da realeza* onde se lê:

Que os homens de dignidade e de senso deixem de proferir, etc., deve lêr-se:

Que os homens de dignidade e de senso deixem proferir, etc.

No communicado de Tavira sahiu—registasse—em vez de—regeitasse—approvada—em vez de—reprovada.

Na apreciação do *Homem quaternario* onde se lê:

Sciencias biographicas deve lêr-se sciencias biologicas.

Curiosidade

Publicamos em seguida um officio, enviado por um professor d'instrução primaria á camara municipal, de que elle devia receber uma certa e determinada gratificação. Vai fielmente copiado.

«Ill.ºs e Ex.ºs Snrs.

Participo a V. Ex.ºs que tendo, eu, acompanhado a A. A. R., filbo de J. B. R., desta freguezia da E., concelho do C.; (a exame) ao referido Lyceu Nacional de S., e tendo ficado approvado. Peço a V. Ex.ºs me seja augmentada a gratificação 25500 reis por esse Municipio exigidos.

Deus.....»

Garantimos a authenticidade do documento.

TAVIRA

Não é a primeira vez que faço da penna o estylete da critica para verberar não só a indolencia, a inercia, o conservantismo do indigena taviense, mas tambem o retrocesso, crime imperdoavel perante a evolução progressiva da humanidade, hoje causa primaria de todo o progresso social. Tavira conserva hoje em questões de hygiene o que sempre tem tido e o seu estado n'esta parte tende a retrogradar e a tal ponto que não virá longe o tempo em que nos vejamos impossibilitados de frequentar logares como a arcada e algumas ruas circumvisinhas! Não é uma affirmativa gratuita que faço nem tampouco arma de que lanço mão para estigmatizar a proceder d'este ou d'aquelle corpo administrativo, é uma verdade incontestavel e que todos conhecem porque todos veem ou podem ver mais ainda: quem passar pelas ruas mesmo as de maior movimento d'esta nossa terra verá que em muitos sitios o macadam é empedrado e coberto d um tapete de immundicies com que, principalmente depois d'uma certa hora da noite, uma grande parte dos habitantes *mimoseiam* os transeuntes.

Em recreios temos tudo quanto tem o valor de zero, e em instrução é a vergonha das vergonhas este ponto importantissimo hoje da civilização dos povos e alavanca poderosissima do progresso moral e material da sociedade, é sem duvida aquella em que mais se conhece o atrazo em que vivemos; a indifferença da auctoridade competente n'este assumpto chega por vezes a ser criminoso e só digna dos perniciosos, retrogrados e immoralissimos governos que uzufuem as prebendas que provêm da direcção da nau do estado, entidade absurdamente representada entre nós por um homem privilegiado que, *reina e não governa*, que é *inviolavel e sagrado*, que é *irresponsavel* e tudo por *graça de Deus!*...

Um facto unico demonstra evidentemente o amor que os nossos governantes de cá, têm pela instrução. É o seguinte: ha oito mezes que está fechada a escola do sexo masculino n'este municipio e só Deus é que pôde saber quando se porá a concurso este logar que nem um só dia devia estar vago. E em factos d'esta ordem está todo o progresso intellectual d'esta localidade! E estranha-se que o povo murmure e se revolte mesmo contra este estado de coisas que nos

envergonha e que dá aos estranhos a medida da nossa cultura e progresso!...

Corroborando o que affirmo darei, de passagem, noticia d'um facto que bem caracteriza o desprezo que uma grande parte dos *mandões* têm pela instrução do povo, esta victima de todos os tempos que como mui bem disse Courier, só sabe *rezar e pagar!*

N'uma das ultimas sessões da camara municipal tratou-se, d'accordo com as juntas de parochia de nomear uma commissão que promovesse donativos para serem applicados na compra de vestuario e livros para os desprotegidos da fortuna que não frequentam a escola por ser-lhes impossivel pela falta de meios, vestirem-se e comprar os livros que necessitam. Pois esta nomeação em que a junta de parochia de Santa Maria se houve com toda a consciencia, nomeando individuos de ambos os sexos de quem por sua illustração e moralidade muito havia a esperar, foi contestada *por duas vezes* pelo presidente da camara por futeis rasões de familia, sendo finalmente approvada uma lista de excellentes cavalheiros e senhoras, é verdade e alguns d'elles mesmo muito illustrados, porém de quem nada ha a esperar por motivos que todos nós, os tavienses, conhecemos.

E por umas extemporaneas considerações do presidente do municipio ficam privadas d'instrução algumas centenas de filhos do povo, continuando na vida de perversão de costumes e aquisição de vicios que a sociedade em que vivemos lhes fornece em não pequena escala!

Lamento este facto e com mais razão por partir da camara municipal, corpo administrativo genuinamente popular e que devia bem comprehender qual a sua missão, mesmo em face d'um systema de governo essencialmente centralista como o que explora todas as fontes da nossa riqueza publica e da nossa actividade individual; d'estes governos sabe o povo que nada tem a esperar a não ser impostos e mais impostos e o ser expoliado de todos os seus direitos, deveres e privilegios; era pois do municipio que nós, o povo, leviamos esperar alguma coisa, porém, estes desgraçadamente,—salvo honrosissimas excepções—não tendo a consciencia da sua missão social, tornaram-se em agentes do poder central prestando poderoso auxilio á desvelada protecção dos governos pela ignorancia popular e pela expoliação dos nossos haveres pelas pesadissimas contribuições com que oneram tudo e especialmente todos os generos de imprescindivel necessidade para o nosso sustento quotidiano!

Abro um parenthesis no meu artigo para tractar d'outro assumpto que reclama uma solução immediata; este assumpto que os nossos governantes descuidam ou fazem não conhecer é a miseria horrivel em que vivem milhares de familias n'esta provincia; este assumpto de interesse capital e de momento, é a fome com todo o seu cortejo de desgraças que bate á porta do misero trabalhador para quem o passado foi horrivel, o presente penozo e o futuro..... duvidoso e desconhecido!...

N'esta pobre e esquecida provincia, victima d'uma crise agricola ha annos, o pobre trabalhador, lueta hoje em virtude da falta de trabalhos com o mais implacavel de todos os inimigos, a fome! E não é só o trabalhador do campo que passa fome, é tambem e sobretudo a classe maritima, classe numerosa e pacientissima a quem nenhum producto do seu pesadissimo trabalho reduzia á miseria, havendo centenaes de familias que, não tendo já nada que empenhar ou vender, passam, não um dia mais sim dois e tres sem comer!... E esta desgraçada gente que emquanto trabalha e ganha contribue e não pouco para o Compromisso Maritimo, passa fome porque nada ganha, emquanto os corpos gerentes d'esta associação gastam em *opas* para os irmãos vestirem nos dias de festas, o bastante para matar a fome n'um dia a algumas familias!... gastam SEIS CENTOS MIL RÉIS na compra d'um *pallio rico* quantia que, empregada em farinha, milho ou qualquer outro genero alimenticio, daria o bastante para sustentar os seus associados pobres por alguns mezes!

Vai já demasiado extensa esta carta. Reservo para outra vez algumas considerações que estes ultimos factos requerem.

18 de março de 1882.

GABRIEL.

EXPEDIENTE

Prevenimos os nossos estimaveis assignnantes de que toda a correspondencia da *Evolução* deve ser d'hoje em diante dirigida para o Marco da Feira, n.º 4, em Coimbra.

Sendo-nos completamente difficil, se não impossivel de alguns assignnantes a cobrança da sua assignatura, que aliás amigos, condiscipulos e confrades nos lembraram, resolvemos suspender-lhes a remessa.

Tomamos a liberdade de manifestar aos cavalheiros a quem temos enviado a *Evolução* e ainda devem a respectiva assignatura, quanto nos é agradável accusar o recebimento desta. Quando não desejem pagar, devolvam-nos os numeros recebidos como lhes cumpre.

Aos cavalheiros que tem cumprido lealmente os seus deveres e nos tem animado com as suas delicadas e honrosas observações, protestamos o nosso profundo reconhecimento.

ANNUNCIOS

LYCEU CENTRAL DE COIMBRA

O Doutor Raymundo da Silva Motta, lente cathedratico da faculdade de medicina, reitor do Lyceu Central de Coimbra, etc.

Faço saber, que, em virtude das instruccões approvadas pela portaria de 9 de março de 1872:

1.º Os exames de admissão aos lyceus nacionaes não de principiar no primeiro dia util do proximo mez de maio;

2.º Os requerimentos dos candidatos de ambos os sexos deverão ser apresentados na secretaria do Lyceu até ao dia 20 do proximo mez de abril; passado este dia não será acceite mais requerimento algum, qualquer que seja a causa que se allegue;

3.º É prohibido requerer exame na mesma epocha em differentes lyceus, sob pena de serem annullados, para todos os effeitos legais, os exames d'aquelles que infringirem este preceito.

Lyceu Central de Coimbra, 30 de março de 1882.

O Reitor,

Dr. Raymundo da Silva Motta,

ESTÁ JÁ Á VENDA O GRACIOSO

ALMANACH DO

ZÉ-ALBARDADO

PARA ESTE ANNO

Critico e burlesco, cheio de attracções divertidas para rir, tem 88 paginas e 26 gravuras de varios typos.

PREÇO 60 RÉIS

Á venda em varias livrarias, tabacarias e em todos os kiosques de Lisboa.

Requisições a J. M. G. rua Nova d'Alegria, 116 pateo, Typographia,—Lisboa.

Quem requisitar dez exemplares faz-se-lhe abatimento de dez réis em cada um.

A EVOLUÇÃO

SEMÁRIO REPUBLICANO

A nossa theoria historica representa necessariamente a realteza moderna como o unico resto capital do antigo regimen das castas.

A. COMTE, Cours de Philosophie positive, t. 6. pag. 298.

Com os progressos da cultura geral o governo republicano deve e não pôde deixar de estabelecer-se em todas as partes do mundo.

E. DE HARTMANN, Philosophie de l'Inconscient t. 1. pag. 430.

Caminhamos para um ideal politico em que a acção do governo será reduzida ao minimo e a liberdade elevada ao maximo grau compativel com a liberdade dos outros.

H. SPENCER, Classification des sciences, pag. 119.

N.º 21

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Cada serie de 15 numeros 300 reis.

COIMBRA, 24 DE ABRIL DE 1882

PUBLICAÇÕES

Anuncios, 20 reis a linha.—Toda a correspondencia deve ser dirigida para a o Marco da Feira, 4.

ANNO 1.º

O LIVRO D'UM MINISTRO

O sr. Serpa Pimentel, ministro dos negocios estrangeiros, acaba de publicar um livro em que trata de dois assumptos importantes — a nacionalidade e o governo representativo, — subordinados ao titulo geral de *Questões de politica positiva*.

A publicação d'este livro é um facto que reclama a attenção da critica. Esta obra pôde e deve servir para aquilatar os principios philosophicos e politicos por que se regulam em Portugal os homens de Estado.

Infelizmente os jornaes monarchicos poucas ou nenhuma vez se occupam de assumptos doutrinaes, de sorte que é difficil saber o que elles pensam, se realmente pensam alguma cousa, a respeito das graves questões que se agitam nas sociedades contemporaneas. O livro do sr. Serpa vem supprir esta lamentavel lacuna, e, debaixo d'este ponto de vista, só temos á elogiar o seu auctor.

O sr. Serpa põe de parte os principios metaphysicos e abstractos e segue o methodo positivo e experimental. Examina os factos e procura encontrar na sua synthese a lei natural que os domina. (pag. III.)

Pela correspondencia trocada entre Thiers e Littré, sabe-se que o grande estadista francez se aconselhava com o eminente philosopho, a respeito da politica da França. Conhece-se tambem a adhesão de Gambetta ao positivismo, e as relações que mantinha com o mais auctorizado dos discipulos de Comte.

Estes factos provam que a philosophia positiva tende finalmente, como previra o seu fundador, a servir de norma politica na governação dos povos.

Mas, apezar de succeder isto em França, declaramos francamente que nos surpreendeu immenso a conversão do sr. Serpa, antigo trovador, hoje ministro da corôa.

Como podia elle aceitar principios, cuja pratica lhe cercaria os interesses e lhe perturbaria a sua vida de politico de officio? Pois quê! Quando o velho mundo official e conservador é de todos os lados batido por uma philosophia cheia de vida; quando esta philosophia assesta contra a vetusta fortaleza monarchica os arietes demolidores, havia um dos sitios que mais interesse tem na lucta vir collaborar na demolição, rasgando a entrada aos invasores? Não podia ser!

E não era effectivamente.

O sr. Serpa examinou os factos, mas não descobriu a lei natural que os domina: por isso, julgando-se um positivista, é apenas um empirico, — o que faz differença. Compare-se o seu livro com o de

Lastarria, tambem ministro, intitulado *Lições politica positiva*. Que distancia os separa!

Lastarria examina á luz do positivismo os mais importantes problemas politicos, e — coisa singular! — chega exactamente a conclusões oppostas. O publicista chileno quer a republica e a federação, o publicista portuguez quer a monarchia e o unitarismo; aquelle estabelece a instabilidade das aristocracias, este diz que a aristocracia existe e ha de continuar a existir em toda a parte; (pag. 106) um considera o constitucionalismo inglez como um regimen essencialmente local, outro rebate com energia semelhante opinião.

Quem ler as *Questões de politica positiva* fica assombrado com um positivismo tão extraordinario. Sempre que o sr. Serpa tem de analysar uma opinião propria da philosophia positiva resolve-se decididamente pela contraria.

É assim que o estadista portuguez nos falla da *escuridão medieval* que succedeu á *invasão dos povos incultos do Norte*. (pag. 133.) Ora todos sabem que um dos grandes meritos de Comte é ter rehabilitado a idade media.

Nenhum positivista considera hoje esta epocha como uma idade de trevas. Para combater as falsas ideias que corriam sobre a interpretação d'este periodo historico escreveu Littré os *Estudos sobre os barbaros e a idade media*. O sr. Serpa refere-se a este livro n'outro ponto da sua obra, o que faz suspeitar que se ex.º o cita sem o ter lido.

Depois de tanta luz que a escola positiva tem feito incidir sobre a *escuridão medieval*, o positivista sr. Serpa continua a estar ás escuras!

O nosso publicista afirma que a aristocracia é um elemento politico com que se ha de sempre contar. Tal opinião, porém, é, na opinião de Littré, (*Paroles de ph. posit.*) fundada n'um raciocinio desmentido pela experiencia. Esta diz-nos que todas as classes completamente isoladas das outras, todas as aristocracias tendem a extinguir-se.

No livro que estamos analysando sustenta-se a estabilidade da aristocracia para se poder defender o constitucionalismo inglez. Diz-se que se enganam os que affirmam ser este systema politico propriamente local, e classificam-se estes de absolutistas, socialistas, radicaes e intransigentes. (pag. 160) Ignora, porém, o sr. Serpa que foi Augusto Comte, que não pôde facilmente entrar em nenhum d'estes grupos, um dos primeiros que expôs a objecção tão veementemente combatida pelo auctor das *Questões de politica positiva*. Para os positivistas, e não só para elles, o sr. Serpa sustenta um erro grosseirissimo.

Pelo que fica dito se vê que ideia faz este escriptor da escola philosophica em que diz filiar-se. E é com este seguro criterio positivo que elle vae tratar, á luz d'uma philosophia que não conhece, dos mais graves assumptos de politica e de sociologia!

A questão da forma monarchica ou republicana é, segundo este escriptor, uma questão secundaria.

É esta effectivamente a opinião dos publicistas que defendem o constitucionalismo inglez. Para se eximirem a fazer o confronto entre as duas formas de governo discutem-nas conjunctamente, contrapondo-as ao regimen absoluto.

Foi o que fez em França a escola doutrina de Guizot, na qual, apesar das suas velleidades positivistas, se filia evidentemente o sr. Serpa.

Mas Augusto Comte, Littré, Wyrouboff Robin, Montpertuis, Dubost, Viardot e toda a pleiade de espiritos brilhantes que em França e fóra d'ella se dedicam á philosophia positiva têm sobre este ponto opinião muito differente, e bem conhecida.

Apesar da pouca importancia da questão, o sr. Serpa estabelece as vantagens da monarchia sobre a republica.

É a estabilidade, que pouca differença faz da estagnação.

É a maior unidade da politica tradicional nas relações internacionaes. E para prova d'isto cita a Prussia e a Polonia, duas monarchias electivas, que succubiram, em presença de nações mais fortes. Mandava a logica que citasse uma republica, mas não seria facil então sustentar a sua these. Effectivamente, o que soffreram as relações da Suissa com a França é com a Prussia por occasião da guerra entre estas duas nações? Nada: a Suissa soube fazer respeitar a sua neutralidade com toda a dignidade e com toda a energia.

Apresenta ainda uma terceira vantagem, — a supressão das luctas da ambição pessoal na competencia do cargo supremo do estado. Mas esta vantagem, tantas vezes attribuida á forma monarchica, é terminantemente desmentida pelos factos. Ha poucos annos ainda, quando Mac-Mahon se demittiu de presidente da republica, a opinião da França oscillava entre Gambetta e Grévy. Mas Gambetta, que é moda apontar como ambicioso, declarou publicamente, com a nobre isenção dos caracteres elevados, que a França devia escolher a Grévy para chefe do Estado. Este desinteresse que se viu entre os republicanos nunca ninguem descobriu nos partidos monarchicos inconciliaveis e cheios de odios reciprocos, que disputam o throno hypothetico da França.

Depois de ter feito estas considerações, trata o sr. Serpa do partido repu-

blicano. N'outro artigo occupar-nos-hemos d'esta parte curiosissima do seu livro.

O governo e o centenario

Rebentou alfin a bomba, declarou-se a scisão, triumphou a reacção, ostentou-se a hypocrisia official, e os manes de Malagrida estremeceram de jubilo ao desenrolar-se no parlamento o novello emmaranhado, com que o governo d'el-rei pretende atar a glorificação do expulsor dos jesuitas.

Sempre os mesmos; hontem eram os progressistas ameaçando com o cacete nacional os promotores do centenario de Camões; hoje são os regeneradores que illudem, enganam covardemente a commissão academica com promessas vãs; mas que, vendo-se corridos e envergonhados, querem á ultima hora abafar a iniciativa dos estudantes e decretam pela voz do balofo presidente de conselho a festa official, a parada e as illuminações.

Desfiemos o meada. Por ora lancemos mão só de documentos publicos. Leiamos o relatorio que antecede o projecto governamental e levantemos uma ponta do véu. Começa aquellá embulhada rhetorica por uns periodos enormes, entre os quaes um de 30 linhas. Sobre esta parte só diremos que está escripta n'um estylo sybillino e que não diz nada de novo. Seguem-se depois uns periodos curtos, mysteriosos, enigmaticos, cheios de intenções reservadas. Vejamos «Nesta commemoração só tem cabimento a voz, o sentimento e a comprehensão geral, a gratidão e a justiça da nação.»

Apoiado, digo eu com todas as veras. Segue: «O estado não adere a outros interesses ou a outras preoccupações» Perguntamos: quaes são esses interesses, essas preoccupações? É o cortejo civico, é o instituto de ensino, é o passeio fluvial do programma academico?...

Adiante. É só a um accordo commum, a uma fraternisação unanime das consciencias e das vontades, n'um culto que é de todos, o culto da justiça e da patria, que os poderes publicos, representantes e gerentes de toda a sociedade politica podem adherir e o devem fazer digna e espontaneamente.

Diga-me o governo, responda-me o sr. Luciano Cordeiro: qual será o culto da justiça mais digno, mais bello e mais brilhante, é mais de todos? será uma parada militar, ou um cortejo triumphal? Qual é o mais legitimo culto da patria a que devem adherir os poderes publicos? será uma estatua (cuja utilidade eu não contesto) ou uma escola?

Qual das duas é mais util e mais necessaria e que maior somma de interesses pôde dar á patria? Um monumento de bronze ou um Instituto de Ensino. Advirta-se porém que nós não queremos desvirtuar a significação d'uma estatua de bronze a qualquer vulto da historia, somente desejamos comparar os dois monumentos de que se trata, debaixo do ponto de vista utilitario e social.

Continua o sr. Luciano Cordeiro «Importa pouco que as paixões e as preoccupações particulares etc. etc. Mais abaixo — O estado conserva-se alheio e superior a essas correntes encontradas e parciais etc....»

De que especie de correntes se falla aqui? Não pôde deixar de ser a corrente liberal que felizmente regou todas as partes do programma academico. E a natureza d'es-

sas correntes não é a outra senão a anti-jesuítica e a do ensino livre.

Ainda bem que o governo declara tacitamente que não quer expulsar os jesuítas, nem consente que se propague a instrução. Bravo! é uma esplendida afirmação! Já não nos admira pois que o sr. Arrobias (ou o governo) querellasse O Antonio Maria por ter substituído na ceia do Senhor as caras dos Apostolos pelas dos srs. ministros.—Preciosas revelações estas, que no fim de contas nada nos dizem de novo, só nos espantam pelo cynismo. Raciocinemos mais um pouco. O relatório dá a entender que na commemoração d'um centenario não se devem offender as crencas nem os melindres de qualquer classe da sociedade. Admitto. Mas qual é a classe que não leva a bem o centenario Pombalino? Todos sabem que são os jesuítas. Logo o governo dizendo aquillo, reconhece que existem em Portugal jesuítas, mas confessa ao mesmo tempo que não os quer melindrar nem offender; isto é, que não quer cumprir a lei. Será isto, sr. Luciano Cordeiro?!

Em resumo o governo não aceita outros programmas, não faz caso da iniciativa particular, porque ella se atreveu a levantar a questão dos jesuítas.

Em primeiro lugar no programma dos estudantes não se consiga nenhuma manifestação contra elles. Apenas se diz: «A academia de Lisboa entende que se deve pedir ao governo a expulsão dos jesuítas.» Um pedido simples, legalissimo, mas que não melindra nem podia affastar dos estudantes os homems liberaes. Visto que a petição ha de ser feita só em nome da Academia; ninguém é obrigado a acompanhar n'este ponto os estudantes; muita gente acharia muito justa esta lembrança, mas as consciencias innocentes do governo e do sr. Luciano podiam ficar tranquillias, que os estudantes não resolveram ainda impôr aos ministros a sua vontade a força das bayonetas.

Portanto ainda aqui não achamos razão ás jesuítadas do relatório do sr. Luciano, visto que o fallar-se nos decretos de Pombal con-

tra os jesuítas não constitue ninguem na necessidade de assignar a representação dos estudantes n'esse sentido.

E mesmo o sr. Luciano devia reparar em que o programma tem duas partes distinctas, uma que interessa só aos estudantes, e outra que é destinada a tornar nacional esta commemoração.

Em conclusão: O governo querendo impedir a iniciativa particular demonstrou frisantemente que está ligado com os jesuítas, e o sr. Luciano Cordeiro, que ha dois annos protestou contra a inercia do governo progressista no jubileo camoneano, é o mesmo que agora aconselha o governo a desprezar as manifestações de regosijo publico pelo centenario do maior reformador do seculo XVIII.

Singular coherencia!! A que podem arrastar um homem os manejos vis da politica pequenina, mesquinha e soez!!...

Voltaremos ao assumpto.

UM ESTUDANTE.

Congresso Universal do Pensamento Livre

Publicamos em seguida o manifesto dirigido a todos os paizes pela commissão de organização do Congresso Universal dos livres pensadores, que se deve realizar em Roma, no outomno proximo.

Este documento saiu no Protesto Operario, que chama para elle a attenção dos jornaes verdadeiramente liberaes. Qualquer que sejam as ideias philosophicas ou politicas d'um jornal, entendemos que deve dar publicidade a este manifesto, porque é dever de todos os jornalistas tornarem publicos factos de tão grande importancia.

Para presidir ao Congresso foi convidado o sr. Bradlaugh, deputado republicano do parlamento inglez.

Algumas disposições relativas á disciplina das classes escolares ordenadas pelo preposito geral em 1567.

..... que os meninos tenham meia hora de exercicio corporal um quarto antes do jantar, e outro antes da ceia.

..... a experiencia tem mostrado que ler tres horas continuas pela manhã, e outras tres á tarde nas escolas da Companhia fatiga muito a saude dos mestres, e até tem debilitado a de muitos discipulos; que as escolas durem só 2 horas e meia de manhã, e outro tanto de tarde.

..... nos descansos (en las quietes) pôde fallar-se a lingua vulgar.

..... que se guarde um dia inteiro de suetudo para os mestres.

..... os padres não têm obrigação de se tratar por elle ou por nós, que se adopte toda a libeaza e simplicidade possivel.

..... na quaresma os estudantes podem sair a recrear-se ao campo algumas vezes; que vão por diversas ruas, não todos juntos mas em grupos pouco separados.

CONFESSÕES

..... que tratem cautelosamente de moderar os freguezes que querem levar dias inteiros em confissões.

Em carta de 20 de março de 1571 recommenda o Geral—tanto os confessores como os outros padres que podem ser consultados em casos de consciencia não dêem por escripto resolução alguma, ou parecer seu, sem conferir primeiro com o reitor, e oralmente não digam seu parecer sem saber muito bem o que dizem.

Na CARTA DO GERAL, DE 4 DE JULHO DE 1566

— Como exercicio os escolares faziam conferencias ás sextas-feiras, e frequentes predicas; abusaram, chegando a abandonar os estudos regulares; que não deixem fallar os que o pretenderem por mera vaidade. Todos os da Companhia podem pregar, ainda que não sejam sacerdotes, nem tenham terminado estudos de theologia, mas a decadencia requer que os pregadores sejam pelo menos diaconos. Não se tendo certeza da

A todos os grupos do Pensamento Livre, sociedades anti-clericas, grupos racionalistas, atheus, lojas maçonicas, e aos livres pensadores que não fazem ainda parte d'algun grupo ou associação:

Cidadãos, cidadãs.

O Congresso Universal do Pensamento Livre de 1881, realizado em Paris, no mez de setembro ultimo, em virtude da decisão do Congresso, reunido no anno precedente em Bruxellas, fixou, de accordo com os estatutos da federação internacional, a reunião do Congresso Universal de 1882, em Roma.

Uma commissão de organização, composta de 15 membros, foi eleita pelo congresso. Esta commissão constituiu-se já, entrando immediatamente nas suas funcções ao dirigir-vos o presente convite.

Sem analysar os motivos que decidiram o Congresso a fixar a sede da sua proxima reunião em Roma, nós corremos o dever de mencionar a vontade dos livres pensadores de protestar uma vez contra as insinuações torpes propagadas a proposito pelos inimigos fidalgos do progresso e da liberdade, affirmando solemnemente a união profunda e estavel da França republicana e anti-clerical com a Italia una, animada do espirito da liberdade e que deseja, como todos os povos civilizados, libertar-se do jugo clerical.

Ao concurso precioso, indispensavel, da Italia, que nos será sem duvida prestado, deve juntar-se o apoio de todos os livres pensadores, associados ou não, que proseguem, cada um no seu meio, o fim commum, de que os congressos de Bruxellas e de Paris não demonstrado a grandeza e a utilidade.

Nós dirigimos, pois, um appello a todos os grupos e aos livres pensadores de todos os paizes, convidando-os a que se juntem a Italia e a França para que o Congresso Universal de Roma ultrapasse ainda em brilho e em efficacia os congressos de Bruxellas e Paris.

E em Roma, em presença do Vaticano, face a face com o papado, que o livre pen-

doutrina do pregador, seja obrigado a mostrar o seu escripto, e mande-se algum para ouvir e informar o superior.

DE UMA CARTA DE 9 DE JANEIRO DE 1567

— Avisem sobre os irmãos que saem sósinhos, hom é que haja uniformidade em toda a parte; o que usamos aqui (em Roma) é que nenhum irmão ou padre sae sósinho, a não serem dois ou quatro irmãos mui approvados, antigos, e mui conhecidos em todo o genero de segurança, que vão fazer compras ou outras coisas ordinarias, e só estes podem assim sair....

Que os collegios se escrevam entre si uma vez por mez para sua consolação e maior união na mutua caridade in domino.

Do PADRE GERAL AO PADRE LEÃO HENRIQUES (23 DE JANEIRO DE 1568)

Segundo muitos dizem ha notavel desedificação e escandalo pelos muitos pleitos que, especialmente com os religiosos, se sustentam n'essa provincia, e por isto se murmura, não se colhendo fructo algum; e isto me dá muita pena e cuidado; é preciso remediar isto, buscando os meios possiveis de concordia, ainda que se perca algo de nosso direito.

Tambem me avisam de Coimbra que os noviços, embora no mais vão bem, são obrigados a estar um mez de cosinha, sem fazer outro exercicio, nem frequentarem as exhortações do noviciado; isto não é conveniente.

Sua Santidade tomou a peito tão deveras a observancia da hulla in caena domini que mandou ao cardeal Sancho, seu vigario, que juntas as religioes em seu nome lhes enviasse a bulla, por todas as provincias e mosteiros, e a fizessem observar com muito cuidado, e os confessores se exercitem n'ella, sendo examinados depois; e que a este respeito se avizem logo os provinciaes, e estes aos reitores.

O superior pôde ouvir os noviços por si ou por outro em confissão, e ainda que o mestre dos noviços os confesse pôde o superior informar-se d'elles.

samento deve arvorar definitivamente a su bandeira, subir ao Capitolio e render graças á Humanidade livre alfin da servidão sacerdotal!

Nós vos convidamos, pois, cidadãos, para que nos faças chegar, no mais breve espaço, a vossa adhesão em principios ao Congresso de Roma.

Um questionario ou ordem do dia dos trabalhos do congresso de 1882 será dirigido a todos os grupos de que seja conhecida a sede social e a todos os livres pensadores que assim o exigirem.

Uma correspondencia geral está organizada na sede da commissão. Nós convidamos instantemente todos aquelles que se interessam pelo congresso do pensamento livre e que sentem do coração a necessidade do congresso em Roma a entrar immediatamente em relações com a commissão.

Circulares indicando todos os meios praticos serão successivamente enviadas aos adherentes. Bem assim, um boletim trimestral contendo o extracto dos trabalhos da commissão, e todas as communicacões internacionaes referentes ao congresso, será dirigido aos grupos e livres pensadores que o exigirem.

Os fundos recolhidos, ou vindos a receber pelos grupos, ou dirigidos directamente pelos livres pensadores, devem ser enviados ao cidadão Théodore Brisson, antigo conselheiro municipal de Paris, thesoureiro, 40, Quai de la Rapée, Paris.

A lista dos subscriptores será publicada.

Uma série de conferencias está já organizada com o fim de recolher adhesões e fundos para o congresso. Convidamos todos os grupos a multiplicar as conferencias e as reuniões com este fim.

Um grande numero de deputados, de jornalistas, de homems politicos, desde já nos prometteram o seu concurso. A lista das adhesões, contendo os nomes mais justamente conhecidos, e estimados da democracia franceza, será proximaemente publicada. A lista das adhesões recebidas do estrangeiro será publicada seguidamente. Nós con-

VARIOS AVISOS

Que pouco a pouco se vá tirando o costume de tanjer tres vezes por dia as Ave-Marias.

Que nos collegios onde ha lições publicas se façam as conclusões ao domingo.

Que nos collegios grandes haja perfeitos de saude.

Que em certas cousas se conformem aos usos communs dos clérigos e pessoas virtuosas das terras onde estiverem as casas e collegios.

EM UMA CARTA DO PADRE GERAL FRANCISCO DE BORJA DE 28 DE DEZEMBRO DE 1568

—«No le puedo padre declarar quanto siento los muchos pleytos que en esse Reyno se traen, de los quales tantas vezes de affá soy avisado, y yo lo he escrito a V. R. y siempre me parece que ay que cercenar; deseo en grande manera que aya concierto y que con alguna perdida de nuestro derecho sacassemos la ganancia que de la paz y edificación se espera.

Verdades que el Padre Pero da Fonseca me escreve que estavan en termos de concertar-se con los frayles de Santa Cruz y de Christo.

Deven hazer-se raras vezes tragedias e comedias, y entonces non con la costa que nos avisan que se hizo una en Coimbra, que costó el apparato al collegio mas de cien ducados».

DE OUTRA DO MESMO FRANCISCO DE BORJA (DEPOIS SANTO) DE 9 DE SETEMBRO DE 1569

..... Tambien se dice que hay algunos que van masqueando y depues hechos los gastos vienen a faltar en su vocacion.

No se puede dar medida cierta de dar-se o no dar-se sus escritos a los que se salen de la Companhia; la prudencia del buen governo mostrará que a algunos que pacificamente se despiden convenga dallos, y a otros que o se van, o son echados por escandalosos no se deven dar.

(Continúa.)

GABRIEL PEREIRA.

FOLHETIM

Documentos dos Jesuítas

O LIVRO DAS OBDIENCIAS DOS GERAES

No Correio das Provincias, jornal que se publicou em Coimbra, em 1881, n.º 13 e 14, tive occasião de me referir ao Livro das Obediencias dos Geraes, documento preciosissimo que se guarda no archivo da Universidade.

Sobre a authenticidade do livro não pôde haver a minima duvida; vejo com muitos outros volumes e documentos avulsos do collegio de S. Paulo, de Braga; tem a marca do cubiculo do reitor; comprehende documentos secretos, e até as cifras para a correspondencia com o geral em assumpto grave.

Em harmonia com a indole do Correio das Provincias publiquei simplesmente o relativo á correspondencia; agora que tanto se escreve e se falla de Pombal vou apresentar alguns extractos sobre assumptos diversos, não esquecendo os que respeitam á organização dos estudos, com a maior imparcialidade, nem d'outra cousa se carece; por ellas se patenteará o methodo, o rigor do organismo jesuítico, por vezes o bom senso, o resultado da observação intelligente, e tambem a manha systematica, a pratica da dissimulação, o fabricante e a lima inconsciente, os elementos da trama da formavel companhia que precisava de cifras para a mutua caridade in domino, e para a maior gloria de Deus!

INSTRUCÇÃO AGERCA DOS EXTERMOS

Que se use de caridade assim nos remedios como nos alimentos. — mas bien es que el medico sea advertido que en quanto compadesco la disposición del enfermo antes ordena cosas no enras que las do mayor precio en manera que donde pudiese bastar carnero no se ordenen uces; si estirs fuesen necesarias no se dejen, por que ental manera nos acordemos de la pobreza y la exercitemos.

vidamos todos os grupos a, para este effeito, nos fazerem chegar o mais cedo possivel a lista dos adherentes de cada nacionalidade.

Cidadãos, cidadãos. O Congresso Universal de 1882 em Roma não é a obra d'algumas individualidades, nem d'uma nação qualquer, é a obra internacional por excellencia. E a federação dos Estados-Unidos da Europa, que será a forma politica do futuro, que falta preparar pela federação dos espiritos. Roma, nos tempos antigos, foi o ponto convergente de todos os povos e de todos os despotismos, nos tempos modernos, Roma foi o salão da civilização guerreira e sacerdotal. Graças aos vossos esforços, graças ao concurso de todos os espiritos livres e generosos do mundo, será ella ainda o foyer da civilização scientifica, o centro do progresso e do saber humano.

Em nome do pensamento livre universal, nós vos damos rendez-vous no congresso de 1882, em Roma!

A comissão d'organização.

CAMBIAANTES

QUADRA INFANTIL

O seu pequeno leito estava na alcova que deita para o jardim. Envolve em amplos corlindos, brancos como a neve, parecia um castissimo ninho, suave, perdido entre nuvens d'alyura incomparavel, que o quizessem resguardar do vento. E, sobre as almofadas, repousavam as suas pequenas cabecinhas, cobertas de madeixas louras, como finos fios d'ouro encarcacolados.

A alcova era forrada a papel claro, de largas flores douradas; por cima havia um alvissimo tecto, e em baixo uma esteira, que abafava o barulho dos passos.

Da varanda via-se o jardim, pequeno mas cheio de flores variadas, de fino gosto e perfumes suavissimos; no centro, um repuxo lançava um enorme jacto d'agua, que caia constantemente com um som monotonico. Grande quantidade de roseiras brancas cobriam a parede da casa e a varanda ficava quasi escondida por ellas, que perfumavam a alcova suavemente, agradavelmente. Quando pela manhã se abriam as janellas, e o sol, atravez das cortinas brancas, ia beijar as creanças, as rosas mandavam-lhes os seus aromas pelas frestas das vidraças.

Eram duas irmãs louras, delicadas e graciosas, que alli dormiam. A mais velha tinha quatro annos e tres a outra.

A noite, a mãe ia deitá-las e ficava ao pé d'ellas até que adormecessem. Ajoelhava-as sobre o colchão, ensinava-as a rezar com as suas pequeninas mãos unidas, como quem supplica, a um Menino Deus, que estava á cabeceira.

Louro, como ellas, segurava n'uma das mãos o mundo, e com a outra apontava para o azul infinito e transparente.

A mãe ensinara-as a adoral-o, mas quasi sempre, a meio da reza, uma d'aquellas formosas cabeças descaia dormindo no seio materno, enquanto a outra repetia com um murmurio suave as palavras da oração que a mãe recitava.

Depois, agasalhava-as com a roupa e sentava-se ao lado, até que adormecessem, espreitando attentamente os movimentos d'aquellas creanças e a respiração quasi insensivel.

O que aquella mãe pensava não sei; mas creio que a sua vida estava alli; que o seu coração pulsava harmonicamente com os d'aquelles pequenos seres e que a sua felicidade era aquella.

Quando as via profundamente adormecidas, curvava-se sobre o leito e beijava-as meigamente, muito ao de leve. Ficava ainda a contemplá-las como se temesse que o beijo as acordasse; então, desprendendo as cortinas, envolvia-as nas suas amplas dobras com o cuidado e carinho que só as mãos sabem.

Pela manhã, vinha acordá-las com um beijo. Abria a janella; quando o sol, entrando em grandes borbotões de luz, fazia descer as palpebras das pequenas adormecidas, estas entrelaçavam os braços e uniam as formosas boccas n'um casto beijo fraternal.

A mãe contemplava-as sorrindo; depois, penduravam-se-lhe ao pescoço, alegres, palradoras, fazendo-lhe mil caricias.

E d'ahi a pouco enchiam a casa com os seus innocentes brinquedos.

G. P.

O seu nome é gracioso e muito proprio d'ella:

Respira um vago tom de musica plangente;

E lembra a placidez d'um lago transparente,

Recorda a emanação tranquilla d'uma estrella.

Lembra um titulo bom, que logo nos revela

A ideia do poema. E todo o mundo sente

Não sei que afinidade entre o seu ar dolente,

A sua morbidez e o proprio nome d'ella.

E chego a acreditar, — ingenuamente o digo, —

Que havia um nome em branco, e Deus pensou comsigo

Em traduzil-o emfim n'uma expressão qualquer:

De forma que a mulher suave e graciosas

Faz parte d'este nome um tanto cor de rosa,

E este nome gentil faz parte da mulher.

GUILHERME DE AZEVEDO.

A UM RENEGADO

DA POESIA SOCIAL

Vate, que odeias as brizas!

Não ceifas na seara alheia;

Já que sofraldas a Ideia,

Não requestes Cidalisas.

Prosa e verso tem balizas:

Tu na prosa és de mão cheia;

Explora por tanto a veia

D'essas cousas que nos guizas.

Deixa-me o velho Collares,

E as brancas musas sem tosse,

E o paio dos meus cantares.

Respeita-me a lyra e a posse

D'estes assumptos vulgares:

Respeito ao dontor Pangloss!

JOÃO PENHA.

UM BOTE

(A JOÃO PENHA)

Socega; não troquei a lyra da Vingança

Pelo doce arrabil dos velhos trovadores.

E em nada justifico, eu penso, os teus furores,

Saudando uma mulher, beijando uma creança!

Courbet que tem pintado as corrupções da França,

Não sabes o que faz? desenha, ás vezes, flores;

E o realista audaz, cruel, dos Britadores,

Na tela diminuta o braço então descansa.

Oh, não conheces bem quanto eu sou generoso!

Entrega-te uma vez ao momentaneo gozo

D'um creme perfumado e um calix de madeira,

Que não te accusarei, João, de apostasia!

Tu és sempre o cantor que poz salchicheria,

Mas que um momento esquece a musa salchicheira!

Santarem, 6 d'outubro de 74.

GUILHERME DE AZEVEDO.

Secção Pombalina

INAUGURAÇÃO DO CONGRESSO ACADEMICO

PROGRAMMA

I. O congresso academico reunirá em Lisboa no dia 7 de maio do corrente anno.

II. O fim do congresso é tratar da fundação da Federação academica portugueza e da reforma da instrução primaria, secundaria e superior, proclamando a imperiosa necessidade de se adoptarem no ensino publico os processos criticos e pedagogicos mais auctorizados.

III. O congresso terá poderes para approvar o regulamento geral, fixando o numero de secções em que se ha de dividir, a epocha do anno em que devem ser celebradas as reuniões e as fontes de receita que porventura se devam crear.

Se o congresso, por falta de tempo, não poder celebrar as reuniões precisas para discutir e approvar todos os assumptos que lhe forem submettidos, nomeará uma grande comissão que se incumbirá de cumprir as deliberações que a assembleia geral julgar mais convenientes para a realização do seu patriótico intento.

IV. O congresso inaugural compor-se-ha de membros effectivos e adherentes.

a) São membros effectivos:

1.º Dois representantes por cada uma das seguintes escolas: academia polytechnica, academia de bellas artes de Lisboa e Porto, collegio militar, conservatorio de Lisboa, curso superior de letras, escola do exercito, escolas medicas de Lisboa, Porto, Gôa e Funchal, escola naval, escola polytechnica, faculdades da Universidade de Coimbra, ins-

titutos agricolas de Lisboa e Gôa, institutos industriaes e commerciaes de Lisboa e Porto e quinta regional de Cintra;

2.º Os alumnos de instrução secundaria de Lisboa terão seis representantes, sendo dois pelo lyceu central e quatro pelos collegios;

3.º Os alumnos de instrução secundaria do Porto terão quatro representantes, sendo dois pelo lyceu central e dois pelos collegios;

4.º Os lyceus das outras terras do reino, juntamente com os collegios, terão cada um dois representantes;

5.º Cada club academico terá um representante;

b) São membros adherentes:

1.º Os professores, professoras, alumnos e alumnas dos estabelecimentos de instrução primaria e secundaria, que apresentem algum trabalho sobre a reforma geral do ensino e dos estudos, ou sobre as bases da federação academica portugueza;

2.º Os jornalistas que tratarem taes assumptos nos seus jornaes e enviarem os artigos publicados para o congresso;

3.º Os escriptores, academicos ou professores de instrução superior que apresentarem algum trabalho sobre instrução nacional ou acerca das bases da associação academica portugueza.

V. A sessão inaugural do congresso será publica, sendo a admissão por bilhetes.

§ unico. Cada membro effectivo ou adherente tem direito a um bilhete de entrada.

VI. A sessão inaugural será aberta pelo presidente da comissão executiva, que convidará a assembleia geral a eleger a mesa que ha de presidir aos trabalhos do congresso.

VII. O congresso funcionará com o numero de membros effectivos e adherentes que até ao dia 30 do corrente mez enviarem as suas adhesões.

VIII. Os membros tanto effectivos como adherentes devem remetter ao presidente da comissão executiva o seu nome, pronome e residencia, indicando o estabelecimento de instrução que representam ou a natureza do trabalho que offerecem, a fim de poderem receber os programmas e serem inscriptos no boletim da sessão inaugural.

IX. A discussão a respeito do plano geral de ensino nacional versará sobre os seguintes pontos:

1.º Os programmas de ensino actualmente em vigor nas escolas de instrução primaria, secundaria e superior comprehendem todos os ramos dos conhecimentos humanos e incluem os methodos scientificos e pedagogicos mais auctorizados, conservando tanto no seu conjunto como em cada uma das suas partes a indispensavel clareza e espirito pratico?

2.º O actual systema de exames offerece as condições indispensaveis para se apreciar a instrução dos examinandos com toda a imparcialidade?

3.º Que meios se devem empregar para se obter uma reforma geral dos estudos, creando-se as cadeiras que ainda não existem dando-se ao ensino um caracter nacional, pratico, uniforme e de immediato aproveitamento?

X. O estudo d'estas questões e de quaesquer outras, que porventura sejam formuladas e remittidas ao congresso antes da sua constituição definitiva será entregue ás commissões especiaes que de prompto possam dar o seu parecer, que se discutirá e approvará em assembleia geral.

§ unico. Os trabalhos dos membros adherentes, quando não sejam lidos em assembleia geral pelos seus auctores, serão do mesmo modo sujeitos ao exame das respectivas commissões, que tambem sobre elles darão o seu parecer, que se discutirá em assembleia geral.

XI. Todas as disposições d'este programma serão fielmente executadas enquanto a assembleia do congresso não approvar o seu programma ou regimento interno.

XII. A ordem dos trabalhos preliminares é a seguinte:

1.º Constituição da assembleia geral sob a direcção do presidente da comissão executiva;

Breve discurso sobre a importancia e fim do congresso;

Indicação de todos os trabalhos que estiverem sobre a mesa.

2.º Eleição da mesa da assembleia geral, que inaugurará em seguida a primeira sessão do congresso académico e começará os seus trabalhos;

3.º Dar-se-ha a palavra aos membros effectivos ou adherentes que se proponham ler algum trabalho ou fazer algum discurso sobre as duas questões fundamentais do congresso, devendo a inscripção ser feita em presença dos trabalhos que se acham sobre a mesa;

4.º Esgotada a inscripção proceder-se-ha á divisão do congresso em commissões, ás quaes se confiará immediatamente os trabalhos, communicações e propostas sobre que hajam de dar parecer, podendo discutir-se algum dos assumptos sem esses pareceres se a assembleia o julgar conveniente.

Lisboa, 8 de abril de 1882.—O presidente da sub-commissão, **Manuel Ferreira Ribeiro**—O relator, **Augusto Bobella**—Os vogaes **Augusto Alves Tavares**—**Augusto Botelho**—**Bartholomeu Salazar Moscoso**—**Eduardo Coelho Junior**—**João da Matta Gomes**—**João Eduardo Portugal Pereira da Silea**—**João Viegas Paula Nogueira**—**Lourenço Caldeira Gama Lobo Cayolla**—**Manuel Goulart de Medeiros**.

FRÖBEL

Revista d'Instrução primaria

Chamamos a attenção das camaras municipaes e do professorado em geral para esta revista, que é redigida pelo que entre nós ha de mais distincto no professorado e nas letras.

O jornal trará desenhos de Cazanueva gravados por Pastor, e será dirigido pelos srs. Feio Terenas, Ferreira Mendes, e Caetano Pinto, empregados na secretaria d'Instrução do municipio de Lisboa.

Diz o prospecto: «Esta publicação destina-se exclusivamente aos interesses da instrução primaria, do magisterio e ao movimento escolar de todos os municipios.

Além de artigos sobre pedagogia, occupar-se-ha detidamente da legislação sobre instrução primaria d'este e outros paizes; tratará as questões praticas do ensino elementar; dará gravuras e descripções de edificios para escolas e mobilia escolar, seguindo as melhores indicações da sciencia e dos paizes mais adiantados; informará de todo o movimento official do magisterio; publicará estatisticas nacionaes e estrangeiras que accusam movimento, frequencia escolar e outras; finalmente, esta revista, publicará a sua opinião em resposta a qualquer consulta, que lhe seja dirigida sobre questões, que interessam á instrução primaria e ao professorado.

O 1.º numero sairá a 21 de abril, dia do centenario de Fröbel, acompanhado do retrato, em gravura, do immortal pedagogo allemão.

Em papel, typo e formato, em tudo igual aos d'este prospecto, publicar-se-ha duas vezes por mez um numero de 8 paginas, formando cada serie de 24 numeros um apreciavel volume.»

PREÇO DA ASSIGANTURA

Em Lisboa, provincias, ilhas e possessões ultramarinas:

6 numeros	400 réis
12 »	800 »
24 »	1600 »
Numero avulso	100 »

Para o estrangeiro accresce o porte do correio.

Conhecemos os individuos que se acham á testa d'esta publicação; e sabemos por isso que, recommendando-a aos nossos leitores, nada mais fazemos do que cumprir um dever.

Recebemos o 1.º numero que agradecemos.

NOTICIARIO

Os professores da Orchestra de S. Carlos, Antonio e Raphael Croner vieram a esta cidade dar um concerto, em que tambem

tomou parte a distinctissima professora D. Cesaltina Croner que sob a magia de seus recursos extraordinario fez irromper da platea o mais vivo entusiasmo por entre palmas e bravos. Foram os dois artistas objecto tambem de merecida ovação e causou uma agradável surpresa o *wistle*, completa novidade para a maioria dos espectadores.

Segue o programma, verdadeiramente magnifico:

1.ª PARTE

- a) Symphonia pela orchestra.
- b) Fantasia para flauta sobre motivos da opera *Sonnambula*—ANTONIO CRONER.
- c) Duetto concertante para saxophone e piano sobre motivos do *Rigoletto*—CESALTINA CRONER e RAPHAEL CRONER.

2.ª PARTE

- d) Symphonia pela orchestra.
- e) Celebre *Tarantella* para piano—CESALTINA CRONER.
- f) *Ave Maria* de Gounod executado n'uma grande flauta em tom de sol—ANTONIO CRONER.
- g) Grande trio para piano, flauta e clarinete—CESALTINA CRONER, ANTONIO CRONER, RAPHAEL CRONER.

3.ª PARTE

- h) Symphonia pela orchestra.
- i) Fantasia para saxophone sobre motivos do *Fausto*—RAPHAEL CRONER.
- j) *Tango burlesco* executado no *wistle* (instrumento popular inglez)—ANTONIO CRONER.
- k) Grande Trio sobre motivos da opera *Vesperas Sicilianas* para piano, flauta e clarinete—CESALTINA, RAPHAEL CRONER e ANTONIO CRONER.

Estranha-se geralmente que não appareçam a publico algumas produções de merito, que se supõe haver deixado o distincto historiador Alexandre Herculano.

Sabemos que colleccionava todas as suas obras o sr. José Manuel da Costa Basto, 1.º official da Torre do Tombo e lente de Diplomatica e que entregou todos os manuscritos a seu irmão João Casto e Galhardo, testamenteiros do notavel historiador portuguez. Cremos até que foram autorisados a publicar esses manuscritos.

É realmente para sentir que estejamos privados de ler e apreciar esses preciosissimos escriptos, como devem ser quando são fabricados por artistas da tempera e polpa de Alexandre Herculano.

Tivemos a subida honra da amizade provada do sr. A. Herculano, de quem admiramos com respeito profundo as nobilissimas qualidades e por vezes lhe ouvimos falar dos jesuitas que elle castigava por um modo energico sem faltar jámais á verdade historica.

Quando o Imperador do Brazil passeava pela Europa, era Alexandre Herculano consultado telegraphicamente pelo mesmo Imperador sobre a solução d'uma crise politica que então rebentou no Brazil, promovida pelas influencias jesuiticas.

A sua resposta foi dignissima, salvando o imperio brasileiro d'aquella praga infernal. Oxalá que seja quanto antes publicada a importantissima carta que, pouco antes de morrer, Alexandre Herculano escreveu a D. Pedro, Imperador do Brazil, cuja copia devia ter ficado aos testamenteiros do austero proprietario de Val de Lobos.

Falaremos d'outras cartas não menos importantes no proximo numero da *Evolução*.

Santarem

De passagem por esta cidade, que de perto conhecemos, visitamos a biblioteca municipal, intitulada *Camões*, fundada pela celebração do tri-centenario de Camões.

Possue 1:687 volumes, que se acham methodicamente distribuidos, como era de esperar da intelligencia robusta e constante trabalho do sr. Florentino Rodrigues, dignissimo bibliotecario.

A camara concorre annualmente com 100\$000 réis para a aquisição de novos livros. Louvamos a camara que assim manifesta a alta comprehensão dos seus deveres. Estranhamos todavia que alli não existissem obras nenhuma de sciencia positiva, que

actualmente são tão procuradas. Quem escreve estas linhas, quiz consultar uns escriptos de Augusto Comte e Littré e pasmou de os não encontrar alli.

Dando a cada um o que lhe pertence, não crimamos o laborioso bibliotecario que reconhece esta falta e que tem a peito remedial-a.

É ainda para estranhar que de Alexandre Herculano apenas haja alli a Historia de Portugal e o Bobo, notando que adorna uma das paredes o retrato a oleo de Herculano, magistralmente tirado pelo sr. visconde da Attouguia. Vê-se tambem n'esta bibliotheca o retrato do immortal poeta Camões.

Brevemente fallaremos das conferencias que alli se fizeram com tanta distincção e proficiencia e que temporariamente se suspenderam. X.

Alcanena

N'esta terra, onde todos trabalham, onde os ociosos não tem guarida, tocou uma banda marcial a *marselheza* com agrado quasi geral dos nossos conterraneos.

Não previu o sr. Arrobas esta manifestação democratica, porque teria desde logo intimado os seus representantes para que fizessem *emmudecer* a philharmonica n'esta expansão de viva alegria.

O que é certo é que nós ouvimos satisfeitos o sr. Ramos Melicia applaudir aquelle apreciabilissimo hymno francez, accentuando bem estas palavras que traduzem a decadencia da monarchia:

«Vou gostando do governo republicano, porque onde elle está implantado produz excellentes resultados, ao passo que os nossos governos monarchicos nos vão carregando de impostos e enpenhando loucamente o paiz».

A geração nova, os rapazes, esses são republicanos e vão fazendo a sua propaganda, onde podem e como podem—Tivemos occasião de o observar ainda ha pouco no estabelecimento do cidadão Gerardo Ferreira, Joaquim Caxeiro, Martins, Ariceto e outros—E assim que o terreno se prepara e se aptam as difficuldades ou embaraços que se encontram aqui e além.

—Observa-se por aqui que a religião catholica vai em decadencia deploravel.—Dentro em pouco mandarei umas apreciações sobre a casa escolar, cujos trabalhos vão bastante adiantados.

Noticias de Odemira

Até ha poucos dias havia a desculpa de que o sr. vigario pro-capitular de Beja estava ausente da sua diocese, tractando dos seus negocios na sua casa da Beira; agora porém não se pôde recorrer a este expediente porque s. ex.ª chegou a Beja no dia 3 d'este mez.

É na verdade para causar surpresa que s. ex.ª até hoje não tenha dado uma attenção publica de que se interessa pelos negocios da sua diocese, e que sabe cumprir com os altos deveres que o seu cargo e posição social lhe impõem.

Nós, porém, que mais de perto conhecemos alguns actos de s. ex.ª não estranhamos tanto este procedimento, porque temos visto como se tem fechado os olhos a tantas faltas cometidas pelos seus subordinados...

Senhor, é occasião de lhe dizer que não desistimos do nosso intento, e que se v. ex.ª desprezar a queixa que lhe foi entregue a 13 de fevereiro d'este anno, nós recorreremos a outros seus superiores, e então não nos queixaremos só do sr. prior-procurador, mas tambem do sr. vigario que nos desattendeu. V. ex.ª não tem hoje a desculpa de ser um anonymo que se lhe dirige, pois a nossa queixa foi assignada, reconhecidas as assignaturas e decommentada, e por isso ha obrigação imposta pela lei de sermos attendidos, e esperamos que v. ex.ª faz-nos ha a justiça que pedimos.

O n.º 15 d'este semanario bem mostrava a v. ex.ª quão grande era o escandalo que em Odemira se dava de o sr. prior da igreja de S. Salvador ser tambem procurador em juizo.

Nós não ignoramos que era ao ex.ºº juiz da comarca que competia demittir o procurador pela incompatibilidade das suas funcções; mas a nossa questão não tem um ambito tão acanhado, queremos uma syndicancia minuciosa aos actos do parcho e queremos a demissão dos seus cargos, porque é

o resultado fatal, a que se ha de chegar se se fizer justiça.

Esperamos que o sr. juiz não consentirá que o sr. procurador exerça mais semelhante cargo, e que findo o anno do alvará que lhe deu o dito cargo não mais cahirá em mandar passar-lhe outro.

Damos os parabens ao sr. *sacerdos*-procurador, por sair incolume da questão da reforma de partilha do inventario do lavrador do monte dos Pezos.

Valeu-lhe só tarde sabermos d'esta proeza, quando nada se podia fazer, porque se fosse a tempo não se locupletaria com 90\$000 réis!!

Ainda assim, fica consignado aqui o seu modo de proceder, e como se enriquece.... Passaremos a narrar mais outro feito do *incommensuravel* prior, e terá para remate umas perguntas:

Está na memoria de todos os odemirenses, ainda, a queixa feita pelo prior da igreja de S. Salvador á commissão districtal contra a junta de parochia respectiva, por esta mandar lançar no seu orçamento de 1881 a verba d'uns tantos mil réis, rendimento este de dois predios em posse do reverendo, o Montinho da igreja e a cerca juncto ao Paço Novo, a titulo de paçal.

Fundava elle o seu titulo de posse n'uma certidão, que junctou ao requerimento (sob n.º 2) extrahida pelo tabellião, o sr. Ruivo, d'um livro de receita e despeza da fabrica de Salvador e que tem data do século passado. Dizia o *desinteressado pastor* que os referidos rendimentos foram em tempo dados aos parochos da dita freguezia, para seu paçal, por D. fr. Miguel de Tavora, ignorando o *sabio sacerdote*, que tal doação não tinha cabimento por não ter força de sentença passada em julgado.

Sugerem-se-nos agora umas perguntas: Ao sr. presidente da junta de parochia de S. Salvador, se recebeu e existe no archivo o requerimento ou a auctorisação para que o supra-dito livro fosse dado ao prior para seu serviço?

Ao sr. Ruivo, quem foi que lhe entregou o livro para passar a certidão?

Ao sr. prior, como é que esse livro, cuja propriedade é da junta, foi ter ás mãos de s. rev.ª?

Á junta de parochia, se hoje conta no numero dos seus livros—este?

A resposta a todas estas perguntas desejamos para *defeza do illustre e inoffensivo guardador de almas arrependidas*...

É preciso notar que este *prestante* varão foi durante algum tempo presidente da dita junta. *coisas da nossa terra e tudo está dito!*. Odemira, 22 de abril de 82.

(Do nosso correspondente)

Correspondencia

ADMINISTRATIVA

Encarregam-se obsequiosamente de receber a importancia das assignaturas da *Evolução* os seguintes cavalheiros:

Santarem—José Ferreira Maia, rua direita, 89.

Ribeira de Santarem—Joaquim Malfeito.

Cartaxo—Francisco Pereira.

Alcanena—Antonio Garcia.

Loulé—A. J. da Silva Vargas.

Rogamos aos nossos estimaveis assignantes que satisfaçam com a brevidade possível a importancia das suas assignaturas. Aos cavalheiros que recebem a *Evolução* e se não dignam pagar a respectiva assignatura, pedimos que o declarem com a maxima franqueza.

Cartaxo—Recebemos do nosso estimavel correspondente do Cartaxo a importancia, relativa ás assignaturas que a *Evolução* ali tem. Agradecemos.

AVISO

Prevenimos todos os srs. assignantes que se acham em divida de que não receberão o numero commemorativo do Centenario de Pombal nem os que se lhe seguirem, se até ao dia 30 do corrente não satisfizerem as suas assignaturas.

A EVOLUÇÃO



A nossa theoria historica representa necessariamente a realza moderna como o unico resto capital do antigo regimen das castas.

A. COMTE, Cours de Philosophie positive, t. 6. pag. 298.

Com os progressos da cultura geral o governo republicano deve e não pode deixar de estabelecer-se em todas as partes do mundo.

E. DE HARTMANN, Philosophie de l'Inconscient t. 1. pag. 430.

SEMANARIO REPUBLICANO

Caminhamos para um ideal politico em que a accção do governo será reduzida ao minimo e a liberdade elevada ao maximo grau compativel com a liberdade dos outros.

H. SPENCER, Classification des sciences, pag. 119.

N.º 22

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Cada serie de 15 numeros

300 reis.

COIMBRA, 1 DE MAIO DE 1882

PUBLICAÇÕES

Anuncios, 20 reis a linha.—Toda a correspondencia deve ser dirigida para o Marco da Feira, 4.

ANNO 1.º

A ACADEMIA E O GOVERNO

Se fosse necessaria mais alguma prova da dissidencia profunda que existe entre o poder e a nação, bastava lembrarmos a indigna attitude do ministerio progressista perante a commissão da imprensa, pelo centenario de Camões, e o procedimento mais indigno ainda do governo actual perante a benemerita commissão academica que promove a commemoração pombalina.

Em 1880, os progressistas queriam correr a pau (phrase textual) a commissão da imprensa portugueza, que representava, como se provou pela unanimidade das aclamações, a vontade e o pensamento nacionaes. Levantaram-se então, por parte dos regeneradores e dos republicanos, os mais vivos e justificados protestos contra a insolita provocação.

Decorreram dois annos e os regeneradores, que n'esse tempo repelliram dignamente as desconsiderações do governo, demonstram hoje que reprovaram então o que elles mesmos fariam em circumstancias eguaes.

Os progressistas agora vingam-se dos regeneradores, fazendo politica. Nós não a fazemos, porque pensamos ser o centenario uma questão nacional, que não deve servir de juguete dos partidos, nem de thema de retalições. Se a fizéssemos, diriamos que só o partido republicano, protestando então, como protesta hoje, contra a indignidade dos gover-

nos, é coherente no seu protesto, e logico na sua indignação.

A affronta do governo regenerador, a sua dobléz jesuitica, as suas mentidas promessas á commissão academica de Lisboa devem fazer levantar a todos os estudantes do paiz um grito de indignação.

Em todas as nações, a classe academica, indignamente desconsiderada em Portugal, é respeitada pelos poderes constituidos. Em França já se tem chegado a invocar das cadeiras do poder, como um assentimento valiosissimo, a opinião da academia de Paris.

Porque não acontece o mesmo em Portugal?

Por causa da fatal desunião que existe entre os estudantes portuguezes, por causa dos resentimentos injustificaveis, por causa das rivalidades mal cabidas.

Se nós tivéssemos, como tem as academias estrangeiras, mais união e harmonia, a nossa voz havia de ser ouvida com respeito nas altas regiões do poder, as nossas representações e os nossos protestos não seriam, como até hoje tem sempre succedido, constantemente desatendidos e quasi sempre um objecto do escarneo governamental.

Em mudar tal estado de cousas estão empenhados a nossa dignidade e o nosso caracter. Que ideia fará o paiz de nós, sabendo que, tendo um direito incontestavel á estima e á consideração dos poderes publicos, não temos força nem coragem para fazer reconhecer esse direito?

A commissão academica estava empe-

nhada na criação d'um Instituto de ensino livre e o governo promettera auxilia-la na realização da sua grandiosa ideia.

As camaras votam-lhe quatro contos de reis, e o governo nomeia uma commissão sua para os gastar.

A commissão academica estava empenhada no bom exito do prestito civico, e o governo, que promettera auxilia-la, faz uma parada no mesmo dia para desviar do prestito a attenção publica.

O auxilio, com que o governo traiçoeiramente fallou, cumpre-nos a nós dal-o, quanto em nossas forças caiba. Seja essa a primeira prova da união fraternal da academia portugueza.

Em Coimbra já muitos cursos nomearam os seus representantes em Lisboa. Cremos tambem que se abriram subscrições para o Instituto de ensino livre. Cumpre que todos os cursos acompanhem estes no seu procedimento digno de todo o elogio.

Pela nossa parte sempre advogámos estas ideias e já concorremos com a nossa modesta contribuição, chamando para este ponto a attenção da academia. Hoje entendemos que é um dever rigoroso, indeclinavel para a classe academica auxiliar em tudo o possivel os nossos collegas de Lisboa.

No congresso que elles realisam tratar-se-ha da federação academica, questão esta que, em vista dos ultimos acontecimentos, espera inadiavelmente uma solução positiva e pratica.

À pancada; taes são os murros que dá no improvisado pulpito.

Apparecem ainda os prophetas, de longas barbas de musgo de pinheiro ou linho, desprezendo Christo da cruz; e as tres Marias, geralmente, Magdalenas no proceder... salvo, o arrependimento.

A mulher, mettida nas cousas religiosas, não é dos melhores incentivos para nos fazer elevar a alma a Deus.

Ficamos muito a baixo, examinando a perfeição das suas obras.

Taes foram as considerações que fizemos n'estas ferias, ao ver um dos espectaculos que a igreja nos offerece gratis, e muitas outras; mas propozemo-nos descrever um pára-raios: por isso mudemos d'assumpto.

Domingo de ramos, a dominica *in palmis* da folhinha, é um d'estes dias que os rapazes esperam com gosto a ponto de não dormirem.

Esperam-no como esperam os bolos pela Paschoa, as janeiras em dia d'anno bom e o jantar ao meio dia.

Quem tiver loureiros deve guardal-os de vespera, armado até aos dentes; pois de contrario são lhe cortados pelo pé.

N'este dia entrei na igreja para ouvir missa e fiquei pasmado.

Ha onze annos que a ouvia na cidade, onde apenas as mulheres levam umas especies de

Ahi deve sellar-se o pacto fundamental da nossa união e harmonia, que porá termo a scissões inconvenientes e funestissimas, e será o melhor meio de nos impormos ao respeito d'aquelles que tão indignamente nol-o regateiam.

PROTESTO

O curso do quarto anno juridico da Universidade de Coimbra, sabendo que alguém, com intenções menos dignas, tem feito mentirosas e falsas insinuações sobre o homicidio accidentalmente committido por Edmundo Gorjão, vem publicamente, com toda a energia e desassombro, protestar contra essa baixa e sordida vingança d'algum inimigo miseravel.

A longa convivencia, que tivemos durante quatro annos, com o infeliz sobre quem agora peza o enorme desgosto de sobreviver ao seu amigo; o completo conhecimento da sua bella alma e generosissimo coração, sempre prompto a praticar o bem; e os innumerados factos com que nos attestava diariamente a mais franca e leal camaradagem, auctorizam-nos a vir desmentir cathogorica e formalmente o labeu ignominioso, que se tem querido lançar no honradissimo nome de Edmundo Augusto Gorjão.

É para sentir que haja alguém tão cobarde que não recusasse perante esta infamia, a nós lamentamol-o profundamente; mas animamos a esperança da justiça do tribunal e incorruptibilidade do jury que ha de absolvel-o, restituindo-nol-o rehabilitado perante a opinião publica, como sempre tem sido innocente nas nossas consciencias.

(Seguem as assignaturas de todos os alumnos do 4.º anno de Direito.)

vassouras d'alecrim e os conegos ostentam as palmas ornadas de filetes prateados.

Aqui a cousa era outra.

A igreja estava litteralmente cheia d'arvores.

Eram loureiros cortados pelo pé, sustentados por tres ou quatro mocetões cada um, olhando satisfeitos para o ramo, apontando-o com a vista ás namoradas que lhe sorriam.

Batiam no tecto alguns, curvando as cruces de rosas.

Pensei então, com An'hero de Quental, que era necessario destruir a igreja; pois assim não chegariam ao tecto azul, purissimo.

A igreja assim era mais poetica.

O alecrim embalsamava o ambiente, as rosas destacavam-se n'aquelle fundo verde-escuro; e festões de laranjas pendiam dos ramos, pondo notas brilhantes n'elles tons carregados.

O fundo era escuro... os pannos esburacados tapando os nichos dos sanctos.

O padre desceu a igreja armado com o hyssope, murmurando umas palavras das quaes apenas percebi — *asperges me hyssopo*... o resto era apenas um murmurio que, como se costuma dizer, só ouviria quem estivesse em graça.

Julguei-me no tempo dos milagres; e, crendo ver no padre um thaumaturgo, esperei que, sob a influencia da agua benta derramada, rejuvenesceria a flor murcha do lou-

FOLHETIM

O PÁRA-RAIOS CATHOLICO

O inventor dos pára-raios, exigindo muito trabalho, precauções e o emprego de metaes caros, offendeu a economia, pois que aquelle, epparelho se pôde obter (muito simplesmente empregando alguns ramos de louro, agua benta e umas palavras magicas, dictas em latim.

Foi em ferias de Paschoa que nós tivemos occasião de ver construir centenares d'estes instrumentos apenas em alguns minutos.

Antes, porém, de darmos noticia do processo vamos fazer algumas considerações.

Vão desaparecendo muitas das superstições que entretinham a imaginação do povo ignorante.

Comtudo este adiantamento é pequenissimo; pois as doutrinas estacionarias lhe são constantemente ministradas pelos directores espirituaes — especuladores de consciencias timoratas.

A religião d'aquelle que mandava adorar o creador em espirito e viridade tem sido adulterada com praticas ridiculas, espectaculosas algumas, falsas quasi todas.

À semana santa imprimiram um caracter barbaro, selvagem até, que felizmente vae desaparecendo.

Já não apparecem os judeus pintados com pós de sapatos, barretinas de papel, acouitando um Christo de pau deante d'uma multidão lacrymosa.

O Longuinho, de grandes bigodes retorcidos, armado de lança colossal, já não perfura o pericardio do Redemptor para fazer brotar sangue e agua, facto que maravilhou a multidão ignara, mas que a sciencia explica hoje.

O centurião já não faz sciutilar a espada cingida por seu avô, capitão da guarda nacional, e que hoje é conservada como reliquia de familia, adjuncta á larga banda de retroz de compridas borlas prateadas.

Nada d'isso. O sr. bispo entendeu, a nosso ver, muito bem que aquillo eram espectaculos bons para entreter creanças e fazer chorar as beatas; porém pouco edificadores pelo que diz respeito a pureza de crenças.

É muito bom dar um passo na senda do progresso; mas é melhor dar dois, tres... não parar nunca.

Ainda se mostra ao povo a scena do encontro, onde um sacerdote, d'uma varanda ou logar similhante, forceja por fazer comprehender a dor de Maria ao ver o filho no caminho do Calvario, mas o povo rebelde pouco chora, e o padre ameaça fazel-o chorar

Darwin

Ch. Darwin, o notavel propugnador do transformismo, falleceu no dia 20 em Londres.

Relembremos aqui em homenagem aos profundos conhecimentos e immensos serviços prestados a sciencia pelo fallecido naturalista os factos mais salientes da sua vida trabalhosa e fecunda.

Nasceu em 1809 em Shernsbury, e casou em 1839 com a neta de Wedgwood, o celebre inventor de pyrometro d'este nome.

Erá neto de Erasmo Darwin, medico distincto, auctor de importantes trabalhos sobre physiologia e poeta de merito.

Ch. Darwin deu taes provas de competencia, durante o seu curso de sciencias naturaes nas universidades de Edimburgo e Cambridge, que em 1831, ao sahir das escolas, mereceu ser addido como naturalista a expedição scientifica do capitão Fitz-Roy.

Teve então occasião de visitar o Brazil, o Estreito de Magalhães, a costa occidental da America do Sul e as ilhas do Pacifico.

Os resultados scientificos d'esta viagem importante foram publicados primeiramente com o concurso de Owen e outros sabios na *Zoologia ou Viagem do Beagle, navio de s. magestade (Londres, 1840)*.

Em 1833 publicou, á custa da Sociedade Real de Londres, a *Monographia dos Cirrhopodes sesseis*, seguida d'um *Tratado sobre os cirrhopodes fosseis*.

Mas a obra mais notavel e apreciada de Darwin é a *Origem das especies por via de selecção natural ou leis da transformação das seres organizados*, publicada em 1859.

É n'este livro fructo de continuos trabalhos que se encontra a sua theoria sobre a origem dos especies, a que o consenso de todos as sumidades scientificas deu o nome de *darwinismo*.

Segundo Darwin todas as especies organicas, inclusivè a especie humana descendem por via de transformações successivas de tres ou quatro typos communs, ou por ventura d'um só.

Esta ideia não é original de Darwin. Podem encontrar-se-lhe os primeiros lineamentos, imperfeitos, vagas intuições geniaes, nos livros dos philosophos gregos e dos alchimistas da idade media. Mas é a partir de Maillet (1748) que notabilidades como Robinet (1768)—Lamarck (1806-1815), Geoffroy Saint-Hilaire e outros a definem e procuram fundamentar.

O que é original em Darwin são os meios de demonstração, é a descoberta das leis naturaes que explicam a origem das especies por accumulacão progressiva e fixação hereditaria de variações a principio leves.

A especie é apenas uma combinação artificial, necessaria para a commodidade. As

ro; porém, apenas vi limp-a da cara e os rapazes interromperem a mastigação das laranjas tiradas dos ramos para levarem as mãos ao nariz, fazerem uma careta e cortar uma ponta de alecrim. Nada mais.

Sahiu o povo, armado com os ramos, levando á frente uma cruz, na qual tinham dependurado um Christo coberto com panos pretos, e o padre entoando os psalmos.

Não era para fazer a apothose d'um heroe, apenas vi o rapazio ramalhando-se com os louros que o padre molhara com a agua benta.

Rodearam a igreja, encaminhando-se depois para porta.

La-me regosijando com a expectativa de me sentar, enquanto o padre se fosse revestir para celebrar a missa; mas enganei-me.

A porta estava fechada. Bateu o sacristão com o pé da cruz, berrou o prior palavrões mysteriosos; mas tudo foi baldado.

O sol aguilhoava-nos a testa descoberta; o padre, limpando o suor, continuava a pedir em altos gritos que a abrissem (pelos menos assim supuz), o sacristão batia mais rijo; mas nada.

A porta não se abria. Admirei que ella não percebesse o latim; pois tudo o percebe desde a machina, quando a benzem até ao diabo, quando o expulsam.

Por fim, o filho do sacristão compadeceu-se de nós, e dando a volta foi por outra porta abrir aquella a que batiam; e o Christo,

raças são especies em via de transformação, que se opera em virtude da *lucta pela existencia* e da *selecção natural*, cujos resultados são fixados pela *hereditariedade*.

A terra é um vasto campo de batalha, onde os individuos e as especies ferem a todo o momento os grandiosos e obscuros combates d'uma lucta constante e decisiva — a *lucta pela existencia*.

Os fortes, e os dextros para a lucta, aquelles que um concurso fortuito de circunstancias felizes protege — vencem; e succumbem os desprotegidos da natureza ou da fortuna. É a historia de todos os tempos. «Que combates se devem ter travado durante longos seculos entre as differentes especies d'arvores, espalhando cada uma annualmente milhões e milhões de sementes! Que guerra de insecto contra insecto, — e dos insectos, caracos e outros animaes contra as aves e as feras, esforçando-se todos por multiplicar-se, e alimentando-se uns dos outros...!» diz Darwin.

É d'esta maneira que a natureza faz a *selecção*. E vem depois a hereditariedade, conservando e accumulando os progressos, alcançados em cada geração no sentido da conservação da vida e da adaptação ao meio — d'onde resulta em ultima analyse a differenciação dos individuos dos seus ascendentes.

Esta theoria levantou violentas contestações, em que o interesse, scientifico muitas vezes desapareceu para dar lugar ao desabafo de mesquinhos rancores pessoais.

Hoje é uma theoria com partidarios como Haeckel, Vogt e Huxley, trabalhando vigorosamente na aquisição de provas decisivas.

Darwin publicou ainda, além d'outras meoas conhecidas as obras seguintes:

— Da variação dos animaes e das plantas sob a acção da domesticação.

— A descendencia do homem e a selecção sexual.

— Dos effeitos da fecundação crusada e directa no reino vegetal.

— A expressão das emoções no homem e nos animaes.

— As plantas insectivoras.

Alexandre Herculano

Vimos cumprir a promessa que fizemos no ultimo numero d'esta folha, referindo-nos a alguns escriptos do insigne historiador portuguez, A. Herculano.

É preciso accentuar bem que as indicações aqui exaradas, as colhemos directamente, se não todas ao menos quasi todas, do proprio solitario de Val de Lobos, de quem o padre Radamacker disse um dia — *Passei a Val de Lobos, mas não vi o LOBO DO VALLE*.

— B. G., homem que advogava e advogará ainda, accreditamos, a nefanda causa do jesuitismo, embora uns julguem sinceras as

envolto nos farrapos entrou em sua casa e com elle entrámos nós.

Já era tempo. De todos os lados sahio um suspiro d'allivio.

Isto de modo nenhum podia significar a entrada de Jesus em Jerusalem.

Christo, o soffredor por excellencia, de certo não sopportava a musica dos sacerdotes entoada com tanto calor.

A não ser no modo porque foi conduzido — lá n'um burro, aqui pelo sachristão — não vemos analogia.

Os rapazes ficaram de fora, e, em quanto eu ouvi missa, pensando no fim de taes ramos, fazendo rolar na calçada as laranjas de que outros pressa deescascavam.

As rosas desfolharam-se, e por fim fiquei pensando para que serviriam uns paus, de pennados por tanto bater, que elles levaram para casa.

O regedor explicou-me.

— Viu os ramos d'oliveira que elle nos deu?

— Vi. Julguei que era para que todos fossem munidos de ramos.

— É para lhe darmos os bolos d'hoje a oito dias.

E de facto no domingo immediato, o dia da ressurreição de Christo, batia o sachristão a todas as portas, enfeitado com uma toalha bordada ao hombro e um Christo dourado nas mãos.

suas convicções e outros as reputem fingidas e mentirosas, pretendeu instituir um estabelecimento de irmãs de caridade em A., povoação que pouco dista de Val de Lobos.

Sobre esta pretensão, enviou B. G. ao terrivel adversario da seita negra uma carta em que lhe rogava instantemente não impugnasse a realização d'uma ideia dos mais altos beneficios da caridade christã.

A. Herculano suppõe a principio B. G. atacado d'uma monomania religiosa, e assim impressionado lhe responde, dissuadindo-o de pôr em pratica o seu *reaccionario* pensamento.

B. G. insiste e replica. Herculano convence-se de que trata com um simples instrumento que o assignalado jesuita Miel aproveita para os seus execrandos fins e procede na qualidade de sincero amigo do pae de B. G. Dá-lhe prudentissimos conselhos em ordem a arrancar-o das garras aduncas do celebrado discipulo de Loyola.

Entendemos portanto que privar o paiz d'essas apreciabilissimas cartas, que o são sem duvida, é commetter uma gravissima falta, *maxime* na quadra actual, se acaso esses documentos existem nas mãos de quem legitimamente os pôde publicar.

Não alimentamos o minimo desejo de desconsiderar ou arrogar censura aos dignos testamenteiros do fallecido historiador; antes os apreciamos, porque tivemos occasião de avaliar e aquilatar as suas bellissimas qualidades em Val de Lobos, quando em *convivio intimo* admiravam extasiados o mestre Casal Ribeiro, Bulhão Pato, Sabugosa, Avelar e tantos outros, cujos nomes nos não occorrem.

Refiro-me ao interessante cavaco por um dos ultimos anniversarios do abalisado e distincto homem de letras.

No proximo numero da *Evolução* fallaremos d'outras cartas tambem importantissimas, que diziam respeito aos laboriosos e honrados habitantes de Vallada, quando as cheias em 1865 inundaram esta povoação, que faz parte do concelho do Cartaxo.

Lembram-nos algumas phrases d'essas cartas; publical-as-hemos, porque as ouvimos ao seu proprio auctor.

DITOS E PHRASES

— Ao soberbo não me faço grande por não ficar com elle em contenda.

— Ao doido não lhe atalho a furia.

— Ao nescio não trabalho por lhe dar razão.

Pastor Peregrino de R. Lobo.

Seguia-se-lhe o parcho de cota lavada e estola, bengala na mão direita, que ao entrar para casa dos freguezes mudava para a esquerda, empunhando com aquella o hysopo com que os orvalhava, murmurando o classico — *asperges me...*

Recitava depois o — *pax huic domui...* e desejando as boas festas ia repetir o mesmo a outra parte.

Era Christo que visitava seus filhos.

Assim m'o tinham dicto e eu assim o julguei.

Nova decepção.

Atraz do prior vinham homens com grandes cestos, onde despejavam os bolos, ovos, queijos, pão, tudo, em fim, o que os pobres freguezes punham nas mesas, cobertas de colchas escarlates e toalhas de rendas, as mais das vezes emprestadas.

E quantos não poseram alli o que deviam dar aos filhos, deixando a estes simplesmente um bocado de brã?

Já me esquecia.

O portador da agua benta, despejava na caldeirinha algumas moedas de prata tiradas aos parochianos.

Não me admirei de levarem o dinheiro; pois deviam pagar a agua benta, como se paga um baptisado ou outro qualquer sacramento.

O que eu não sei resolver é o problema que o logar para que o lançavam suggeriu ao meu espirito:

Mirabeau era o homem da ideia nova, da illuminacão subita, da proposição perigosa, arriscada.

V. Hugo.

Guardae-vos do fermento dos phariseus, que é a hypocrisia.

Jesus Christo.

A Innocencio 4.º chamou Alexandre 4.º antes de ser papa — *vendilhão d'egrejas*.

Bossuet chamou velhaco ao papa Eugenio 4.º.

A. H.

A santa igreja, enquanto vive esta vida de corrupções, não cessa de chorar os danos das vicissitudes por que passa.

S. Gregorio Magno.

Um arratel de coragem vale mais que uma tonelada de sorte.

Prefiro succumbir na justiça a vencer na injustiça.

Garfield.

— Acabo de assegurar que alguém lamentará a minha morte?

— Então que fizeste?

— Fiz o meu testamento, deixando a minha mulher toda a fortuna, com a condição de ella casar. Um homem, pelo menos, ha de sentir a minha falta.

O casamento é um livro que não vale o prefacio.

Não se deve escolher o homem, a quem o logar convenha, mas o que convier ao logar.

Napoleão 1.º.

As concessões e as dadas são um prato que abre o appetite.

Bismarck.

Era costume em alguns seminarios, á hora da refeição subir ao pulpito um alumno e ler alto um trecho de obra historica ou scientifica.

Não importa em que livro, o seminarista leu um dia:

«La pigüre du taon (ton)...»

— Diga *ta-hon*, replica o superior.

O rapaz passou adiante. Pouco depois pergunta:

— Senhor superior, devo tambem ler as notas?

Que destino dá o prior áquelle dinheiro?

Se elle é molhado com agua benta deve ficar bento, não deve entrar na circulação; pode passar para as mãos impuras d'uma meretriz.

Mas, podem-nos dizer, a agua evapora-se com ella a benção.

A isto digo eu: se a benção é inherente á agua, ha perigo de que ella condesando-se depois de evaporada venha a cahir n'uma.... A intelligencia do leitor suppre esta lacuna.

Os louros, como vi, tinham já um prestimo para o padre.

— E para que os levam para casa, perguntei eu ao regedor?

— Em tempo de trovoadas queimam-se e reza-se a — *magnifical* — e esta vai para onde não ha eira, nem beira, nem pé de figueira; fazem-se cruces e espetam-se no campo, e as cearas nada têm a recear dos temporaes.

Fiquei pasmado de tantas virtudes, disse para comigo.

Franklin, lançando ás nuvens de tempestade o seu papagaio-electrico, arremessou conjunctamente uma blasphemia ao creador, descrendo tacitamente dos louros bentos pelos seus apóstolos.

Coimbra, 26—4—82.

H. R. NOGUEIRA.

—De certo, para esclarecer o texto.
—Nota do editor, continúa o *ingenuo* seminarista: deve pronunciar-se *ton* e não *ta-hon*, como pretendem alguns ignorantes.
Tableau.

O amor é um mar semeado de escolhos, de que os velhos tentam livrar a mocidade; mas os mancebos querem arrostal-o e reclamam o seu direito ao naufragio.

X. B. Saintine.

Quantos são os sacramentos?
—Ora essa! são sete.
—Conforme. Em geral são seis.
—Como assim?
—Porque *penitencia* e *matrimonio* formam quasi sempre um só.

O amor dissimula todos os defeitos; a sociedade annulla todos os meritos.

Quatrelles.

Certa senhora, já edosa, tinha um genio insupportavel.

Fallando com um esculptor, de suas relações, dizia-lhe um dia:

—Sr. F., tenho a pedir-lhe uma grande fineza. Parece-me que morreria mais satisfeita, prometendo o sr. esculpir a pedra destinada ao nosso mausoleu de familia.

Desejava vel-a ainda. Procure alguma palavra, alguma phrase que exprima bem os sentimentos que eu deverei ter inspirado a quem me tiver conhecido. Peço-lh'o encarecidamente, senhor F.

—Pensarei, minha senhora, responde gravemente o artista.

Dias depois, o trabalho estava prompto. Por epitaphio, a seguinte inscripção,—lacoica mas expressiva:

FINALMENTE!!!

Ao despotismo da dor segue-se a marcha do pensamento.

José Estevão.

As grandes memorias, que retêm tudo indifferentemente, são donas de hospedaria e não donas de casa.

Suzanne Carchodde Nasse.

Um moribundo pouco tem que dizer, quando não seja levado a fallar por fraqueza ou por vaidade.

L'Abbé de Saint-Pierre.

Quem encontra um bom genro ganha um filho; quem encontra um mau genro perde uma filha.

A colera, nos grandes corações, é apenas uma necessidade urgente de perdoar.

Beaumarchais.

A alma da liberdade é o amor da lei.

Klopstock.

Adore ton pays et ne l'arpené pas.
Ami, Dieu n'a pas fait les peuples au compas.
L'âme est tout: quelque soit l'immense flot qui roule.

Um grand peuple sans âme est une immense foule.

Lamartine.

A musica é uma operação arithmetica, que a alma executa sem o saber.

Leibnitz.

Quando até ao dia d'hoje regeitou Roma dinheiro?

Na curia romana é mais facil entrar honesto do que tornar-se lá homem de bem.

S. Bernardo.

O breviario e o missal bracharense pre-

cisam de ser reformados por causa das suas intoleraveis patranhas e falsidades.

Frei C. Brandão—Arcebispo de Braga.

CAMBIANTES

SARAH BERNHARDT

Quando ella passou, na companhia do marido feliz, do decantado e *grego* Damala, senti que uma corrente mysteriosa de entusiasmo e loucura me desorientava o pensamento. Eu vi-a na serena magestade olympica do seu porte, envolta n'uma gloriosa atmospheria de luz e de renome.

Quando fitamos um assombro, que a pobre linguagem só pôde designar—*mulher*, quando nos sentimos arroubados na muda contemplação d'um prodigio, quem pôde alinhar duas phrases de pura cortezia e ôca banalidade? Subjugados, curvamo-nos e o silencio só pôde manifestar a singularidade d'aquella impressão estranha. Tambem o Sol vivifica, mas muitas vezes queima e pôde dar morte. Feliz a victima d'aquelle Sol assassino...

E os olhos? Tu, pacato leitor que tens crivado de significativos bocejos a leitura do que a penna tem vindo garatujando, não podes fazer ideia d'aquelle mixto de suave meigaice e de energica vontade, que nos olhos se lê. Que brilho singular! que irradiação de luz!

Imagina fundidos o limpido scintillar de mil constellações e a fita de luz que o relampago estende no vasto anil dos ceus e terá imaginado apenas as trevas que ella rasga com o fulgor de sua vista que deslumbra.

Aos primeiros movimentos do comboio, que ia partir, alguém teve a invejavel ventura de *lhe* oscular a pelle assetinada de seus dedos cor de rosa.

Feliz mancho! que n'um só momento inundaste de gloria a tua vida inteira.

BABINET.

Secção Pombalina

Consta-nos que o trajecto do cortejo civico é formidavel. Forma-se no Cães do Sodré ou Aterro, sobe a rua do Alecrim, seguindo pelo Chiado, rua Nova de Almada, rua do Ouro; tornea o Rocio, descendo a rua da Prata; passa depois em continencia por defronte do busto do Marquez, no Terreiro do Paço, e sobe a rua dos Fanqueiros para passar defronte da Associação Academica, destroçando no Rocio.

É este com pequenas alterações o trajecto provavel, segundo vemos d'uma carta que obsequiosamente nos confiou um amigo e condiscipulo, vinda da capital.

—O passeio fluvial deve tambem ser magnifico.

—O Orpheon de Lisboa vai continuando com rasoavel numero de associados.

O curso do 4.º anno de direito nomeou seus representantes, em Lisboa, os srs. Luiz Osorio e Pedroso Lima; e no Porto os srs. Antonio Feijó e Carneiro Gerales.

O curso do 2.º juridico nomeou seus representantes em Lisboa nas festas do centenário os srs. Solano de Abreu e Vicente Gomes.

Vão representar o curso do 1.º anno juridico em Lisboa os srs. Jacintho de Magalhães e J. d'Oliveira Machado. No Porto são representantes do mesmo curso os srs. Julio d'Araujo e João Pacheco.

—A hora em que escrevemos não foram ainda nomeados representantes dos restantes cursos de direito, assim como não estão ainda escolhidos os dois representantes ao Congresso.

—A faculdade de medicina nomeou seus representantes no congresso os srs. Joaquim Augusto Cambezes, do 5.º anno e Zeferino Candido Falcão, do 4.º anno; e nos festejos os seguintes srs. Joaquim Augusto Cambezes e José Affonso Baetta Neves do 5.º anno; Zeferino Candido Falcão Pacheco, do 4.º anno; Pompeu de Carvalho, do 3.º anno; Joaquim Martins Teixeira de Carvalho, do

2.º anno; Sebastião Peres Rodrigues e Julio Ernesto de Lima Duque, do 1.º anno.

—Os estudantes do lyceu de Coimbra nomearam seus representantes no congresso os srs. Francisco de Rato da Silva Villar e João Magrasó; e nos festejos Luiz Vasconcellos e Sousa, Ricardo Faria de Leão, Joaquim Tavares Festas, João Pedro Baptista, Antonio Marques Perdigo, João de Caires, Arthur Xavier Lopes da Silva, Augusto Coelho Sobral, Annibal Salter Cid, Aurelio Travassos Neves, Augusto Ferreira de Andrade e Jayme Augusto Ferreira de Abreu.

Publicações recebidas

Começou a publicar-se em Leiria *O Districto de Leiria* destinado a «prehencher a falta d'uma publicação periodica na capital d'aquelle districto» e a advogar sinceramente questões de qualquer ordem. Declara francamente professor em politica o *credo regenerador*. Transcrevendo a poesia de *Nini* do nosso estimavel collaborador M. Mesquita, publicada n'este jornal dirige-nos palavras de extrema amabilidade. Pelo *Progressista* sabemos ser seu redactor o talentoso advogado d'aquella comarca, o sr. Affonso Lopes Vieira. Agradecendo a distincta visita, desejamos-lhes longa e desassombrada vida. Promette analysar, exempto de preoccupações quaesquer actos das diversas facções da politica militante. Uma duvida nos suscitou a leitura do bem redigido semanario, sobre a qual ficamos a meditar. Diz elle fiar-se no *credo regenerador*. Em que differirá este *credo* de qualquer outro *credo* monarchico?!

Recebemos e agradecemos:

Perfis Artísticos—N.º 16—Sumario: *Jesus Monasterio* (Biographia). *Os classicos em musica*—F. Braga. *Historia d'um ménage*—A. Vargas. *O Theatro de S. Carlos* (Beatriz)—E. Lami. *Pelos Theatros*—C. Pinto *Musica e Dança*—J. Puigari. *A musica no estrangeiro*—Viator. *Chronica*—A. Vargas. *Echos*.

Pero Gallego—N.º 10.

Fröbel—N.º 1—interessante revista pedagogica que realisando o seu programma, é de summa utilidade. Traz um bello retrato de quem lhe deu o nome.

NOTICIARIO

Correu animadissimo o brilhante sarau litterario-musical que o club academico nos proporcionou na noite de 29 d'abril.

A plateia no entusiasmo de suas acclamações laureou justa e dignamente quem na musica e na poesia manifesta titulo tão subido ao nosso respeito e á nossa admiração.

Fez parte do sarau uma conferencia, relativa ao marquez de Pombal. O conferente, o sr. A. Paço Vieira, um intelligente e sympathico academico, que ha muito reconhecemos de merito indiscutivel, apresentou a largos traços, firmes e correctos, o meio em que a poderosa energia e lucida intelligencia do celebre ministro teve de se desenvolver; lamentou, em palavras dignas e severas, que no espirito d'alguem se formasse a ideia tresloucada de suster o impulso dado pelo notavel estadista á instrucção e á liberdade, que d'aquella depende, e citou algumas das largas reformas que o marquez havia realisado.

Foi algumas vezes interrompido pelos *bravos* e *apoiados* que soltava a assembleia e terminou recebendo estrondosa ovação.

Pela notavel e geral impressão que fez na assembleia, deveriamos especialisar, na parte puramente litteraria, além de Luiz de Magalhães, o mimoso poeta e recitador insigne auctor de *As algas do mar*—Luiz Osorio.

Ferreira da Silva, alvo de vivas sympathias, disse adoravelmente uns versos de Guerra Junqueiro e de João de Deus, maravilhando-nos com a sua pronunciada vocação artistica.

Na parte musical, o sarau correspondeu

plenamente ao que o publico já esperava de executantes distinctos como a familia Croner, a cujo merito já tivemos occasião de render nossa homenagem. O sr. J. L. Dias deliciou-nos cantando bellamente *I due Foscari* (Verdi) e *Dormi pure* (Scuderi). Finalmente sarau, que terminou com *Ernani* (a quatro mãos) por A. Cardoso e A. de Castro, sendo muito applaudidos, fez-nos esquecer por algumas horas a monotonia da cidade.

O nosso agradecimento pela fineza do bilhete que tiveram a amabilidade de nos offerecer.

Ao nosso distincto collaborador e sabio archeologo, o ex.º sr. Gabriel Pereira, pedimos desculpa de não publicar hoje a continuação dos interessantes documentos que á sua obsequiosa bondade nos cumpre agradecer. Tão preciosa collaboração como a de s. ex.ª é da maxima utilidade para todos os leitores e distingue honrosamente o nosso semanario.

Sahirão no proximo numero; e novamente agradecemos tão obrigante fineza.

O dia 1 de maio traz-nos á lembrança o famoso combate que se feriu no Alto do Viso, ha 35 annos. Anniversarios: não estes que é um dever noticiar. Fazem-o, reconhecidos aos bravos combatentes que n'elle tomaram parte.

Ha poucas horas ainda, abraçamos um d'elles—Antonio Croner, que entre nós esteve alguns dias, na companhia de seu estimavel irmão Raphael Croner e de sua ex.ª sobrinha, que todos regressaram á capital. Aproveitamos o ensejo para lhes tornar publica a nossa sympathia e saudade cordeal.

Chamamos a attenção dos nossos leitores para as duas citações que na secção *Ditos e phrases* fazemos de S. Bernardo e Caetano Brandão.

Ninguem ousa pôr em duvida as qualidades religiosas que recomendavam estes dois luminares da igreja.

Pois bem. Leiam aquellas memoraveis phrases e digam se elles deviam ou não ter provadas razões para escrever aquellas tremendas verdades.

Extrahimol-as dos *Opusculos* do sr. A. Herculano, onde vem publicada a notabilissima carta, que se intitula—*Eu e o Clero*.

Enfermou gravemente o ex.º sr. com menda. Filipe José de Vilhena.

Consta-nos, porém, que s. ex.ª vai melhor, pelo que nos felicitamos, felicitando tambem s. ex.ª familia.

Se bem nos lembramos, a Suecia celebrou a 10 de janeiro de 1878 o centenario da morte de Linneus, o sabio naturalista, fazendo festas ruidosas em Upsal e Stockholmo.

Os livros e collecções d'este homem de sciencia existem na Inglaterra, onde as levou em 1783 um estudante inglez, que os comprara baratissimos e com ellas constituirá então o nucleo d'uma bibliotheca importante—a *Burlington*.

Em 1788 o mesmo estudante, James Edward Smith, fundava uma sociedade *linneana*, que se perpetuou até aos nossos dias.

Corria o anno de 1806, quando os sabios suecos imitaram os seus illustrados confrades da Grã-Bretanha. A Sociedade *linneana* da Suecia conta hoje aproximadamente 700 associados.

Encontraram-se em Roma bastantes manuscritos n'uma camara do collegio dos jesuitas.

Quando o governo italiano tomou conta d'este estabelecimento, houve occasião de se observar que faltavam muitas obras de valor, inscriptas no catalogo da bibliotheca.

Dois jesuitas, que sabiam do esconderijo, revelaram o segredo ás auctoridades, e, entre os thesouros que ali existiam, havia cartas geographicas do seculo V e um exemplar manuscrito, datado de 1693, que se julga unico e original, da *constituição da Sociedade de Jesus*.

Realizou-se nesta cidade no dia 30 a inauguração solenne da *Delegação da Sociedade de Geographia Commercial do Porto*.

A sala estava quasi completamente cheia com os socios e numerosos convidados entre os quaes dois membros da *Sociedade de Geographia Commercial do Porto*.

Abriu a sessão o digno presidente d'aquella sociedade, o sr. dr. Augusto Rocha, com um eloquente discurso.

Fallou tambem o socio, nosso collega n'esta redacção, o sr. Motta Veiga, que agradeceu pela maneira singela, com que disse das cousas da Africa, que conhece *de visu*, muitas verdades amargas.

Tiveram ainda a palavra os dois illustres delegados do Porto, os srs. Leonardo Torres e dr. Mendonça, que dissertaram muito proficientemente sobre as necessidades mais urgentes do nosso commercio e industria, etc. etc.

Agradecemos cordealmente o convite com que fomos honrados.

Já se acha em Coimbra o nosso distincto correligionario Alexandre da Conceição, transferido da Figueira para esta cidade.

Realizou-se, hoje mesmo, a eleição, no curso do 3.º anno juridico.

Representam-no nas festas pombalinas os srs. D. Luiz da Costa Macedo e João Menezes Pitta, em Lisboa; Leopoldo Mourão e Salles de Mesquita, no Porto.

Vão representar o curso do 5.º anno juridico:—em Lisboa os srs. Mendonça David e Eduardo Campos; e no Porto—não nos lembra quem.

Esqueceu-nos dizer que representam no Porto o 4.º anno juridico os srs. Antonio Feijó e Carneiro Gerales.

Errata importante:—Na columna 6.ª do folhetim, o periodo que começa: *«Os rapazes ficaram...»* deve ler-se, assim completo:—*«Os rapazes ficaram de fora, e, enquanto eu ouvi missa, pensando no fim de taes ramos, acautavam-se com elles, fazendo rolar na calçada as laranjas, que outros de pressa descascavam.»*

Correspondencia

ADMINISTRATIVA

Tendo-se recebido ultimamente algumas assignaturas para este semanario, temos mandado aos novos assignantes os numeros saídos a contar do 16.º, a fim de regularmos as contas com esses assignantes em harmonia com a forma de pagamento que de principio adoptamos.

Lisboa—Recebemos ha tempo do sr. João Luiz Alcantara um pedido, que satisfizemos, de todos os numeros d'este jornal a contar do 11.º e a sua assignatura para a 2.ª serie, declarando-nos que já n'outra carta enviára em estampilhas a quantia de 440 réis. Certos da verdade d'esta asserção pela prohibidade de quem a faz, e attribuindo a desvio n'esta administração ou irregularidade do correio o não recebemos aquella quantia, consideramos paga a sua assignatura até ao fim da 3.ª serie com a quantia que recebemos posteriormente ao aviso de que acompanhamos a primeira remessa.

Odemira—Recebemos d'esta localidade a importancia relativa á segunda serie de todas as assignaturas que ali temos. Ao nosso estimavel correspondente agradecemos o cuidado e pontualidade que tem empregado no desempenho d'este encargo que obzequiamente tomou.

Loulé—Recebemos do nosso estimavel correspondente a importancia das assignaturas que temos n'esta terra. A este cavalheiro agradecemos a sua dedicacão.

Guarda—Em resposta ao que n'esta secção dissemos no numero 19 relativamente a nove individuos da Guarda a quem desde os primeiros numeros temos enviado esta folha, apenas recebemos do sr. Bartholomeu L. Pereira 300 réis com que ficou paga a sua assignatura até ao numero 19. Dos outros srs.—nada, nem sequer a devoluçãõ d'alguns numeros que porventura conservassem com o que declaramos nos julgavamos satisfeitos. Arrepentemo-nos agora de

havermos desattendido as advertencias d'algum que nos prevenira de que na Guarda ha muito o costume de assignar e receber, mas não pagar.

Lagos—Brevemente pedimos a um nosso amigo ali residente promova a cobrança das assignaturas relativas a 1.ª serie, podendo por essa occasião os srs. assignantes fazer quaesquer reclamações relativas a falta de numeros de que se queixam e de que nós não teriamos conhecimento a não ser pelos recibos que nos foram devolvidos. Ao sr. Saraphim de Brito temos a dizer que com effeito algum nos encommendou o *sermão*, sem o que não lhe teriamos enviado o nosso jornal, pois não temos o gosto de o conhecer pessoalmente nem tampouco de nome como qualquer notabilidade; resta-lhe por tanto agradecer a quem encommendou o tal *sermão* que lhe deu em resultado receber jornal *gratis* por alguns mezes. Quanto aos numeros que diz ter devolvido, não recebemos um sequer.

Diz-nos o sr. Marreiros Netto: Não pago porque o jornal vem para Joaquim Carreira Netto e eu sou João Marreiros Netto. Esta extranha resposta suggere-nos a seguinte pergunta: Se o jornal vai para Joaquim C. Netto porque o vai recebendo o sr. Marreiros Netto, e, se o recebe, porque não o paga?

Do sr. Francisco Corte-Real recebemos 300 réis com que fica paga a 1.ª serie, na hypothese de que lhe não têm faltado numeros, o que o sr. Corte-Real não accusa.

De varias localidades temos recebido algumas quantias para pagamento d'assignaturas, o que agora não liquidamos, porque basta para conhecimento dos nossos assignantes o não serem comprehendidos na cobrança a que vamos proceder pelo correio.

Prevenimos os srs. assignantes da *Evolução* que, deixando de receber regularmente esta folha, o façam immediatamente sentir á administração, LARGO DA FEIRA, N.º 4.

Cartaxo

Correm propicios os tempos aos lavradores, que ainda no anno passado haviam perdido o seu valioso trabalho e sementes, e tiveram de pagar as rendas, sem que lhes descontassem qualquer quantia.

—As vinhas apresentam-se com excellente aspecto, promettendo uma nascença d'uva em abundancia.

—Os olivedos tambem agradam porque deixem esperar, se o tempo lhes for favoravel, uma safara fertil.

Parece-nos que vai um anno geralmente animador o que bem preciso se tornava, em virtude da crise agricola que esmaga este concelho.

As sessões camararias continuam interessantes.

Os murros sobre a mesa, que está na casa das sessões, ouvem-se até na pharmacia do nosso presado amigo Abilio Guerra, onde fazem estremecer os que ali se reúnem em agradável cavaco, discutindo aquelle celebre officio do regedor de Val da Pinta em que elle certifica *in fide parochi*, á imagem e similança do seu respectivo pastor.

Foi-se embora o administrador Rangel de Sampaio. Quanto á nós simplesmente diremos—*Deixal-o ir*.

Tem passado bastante adoentada a ex.ª sr.ª D. Josefa Caldas, a quem desejamos do coração promptas melhoras. Trata esta virtuosa senhora o distincto facultativo sr. Manuel Gomes da Silva. Oxalá que s. ex.ª colha os resultados satisfatorios, de que é digna pelas suas nobilissimas qualidades.

Alcobaça, 17 de abril

Quando nos propuzemos escrever as correspondencias d'Alcobaça para a *Evolução*, tivemos em vista dizer a verdade, pezassem a quem pezassem, sem distincção de partidos. Não temos odios pessoais, e, se os tivéssemos, nunca nos levariam a mentir. O que

temos escripto para a *Evolução* não é mais que a expressão sincera das nossas convicções baseadas no conhecimento pessoal dos factos, e corroboradas pela opinião publica que se tem pronunciado abertamente a favor do que temos escripto. Dissemos e sustentamos que é prejudicial para Alcobaça o predomínio, embora parcial, de um homem, apto é verdade para o commercio, mas inhabil para a direcção dos negocios publicos. Com esse predomínio, Alcobaça é altamente prejudicada nos seus interesses, que são despresados, em virtude da incapacidade de quem os dirige, da má fé, do favoritismo exclusivo aos partidarios de uma politica e da perseguição aos de politica contraria.

Alguns individuos, poucos, teem querido impugnar uma ou outra das verdades que dissemos nas correspondencias passadas, mas a defeza é tão triste, tão incoherente, até mesmo tão accusadora, que melhor seria deixarem a lingua em descanso, para bem dos seus peccados.

Finhamos dicto que a camara, ou quem a dirigia, não dera um só passo para a recepção do legado Brillhante, com manifesto desprezo dos interesses do municipio. Pois houve alguns partidarios do presidente que affirmaram que a camara nomeara logo um advogado para tractar d'esse negocio!

Fazem favor de me dizer, como se chama o tal advogado, em que academia do mundo se formou, os passos que deu e que resultado tirou a camara da sua nomeação?

Dois annos e meio depois da morte do dr. Brillhante, vendo o sr. dr. Alvaro Possollo que a camara d'Alcobaça nem um passo tinha dado para receber aquelle importante legado, offereceu-se espontaneamente para tractar d'esse negocio e a camara accitou o offerecimento d'aquelle intelligente advogado, mas ainda com certa repugnancia. Será esta a verdade ou não?

Dissemos que a camara, desprezando os interesses do municipio, entregara os açougues nas mãos de certos individuos.

Houve tambem quem affirmasse que a venda das carnes era livre e que portanto a mentira era flagrante!

Ora vamos a vêr.

Proximo á ultima eleição de deputados, pôz a camara em arrematação o fornecimento da carne para esta villa, Pederneira e S. Martinho do Porto. A carne estava então a 200 réis o kilo, e, como o negocio eleitoral se achava em más condições n'uma freguezia importante, foram chamados os influentes d'essa terra que negociam com os açougues, e offereceu-se-lhes o augmento de 40 réis em kilo, se elles trabalhassem a favor do partido regenerador, o que foi accite. Os habitantes d'Alcobaça, sem distincção de partido, levantaram-se contra semelhante abuso, e a camara, para attenuar a impressão produzida por aquelle favoritismo, concedeu a liberdade no fornecimento da carne, isto é, a permissão de se estabelecerem diversos açougues. A liberdade, portanto, consiste hoje no numero de açougues e não no preço da carne que ficou a 240 réis o kilo, ao passo que anteriormente era 200 réis. Será esta a verdade ou não?

Passemos a outro assumpto sobre o qual, segundo informações dignas de todo o acatamento, expectorámos ao publico um monstruoso *carapetao*!

Instaurou-se na repartição de fazenda d'aqui um processo por subtração aos direitos. Este processo foi autoado, intimado o agente do ministerio publico para nomear louvados que avaliassem os bens comprados. Foram intimados os louvados para prestar juramento. Extrahiu-se do processo a relação dos bens que lhes foi entregue para a avaliação. Onde existe esse processo? Se não está na repartição de fazenda e se o sr. escriptão de fazenda por estar ha pouco n'esta terra, não sabe d'elle, deve ter ao menos quem o informe da verdade.

Entregou-se, pois, a relação dos bens aos dois louvados,—da fazenda publica e da parte, que cumpriram o seu dever, e, como houvesse empate na avaliação, entregou-se a relação ao desempatante. Este dirigiu-se ao louvado da fazenda publica para que fizesse algum abatimento na sua avaliação de reis 4:300\$000, e não sendo attendido, guardou a relação. O desempate ficou para as calendas, e a fazenda publica prejudicada.

É porque n'esta terra ha mais *rubicundos* do que era para desejar.

Se o agente do ministerio publico e o sr. escriptão de fazenda derem andamento a este negocio, veremos em que pára o descomunal carapetao que impingimos ao publico!

(Do nosso correspondente)

EDITAL

Lyceu Central de Coimbra

PELA REITORIA DO LYCEU CENTRAL DE COIMBRA SE FAZ SABER QUE:

1.º Os alumnos estranhos que pretendam fazer exames de passagem, finaes de disciplinas ou singulares d'uma disciplina completa na proxima epocha devem entregar na Secretaria os requerimentos, devidamente documentados e despachados, desde o dia 10 do corrente mez de maio até ao dia 31 do mesmo mez; na certeza que passado este dia nenhum requerimento será recebido (Secção I das Providencias regulamentares, art. 68.º) devendo os alumnos attender a que:

a) Qualquer que seja o numero de exames, que pretendam fazer, a admissão a todos deve ser pedida n'um só requerimento e apresentado dentro do prazo acima designado. (S. I, art. 68.º, § 1.º)

b) Os documentos com que devem ser instruidos os requerimentos para admissão a exames de passagem são os exigidos no art. 64.º; porém, se o alumno requerer a admissão a mais d'um exame de passagem da mesma disciplina, deverá juntar sómente o documento exigido n'aquelle artigo para o 1.º d'estes exames, devendo successivamente ir apresentando ao secretario os que são necessarios para os subsequentes exames, á medida que for fazendo os anteriores, no caso de n'elles ficar aprovado (S. I, art. 68.º, §§ 1.º e 4.º).

c) Os requerimentos devem designar o nome, filiação, naturalidade e districto á que esta pertence, assim como as disciplinas, ou annos do curso em que os alumnos pretendem ser examinados e se a admissão é definitiva ou provisoria (S. I, art. 68.º, § 2.º).

d) Os requerimentos serão feitos e assignados pelos proprios requerentes e a letra e assignatura reconhecidas por tabelião ou abonadas de verdadeiras pelo secretario do instituto ou por algum dos seus professores (S. I, art. 73.º).

2.º A assignatura dos termos terá logar nos dias 8, 9 e 10 de junho das 2 ás 4 horas da tarde pelos proprios alumnos ou por seus bastantes procuradores (S. I, art. 68.º).

3.º Para ser admittido a mais d'um exame de passagem da mesma disciplina é preciso satisfazer á condição exigida no § 1.º do art. 20.º, da S. II.

4.º Para ser admittido a um ou mais exames finaes de disciplinas é preciso satisfazer á condição exigida no art. 24.º da S. II.

5.º O processo de admissão aos exames de sahida, quando requeridos conjunctamente com outros que habilitem para a admissão a elles, é exactamente o mesmo que o prescripto nos n.ºs antecedentes: quando porém se requiera unicamente exame de sahida, os requerimentos poderão ser entregues até ao dia 15 de junho e a assignatura dos termos terá logar no dia 22 do mesmo mez (S. I, art. 69.º).

6.º É prohibido requerer a admissão ao mesmo exame em mais d'um lyceu na mesma epocha; os contraventores incorrem na pena de nullidade do exame e da perda das propinas (S. I, art. 67.º e 62.º, § unico).

7.º As propinas de matricula que o alumno tem de pagar são:

a) 13\$500 réis pelos exames de passagem d'um anno completo do curso (S. II, art. 19.º, § unico).

b) 13\$500 réis por todos os exames de passagem que o alumno pretenda fazer, ainda que estes exames pertençam a diferentes annos do curso (S. II, art. 20.º, § 3.º).

c) 13\$500 réis por todos os exames finaes (S. II, art. 24.º, § 2.º).

d) 6\$000 réis por cada exame de sahida (S. I, art. 70.º).

e) 9\$000 réis por cada exame singular d'uma disciplina (Id.)

Secretaria do Lyceu Central de Coimbra, 1.º de maio de 1882.

O Secretario,

José Joaquim Manso-Preto

A nossa theoria historica representa necessariamente a realza moderna como o unico resto capital do antigo regimen das castas.

A. COMTE, Cours de Philosophie positive, t. VI, pag. 298.

A EVOLUÇÃO



Com os progressos da cultura geral o governo republicano deve e não pôde deixar de estabelecer-se em todas as partes do mundo.

E. DE HARTMANN, Philosophie de l'Inconscient, t. I, pag. 430.

SEMANARIO REPUBLICANO

Caminhamos para um ideal politico em que a acção do governo será reduzida ao minimo e a liberdade elevada ao maximo grau compativel com a liberdade dos outros.

H. SPENCER, Classification des sciences, pag. 119.

N.º 23

NUMERO DO CENTENARIO DO MARQUEZ DE POMBAL

COIMBRA 8 DE MAIO DE 1882

O MARQUEZ DE POMBAL

Completam-se hoje cem annos depois que se finou o homem de ferrea energia e de acendrado patriotismo que Portugal glorifica, neste momento, com uma grande explosão triumphal de alegria e de jubilo.

E é bem que o paiz, que premiou Camões com a miseria e Sebastião de Carvalho com o exilio e a deshonra, pague hoje a divida sagrada ao estadista, como já saldou a que contrahira com o poeta.

Quando a nação portugueza reivindica para a gloria o nome do heroe que mais nobilitou e engrandeceu a patria; quando o paiz rememora essa figura gigantea que projecta sobre a historia um largo rasto de luz, ha muito quem lhe regateie os meritos e lhe conteste a gloria, ha muito quem levante, aqui e além, um surdo rumor de hostilidade e odio.

São os espiritos dementados e rancorosos, noctivagos cuja pupilla está affeita ás trevas, cerebros mergulhados no tenebroso mar da insciencia e da loucura.

Felizmente os que outr'ora apertavam e constringiam a humanidade n'um circulo estreitissimo de dogmas e de embustes, vemol-os hoje, espancados pela luz, affastarem-se, em circulos cada vez mais largos, até se perderem afinal na longiqua vermelhidão sangrenta dos occasos.

Synthesisar os serviços prestados á patria pelo Marquez de Pombal, dar uma idéa generica da sua proficua administração é um trabalho herculeo, perante o qual nos sentimos pequenos e mesquinhos.

Enumerar e apreciar os resultados da sua prodigiosa actividade, dizer como elle, no quieto cogitar do gabinete, delineava o plano d'uma reforma integral da instrução publica, ao mesmo passo que, nas luctas da diplomacia e da politica, contava os triumphos pelas batalhas, fazendo-nos respeitados e temidos,—é a tarefa brilhante de que se desempenham magistralmente as celebradas pennas que hoje nos honram com a sua collaboração.

A um facto apenas nos referiremos: a expulsão dos jesuitas.

Quando, em 1769, Clemente XIV subiu á cadeira pontificia, lavravam as maiores divergencias entre Portugal e a curia romana.

Tendo o sacro collegio participado a D. José a eleição d'este papa, Pombal escreveu a minuta da resposta que foi enviada pelo monarcha.

Depois d'isto, Clemente XIV fez de Pombal o seu filho dilecto. Concessões, protestos de amizade, presentes, honras, nada lhe faltou, nem sequer a gloria, tão ardentemente desejada por elle, de alcançar de Roma a abolição da ordem dos jesuitas. A bulla «Dominus ac redemptor noster Jesus Christus» confirmada desde logo por D. José, aboliu finalmente aquella companhia execranda.

Como portuguezes, vimos hoje curvarnos perante a memória d'aquelle que, na phrase justissima d'um historiador francez, caminhou sempre em linha recta para um unico fim—a grandeza do seu paiz.

Como academicos, veneramos no Marquez de Pombal o sabio reformador, quasi diriamos o portentoso creador, da instrução nacional.

elle, na fecunda e assignalada reforma da Universidade, o primeiro a abrir a livre concorrência do ensino particular com o ensino publico, a proporcionar-lhe meios e a estabelecer-lhe preciosas garantias.

Um dos seus mais valiosos titulos de gloria foi haver comprehendido:—que todo o progresso social, politico, economico, administrativo, moral e juridico, de qualquer estado, é impossivel sem o previo e proporcional desenvolvimento mental da sua respectiva população, e que é prefe-



O MARQUEZ DE POMBAL

Como republicanos, glorificamos n'elle o homem que nivelou as classes, que libertou os escravos, que extinguiu privilegios, que abateu orgulhos e que expulsou d'esta nação os inimigos confessos da civilisação e da liberdade.

Que se junte, pois, ao concerto festivo que resôa por todo o paiz, a nota humilima, mas sincera, da nossa admiração e do nosso preito.

A REDACÇÃO.

O MARQUEZ DE POMBAL

A LIBERDADE DE ENSINO

A mais bella e significativa demonstração, que a mocidade Academica podia fazer, em honra e para gloria do sabio e energico ministro Sebastião José de Carvalho e Mello, é incontestavelmente a fundação de um INSTITUTO DE ENSINO LIVRE; não só pelo assiduo cuidado e apurado esmero, que a instrução publica, em todos os graus, mereceu ao grande homem, o primeiro que, em Portugal, presentiu a futura transformação do estado theologico feudal em estado scientifico industrial, a qual tão vigorosamente se vae operando em nossos dias; mas tambem por haver sido

rivel a dissolução d'esse estado e a morte d'essa nação a vèl-a arrastar uma existencia miseravel nas trevas da ignorancia e do fanatismo;—que a actividade esclarecida do homem de estado, como actividade dirigente e complementar das actividades parciaes em que se decompõe o poder de uma nação, deve, assidua e desveladamente, empregar-se na boa direcção do espirito e genio dos povos, dando á instrução publica uma constituição organica persistente e perfectivel.

Determinado por estes dous poderosos motivos, concebeu o grande renovador e reformador da sociedade portugueza, no seculo XVIII, um vasto e complexo plano de instrução e educação publica. Para o executar eficazmente era indispensavel o exercicio energico de duas funcções: uma critica e negativa e, por isso, demolidora; outra positiva e organica, e, portanto, renovadora.

Concebe-se facilmente que um paiz,—assolado pelo jesuitismo dissolvente que desnor-teava, e, corrompendo, enfraquecia as intelligencias na lucta civilisadora do progresso mental e scientifico para as immobilisar, agrilhoando as ao poste ignominioso da superstição e do obscurantismo theologico-papal,—em um paiz onde a

inquisição amedrontava as consciencias e queimava na chamma devoradora dos seus autos de fé os melhores livros de propaganda scientifica, e carbonisava os seus humanitarios e intrepidus auctores,—em um paiz onde o ensino era monopólio da Companhia de Jesus, a escola dependencia dos conventos e succursal das sacristias e dos confissionarios,—em um paiz submettido a tão perniciosas influencias educadoras e em taes condições de mentalidade, comprehendese que, para reformar ou renovar a instrução e a educação publica, era forçoso demolir até os fundamentos o passado e o presente, antes de levantar novas e solidas edificações para o futuro.

Começou, pois, por atalhar ou melhor ainda por destruir radicalmente os abusos que se haviam introduzido na educação do povo, que a SOCIEDADE DE JESUS se esforçava por fazer estúpido, fanatico, passivamente subordinado aos seus tenebrosos planos de absorpção e poderio absoluto, e a INQUISIÇÃO apenas alumiaava com o sinistro clarão das suas fogueiras fraticidas.

Removidos os grandes obstaculos, contados pela raiz os enormes abusos, inteiramente esgotado o pantano deleterio, do qual se levantavam e difundiam os miasmas da corrupção jesuitica, começou de pôr em execução o seu vasto e complexo projecto de direcção e administração litteraria e scientifica, destinadas a preparar, em todas as classes, cidadãos capazes de cooperar por seus talentos e habilitações adequadas á grandeza, poderio e aperfeiçoamento do estado social portuguez.

E assim o vemos, em 1766, inaugurar, com luzimento e apparatosa pompa, o Collegio dos nobres, destinado á educação intellectual e moral das classes aristocraticas, e cujo programma abraçava as letras, as sciencias e as bellas artes, tudo quanto, dignamente, podesse fazer realçar, em meritos superiores adquiridos, a hereditaria superioridade do nascimento e dos bens de fortuna.

E provendo assim, com tanta liberalidade, rasgadamente á educação dos filhos dos nobres e opulentos, não descurou a educação dos ignorados filhos do povo indigente e humilde, antes nisto, como em tudo, observou rigorosamente o principio de uma bem entendida egualdade relativa, sem duvida como se comprehende hoje, mas que os nossos governos de hoje evitam cumprir e observar escrupulosamente.

A fundação do instituto ou collegio, destinado para a educação e instrução dos filhos das classes nobres e ricas, seguiu-se immediatamente a criação de escolas para os filhos das classes populares e desvalidas: a estas escolas publicas deviam concorrer os filhos dos artífices e das familias pobres, para ahí, durante pelo menos oito annos, receberem os beneficios da instrução primaria e elemental, e fazerem a aprendizagem de um officio ou arte, que os habilitasse a ganhar, honradamente, os meios de subsistencia e a agenciar as condições de sua independencia no estado social.

O digno e generoso ministro, creando escolas elementares e profissionais em beneficio do povo, manifestou claramente o desejo e a intenção de que nem uma só villa, nem uma só aldeia deixasse de ter professores capazes de educar e instruir a

mocidade portugueza, em tudo aquillo que é absolutamente indispensavel a todo e qualquer homem, seja qual for o seu estado e condição. A ignorancia, pensava elle, é a maior das vergonhas nacionaes: e para combater a ignorancia do povo lutou elle constantemente, infatigavelmente; se conseguiram affastal-o da luta, não puderam vencer-o nos ataques que o genio d'este grande homem dirigiu, sem treguas nem hesitações, contra o obscurantismo resistente e a obstinada reacção politica e religiosa do seu tempo.

A estas reformas vieram ajuntar-se outras providencias importantes e complementares, taes são:—o impulso e desenvolvimento dados á arte typographica e á imprensa;—a traducção dos melhores livros francezes e inglezes, para que o espirito moderno e as ideias novas penetrassem e se acclimatasssem em Portugal;—a instituição de um subsidio annual em favor das letras;—a suppressão de muitos conventos inuteis, transformados, com suas rendas, em casas de educação e beneficencia, e por ultimo, como remate e magestosa cúpula, para construcção de tão solida e magnificente fabrica,—a reforma da Universidade de Coimbra, em 1772, que bem melhor se poderia chamar creação do ensino superior; pois era tal e tão deploravel o estado a que a invasão e influencia jesuitica haviam reduzido o nosso primeiro estabelecimento scientifico e litterario, que, no dizer de um escriptor, a Universidade só produzia ignorantes, tanto mais perigosos, quanto mais sabios queriam parecer e se inculcavam.

E' nos famosos e, em todo o mundo, celebres *Estatutos*, com que o Marquez de Pombal dotou, em 1772, a Universidade de Coimbra, que se ostenta, em toda a sua grandeza e intensidade, a luz brilhantissima do seu eminente genio reformador.

É tambem n'esses *Estatutos*, que muitos hoje condemnam sem os julgar, por os não haverem lido, e outros deprimem por excessivamente autoritarios e retrogradados, que se lançaram as bases, e estabeleceram os meios e as garantias do ensino livre e da concorrência do professorado particular com o magisterio publico, na elevada funcção de adquirir e propagar as sciencias.

E para lição de todos, e principalmente d'aquelles que, por ignorancia, desconhecem a organização dada por Pombal á Universidade, ou, por má fé e malevolencia, se persuadem que, deprimindo a reforma josphina, rebaixam o nosso primeiro instituto official de ensino superior, o qual, á parte algumas alterações, ainda hoje vive e governa por tão alevantado, completo e perfectivel systema organico e disciplinar, aqui transcrevemos as partes principaes dos *Estatutos*, que se referem á liberdade de ensino e á concorrência do professorado particular com o professorado publico e official na mesma Universidade.

«Quanto mais se multiplicarem as Lições das Escolas; tanto mais se multiplicarão os Instrumentos do Ensino publico; e tanto mais se augmentarão os meios de se adquirir, e propagar a Sciencia.

2 Pelo que havendo alguns Doutores (e ainda Bachareis) que para seu exercicio queiram ler nas Escolas; farão Petição ao Reitor, para que lhes assiné Aula, e hora, em que leiam; declarando a materia, em que quizerem ler.

3 O Reitor fará examinar as ditas Petições pela Congregação da Faculdade. Se elles tiverem a capacidade, a Sciencia, que se requerem para serem admittidos a ler publicamente nas Escolas; e se a materia, que elles quizerem ler, for util, e conveniente ao bom progresso dos Estudos; e puder servir de proveito aos Ouvintes; então se lhes concederá a licença pedida.

4 E neste caso, não só se lhes assina-rão Aulas; e hora, em que leiam; aproveitando-se para este fim a *Terceira Hora* da tarde, por nella terem já cessado as Lições Ordinarias dos Professores Publicos; e poderem os Estudantes, que quizerem utilizar-se das ditas Lições Extraordinarias, assistir a ellas, e ouviras, sem que por causa dellas se divirtam, e se apartem das proprias Aulas, e deixem de ouvir as Lições Ordinarias dos Mestres; mas tambem se promoverão as mesmas

Lições Extraordinarias; louvando-se muito aos Leitores dellas a sua applicação, e projecto.

6 Os Oppositores, ou Bachareis, que quizerem exercitar-se nestas Lições, cuidarão muito, em que ellas sejam fructuosas aos Ouvintes. E para que o possam ser; não lerão em materias vulgares, que não necessitem de illustração; Escolherão sempre para assumpto das suas Lições, materias, que não sejam triviaes, e que possam ceder em maior illustração; Porque sendo isto assim praticado; ficarão sendo as Lições Extraordinarias Subsidiarias das Ordinarias; e por meio dellas se ampliará a Doutrina publica em Pontos, e Artigos, que sejam interessantes aos Ouvintes.»

É certo que, a par d'esta amplissima liberdade, se encontram prudentes restricções e boas cautellas, com o fim de prevenir abusos e evitar excessos; e tambem é certo que, passado tempo, o proprio Marquez de Pombal se viu na dura necessidade de a suspender e cortar, porque aquelles mesmos professores, que, por incapacidade ou pernicioso influencia jesuitica, haviam sido expulsos do magisterio, foram os primeiros que, por odio e vingança, pretenderam aproveitar-se d'ella.

Tudo isto porém em nada invalida ou diminue o subido valor e alto merecimento dos principios e ideias ali consignadas, e que á posteridade competia revigorar e desenvolver, e não esquecer e contrariar como se tem feito e ainda hoje está praticando, principalmente com a imprensa democratica e com o ensino secundario e superior.

Tambem é, para aquelle tempo e, perante um governo centralizador e auctoritario, amplissima e surpreendente a esphera de liberdade traçada aos professores em assumptos philosophicos, nomeadamente nos cursos de *Direito Publico*, *Direito Natural* e *das Gentes*, precisamente nos ramos da sciencia do Direito, que mais decisiva influencia podiam exercer na já então irresistivel tendencia e direcção dos espiritos para a liberdade de pensar contra o jugo do poder absoluto e da auctoridade preventiva e repressiva dos governos.

Para o comprovar, aqui transcrevemos alguns dos preceitos, com que os *Estatutos* pretendem esclarecer e disciplinar os professores incumbidos do ensino dos indicados ramos da sciencia social e juridica.

«2 Porém para que em todas as ditas Lições possa sempre o mesmo Professor acertar com os legitimos meios de descobrir, e de demonstrar as Leis Naturaes; e para que não aconteça apartar-se algumas vezes do verdadeiro caminho d'esta importante Disciplina, por falta do bom conhecimento, e da devida observancia das precauções; e do modo, que deve observar na indagação, e deducção das Leis Naturaes; e da authority, que sobre ellas se deve seguir: Terá sempre deante dos olhos os documentos seguintes.

3 Na certeza de que a Jurisprudencia Natural he uma parte da Filosofia Prática, e de que não ha outro algum principio, nem meio da boa noção della, que não seja a razão; esta seguirá sómente o Professor nas suas Lições; e este será unicamente o Tribunal, á que deva pedir as luzes, e os principios para as suas decisões.

4 Não haverá Systema algum Filosofico, a que Elle inteiramente sobscrava na exploração, e demonstração das Leis Naturaes: Antes pelo contrario a Filosofia, que Elle devera seguir, será precisamente a *Eclectica*.

5 Não haverá Author, que sirva de Texto, sem excepção de Grocio, e de Puffendorf, não obstante haverem sido os Restauradores da Disciplina do Direito Natural. Sim respeitará o Professor a sua authority, como dos primeiros Mestres desta Disciplina; mas nem ella fixará o seu assenso, nem porá grilhões ao seu discurso.

6 Como Cidadão livre, do Imperio da Razão procurará o Professor a verdade, a ordem, a deducção, o methodo, e a demonstração, onde quer que a achar. Onde aquelles dous Doutores se tiverem desviado da Justiça Natural; onde tiveram

claudicado; onde os seus Discipulos se lhes tiveram adiantado em qualquer das referidas circumstancias; onde tiverem passado com a prespacia dos seus discursos além dos marcos, e balizas, que Elles fixáram; onde Elle mesmo com o seu proprio entendimento atinar melhor com a Razão; deixará de seguillos, e abraçará sempre o melhor.

7 O Codigo da Humanidade será sómente o Authentico. Os Preceitos, que a Natureza escreveu nos corações do Homem, serão unicamente os que nesta Jurisprudencia tenham authority, e força de Lei.

9 A Razão será pois a sua primeira Mestra; o Oraculo, a que elle primeiro recorra, e que primeiro consulte. Esta he a Fonte de toda a Legislação da Natureza.»

Recommendo, porém, os *Estatutos* ao professor que confronte as produções da razão com a doutrina religiosa, e procure a perfeita harmonia e concordia da razão com a fé, pretendem alguns sustentar que a amplissima liberdade philosophica, que os mesmos *Estatutos* garantem aos professores, é, logo depois, destruida e aniquilada pela sugeição da *philosophia* ao criterio da *revelação* e das *verdades scientificas* aos *preceitos theologicos*.

Mas, ao mesmo tempo que os *Estatutos* fazem tão instantemente uma tal recommendação, declaram, de um modo terminante e positivo, que «a fé não é nem pôde ser fonte e principio dos conhecimentos naturaes, nem servir-lhes de demonstração, porque o mesmo seria confundir a *disciplina natural* com a *theologia revelada*».

No *Compendio Historico do Estado da Universidade de Coimbra no tempo da Invasão dos Denominados Jesuitas*, que serve como de preambulo e exposição de motivos dos *Estatutos* de 1772, entre os *estragos*, causados pelas *mortíferas inundações*, que do *venenoso charco*, a que a *perversa Sociedade* ou *Companhia de Jesus* havia reduzido a Universidade, para se *diffundirem em todos estes Reinos* aponta-se, como um dos mais desastrosos,—o *desprezo* e por fim o *desterro* e a completa omissão do *Direito Natural*, com a *razão espiciosa e frivola de esta disciplina não ser necessaria aos christãos, por gozarem estes do beneficio da Revelação*, cujas luzes são *incomparavelmente mais resplandecentes, e illuminam melhor os espiritos*, etc.

Ora quem considera um terrivel estrago a substituição da *philosophia Natural* pela *theologia revelada*, e afirma que esta não pôde ser nem fonte de principios nem de demonstrações d'aquella; quem ordena ao professor que se não submetta á auctoridade de *Grocio* e de *Puffendorf*, embora se devam considerar os primeiros restauradores do Direito Natural, porque elle é o *cidadão livre do imperio da razão*; não podia ter na mente, limitar a razão por meio da revelação e agrihoar a liberdade philosophica do professor ao *Velho e Novo Testamento*, ás *Decisões dos Concilios* e ao *Index Expurgatorio*. Afigura-se-nos que a intenção era inteiramente opposta áquella que as palavras, litteralmente, significam. Ser-nos-ia facil proval-o, se podessemos alongar mais este nosso estudo.

M. E. Garcia.

Resuscitaram os jacobeus para insultar o Marquez de Pombal. Todas as toupeiras que n'este paiz, que foi seu, minam em silencio a moral, a liberdade, a familia, sentiram-se como enfumadas nas suas tocas pelos primeiros rumores do centenario de Pombal, e correram ensandecidas até á flôr da terra, a escutar que ruidos festivos eram esses, que se faziam em volta de um nome, que symbolisa todos os seus odios: e eil-os a recomçarem a longa ladainha de injurias e doestras comecada pela beata louca D. Maria I, e interrompida durante um seculo.

Estas velhas raivasinhas jesuiticas, que durante mais de cem annos se conservaram no silencio, como o sapo na sua pedra, tem isso de cobarde: manifestam-se mais desassombradas, quasi alegres, desde que se certificaram de que não existe já o homem, que depois de ter despedaçado a monstruoso verme gerado no cerebro de Loyolla, ainda lhe sobejára energia para metter na prisão o bispo de Coimbra, que se arvorou em chefe de insultadores, e

para obter de Clemente XIV a substituição d'esse prelado, *nolente etiam ac in-vite*.

Sabem que já não existe esse braço, que os esmagou, e que da sua raça não ficou nenhum; e eis porque rejubilam sobre os degraus do throno, sonhando já de novo com os bons tempos de D. João V: e eis porque se atrevem a levantar o collo, e a vibrar contra as manifestações populares a sua lingua farpada de reptil.

E accusam de cruel o homem, que nós celebramos por nos ter livrado d'elles; e accusam de tyranno o homem, que nós glorificamos por ter resuscitado Lisboa o paiz; e accusam de anti-liberal o homem, que acabou com as odiosas distincções de christãos novos e christãos velhos, primeiro golpe na inquisição; que libertou os escravos, e que cobriu o paiz de escolas.

Tudo isto, porque, empenhado n'uma luta a todo o transe com inimigos poderosos e sem escrupulos, o Marquez de Pombal usou para com elles da força, que lhe dera a sua incontestavel superioridade.

Sem repararmos em que o argumento é inepto e impertinente, porque ninguém lhes disse ainda que o centenario de Pombal tinha por objecto celebrar asua doçura evangelica, como irmão do Santissimo ou socio da Protectora.

Mas assim devia ser. Em troca da sua preponderancia no governo, os jesuitas deviam effectivamente á monarchia estes auxilios.

N'um paiz e n'um tempo em que um Fontes inchado, ou um Hintze balôfo, se tornam omnipotentes para fazerem tractadas, e festas e syndicatos e penitenciarías, vem muito a proposito a accusação de tyranno dirigida a um Sebastião José de Carvalho e Mello, porque do reino beato e podre de D. João V fez uma nação prospera e respeitada; porque dos destroços da velha Lisboa entregues ás chammias e á pilhagem fez surgir em poucos annos a nova Lisboa; porque agarrou pelo pescoço a medonha serpente jesuitica, que na Europa lactava de potencia a potencia com os mais fortes governos, e a arrojou para longe d'esta terra, que ella tinha devastado; porque reformou e organizou o ensino, desde a Universidade até ás escolas primarias, creando de novo institutos que ainda duram; porque beneficiou a propriedade, com sabias leis sobre os morgados e corporações de mão morta; porque combateu com mão firme o monopolio; porque poz ordem no thesouro e nas alfandegas; porque favoreceu as industrias, apesar das tractadas, com que já então nos vendia o egoismo monarchico; porque libertou o arsenal de peza-dissimos encargos que o oneravam; porque reorganizou a marinha, creando uma escola especial, e construindo muitas fragatas e navios; porque fez o exercito, elevando-o a quarenta e tantos mil homens, e disciplinando-os; porque, em summa, encontrando o reino quasi-reduzido á perfeição jesuitica—*perinde ac cadaver*—, fez tudo o que fica apontado e o mais que a historia conta, deixando ao sahir do governo 78 milhões de cruzados nesse thesouro exausto, em que D. João V não encontrára com que mandar dizer uma missa.

Vem, pois, muito a proposito essas accusações; e as distincções casuisticas e as restricções mentaes, com que o governo e os seus deputados acompanharam grotescamente a sua esmola de bronze para o monumento, têm tambem todo o logar.

Porque, a falar a verdade, esse poder discrecional e absoluto, que o Marquez de Pombal empregava mesquinhamente em resuscitar um Lazaro, emprega-o hoje qualquer Fontes em fazer festas á Fouquet, e em lançar impostos á Mazarini; emprega-o qualquer Hintze em fazer syndicatos, e não já *castellos* mas caminhos de ferro em Hespanha; emprega-o qualquer Arrobas em espatifar e suspender por sua conta e risco todas as garantias da liberdade, no santo empenho de desencovar a hydra, que o escarnece; e tudo isto muito mais grandiosamente, muito mais liberalmente.

Deixemol-os vasar o seu fel. O monumento do Marquez de Pombal, não o que o governo lhe erigir com o tal bronze hypothetico, mas o que vae levantar-lhe na historia o reconhecimento do povo, não se irá de certo a baixo com o coaxar d'estes batracios; pelo contrario, enfloram-lhe o pedestal estes despeitos dos vencidos; e, se ha facto que possa dar testemunho das suas altissimas e excep-

cionaes qualidades, é ver como ainda pasado um seculo, o odeiam cordealmente os inimigos convictos e confessos de todo o progresso, de toda a sciencia, de toda a civilisação.

Silva Lisboa.

O GRANDE MARQUEZ

Para muitos será inexplicavel, senão de todo absurdo, que a democracia portu-

bitaneamente tomados de uma piedade retroactiva, que, se não fôr talvez hypocrita, seria merecedora de maiores encomios, desaparece a luz da cruel penalidade que ainda não havia penetrado nos codigos a grande revolução do direito e da humanidade, que baniu e infamou as penas e castigos de sangue. A sciencia ainda não está para a letra impassivel das leis o dogma da inviolabilidade da vida humana. Ainda um seculo depois na culta Europa os apóstolos do bem prégam a cruzada, para apagar da legislação os derradeiros vestígios

da patria, as peripecias dramaticas do tempo de D. José, antes engrandecem a estatura d'aquelle homem terrivel e grande, —maior que as construcções erigidas em a nossa opulenta Lisboa, maior que o vosso odio secular e theologico, ó jesuitas!

Foi um predecessor da nossa democracia essa altiva figura, que alcançou e removeu as grandes causas do abatimento nacional. Dois seculos haviam já passado em vergonhosa dissolução de todos os elementos da sociedade portugueza. Illaqueavamos por todos os lados o theologismo; e a robusta florescencia do Portugal an-

das sciencias humanas penetrou nos mais humildes e obscuros recessos, clareando os valles e os oiteiros, as planicies e os montes. A era do theologismo acabára;—começara a era scientifica.

Ora a sciencia é a base fundamental, unica e verdadeira, da democracia.

Um homem só, com a sua poderosa vontade, fez esta revolução heroica.

Cognominado á moda do tempo, esse homem ficou na historia com o nome de —MARQUEZ DE POMBAL.

—O GRANDE MARQUEZ,—lhe chamam os estrangeiros. Augusto Rocha.

MINUTA DA RESPOSTA DE D. JOSÉ AO PAPA CLEMENTE XIV ESCRITA PELO PUNHO DO MARQUEZ DE POMBAL

Beatissimo Padre.

O Brevé da Sagrada mãe de Vossa Santidade, que me apresentou a mais preciosa nova do unísono alarde, com que os Suffragios do Conclave se uniram no claro conhecimento dos eminentes Qualidades, e virtudes, que a Mão Omnipotente abençoou na deusotissima Pessoa de Vossa Santidade, para a ellevar á suprema dignidade de Cabeça Visível da Igreja Universal, foi para mim de todos o que he de mais contentamento, que era issegravação de hum Filho tão amante, tão devoto, como eu o fui sempre, e serei, da Sede Apostolica; vendo a saideira de São Pedro tão dignamente occupada por hum Filho Espiritual aplaudido, e canonizado, pela acceitação, e aclamação, e exaltação. Não he de se esquecer a Vossa Santidade que tomou toda a quella grande parte, que, não cabendo nos presentes expressões, espero que testifiquem a Vossa Santidade nos longinquos annos, quando, e de sejas ao seu feliz Pontificado, com o grande amor, respeito, e obediencia em tudo o que a vossa Santidade possivelidade o poder permittir. Omnia prozax, cum reverentia, e leventer. affecto semchevam os Corações de toda esta Real Familia q'doando de vossa a christolica benção, que Vossa Santidade he inveniou. Na qual me heoamento com ella, e com todos os Reis, e Príncipes, e Dominios, vivamente penetrado da may vida, e fidalva servidão. Balem a 20 de Junho de 1769.

Sobre scripto

Alto Beattissimo Senhor
Papa Clemente XIV hora
Presidente na Universal
Igreja de Deo. Muito Obediente Filho de Vossa
Santidade
Joseph.

queza considere predecessor o Marquez de Pombal—o ministro despotico de um rei devasso, como lhe chamou o sr. Camillo Castello Branco. Comtudo essa qualidade não lh'a tiram os sabedores da historia patria, por mais que agitem no puro ceu luminoso da nossa vida social moderna os retalhos ensanguentados das tristes vestiduras, que enrouparam, nos seus derradeiros momentos, as nobilissimas victimas, sacrificadas á justa implacavel de Sebastião José de Carvalho.

Esse triste espectáculo, repugnante sobretudo para muitos contemporaneos, su-

da imperfeita civilisação medieva. E não obstante exige-se que o Marquez mandasse castigar, pelo processo de algumas querellas suaves, aquelles fidalgos criminosos, a que jurs compassivos restituiriam em tempo opportuno ao doce remanso do lar!!

Sim! Piedosos contemporaneos meus, podeis reeditar toda essa historia tragica! Podeis commover os corações condoídos! Podeis bradar—horror... em todas as lingoas cultas! A civilisação assenta sobre vastos montões de ruinas, e alguns fidalgos a mais ou a menos não empecerão a sua marcha triumphante. As catastrophes

tigo murchara em todas as suas vivazes corollas, como seccára a seiva fecunda que produzira as façanhas nacionaes. A sciencia, este sol animador, sobredourava com a sua luz purissima as cumiadas dos montes europeus, sem ainda illuminar as cimas das nossas collinas. Pareciamos destinados á atrophia inevitavel que nos órgãos sociaes, como nos do corpo, ocasiona a inactividade. Subito sentiu-se no solo um abalo formidavel, e das ruinas ergueram-se logo os monumentos, da negrura dos covis daminhos esvoaçaram as aves noctivagas e agouzeiras, e o clarão

O DESPOTISMO

DO

MARQUEZ DE POMBAL

Eu tenho por esta vigorosa figura do Marquez de Pombal a veneração entusiastica, que voto a todos esses raros espiritos, que, penetrados da consciencia de um alto destino civilizador, caminham

direitos ao seu fim sem hesitações nem subterfugios, afastando todos os estorvos e aniquilando todas as resistências que se oppõem á sua passagem.

Chamam-lhe cruel e despotico os que se lhe atravessaram no caminho e que elle arredou com a brutalidade impaciente de quem não quer ser perturbado no trabalho, a que votou todas as energias da existencia e em que fundou todas as esperanças de gloria.

Eu creio tambem que elle foi cruel e despotico, mas os que lhe fazem d'isso um crime accusam-n'o não pelos martyrios derivados d'essas crueldades, mas justamente pelo contrario, pelos beneficios que nos advieram d'esse despotismo.

Abençoada violencia a que persegue a ignorancia e a que dá caça ao fanatismo!

Foi contra essas duas causas da nossa decadencia e da nossa ignominia que elle vibrou todos os raios da sua colera implacavel.

Exigir do Marquez de Pombal que elle, no Portugal do seculo xviii, fosse, como reformador, um estadista pacifico e brando, é exigir que elle se annullasse, sacrificando ás pequenas exigencias de uma sentimentalidade pueril e inepta todo um plano de transformação e de regeneração de uma nacionalidade moribunda; é exigir d'um general, que se vê em frente de um inimigo cem vezes superior em forças, que não lance mão de todos os recursos do seu talento estrategico para o derrotar a pretexto de que vae com isso sacrificar a vida de alguns soldados.

A um homem de estado, como a um general, ganha a victoria em beneficio da civilização, não se pergunta se foi cruel, pergunta-se se podia deixar de o ser, porque na politica, como na guerra, a moralidade é a necessidade.

Podia o Marquez de Pombal reformar desde os fundamentos a sociedade portugueza do seculo xviii, sem esmagar os estorvos que se oppunham a essa grande obra de emancipação? Cremos que não podia. E, se não podia, era-lhe licito hesitar entre os beneficios d'essa transformação e a necessidade dos meios para a conseguir? Não era, sob pena de ineptia e de covardia, e nem uma nem outra cousa estavam no genio e na indole do Marquez de Pombal.

Alexandre da Conceição.

O MARQUEZ DE POMBAL

Eu não sou partidario da theoria dos grandes homens, dos homens providenciaes, dos que resumem em si as aspirações d'um povo inteiro, e pretendem traduzil-as por meios coercitivos nas instituições sociais.

Sou primeiro que tudo individualista, sectario do *self-government*.

A theoria dos grandes homens, e do socialismo governamental, conduz fatalmente á dictadura, ao cesarismo, isto é ao sacrificio violento da liberdade e da dignidade humana.

Sem embargo de professar taes idéas, orgulho-me de prestar a mais sincera e calorosa homenagem á memoria do Marquez de Pombal, um dos raros grandes homens d'este pequeno paiz.

Faço acto de incoherencia? E' possivel. Mas acima das exigencias da logica está o reconhecimento que nós todos devemos ao homem que mais serviços nos prestou em todo o decurso da nossa historia.

Foi violento e cruel—é verdade—mas qual é o reformador social que se não vê forçado a quebrar os obstaculos, as resistências que se oppõem á sua acção civilisadora e patriótica? Christo, o symbolo da mansidão e da doçura, não correu a chicote os que mercadejavam no templo?... Que muito pois que o Marquez de Pombal que queria limpar o seu paiz da lepra jesuitica, e levantal-o do abatimento em que o achou, se irritasse contra os que o contrariavam, e abusasse por vezes da força que tinha á sua disposição? Não era o bem do seu paiz o mobil superior de todos os seus actos, bons ou maus, justos ou injustos? Não foi para nos emancipar do estrangeiro, e fazer de nós o que já tínhamos sido—uma grande nação—que elle trabalhou durante toda a sua dictadura?

Bem sei que os fins não justificam os meios, mas é certo tambem que as idéas da época e o caracter pessoal e irrespon-

savel do poder como que auctorisavam o emprego dos meios violentos.

Em summa: posto que me não seduza a theoria dos homens providenciaes, inclino-me reverente perante a memoria do grande estadista que consagrou todos os seus esforços, toda a sua intelligencia, toda a sua extraordinaria energia, á regeneração do seu paiz.

Grandola, 24 d'abril de 1882.

José Jacintho Nunes.

MISSÃO HISTORICA

DO

MARQUEZ DE POMBAL

A moral da acção politica e administrativa do Marquez de Pombal resume-se em poucas palavras: favoreceu indirectamente o advento das instituições liberaes, porque impondo ao seu tempo o poder real absoluto, teve para esse fim de enfraquecer os dois poderes do clericalismo e da aristocracia, que mantinham este paiz na invencivel immobilidade de regimen catholico-feudal. Engrandecendo o poder

absoluto, o Marquez de Pombal subalternou a pessoa de D. João V de uma soberania theocratica á sua mediocridade, exercendo do rei uma soberania real.

Caracterizou lucidamente este facto geral na historia da Europa do seculo XVIII, considerando o apparecimento dos grandes estadistas como uma abdicção espontanea da realza e intervenção de um poder novo, a capacidade ministerial derivada não do prestigio da tradição mas do reconhecimento de uma superioridade espiritual. Teve Pombal a consciencia da sua obra? Cremos que não. Uma grande cheia rompe um cabedelo e desobstrue uma barra; é uma força bruta da natureza de que a actividade humana se aproveita. Foi assim o Marquez de Pombal, desobstruiu o caminho para uma mais facil eliminação da realza, embora essa obra saísse contraria ao seu intuito. A sua acção, a sua propria individualidade, annullando ou subalternando o poder monarchico hereditario diante da superioridade do poder ministerial, revelam-nos que se approssima a época em que a soberania, derivada da nação, será delegada no mais competente.

Theophilo Braga.

CURRENTE CALAMO

Traços para fazer um quadro immorreitoiro.

Depois do terramoto a Capital em ruínas.
D'uma janella em frente ás aguas crystallinas
que o sol acaricia em reflexos d'oiro,
destaca-se na luz, soberba d'altivez,
encarando, atravez dos vidros da luneta,
a nau que arrebatava os corvos de roupeta,
a olympica figura antiga do Marquez.

João.

O CORVO

No principio do mundo, o Corvo astuto e feio,
tinha as azas da côr do nacar, tinha o seio

mais alvo que o marfim e as cêrulas espumas.
Ave nenhuma tinha avelludadas plumas

como elle, que excedia em gentileza o Cysne.
Porém, como não ha rosa que se não tisne,

astro que não se escondia, e amante que não chore,
nem perfume, nem flôr, que nunca se evapore,

o Corvo, como reza a fábula d'Ovidio,
soffreu tambem um dia o tenebroso excidio.

O castigo, ao cahir sobre elle, como açoite,
deu-lhe ás azas de neve a escuridão da Noite.

Porque motivo Deus transformaria o Corvo,
dando á belleza antiga aspecto immundo e torvo?

Porque tingiu de negro as pennas de setim
mais alvas que o lilaz? Diz a fabula assim:

Accusou de traição, ao Deus que desatina,
Corónis, a belleza escultural e fina,

deixando-se envolver na complicada malha
do embuste que lhe tece a perversa gralha.

Ora a fabula tem moralidade antiga.
Depois de lhe contar, oh languida Inimiga!

que nunca me esqueci d'aquelle amor sublime,
accusou-me tambem do miseravel crime,

sabendo que o meu peito em convulsões naufraga
ao sopro da Paixão na tumultuaria vaga!

Para que disse áquelle ingenuo colibri,
que da innocencia d'elle o meu cynismo ri,

que eu sou como esses vãos espiritos de lama
que desprezam o affecto e riem de quem ama?

Como excede tambem na gentileza o Cysne,
e decerto não ha rosa que se não tisne,

Ah! se ainda conserva o gesto do cordeiro
e nos labios de fogo o riso traçoero,
eu, punição igual á injuria, não concebo!
Mas Jupiter mudou em gata a irmã de Phebo...

Antonio Feijó.

AS DUAS BESTAS DE CARGA

(DE LA FONTAINE)

Uma vez uma besta do thesouro,
Uma besta fiscal,
Ia de volta para a capital,
Carregada de cobre, prata e ouro,
E no caminho
Encontra-se com outra carregada
De cevada,
Que ia para o moinho.

Passa-lhe logo adiante
Largo espaço,
Colleando arrogante,
E a cada passo
Repicando a choquilha
Que se ouvia distante.

Mas salta uma quadrilha
De ladrões,
Como leões,
E qual mais presto
Se lhe agarra ao cabresto.
Ella reguinga, dá uma sacada
Já cuidando

Que desfazia o bando:
Mas, coitada!
Foi tanta a bordoada,
Que exclamava emfim
A besta official:
—Nunca imaginei tal!
Tratada assim
Uma besta real!
Mas aquella que vinha atraz de mim,
Porque a não tratais mal?

—Minha amiga, cá vou no meu socego:
Tu tens um bello emprego!
Tu sustentas-te a milho, e eu a troços!
Tu lá serves El-rei, e eu um moleiro!
Eu acarreto grão, e tu dinheiro!
Ossos do officio, que o não ha sem ossos.

João de Deus.

QUANDO CÓRO

D'estas lagrimas que choro
Quando córo,
Cada gota que deslisa
Crystallisa.

Neste rubor que me aquece
Estremece
Um sonho que ainda quero,
E que venero.

Sonho apenas!... Mal desperto,
Vejo aberto,
Na valla d'um cemiterio,
Esse imperio.

Do teu altar derrocado,
—Meu passado!—
No orgulho que me accordaste
Sossobreste...

Pois das lagrimas que choro
Quando córo
Cada gota que deslisa
Crystallisa.

Coimbra.

Luiz Osorio.

LACRYMAE

Eu perguntei o que era amor á rosa.
«É como nós: corolla avelludada,
Uma cor attrahente, voluptuosa,
Porém toda d'espinhos circumdada.»

Os malmequeres brancos consultei
Sobre se sim ou não eu era amado.
Uma por uma as folhas arranquei
E d'um malmequer branco desfolhado

A derradeira respondeu-me—não!
Banhou-se-me de pranto o coração:
Se é fraqueza chorar nos seus amores,

—Lagrimas verte o monte, que é granito,
E o ceu, o proprio ceu, que é infinito,
Chora tambem no calice das flores.

Eduardo d'Araujo.

A EVOLUÇÃO



A nossa theoria historica representa necessariamente a realza moderna como o unico resto capital do antigo regimen das castas.

A. COMTE, *Cours de Philosophie positive*, t. 6. pag. 298.

Caminhamos para um ideal politico em que a acção do governo será reduzida ao minimo e a liberdade elevada ao maximo grau compativel com a liberdade dos outros.

H. SPENCER, *Classification des sciences*, pag. 119.

Com os progressos da cultura geral o governo republicano deve e não póde deixar de estabelecer-se em todas as partes do mundo.

E. DE HARTMANN, *Philosophie de l'Inconscient* t. 1. pag. 430.

SEMANARIO REPUBLICANO

N.º 24

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Cada serie de 15 numeros 300 reis.

COIMBRA, 15 DE MAIO DE 1882

PUBLICAÇÕES

Anuncios, 20 reis a linha.—Toda a correspondencia deve ser dirigida para o Marco da Feira, 4.

ANNO 1.º

O CENTENARIO

A esplendida glorificação que o paiz acaba de realizar é um cathorico e solemne desmentido á opinião dos que pensam que a nação portugueza está irremediavelmente perdida, que ella não tem a elevada comprehensão do seu glorioso destino, que ella é radicalmente impotente para conservar a sua autonomia na grande *struggle for life* do progresso, em que se acham a um tempo envolvidos homens e nações, individuos e collectividades.

Se ás vezes podemos desanimar, á vista de factos relativamente pouco importantes; se deixamos, de quando em quando, os nossos brios patrioticos cedermos ás suggestões do nosso pessimismo,—quanto nos consola, presentemente, a ideia de que a nação sabe, quando excitada por um pensamento levantado, mostrar que a sua função não terminou por ora, que no seu organismo corre ainda um sangue juvenil e ardente, e que no seu coração vive em plena exuberancia a tradição augusta do patriotismo e da gloria.

O centenario de Camões e o de Pombal são as provas inconcussas da vitalidade d'este paiz, que a muitos parece moribundo, mas que está apenas adormecido.

Dêem-lhe as fortes commoções gloriosas, façam-lhe vibrar a corda do patriotismo, e elle desperta immediatamente do seu lethargo, dando inequivocos signaes d'uma vitalidade exuberante.

Foi isto o que tentou com o melhor exito a mocidade das escolas portuguezas. Aquelles que acolheram com um frio sorriso de incredulidade ou de escarneo a sua generosa iniciativa devem hoje penitenciar-se da injustiça com que julgaram e da má vontade de que estavam animados.

Quando uma festa é verdadeira e genuinamente nacional, como foram os dois centenarios, são impotentes para a annular toda a opposição dos governos e todo o odio dos catholicos.

A comissão academica, auxiliada pelo povo portuguez, soube triumphar com galhardia e intemerato arrojo dos obstaculos que lhe levantaram no caminho.

Se algumas vezes foi vencida pela força estúpida e incondicional da auctoridade, protestou vehementemente, como o fez a respeito da exclusão do cortejo civico de todos os centros republicanos n'um documento cheio de energia e de nobre indignação.

Que delirante entusiasmo, que fervorosas saudações não trocaram reciprocamente no glorioso dia 8 de maio todas

as classes, todos os cidadãos d'esta pequena nacionalidade!

Compare-se a animação d'estas festas com a frieza glacial da recepção de Afonso XII. E que estas traduzem o jubilo d'uma nação, aquellas os cumprimentos de dois homens; é que estas são as festas do povo, aquellas as festas dos reis.

E, porque o centenario não era uma manifestação de servilismo monarchico, Sua Magestade houve por bem retirar-se ao seu palacio depois da inauguração da estatua.

Fez bem. A incompatibilidade entre o povo e o monarcha está ha muito estabelecida. A sua presença era um ultrage; retirando-se, cumpriu o seu dever.

A academia portugueza mostrou que tinha a mais alta comprehensão da sua missão social; e o povo, que a aclamou delirantemente, sabe que é n'ella que tem de depositar as suas esperanças, conhece que é d'ella que ha de vir a regeneração d'este paiz.

FESTEJOS POMBALINOS

Coimbra

Dia 6

SARAU

Fallou primeiramente o sr. Silva Cordeiro. Era a primeira vez que iam ouvir o apreciavel auctor dos *Ensaios de Philosophia da Historia*. Conservavamos ainda a impressão da recente leitura d'aquella sua bem rendilhada obra. Conheciamos o sr. Silva Cordeiro como um rapaz trabalhador, que d'entre as *estopadas* do Direito civil, como francamente confessa, lança á publicidade n'este meio, em que a legendaria *sebenta* filtra surdamente a sua influencia enervante, um largo estudo philosophico maduramente reflectido e exposto n'um estylo, que não é precisamente o da *adorada sebenta*. E não foi sem uma benevolencia curiosidade que esperámos a estreia d'este sympathico rapaz nos dominios da oratoria.

Chegámos, depois de o ouvirmos com toda a attenção que nos merece, á seguinte conclusão, que em nada prejudica os creditos do sr. Cordeiro: que qualquer dos capitulos da sua obra é mil vezes superior ao seu discurso do dia 6.

Consta-nos que vae ser impresso, e folgaríamos então de collocar a par do que já lhe conhecemos este seu discurso, que decerto tinha motivo para desejar a poderosa voz e a ampla figura d'um Mirabeau ou d'um José Estevão.

Que o sr. Silva Cordeiro nos não leve a mal esta franca expressão do que então pensámos dos seus meritos como escriptor e como orador.

Um trio executado primorosamente em rebeca, flauta e piano pelos srs. Medeiros, Paes e Macedo deliciaram em seguida o auditorio, por alguns momentos.

Tivemos o prazer de ouvir em seguida o

sr. Feijó na recitação magistral da sua esplendida poesia. A lucta cyclopica do homem contra os elementos, em todas as idades, é assombrosamente pintada.

O esplendor do quadro era ainda realçado por uma irreprehensivel recitação.

A primeira parte do sarau terminou por um novo trio, executado em rebeca, flauta e piano pelos srs. Medeiros, dr. Simões e Macedo. Admiravel de expressão e de execução.

A segunda parte foi aberta pelo sr. Avila, que fez um dos melhores discursos, se não o melhor que lhe temos ouvido no theatro academico. O sr. Avila expoz muito correctamente o estado do paiz nos ultimos annos do reinado de D. João V. No throno, um rei estupidamente fanatico, sensual, perulário e comicamente inchado com fumaças de grande, á Luiz XIV; um rei magnifico, que manda para o Papa rios de ouro, que construe o convento de Mafra, e faz de Odivellas o ninho perfumado dos seus amores sacrilegos....

Em volta, uma nobreza ignorante e imbecil, mas vaidosa e altiva.

E, dominando tudo, um clero numerosissimo, absorvente e esterilizador. E' contra esta sociedade que o marquez de Pombal lucta heroicamente; é esta bestialização e este enervamento que a sua prodigiosa energia e actividade multiforme espancam a golpes de reformas, e substituem por um estado relativo de prosperidade.

No jubileu camoneano, a nação inteira vibrou n'um acorde unisono de reverentes homenagens ao seu maior genio poetico. Mas a acção do marquez de Pombal está ainda muito proxima de nós, para que se tenham extinguido as coleras d'aquelles que feriu na sua marcha civilisadora.

O centenario do marquez de Pombal, ao mesmo tempo que significa uma homenagem de gratidão, é tambem um protesto solemne contra a invasão jesuitica que nos ameaça.

O nosso distincto correligionario, o sr. Alexandre da Conceição, len d'um camarote uma bella poesia em que muito artisticamente patenteou os estragos d'um verme social, o jesuita. Sentimos deveras que está primorosa poesia não tenha sido recitada. Quando a sua simples leitura deliciou o auditorio, muito deveria esperar-se d'uma recitação adequada.

Recitaram ainda primorosos versos os srs. Luiz de Magalhães, Henriques da Silva, e Macedo, agradando extraordinariamente a vigorosa producção do sr. Silva.

Qualquer dos distinctos recitantes manteve o sarau n'uma elevada altura, donde resultou assistirmos a uma festa brilhante, em que os talentos da actual geração academica se affirmaram honrosamente.

Fallou-nos dizer que, n'esta segunda parte do sarau, cada poesia foi seguida de deliciosos trechos musicaes, finamente escolhidos e notavelmente executados pelos srs. dr. Simões, Medeiros e Paes.

A concorrência não foi extraordinaria em numero, mas selecta na qualidade.

O theatro achava-se lindamente ornamentado com buxo e hera. No alto do arco que forma a bocca do palco, brilhava o brasão do Marquez. Nos camarotes de 1.ª ordem estavam escriptas as datas mais memoraveis da administração de Pombal, e nos de 2.ª uma corôa de marquez no parapeito de cada um, artisticamente circundada de verdura.

Dia 7

COMICIO ANTI-JESUITICO

A' 1 hora da tarde, estava o theatro litteralmente cheio de estudantes e povo de Coimbra. Algumas senhoras occupavam os camarotes.

A mesa era composta dos srs. Luiz de Magalhães, presidente, Tito e Gaião, secretarios. Foram recebidos, ao entrar no palco, por uma ruidosa salva de palmas.

O sr. presidente abriu o comicio com um substancioso e bello discurso, e deu a palavra aos cavalheiros que se achavam inscriptos, os srs. Feio, Silva Cordeiro, Alfredo Vieira e Trindade Coelho.

Sobresahiu, pelo minucioso conhecimento que revelou dos habitos, aspirações e espirito dos jesuitas, o primeiro orador, o sr. Feio.

S. ex.ª tinha vivido, durante 3 annos, sob a influencia jesuitica, e estava habilitado para lavar o libello da ordem em vista dos factos irrefutaveis e decisivos.

Expoz nitidamente a organização da companhia, o seu movel ultimo e as obrigações de cada associado. Analysou a influencia jesuitica em tudo aquillo em que ella se manifesta mais salientemente, na familia, na educação, na instrução, etc. etc.

Relatou, como prova, alguns factos quasi completamente ignorados, succedidos na sua provincia.

O discurso do sr. Feio, copioso em factos e minuciosas revelações, agradou extremamente na assembleia, á qual arrancou por varias vezes espontaneas e colorosas manifestações de adhesão.

O orador, que se lhe seguiu, o sr. Silva Cordeiro, achava-se nas mesmas condições.

Os primeiros passos de sua educação litteraria foram dirigidos pela influencia jesuitica, contra a qual não tardaram a revoltar-se a sua consciencia honrada e robusta intelligencia.

O sr. Silva Cordeiro exaltou ao mesmo tempo as elevadas qualidades de estadista que nobilitam o marquez de Pombal.

Cumprir dizer que sr. Silva Cordeiro foi mais feliz do que tinha sido no sarau da vespera.

Fallou em seguida o sr. Alfredo Vieira que em phrase correcta fez um brilhante elogio das preciosas reformas do marquez de Pombal, condemnando vigorosamente a ordem de Jesus.

Fallou finalmente o sr. Trindade Coelho que alludiu em phrases violentissimas á torpe vingança que o jesuitismo urou, queimando a effigie do marquez de Pombal em Mogadouro, solar dos Tavoras e terra natal do orador.

Pintou em breves palavras a indole sensual de D. João V, as suas aventuras amorosas no convento de Odivellas, etc. etc. O comicio terminou pela leitura da representação feita pelo sr. Soares de Moura que, conforme se achava consignado no programma, será enviada aos poderes publicos.

A representação tem por fim protestar «contra a invasão do jesuitismo em Portugal e lembrar aos governos que não devem esquecer os monumentaes decretos do Marquez de Pombal e de Joaquim Antonio de Aguiar, decretos cuja execução se está tornando tão necessaria».

Todos os oradores foram entusiasticamente applaudidos.

Dia 8

As festas da Universidade consistiram em uma missa por alma do marquez e uma sessão solenne commemorativa do seu centenário.

A missa teve lugar na capella da Universidade, assistindo o sr. Reitor e alguns lentes. A concorrência foi diminuta.

Não assim na sessão que teve lugar na sala dos Capellos, onde não havia um palmo que não estivesse occupado por assistentes avidos de escutar a palavra eloquente do sr. dr. Antonio Candido.

A vasta sala regorgitava de estudantes e povo de Coimbra. Nas galerias, numerosas senhoras da primeira sociedade de Coimbra abrihantavam a festa.

Dentro da teia, achavam-se a camara municipal, magistrados e varios funcionarios; e, nos doutoraes, representantes de todas as faculdades. No alto da sala, por cima da tribuna do sr. Reitor estava o retrato a oleo do marquez expressamente mandado fazer no Porto.

O sr. Reitor leu uma ligeira allocução, expondo a significação d'aquella sessão, e deu a palavra aos oradores inscriptos. Estava primeiramente inscripto o sr. dr. Barata, que leu um substancioso discurso, em que avaliou a poderosa individualidade—Sebastião de Carvalho—debaixo dos aspectos por que mais se recommenda, detendo-se com grande proficiência nas importantes reformas que operou na instrução portugueza, de harmonia com a mais avançada corrente scientifica do seu tempo.

Seguiu-se o discurso do sr. dr. Antonio Candido. Quando Coimbra não tivesse feito mais nada em homenagem ao grande estadista, a quem tanto deve por todos os motivos, honraria sufficientemente a sua memoria com a brilhantissima oração do sr. dr. Antonio Candido.

S. ex.^a fez das qualidades e feitos do marquez de Pombal um elogio assombroso, tão digno do orador como do elogiado.

A assembleia irrompeu por vezes em espontaneas e calorosas manifestações de admiração por aquella peregrina aptidão oratoria.

O sr. dr. Antonio Candido não brilhou só

pelo esplendor da sua palavra; foi sobretudo justo e eminentemente verdadeiro. Quando exaltava com a sua palavra magica a collaboração preciosa com que Sebastião de Carvalho concorreu para o advento da liberdade portugueza; quando expunha n'um impulso de indignação, contagiosa, electrica, a influencia nefasta da companhia de Loyola; quando verberava a hostilidade surda ou manifesta, com que uma certa gente procura deprimir-lhe a memoria e amesquinhar a celebração do seu centenário, além de ser admiravelmente eloquente, foi profundamente justo e verdadeiro.

E a assembleia soube premial-o com ruidosas e prolongadas salvas de palmas.

Ao principiar a festa e nos intervallos, uma escolhida orchestra dirigida pelo sr. dr. Brandão executou deliciosamente trechos de operas portuguezas, expressamente compostos para flauta, violino, violoncellos, piano e orgão melodium, para esta solemnidade.

No fim, quando o sr. dr. Antonio Candido sahia da sala dos Capellos, a academia, esta boa academia, cuja alma sabe tão bem vibrar ao influxo de tudo o que é justo e grande, recebeu o sr. dr. Antonio Candido n'uma estrondosa ovação a que o orador correspondeu com um viva à mocidade estudiosa de Coimbra.

A Imprensa da Universidade tambem commemorou dignamente o centenário do seu fundador. Abriu as suas portas a uma numerosa concorrência, que durante todo o dia a visitou. Imprimiu primorosamente, a ouro a côres, um quadro commemorativo, onde além d'outras palavras de subido louvor se lê: *Commemorar da maneira mais festiva o dia do centenário do fundador d'esta officina é um dever de gratidão e de indelevel reconhecimento, a que não podem faltar os empregados e artistas da Imprensa da Universidade.*—8 de maio de 1882.

As paredes internas do vasto edificio estavam profusamente adornadas de arbustos, flôres, e numerosos quadros; estavam patentes os prelos e machinas typographicas e um livro em papel da China contendo uma colleção de vinhetas e emblemas, que pertenceram aos jesuitas no tempo em que tinham imprensa, e que ainda subsistem, tendo

consideravel, em casa ou collegio ou igreja nossa sem traça ou desenho, e seja de modo que se tenha em vista a perpetuidade como o recommenda um decreto da primeira congregação, porque isto sãe mais barato ainda que mais custe que o que se faz para durar pouco e sem plano.

Alguns duvidam se a regra que prohihe aos irmãos o pôr as mãos sobre os vestidos, uns de outros, se entende tambem com as pessoas de fóra. Sem duvida que sim, e com mais razão.

Assim como se tem conta no educar ministros, prégadores e confessores assim razão é que tenham em vista a formação de pessoas de governo para o que servirá ter mais comunicação nas cousas da Companhia e do governo com as pessoas mais feitas, de maior confiança e que mostram para isto mais talento de bom juizo, e podem ir-se provando nos cargos menores, ás ordens de outros, e assim se descobrirá este dom, e onde o houver se exercitará.

Ainda que me parece bem a caridade com que alguns colhem esmolas para socorrer os parentes de nossos irmãos que vivem em necessidade será bom pensar que não pôde a companhia ficar por isto em obrigações.

DA CARTA DO P. POLANCO AO P. MIRON (1564)

Na era em que estamos por toda a parte se tem muito em conta a erudição nas cousas de humanidades, tanto que sem ellas a doutrina melhor e mais solida parece que luz muito menos.

Por isto ao P. Geral pareceu conveniente que se escrevesse ás provincias que tenham conta com estas letras humanas, e façam estudar bem quem mostrar aptidão, pelo menos o latim e a rhetorica, e que não passem ás artes, ou pelo menos á theologia, sem se exercitarem bem n'estas letras.

E que se pense na escolha dos mestres, que não causem tédio, nem se demorem muito; os discipulos de ordinario amam os mais aptos para ensinar.

passado para a Imprensa da Universidade, depois da extiução da dos jesuitas em 1759. Animava a festa a philharmonica de Condeixa.

O principal impulso da festa é devido ao sr. D. Antonio da Costa, que ha tempos veio em comissão a esta cidade para tratar de negocios da Imprensa. S. ex.^a deixou em todo o pessoal uma recordação saudosa, pelas suas apreciaveis qualidades.

Na inauguração, que foi ás 10 horas, fallaram os srs. dr. Barata, administrador interino, e Abilio da Fonseca Pinto, presidente da comissão dos festejos.

A Associação Liberal fez distribuir largamente um folheto, contendo a lei de 3 de setembro de 1759, que extinguiu os jesuitas, e o decreto de 28 de maio de 1834, que extinguiu as restantes ordens religiosas em Portugal, precedidos de um manifesto que abria pelas seguintes palavras: *A Associação liberal de Coimbra, em nome da liberdade, da honra e integridade nacional e dos mais caros interesses da humanidade, para celebrar o primeiro centenário do MARQUEZ DE POMBAL e commemorar o dia 8 de maio de 1834 convida os cidadãos portuguezes a ler e a meditar o seguinte: Manifesto:*

A expensas da Associação, tocaram na madrugada as duas philharmonicas de Coimbra e foram lançados ao ar grande numero de foguetes.

Além d'isto, soccorreu 48 familias necessitadas, com donativos em dinheiro; este numero 48 significa o numero de annos que passaram depois da entrada do exercito liberal em Coimbra.

O Centro republicano distribuiu 80 donativos pelas familias mais necessitadas das freguezias da cidade, constando cada donativo de 100 reis em dinheiro, 1 kilo de carne e meio de arroz, tudo embrulhado n'um guardanapo, e junctamente uma lytographia symbolica, onde se liam as seguintes palavras: *— Centro eleitoral democratico republicano de Coimbra—Liberdade, Igualdade e Fraternidade —. Ao grande cidadão Sebastião José de Carvalho e Mello—1882, 8 de maio.*

Para remediar o inconveniente de opiniões extraordinarias e paradoxas que nenhum mestre de theologia, nem das artes, tenha opinião nova e fóra do commum dos doutores, sem a communicar a V. R. n'esse collegio, e com os superiores dos outros se acaso lá se ler e ensinar.

Que evitem demandas e escandalos; que as terras ou herdades alienadas illicitamente, ou dadas pelos abbades passados a parentes, ou de outra maneira, ou as que andam sonegadas ás igrejas e mosteiros ora unidos á Companhia se deixem estar, e dissimulem com os possuidores sem fazer demanda, se d'isso houver escandalo. Alcançou-se do papa a licença para isto se poder fazer sem escrupulo, e sem incorrer em censura e penas que por direito positivo estão postas; e não se faça demanda sem avisar o provincial e ver se haverá ou não escandalo pela qualidade das pessoas.

O N. P. Geral Everardo ordena tambem que sempre se façam diligencias para se cortarem os pleitos, celebrando certos.

DE CARTA DO GERAL DE 1574

Emquanto aos que se tentam pelos estudos guarde-se a constituição, e mostre-se com caridade, quando se fallar com os taes, que se devem contentar com o officio de Martha. Espero que vendo-se que se não condescende facilmente com isto a muchos se quitará la gana de estudiar.

INSTRUÇÕES DO GERAL SOBRE OS LIVROS

A cargo dos provinciaes está a concessão dos livros; elles devem julgar das suas conveniencias, attendendo aos lugares e a outras circumstancias. Os livros prohibidos são de varias classes, alguns ha que podem ser lidos e estudados, em cujo estudo ha mesmo conveniencia para se conhecerem os males e combater heresias. Insta porém ter em vista a quem se concede tal licença.

Citam-se primeiro os escriptos de Erasmo e de Luiz Umis (*cum autem constel quo loco habita sint a patre nostro Ignatio sancta memoria scripta Erasmi*).

A Evolução prestou a sua homenagem á memoria augusta do primeiro estadista do seu paiz, publicando no dia 8 um numero especial em papel *teinté* com o retrato e um autographo de Pombal e collaborado pelos mais eminentes escriptores portuguezes.

Fez-se representar no cortejo civico de Lisboa pelo redactor principal, o nosso amigo o sr. Azevedo e Silva.

Os accionistas d'este jornal concorreram com 50\$000 reis para a fundação do *Instituto de Ensino Livre* e fizeram-se representar no cortejo pelo nosso amigo e collega n'esta redacção o sr. Gomes Palma, e pelos srs. Fajardo, e Fernandes Moura.

A noite, ás 8 horas, teve lugar a inauguração solenne do retrato do Marquez de Pombal no gabinete de leitura do Club Academico, que tinha sido convenientemente adornado.

O concurso era numerosissimo. Depois d'uma breve allocução do sr. presidente da comissão academica, a que respondeu o sr. Reitor da Universidade, foi por este corrido a cortina que velava o retrato do immortal estadista. O sr. presidente da comissão terminou a inauguração por umas breves palavras, a que se seguiram entusiasticos vivas á memoria do Marquez de Pombal, etc. Logo em seguida á inauguração, organisou-se a marcha *aux flambeaux* que devia ir felicitar o sr. dr. Antonio Candido pelo brilhantissimo discurso que pronunciara de manhã na sala dos Capellos.

O sequito, com a comissão á frente e uma philharmonica, tocando o hymno academico, dirigiu-se á rua da Alegria, onde mora o notavel orador.

Seguiu a rua do Infante D. Augusto, rua dos Loyos, Feira, rua das Covas, rua de Joaquim Antonio de Aguiar, rua das Fargas e Alegria. Durante o tracto, havia um alegre rumor festival de vivas ao dr. Antonio Candido, á liberdade, vehementes expansões contra os jesuitas, vivas á memoria de Joaquim Antonio de Aguiar. O hymno academico reboando pelas ruas apertadas da cidade, os foguetes estrondeando, a enorme concorrência de gente, que successivamente augmentava por novos contingentes que de cada rua se incorporavam, as accla-

Não é permitido o uso dos livros obscenos, taes como Catulo, Propercio, alguns escriptos de Ovidio, Plauto, Terencio, Horatio, Marcial, Ausonio, a não ser a pessoas maduras que sem perigo possam aproveitar da leitura para o estudo das humanidades. Para os escolares a prohibição é completa; nas escolas mesmo devem eliminar-se certas passagens de auctores aliás correntes—*Virgili vero priapea, et alia epigrammata aboleatur prorsus.*

A ninguem se permita o uso de livros em qualquer idioma, prosa ou verso, *carmine sive soluta oratione, que amatoria et impura contineat.*

Entre os escriptores de livros espirituales alguns ha pios sem duvida mas pouco em harmonia com o instituto da sociedade; não se usem, não se possuam sem licença superior. Citam-se alguns auctores: Zanlerio, Rusbrochio, Roseto, Henrique Herpense, a Arte de servir a Deus, Raymundo Lulo, H. Suso, Gertrudis et Mectildis.

E taes livros se não conservem nos collegios sem autorisação do Provincial, a quem compete ver a quem se dá a licença, e marcar os logares onde se guardem, e o uso de taes livros só se permitirá no prazo indicado como preciso.

DA CARTA DO GERAL EVERARDO MERCURIANO (ABRIL DE 1575).

..... Alguns dos nossos visitam os parentes; os superiores por benevolencia os deixam andar, e estar entre os seus, sós, e dormir fóra dos collegios, n'isto ha inconvenientes, não o consintam para o futuro; a qualquer n'este caso deem-lhe companheiro, que sempre estará com elle, ainda que vá onde não haja collegio; e se não puder ir algum irmão que vá pessoa de edificação e confiança que possa dar conta aos superiores do que se fez; de maneira que taes visitas não prejudiquem a disciplina religiosa.

(Continúa)

GABRIEL PEREIRA.

FOLHETIM

DOCUMENTOS DOS JESUITAS

O LIVRO DAS OBEDIENCIAS DOS GERAES

(Continuação)

DE CARTA DO GERAL FRANCISCO DE BORJA DE 10 D'AGOSTO DE 1569

..... Avisa-se que alguns ineptos para o curso de artes só o conseguem porfiando muito em ouvil-o, perdendo-se tempo e dinheiro; aos que não são para maiores estudos bastará ouvir casos de consciencia para se fazerem sufficientes confessores.

DO MESMO, EM 31 D'OUTUBRO DE 1569

..... Não convem haver dois ministros em Coimbra, nem em parte alguma deve haver dois superiores de igual poder porque em vez de se ajudarem mutuamente *mutuo se impediunt.*

..... Ha dias que cheguei á conclusão e resolução que não convem que a Companhia se sirva de escravos. A V. R. recommendo que trate de suavemente se desfazerem dos que tem em Portugal.

..... Obrigar todos a varrer ainda que tenham outras occupações deve moderar-se na conformidade da regra, e attender-se ás occupações de maior importancia.

—por mas que escribam siempre se guarda la oreja derecha para oyr al superior—.

EM CARTA DO GERAL, 15 DE JANEIRO DE 1571

..... Devem ter cuidado nas peregrinações não prejudiquem a saúde dos nossos.

IDEM, 20 DE MARÇO DE 1571

..... Faça V. R. com que os superiores d'essa provincia attendam com toda a diligencia aos negocios e bom progresso dos collegios, desprezando outros alheios.

Não se edifique cousa alguma de custo

mações estrepitosas, aquella expansão entusiasta e alegre, tudo illuminado pelo clarão ondeante dos archotes, dava á manifestação um aspecto imponentissimo.

A commissão parou em frente da casa do sr. dr. Antonio Candido, levantando calorosos vivas e sentidas manifestações de consideração pelas suas bellas qualidades como orador e como lente do 5.º anno de Direito.

S. ex.ª respondeu, agradecendo n'uma allocução breve e felicissima aquella honrosa manifestação, que marcava uma das paginas mais felizes da sua vida.

Depois d'uma serie prolongada de vehementes acclamações, a marcha seguiu pela rua da Alegria abaixo e voltou pela estrada da Beira para a Portagem, rua da Calçada e rua do Visconde da Luz, onde algumas casas se achavam illuminadas. Parou de frente dos Paços do concelho illuminados a giorno por dois cordões de luzes, dando vivas ao municipio de Coimbra; d'ahi voltou pelo mesmo caminho até o Arco de Almedina, subiu á rua das Fargas, rua de Joaquim Antonio de Aguiar, rua da Ilha, rua dos Grillos, rua da Trindade, Militares, Infante D. Augusto, dispersando de frente do Club Academico.

Assim terminou em Coimbra a commemoração do centenario do primeiro estadista portuguez.

A redacção da *Evolução* não tem senão a applaudir a illustre commissão dos festejos, pela maneira como honrosamente se desempenhou da sua missão.

E fica fazendo votos sinceros por que a academia de Coimbra manifeste, todas as vezes que se tracte da commemoração de alguma legitima gloria nacional, a mesma elevação de vistas e nobreza de sentimentos.

Lisboa

Nada mais difficil e cruel do que ter de descrever, de contar, dentro d'um determinado praso, acontecimentos complexos e numerosos.

Um desgraçado acaba de tomar parte n'um cortejo, n'uma manifestação, dispendendo berros, saudações, enthusiasmo, gestos, o diabo! e no fim vêm-lhe dizer:—«O senhor faz favor de descrever». O infeliz não dormiu, quasi não comeu, ha de, queira ou não queira, pegar da penna, e começar a deitar tinta no papel, cheio de má vontade, e vasio d'espírito, fiel reporter.

É horroroso! No emtanto, leitor da provincia, desejo transmittir-te, a largos traços, se o pudér, as impressões que recebi.

De todas as manifestações a de mais alcance e que mais realçou foi o prestito civico.

Grandioso!

É d'esta parte dos festejos que conscienciosamente te posso fallar, pois que a algumas das outras ou não assisti, ou fui só por momentos.

A sahida do prestito civico do Terreiro do Paço estava marcada para as duas horas. Mas muito antes da hora já deslisavam as associações e corporações pelo vasto largo, cheias de enthusiasmo e calor.

A vasta quadra foi-se enchendo pouco a pouco. Das varandas dos ministerios, das platibandas, do arco da rua Augusta pendiam cabeças curiosas; era uma agitação febril, uma expectativa ansiosa. As *toilettes* rutilavam, pareciam cingir os edificios d'uma grinalda em continuo baloiçar, animando as fachadas frias.

Todas as ruas em frente do largo estavam apinhadas de povo.

Levantava-se de lá um borburinho alegre, continuado, a saudação fremente áquella grande festa pacifica; e o sussurro continuava pelas arcadas fóra d'onde regorgitava aquelle mar humano.

Os postes brancos, levantados pelo Terreiro fóra, marcavam com os numeros azues o logar que as corporações e escolas deviam tomar.

Pela uma hora e meia começou o grande movimento: diferentes grupos deslocavam-se dos seus logares e percorriam o vasto largo, mutuando saudações, trocando brado por brado, gesto por gesto, emoção por emoção. O sol dardejava a prumo afogueando as physionomias alegres de centenares de rapazes. Os pelotões juvenis encontravam-se como n'uma grande manobra onde se cru-

zavam phrases bondosas, cordeaes, protestos do mais vivo enthusiasmo.

A luz vivissima batia nos doirados das fardas, explosia vivamente por sobre aquella enorme *kermesse* de juventude, de força, de ovações sinceras. Aquelle grande acontecimento precisava na verdade de um baptismo solar.

O Tejo tremeluzia, e fazia mover a mastreação dos navios juncto ao caes. E a brisa, que a espaços se levantava do rio, vinha beijar as fronte ardidas, e sedentas de frescura, e ia fazer ondular ao longo das ruas as bandeiras multicores, que se espanejavam como um bando d'aves gloriosas.

E o delirio de saudações continuava n'um crescendo ensurdecedor. Quando a phrase não chegava, o gesto vinha supprir; e de quando em quando lá se via algum limpar a furto uma lagrima impertinente, que subia do coração, oppresso da intensa alegria, até á palpebra, e que sulcava a face.

Do lado do rio o socego absoluto das coisas indifferentes, as collinas recortando-se faziam um bello fundo de quadro.

Do meio d'aquelle movimento continuado, d'aquella agitação febril, a estatua equestre de D. José I surgia, destacando nitidamente sobre o azul.

Era grande o contraste entre a frieza imponente do bronze, a obra monumental que cristalisava um sentimento mais ou menos restricto, e a ardencia, o calor da consagração que um povo fazia á memoria d'um benemerito. E todos sentiam mais ou menos que, se era imponente aquella estatua em que um artista grande operara maravilhas, não menos grandiosa era a saudação á memoria do homem, a cujo hombro um rei se encostára para colher alentos, antes de subir ao pedestal que o havia de mostrar á posteridade.

Para o monumento ao rei fundira-se o bronze, e talharam-se moldes; para o monumento ao grande cidadão fundiam-se corações esbraseados de enthusiasmo, e levantavam-se escolas.....

Chegavam musicas. As saudações populares augmentavam, e no emtanto a ordem era estrictamente guardada.

Uma girandola enorme deu o signal para o cortejo desfilar.

Davam então os diversos grupos volta juncto da estatua, percorriam a rua do lado direito do Terreiro, passavam em frente do arco e entravam á Rua dos Fanqueiros. E assim deslisaram as escolas do exercito e polytechnica, que eram das mais ruidosas, a escola medica, a escola naval com as suas distinctas fardas, envergadas por creanças que todos saudavam, a delegação dos academicos de Coimbra com as vestes negras e cabeças descobertas, corporações, as commissões, a imprensa, asylos, lyceus, deputação d'artistas, theatro etc.

O povo applaudia as escolas com uma alegria significativa e justa; alguns gritavam: viva a esperança do paiz. Quem sabe se o paiz terá que ter esperanças? Mas, emfim, aquillo dava alento.

Em todas as ruas da baixa, que encanto! Era perfeitamente a bacchanal da alegria.

As varandas dos primeiros andares cheias de *toilettes* risonhas e frescas. Nas extensissimas linhas d'espectadores, as saudações repetiam-se, vinham desdobrar-se pela multidão que enchia as ruas, ecoavam de qu. r. teirão em quarteirão; depois succedia um pequeno silencio que era logo cortado por um novo jorro de bravos, em notas estridulas, começando nos ultimos andares, jorrando inundando, dominando as notas das musicas, e indo espraiair-se pelas columnas cercadas.

A espaços, os bravos eram seguidos d'um chuveiro de flores, que voavam sobre o prestito como um bando de borboletas.

E, ao seguir no cortejo imponente, todos aquellos que eram tão vivamente saudados sentiam tomar-lhes raizes na alma a rubra flor da alegria, expandindo-se viçosa ao contacto d'aquella grande commoção popular, espontanea e vital, que não participava do tom solitario das festas sacerdotaes.

Nós os peninsulares, mais impressionaveis do que especulativos, temos a necessidade do colorido, do espanto, de tudo quanto nos encha a medida dos nossos sentidos excitaveis. Por isso todos exultavam. — Era um delicioso banquete onde nos sentiamos reviver, bebendo a luz, colhendo a impressão

complexa dos variadissimos tons, electrizando-nos em frente das manifestações sympathicas.

No meio das corporações, mais ou menos vistosas, no meio da monotonia das vestes communs, dava uma nota viva e original a corporação dos toureiros. E o povo saudava aquellos homens que vira arriscar tanta vez, vestidos de escamas doiradas, e apresentando os seus fortes arcabouços chamejando de ornatos ao sol. Atraz vinham os cavallos ricamente ajaezados, garbosos. Fitavam a orelha ao ouvir as notas das musicas, e tremiam ante as ovações da multidão, arquejando, e dilatando as ventas.

Uma corporação digna dos maiores louvores, onde cada um dos membros conta grandes actos heroicos, a corporação dos bombeiros attrahia as atenções pelo seu aspecto sereno e forte.

Se na extensa linha do cortejo ou entre os espectadores apparecia algum perfil conhecido, era logo saudado ardentemente.

Despertava n'um ponto um applauso, era secundado n'outro.

D'uma varanda partiam palmas, d'ahi a instantes era uma salva geral.

E o bom sol amigo a polvilhar tudo de luz, a tirar magicos effeitos d'aquella multidão de tons, de coloridos, no meio d'aquelle *ensemble* de ruidos e clamores.

Soberbo!

Quando as commissões das escolas surgiam á entrada d'uma rua tinham um acolhimento espontaneo. Particularisemos as Ruas da Prata, Rua Nova do Carmo e Rua Nova do Almada, onde o enthusiasmo foi delirante.

A multidão subia a Rua Nova do Carmo, e com a multião o clamor invadia a rua, subia como uma vaga; cessava um pouco, como a morrer; de subito, estalava ao cimo uma saudação estridente, e logo descia rugidoramente. Depois era um embate, um turbilhão de vozes, que queriam dominar-se, vencer-se, annular-se entre si, exprimindo n'aquella *lucta à outrance* tudo quanto nos espiritos ia de amigo, de affavel, de sympathico.

Cidadãos pacificos, commovidos, com o systema nervoso distendido na mais salutar das expansões sensiveis, gritavam raivosamente, espumantes, abrindo a bocca para o visinho, que se atrevia a gritar mais.

Todas á uma, as damas, n'algumas ruas, tiravam os lenços, e então era um esvoaçar alegre, como de azas brancas, por cima do cortejo. Choviam continuamente as flôres.

N'alguns pontos julgámos até que algumas das pessoas que nos saudavam, estariam feitas com inimigos que porventura não sympathisam com estas manifestações civicas.

A razão que nos leva a aventar esta hypothese, que á primeira vista deverá parecer pouco curial, é a seguinte: em dois ou tres pontos, cahiram-nos ao lado ramos tão gigantescos, que ao principio, não distinguindo bem, quando vimos aquellas coisas pelo ar, julgámos seriam castigos celestes, que sob forma material e pesada, vinham vingar, sobre as nossas pobres cabeças, os brios da Nação e do sr. Fernando Pedroso.

Quando vimos, porém, que eram ramos, e alguns encantadores, as nossas suspeitas desceram da côrte celeste para outro ponto; e n'uma visão instantanea deparámos com uma physionomia conhecida, muito conhecida, que receamos mesmo a 20 leguas, dizendo coisas terriveis, *tigrinas* a uns ouvidos attentos; e depois vimos o proprietario da tal physionomia *deshumana* distribuir os aromaticos projectis.

As terriveis e gentis emissarias prometiam matar a hydra, e debaixo de flôres, para que ella se não queixasse. Como se receiasse que a hydra iria ao pé dos alumnos das escolas foi sobre isto que mais carregou a metralha.

Oh! mas que terrivel pesadelo!

Que dizia eu?

Querer um municipal substituido por um bouquet!

Se tal succedesse, se as instituições realmente tivessem o intento que eu, só por instantes, imaginei, de destruir os inimigos coroando-os de flôres no meio d'uma festa estrondosa, mostrariam n'isso um genio artistico não vulgar.

Eu não sei se preferiria morrer afogado em malvasia como um duque de Clarence,

se morrer debaixo d'um bouquet monumental colhido nos jardins da Carta.

Não detalharemos n'esta impressão imperfeita que damos do cortejo.

O que sobre tudo nos feriu foi o aspecto geral, a confusão encantadora de vozes, de marchas, de vivas, a magestade d'aquella desfilar de cidadãos uteis, remoçando, ao saudar a memoria d'um dos mais uteis que teve Portugal.

No meio d'aquelle mar de cabeças surgiam de tempos a tempos os carros triumphaes.

O carro symbolo da reedificação de Lisboa, o carro do commercio, carro da fabrica da industria nacional á Pampilha, carro das colonias, carro da imprensa, carro das sciencias, carro da instrucção militar, e finalmente o carro da agricultura, pittoresco o mais possivel.

Os carros iam circundados e seguidos pelas corporações, cujos trabalhos elles symbolisavam.

E nada mais fortalecedor do que ver o alvarço com que aquellos symbolos, não de mysterios obscuros e incompreensiveis, mas sim de trabalho e actividade debaixo de todas as formas, eram acolhidos.

O cortejo levou no seu longo percurso das 2 1/2 ás 6 horas da tarde. Quando o prestito chegou á praça dos Romulares eram 5 e tanto.

Ao dispersar do cortejo, pela rua do Alcrim ainda houve saudações e cordiaes encontros.

E tudo correu na melhor ordem, apesar dos receios que povoaram gentis cabeças loiras, que, havia algumas noites, conversavam timidamente com os seus travesseiros, confiando-lhes segredos tristes, e apprehensões terriveis; apesar do empenho de potentados aborrecidos, que para pôr ponto na monotonia do seu viver sentsaborão queriam ter o pittoresco d'uma desordemsinha que lhes fizesse arregalar as palpebras pesadas do somno constitucional.

Compreenderá o povo o alcance do centenario? Crêmos que não.

Sentirá o povo verdadeiramente, receberá uma salutar, ainda que vaga, impressão d'aquella manifestação grandiosa? Crêmol-o firmemente.

Dizei a um camponez: allí vai o symbolo da santissima trindade, da divindade de Christo, da virgindade de Maria Santissima.

A tradição religiosa inoculada no espirito e alimentada por uma educação pia far-lhe-ha curvar respeitosamente a cabeça n'um recolhimento tão sincero como esteril. O seu espirito atraz d'aquelle symbolo nada verá; ha, entre elle e o que lhe mostram como que materializado, um veu que elle não levanta. E assim elle terá este terror fradesco do intangivel, e o seu espirito, que não vê o que lhe dizem ser grande, que não comprehende o que lhe dizem ser sapientissimo, que não pôde amar o que lhe dizem ser santo, humilha-se deante do mysterio, e o pobre sente-se corrido d'uma calafrio, como se estivesse continuamente mettido n'um claustro soturno e gelado.

Mas n'um dia de festa, de alegria nacional, chegae ao pé d'esse homem e dizei-lhe em voz alta, sem receio: vês aquella multidão enorme, que desliza em frente, clamorosa e ardente, seguida d'um rasto de saudações, acompanhada de cantos triumphaes, cheia de jubilo? Pois essa turba que se manifesta victoriosa, porque a justiça é uma victoria, alegre, porque o trabalho é uma felicidade, grande, porque o dever é um poder enorme, glorifica um victorioso, que soube ser forte e honesto, relembra um feliz, que trabalhou muito, agradece á memoria d'um justo que comprehendeu a sua missão.

Vês aquelle carro? Não reconhecês n'elle o tropheu da tua batalha enorme contra a terra?

E o trabalhador então sentirá em si o que nunca sentiu. O coração pulsar-lhe-ha d'orgulho.

Verá n'aquella carro triumphal glorificado o seu trabalho, que elle, ignorante e encerrado no seu estreito campo, julgava talvez uma vergonha, uma condemnação.

Julga-se em parte saudado por todas aquellas boccas que se abrem estridulas, julga-se querido por todos os espiritos que se iustruem n'aquella ostentosa marcha.

Elle já não é o proscripto, o obscuro lutador sombrio, que andava fugitivo do que era elevado. Não é o ser vil, como na aldeia dizia o cura; elle bem sente lá dentro que fazem justiça ao seu braço incançavel.

E tudo quanto lhe é caro allí desliza em frente: os bois doirados, enxotando com as caudas o mosquedo impertuno; lá vai atravessado o arado, com que elle nas manhãs frescas rasgava a terra, a esboçar-se em volta, enquanto os pardaes atrevidos o roubavam; e a dorna gigantesca; o feno fresco dando uma sensação e aroma campesino no meio dos *asphaltos* abrasados.

Elle não é então um exilado d'um banquete, que é para todas as classes: a cidade não odeia o campo, e o seu trabalho é respeitado!

Quando o rude lutador, cheio d'espanto por se lembrarem d'elle, olhar ainda para o complemento d'essa manifestação, aponta-lhe para aquelle grupo de creanças que passa além, de estandarte alevantado, bradando entusiasta; e diz-lhe: teu filho ha de ir um dia allí, porque tu deves mandal-o á escola.

Já tinha principiado a festa na Trindade, quando entrámos no salão. Discursava Eduardo Abreu.

Dispensa-nos, bom leitor, da inutil tentativa de te fazer sentir todo o entusiasmo, toda a commoção surpreendente, enorme, que fazia delirar a plateia.

Quando o estrepito das palmas cedia perante a curiosidade ansiosa, com que o publico desejava ouvir o academico laureado e talentoso, sentiamos-nos lisongeados, como seu verdadeiro amigo que nos presamos de ser, pela significativa attenção, pela sympathia e respeito com que elle era escutado. Era a imposição da intelligencia, era o tributo espontaneamente pago ás qualidades phenomenaes d'aquelle espirito superior.

Quando terminou, protestando vehemente contra O JESUITA, a sala desfazia-se em *bravos* e palmas; e da plateia e dos camarotes cahiam sobre o orador a chuva dos applausos.

Minutos depois, appareceu n'um camarote, com Carlos Tavares. Abraçaram-se commovidos. Eram dois rapazes, apoplecticos de talento, fraternizando na gloria que ao genio se consagra.

Restabeleceu-se a ordem no salão. Preparavamos-nos para ouvir os trechos musicaes que o programma annunciava, quando ouvimos de todos os lados «*Fôra Luiz Osorio; fôra Luiz Osorio*». Informando-nos, soube-mos que este recitára na 1.^a parte do sarau; e, sabendo-o, só nos admiraria o contrario do que succedeu.

Não conseguindo vencer pela sua nimia modestia a gloria que, de momento, conquistára, appareceu Luiz Osorio, como todos o conhecemos: pedindo desculpa de vir incommodar, que elle salvava a sua responsabilidade etc.; a plateia indicava-lhe de cada lado um poesia. «Chora!» pediam uns. «As algas!» exclamavam outros. Recitou «*As algas do mar*». Quando elle dizia:

A onda vae, a onda vem...

a plateia, como que obedecendo ao gesto do sympathico recitador, fazia um movimento de vae-vem. Obedecia á intimativa do genio, nada mais.

Não podemos tecer a Luiz Osorio um elogio; seria duvidar de que todos o admiram. Calamo'-nos, pois. Recitou admiravelmente umas poesias engraçadas e ligeiras. O *fidalgãozinho d'aldeia*, *Delmirita*, etc. foram alegremente acolhidas. Por muito instado, recitou *Chôra!* Apagaram-se os sorrisos que, com a lembrança da *Delmirita* brincavam ainda nos labios frescos das damas. Chegando ao ponto da poesia em que se diz:

Que profundo gener não tem o mar profundo!

Os espectadores sustiveram a respiração, amedrontados. Nunca Luiz Osorio disse melhor, do que quando soltou lugubre e soturno aquelle verso da sua esplendida composição! Foi enorme, o poeta!

Enfim, o publico, pedindo imponente que fosse alterado o programma do sarau, substituindo á musica as poesias de Luiz Osorio,

manifestou-se á altura de comprehender o levantado engenho do mimoso poeta. Honra lhes seja.

A's 5 e meia da tarde do dia 9 partem de Lisboa os doze ou quinze vapores que tomaram parte no passeio fluvial.

De todas as manifestações festivas foi talvez n'esta que o entusiasmo se expandiu mais livremente. Desde o Terreiro do Paço até Oeiras levantaram-se vivas unisonos que cortavam a harmonia triumphal dos hymnos que atroavam os ares.

O *Orpheon* academico, que ia n'um dos vapores, foi muito applaudido.

Desejariamos ser mais extensos, mas estas descrições vão já muito longas e não queremos abusar da benevolencia do leitor.

Porto

O Porto soube responder com bizarra galhardia ao apello, que os estudantes lhe fizeram. Foi pena que nos 2 primeiros dias o Eterno entendesse dever fazer *pirraça* e mandar uma chuvinha miuda, que pouco a pouco se foi convertendo em torrentes despidadas para a nossa alegria e para a memoria do grande ministro de D. José. No primeiro dia, houve a inauguração d'uma philantropica e o passeio fluvial; mas nenhuma d'estas partes do programma surtiu o effeito desejado, porque não deixou transparecer ao menos a boa vontade d'aquelles que com tanto empenho tinham promovido as festas. Aqui não houve, pois, nada d'importante, e não serem alguns vivas levantados por academicos de Coimbra, que por este modo queriam reagir ainda contra os designios da Providencia, e contra as preces dos carolas.

Quando começou verdadeiramente o entusiasmo, que nos surpreendeu, foi no domingo. O dia appareceu brusco, o ceu carregado de nuvens, que de quando em quando, como barrufos sobre os *bouquets* de flores, que ornavam as ruas, despediam bategas d'agua, que desanimavam a enorme multidão, que andava ansiosa de presenciar o cortejo. Seriam 3 horas, quando em frente do edificio da Academia, começaram a passar as corporações; e a cada uma os estudantes reunidos saudavam entusiasticamente. De todas ellas, manda verdade que se diga, a mais victoriada a redacção da *Folha Nova*, cujo carro, representando um prelo, ia imprimindo o decreto da expulsão dos jesuitas que era distribuido pelo povo que avidamente o recebia.

Em seguida á imprensa, caminhavam os bombeiros municipaes e voluntarios com todo o material, e, finalmente, atraz do carro da sciencia iam os professores das escolas do Porto e um lente da Universidade, a comissão academica de Lisboa, a escola de medicina, a Polytechnica, os alumnos do lycea e por ultimo a fechar o cortejo a comissão executiva dos festejos pombalinos. O entusiasmo não se pode descrever, porque só vendo as ruas dos Clerigos, Praça Nova, Santo Antonio, cobertas de gente, as janellas completamente cheias de senhoras de *toilettes* vistosas, de lenços brancos na mão, agitando-os a cada viva que os estudantes levantavam, atirando flores sobre nós, com um despreendimento e uma desenvoltura — que se julgavam mortos nas senhoras portuguezas —, só ouvindo os gritos alegres do povo e os vivas ás vezes disparatados, que faziam rir, que durante o trajeto toda aquella multidão soltava, só vendo o ar festivo com que nos recebia, é que se poderia fazer uma ideia da manifestação extraordinaria, como nunca vimos em Portugal, e que só tarde se poderá repetir assim tão espontanea e tão franca.

Isto, porém, durou pouco, porque a chuva foi tão forte que, ao meio da rua de Santa Catharina, obrigou a despe-sar tudo, ficando assim desfeito o respeitavel cortejo que tinha no Porto uma tão alta significação.

No dia seguinte alguns industriaes quizeram, e para isso foram pedir licença ao governador civil, que sabisse novamente o prestígio para que a manifestação anti-jesuitica, fosse completa e deixasse uma impressão duradoura no espirito nacional. A auctoridade, porém, não consentiu, porque a *hydra da republica* apparecia de vez em quando, a soltar gritos sediciosos. A comissão academica, todavia, recebeu uma visita da maior parte da academia do Porto, que vinha

convidal-a para assistir a um novo cortejo, que, n'esse dia ás 4 horas da tarde, sahiria da Escola Medica e iria ao largo da Aguardente coroar o busto do Marquez de Pombal. Fomos. Como, porém, a auctoridade insistia em não mandar a licença, nós, os academicos de Coimbra, pedimos para que se reunisse uma assembleia geral dos estudantes e ali se discutisse qual o meio, como era possivel proceder. Tomou-se a resolução de nomear uma comissão para fallar ao governador civil, que, depois de muitas instancias, concedeu a licença pedida. O cortejo d'esta vez, apesar de ser composto unicamente d'academicos, d'industriaes, que se nos junctaram, dos redactores da *Folha Nova* e do povo, foi talvez mais imponente ainda, que o do dia antecedente. Pelas janellas maior entusiasmo ainda; as damas parecia que tinham adivinhado as difficuldades, com que luctamos, e queriam decerto compensar-nos com toda a amabilidade da sua gentileza. Atiravam rosas, debruçavam-se nas varandas para nos sorrir, davam salvas de palmas á nossa passagem; e o grupo dos estudantes pagava-lhes com olhares, com agradecimentos, com vivas cheios de loucura, com gargalhadas sonoras e alegres, como só as sabe dar o nosso temperamento meridional. Hurrah pelas damas do Porto!

Terminaram as festas com um sarau no theatro de S. João. As illuminações das ruas atrahiram muita gente, porque o theatro achava-se pouco concorrido, o que decerto deu logar ao pequeno entusiasmo com que foram recebidos os oradores e poetas. Todavia, ainda assim, o nosso amigo Antonio Feijó, soube arrancar com os bellos alexandrinos que recitou uns bravos espontaneos á plateia, que o ouvia attentamente.

Agora, terminaremos esta noticia, agradecendo, ainda mais uma vez, á comissão executiva dos festejos pombalinos a amabilidade com que tractou os estudantes de Coimbra e em geral á academia do Porto, que não houve manifestação de sympathia, que não nos desse, nem boa camaradagem, que não nos offerecesse.

Esperar dos partidos monarchicos, que ahí se degladiam e mutuamente se desacreditam, moralidade e dignidade nos actos que praticam seria desconhecer a sua historia politica.

Hontem celebrava o partido regenerador o tratado de Lourenço Marques; era por isso acremente accusado pelo partido progressista e não tardava a ser substituido no poder por este partido, que logo enguliu todas as phrases que no parlamento tinha empregado em descredito do partido regenerador, condemnando o tratado; pois que não hesitou em o sustentar e impo-lo á sua subserviente maioria.

Hoje temos o syndicato de Salamanca, creado sob os auspicios do sr. Braamcamp.

O partido progressista combate-o: mas não nos illudamos, ataca-o não porque mire aos interesses do paiz; mas simplesmente porque é preciso que o partido regenerador saia do poder, para que o partido progressista lá suba. E na verdade o procedimento dos partidos monarchicos militantes autoriza-nos a pensar assim.

O partido regenerador, que, pela bocca do rei, nos dizia na abertura do parlamento que o nosso estado financeiro era precario e que, para que a receita fosse igual á despeza, eram precisos novos sacrificios da parte d'este bom povo, tão paciente, autorizava aquelles dizeres com festas faustosas para a recepção de D. Alfonso de Hespanha, com que gastava mais de metade da receita que ia crear; e agora, continuando no caminho, por elle bem conhecido, dos desperdícios, não titubia em apresentar ao parlamento a tratada do syndicato, que nos ha de custar 135 contos de réis por anno, o que além de tudo é uma vergonha, que nos constituirá tributarios da Hespanha. Chamem agora ibericos aos republicanos; sirvam-se d'essa phrase bombastica que tem sido ha annos o epitheto affrontoso, que tem servido de arma politica a todos os partidos para reciprocamente se desacreditarem, e de que ultimamente lançaram mão para tambem desprestigiarem o partido republicano perante os olhos do povo, que desgraçadamente ainda os não conhece bem.

O partido progressista ataca o syndicato de Salamanca, e, se nós não conhecessemos

os precedentes d'este partido, convencer-nos-hiamos de que procede assim sinceramente e em prol dos interesses do paiz; mas como acreditar um partido que, quando subiu ao poder, não trepidou um momento em sacrificar o seu programma aos interesses da corôa, que na vespera com rasão atacara, e que agora só pretendia bajular?

Como convenceremo-nos de que é filho da convicção e do desejo de obstem a que o paiz perca na sua dignidade e nos seus interesses, se os homens que condemnaram um tratado por indigno e attentatorio da dignidade e autonomia nacionaes, foram os primeiros, quando no poder, a exigira sua approvação?

Poderemos nós, depois d'isto, suppor por ventura que o que os faz gritar na imprensa, por meio dos seus orgãos, contra o tratado de Salamanca é a expressão da verdade?

Não o cremos; simplesmente vemos n'essa comedia que ora se ventila entre a imprensa progressista e regeneradora e que em breve se representará na opera comica de S. Bento, a ambição do poder, o—*tira-te lá tu, que eu quero entrar*.

O sr. Burnay quer os 700 contos que lhe dá a companhia da Beira pela concessão da linha de Salamanca, e o partido que ora está no poder e o que se esfalta em demonstrar quanto é máu quanto é repugnante a Salamancada, como elles lhe chamam, precisa frequentes vezes de recorrer á *tenda* do Francez, e portanto a Salamancada será approvada.

O Porto, que no seu egoismo de negociante não percebe que com tal syndicato apressará a decadencia do paiz, impondo-lhe graves sacrificios, não accetaria os impostos ha pouco votados, se não fôra a linha d'alli a Salamanca; portanto a Salamancada será approvada por este ou por outro partido. O que farão os regeneradores sobre este assumpto, já o sabemos.

O que farão os progressistas, se forem ao poder e a linha não for approvada pelo partido que está no poder, promovendo-o. Nós dir-lhe-hemos: *sic valeas ut farina es*.

Ao povo dir-lhe-hemos que examine essas veniagas torpes que se dão, seja qualquer o partido monarchico, que suba ao poder, e que faça que os que se dizem, seus representantes d'elle olhem pelos interesses e não unicamente pelos do partido em que se acham filiados.

NOTICIARIO

Nem tudo o que luz é ouro.—Ha individuos que se nos apresentam liberaes, e que chegam a fazer-nos convencer de que na realidade o são; mas n'este mundo sublimar quasi tudo são illusões, e já não estranhemos o ver uma ou outra desaparecer.

Alguns rapazes de boa vontade e que bem comprehendem que não podemos sempre ficar apegados ás velhas tradições, e que em cada grande vulto da nossa historia patria vêem um heroe, que é preciso respeitar e cuja memoria se torna necessario radicar no espirito dos povos, fizeram aos Arcos do Jardim uma pequena, mas digna manifestação de quanto presavam o grande politico — o Marquez de Pombal, cujos feitos em beneficio do paiz é desnecessario relembrar.

Pois bem; nem allí o espirito pequenino, vil e mesquinho dos jesuitas e seus consocios deixou de querer perturbar as festas d'aquelles bons rapazes, que sabem comprehendere o respeito, a consideração com que se deve commemorar a passagem rapida, por este mundo, de homens que fazem pelo seu paiz o que fez o grande Marquez de Pombal.

Uns serviram-se da intriga infame para verem se conseguiam dissuadir-os de realisar a manifestação que tinham projectado; outros, que dariam buxo, hera e... para uma festa qualquer, celebrando o anniversario ou centenario d'um Labre qualquer e outros quejandos, recusaram-se a prestar não só isto, mas qualquer outro insignificante serviço.

Ainda bem; porque d'elles ficamos fazendo o conceito que merecem.



A EVOLUÇÃO

SEMANARIO REPUBLICANO

A nossa theoria historica representa necessariamente a realoza moderna como o unico resto capital do antigo regimen das castas.

A. COMTE, Cours de Philosophie positive, t. 6. pag. 298.

Com os progressos da cultura geral o governo republicano deve e não póde deixar de estabelecer-se em todas as partes do mundo.

E. DE HARTMANN, Philosophie de l'Inconscient t. 1. pag. 430.

Caminhamos para um ideal politico em que a acção do governo será reduzida ao minimo e a liberdade elevada ao maximo grau compativel com a liberdade dos outros.

H. SPENCER, Classification des sciences, pag. 119.

N.º 25

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Cada serie de 15 numeros 300 reis.

COIMBRA, 22 DE MAIO DE 1882

PUBLICAÇÕES

Anuncios, 20 reis a linha.—Toda a correspondencia deve ser dirigida para o Marco da Feira, 4.

ANNO 1.º

O LIVRO D'UM MINISTRO

II

O auctor das *Questões de politica positiva*, procurando na synthese dos factos a lei geral que os domina, julga descobrir que a lei reguladora dos phenomenos politicos é contraria ao desenvolvimento, e até á existencia, do partido republicano.

Ora, sendo o constitucionalismo, como affirmam os mais notaveis publicistas, um regimen de transição para a republica, esta tem de lhe succeder inevitavelmente, em virtude da lei que domina a phenomenalidade politica. O sr. Serpa julga o contrario. Pelo menos na pratica, e nos paizes de raça latina, diz elle, a monarchia constitucional é, mais do que a republica favoravel á liberdade, ao estabelecimento do governo da discussão, e á applicação dos melhores principios da sciencia social. (pag. 171.)

É preciso ter uma certa coragem para dizer isto. Todos sabem que é exactamente nos paizes chamados de raça latina que a França republicana faz sentir poderosamente a sua incontestavel hegemonia.

Mas ainda se admira mais o arrojo do escriptor quando o vemos adduzir para provar tão estranho asserto a seguinte razão: «na França republicana a policia e os tribunaes inquietam e perseguem as manifestações do pensamento monarchico, e em Portugal, na Italia e na Belgica nem a policia nem os tribunaes se incommodam com as manifestações do pensamento republicano.» (pag. 171.)

Pelo que toca a Portugal, esqueceram

ao sr. Serpa alguns factos, que vamos rememorar.

Durante os ultimos 10 mezes decorridos foram querelados os jornaes republicanos — *O Antonio Maria*, *A Folha do Povo*, *A Orgia*, *O Tempo*, e *O Seculo*, que, á sua parte, o foi por 16 vezes; foram supprimidos — *O Radical*, *O Republicano*, *a Scintelha*, e *O Trinta*; prohibiu-se em Setubal o meeting do candidato republicano, o sr. Jacintho Nunes, e a policia interveio por varias vezes, pretendendo alterar a ordem, nas reuniões e nas conferencias dos centros republicanos; passaram-se mandados de prisão contra os srs. Anselmo Xavier, Augusto de Figueiredo, Gomes Leal, João Carlos de Sousa, João José Baptista, Magalhães Lima, Rodrigues dos Santos, e Silva Lisboa, todos conhecidos pelas suas ideias republicanas.

São os factos de que nos lembramos; é de crer que omittissemos alguns. De resto, toda a gloria do sr. Arrobas provém dos esforços que tem feito para esmagar a hydra.

Se isto não é perseguir as manifestações do pensamento republicano, se isto não é incommodar a policia e os tribunaes, não sabemos realmente como se possa perseguir o pensamento republicano, e como a policia e os tribunaes possam ser incommodados.

Continuemos.

O partido republicano, diz o sr. Serpa, existe, mais ou menos numeroso, nas monarchias constitucionaes, mas é antes filho do sentimento do que de ideias. Os grandes publicistas e pensadores não dão importancia á questão. (pag. 168).

De modo que, para o estadista portuguez, Augusto Comte, que se declara «um republicano de espirito e de coração;» (1) Littré, esse herculeo trabalhador que, com o vigor da sua penna e a energia do seu braço, sempre defendeu a causa republicana, e que ainda em 1871, aos 71 annos de idade, decrepito e valetudinario pôz sem restricções o seu prestimo á disposição do governo da defesa nacional; Raspail, — homem extraordinario em que não sabemos o que mais admirar, se a rigidez do caracter, se a alteza do engenho, se a vastidão do saber, — Raspail cuja vida foi sempre dedicada á evangelisação dos principios republicanos; Hartmann que, sob o militarismo da Allemanha, prophetisa, na sua obra monumental, o fim proximo e inevitavel de todas as monarchias; o dr. Büchner, republicano intractavel a quem o governo allemão expulsou da sua cadeira de Tubingue; Salmeron, professor distinctissimo, igualmente espoliado da sua cadeira, Salmeron, magistrado incorruptivel que se demittiu de presidente da Republica hespanhola para não assignar uma sentença de morte; — de modo que, diziamos nós, estes homens, cuja penna sustentou o crêdo republicano em paizes onde existia a monarchia constitucional; de modo que estes homens, que são respeitados por todos como a mais alta expressão da dignidade e do pensamento humanos; de modo que estes homens, que junctam aos louros da sciencia a nobreza do sacrificio, são para

(1) Littré, *Aug. Comte et la phil. posit.*, pag. 216.

o sr. Serpa uns pobres e mediocres espiritos, sentimentaes e sem ideias.

Isto não é um simples erro: é uma affronta á abnegação do heroismo, é um ultrage á dignidade da sciencia.

O casamento do dr. Fausto

—Ha muito tempo que no Theatro Academico, em recitas de quintanistas, não vae uma peça tão bem feita como a que foi levada á scena na quarta feira ultima.

É seu auctor o poeta dos *Primeiros Versos* — o Luiz de Magalhães.

Luiz de Magalhães teve provas do muito que o estimam os rapazes seus contemporaneos, nas calorosas chamadas que lhe fizeram, especialmente no fim do segundo acto. E digo do muito que o estimam sendo esta affeição determinada em muitos, que não privam com elle, pelas provas incontestaveis do seu grande talento e do seu caracter honestissimo.

Luiz de Magalhães pertence a uma geração academica, que é talvez a mais brilhante, a mais completamente dotada das que têm vindo a Coimbra. Ora ser um dos primeiros, um dos iniciadores do periodo aureo da Academia; ser apontado como um symbolo, ser considerado uma pedra de toque para a avaliação do merito d'uma classe social, é honra que não póde caber a todos, mas que Luiz de Magalhães conseguiu pela força do seu talento, pela energia da sua bella organização, pelo que ha de voluntarioso e nobre no seu espirito finamente educado.

Luiz de Magalhães é um dos homens mais intellectualmente completos, que conhecemos. A questão scientifica, a dificuldade philosophica encontra n'elle um vencedor de fina tempera, que ataca um problema, não friamente, mas com todo o entusiasmo do seu organismo ardente, e que na explosão rapida apresenta uma solução luminosa, claramente crystalisada n'uma phrase transparente, synthetica, comprehensiva.

A questão esthetica, este debate em que

O seu olhar fecundo, creador
Foi quem nos animou n'esta batalha,
Que começa entre canticos d'amor
E que expira entre as sombras da mortalha.

Já não cantamos hoje como outr'ora;
Emmudeceu a lyra das creanças,
Que canta visões doces como a aurora
Sobre cordas suaves como esp'ranças.

Para alguns d'entre nós vae terminando
Esta lucta que temos de vencer;
Para outros vae apenas começando.....
E nenhum deixará de combater.

Já para os que na marcha ha pouco vão
Se annuvia nas brumas o horisonte;
Já do fundo do fragil coração
Lhes subiu funda ruga sobre a fronte.

Se quizermos parar na rude sanha,
Colher inda perfume a uma illusão,
Ouviremos em nós a voz estranha
Que nos manda marchar, marchar... e então

Lá partimos de novo. É-nos vedado
Descançar n'uma vã, doce existencia
Desde que para nós foi desvendado
O mysterio profundo da consciencia;

FOLHETIM

CANÇÃO DOS POETAS (1)

(A MANUEL D'ARRIAGA)

Cresce-nos a canceira dia a dia,
Peregrinos da idéa, que marchamos
Pela montanha azul da Phantasia,
Sem vermos inda a luz que demandamos!

Partindo da região das esperanças,
Desfôlhámos as rosas no caminho,
E rimos com sorrisos de creanças;
Era noss'alma pura como o arminho.

Entre os ninhos em maio nós cantámos
Como os melros nas balsas perfumadas;
N'essa vida feliz, que atravessámos,
Sorriam nossas fronte socegadas.

Vinha sempre ante nós a luz d'aurora,
Companheira fiel, dar os bons dias,
Nossa voz incansavel e sonora
Dava a nota das grandes alegrias!

(1)—poesia recitada no theatro academico no sa-
rau litterario-musical de 29 d'abril de 1882.

Tudo cantava em roda; as vozes puras
Das aves e dos fundos arvoredos
Só diziam o nome das venturas,
Nos seus meigos, dulcissimos segredos.

Seguimos sem medo, aventureiros.
Nossas cabeças novas e joviaes
Tinham o aroma ideal dos vonvoleiros
Embalsamando as tardes orientaes!

Entre os hymnos profundos, magestosos
Da natureza em flôr, que o sol doirava
Sentiamos affectos mysteriosos:
O amor em nossos peitos despertava.

Nossa mente era um espaço ethereo e vasto
Onde os sóes — illusões — iam girando,
Como atravez do azul sereno e casto
As estrellas ás mil vão perpassando.

Pelas noites caladas, silenciosas,
Os astros nos sorriam brandamente
Das profundezas vagas, religiosas
D'um céu calmo, de brilho surprehendente.

Quando vinham rompendo as alvoradas
E as estrellas no ar esmaeciam,
Como doiradas letras apagadas
Do livro em que os prophetas aprendiam,

Quando a nevoa, qual veste desprendida,
Deixava extenso e nù o azul profundo,
E se espalhava a luz do sol cahida,
D'um mundo fecundando um outro mundo,

Como os astros morriam, nossas penas
Tambem do nosso peito se evolavam;
Como as aves alegres e serenas,
Tambem nossas esp'ranças acordavam.

Era uma ascensão doce e corajosa
Pelo Olympo de luz da juventude
Esta vida infantil, e descuidosa
Vibrando de canções e de saude.

Quando por entre as sêbes orvalhadas,
Cantando perpassávamos em bando,
Vinha a musa das lyricas balladas
Grinaldas sobre nós desenrolando.

E a Gloria, a doce Gloria luminosa
Tinha um perfil suave de candura;
A sua mão pequena e còr de rosa
Tocava a nossa fronte ingenua e pura.

Cingia-lhe a cabeça auri-luzente
A corôa de myrtho, sempre fresca;
E o seu sorriso casto e transparente
Era como o sorriso de Francesca.

entra esta força do homem tão primitiva, e ao mesmo tempo tão ampla—o eterno sentimento—tem n'elle um interprete ousado, que nos dá, dentro da urna fina e delicada d'uma estrophe, todo o aroma que possa conter a flor azul da Phantasia, quando desabrocha n'um coração novo, sob a irradiação d'este Sol—o talento.

A questão social acha n'elle um critico escudado com esta coisa tão util, que se chama bom senso.

A questão moral depara com o seu bom caracter fortalecido n'uma educação séria.

Elle tem dado provas de que, em todos os assumptos de que acabamos de fallar, o seu espirito nunca lhe falhou.

Mas calemos agora o nosso coração de amigo: e a nossa opinião de apreciador do homem. As impressões que, no decurso da nossa vida academica, recebemos não só de Luiz de Magalhães, mas também d'outros bellos espiritos com quem temos privado, traduzil-as-hemos talvez n'um livro sentido, livro de rapaz que porventura escrevamos ácerca da moderna Coimbra academica.

Vamos á peça.
Intitula-se — *O casamento do dr. Fausto*. É em 3 actos e um prologo.

O velho sabio d'Allemanha, estropeado, fatigado das suas eternas investigações, sem nunca ter satisfeito o insaciavel Pensamento, que elle resume em si, sem ter encontrado a realisação do grande ideal do Bello, que o seu amor sonhava como a consubstanciação de tudo o que as grandes eras da humanidade crearam, sem ter dado a solução ao terrivel *quid inde?* da Intelligencia humana, mergulhando no infinito das concepções mais estranhas, o velho doutor procura agora o remanso d'uma vida pacata e burguezia. Tem o util ideal d'um cidadão honrado; quer uma mulher pratica, séria, do nada de casa irreprehensivel, que tempere bem um caldo e seja capaz de pontear umas piugas.

O Diabo, o terrivel e lendario espirito das Trevas, aconselha-o a que vá a Coimbra, terra onde a vida corre amena, e onde actualmente existe uma mulher nas condições, que o bom doutor requer. É a D. Positiva.

Partem para Coimbra. O doutor convence-se de que, para fazer vida no nosso torrão, não é de todo inconveniente ser-se bacharel formado.

A iniciação de Fausto nos habitos academicos, no 1.º acto, tem uma graça inexcusable. Por isso a plateia, conhecedora de todos os tipos que apparecem ou são citados em scena, é de todas as praxes da bohemia academica, sublinhava tudo com gargalhadas sinceras, cántantes.

N'um dado momento, Fausto é obrigado, pelo presidente das suas theses, a arremeter contra um *futrica*. E o vetusto philosopho arragaca a longa veste de côr carregada, deita para traz a velha gôrra que lhe cobre a cabelleira branca e salta ligeiro á frente do pobre diabo, bradando-lhe: *cá sá gôjô!*

Depois da iniciação, Fausto é plenamente aprovado, e apparece novo, remocante, vestido á bacharel com uma respeitavel te-

sura burocratica—sobre-casaca de panno preto, calça clara, de bocca de sino, chapu alto e com bengala de canna da India com cabo de marfim.

Começa depois d'isto a *côrte* á D. Positiva, namoro que é protegido pelo Diabo que tem em vista pregar rude peça ao Doutor.

No entanto a Positiva, ainda inconsciente até certo ponto do papel sério que deve desempenhar, accieita os ardentes protestos de D. Juan, que, como uma lembrança do passado, surge no meio da sociedade mal definida ainda, e fluctuando entre o ideal novo e o ideal velho.

D. Juan no entanto não pode triumphar; quando mais não seja, oppõe-se a isso a policia que o prende na occasião em que elle em scena está lançando a escada de corda á varanda da gentil Positiva.

Afinal sempre D. Juan se pode escapar e tem uma entrevista com Positiva, que fica aterrada ao ver que D. Juan nas contorsões do ridiculo imita a falla dos animaes. Por fim o doce galan fuge caminhando com uma perna no ar, com a tristeza imbecil dos que conhecem que já são demais.

Fausto, pelas artes infernaes do compañheiro constante a quem vendeu a alma, chega a casar com D. Positiva. Depois o Diabo, no meio da terrivel gargalhada, declara-lhe que a mulher com quem casou não é a verdadeira Positiva, a grande, a ferunda, mas sim uma triste imitadora da outra.

O Diabo, o espirito de negação, o inimigo ardente do Progresso, que lhe vai desmanchando o seu castello legendario pouco a pouco, diz-se vingado, enquanto o dr. Fausto se lamenta tristemente. Do consorcio de Fausto com D. Positiva nasce um menino sabio, que apparece em scena com o nome de M. de Larousse, e que declama os encantos da sua Encyclopedia. Este menino nasceu do Fausto renovado e de Positiva, assim como Euphorion, o Romantismo personificado em D. Juan, que alli vemos decadente, nasceu do Fausto—o velho Pensamento e do grande ideal da Belleza; Helena.

M. de Larousse era Mendonça David, que comprehendeu typo e o executou magistralmente.

No fim do ultimo acto dá-se a terrivel lucta da Metaphysica que vem desgrenhada, seguida do papá *Absoluto*, vestido de rei, com a Positiva correcta no seu vestido ainda de noiva de Fausto, que está acompanhada do papá *Relativo*—um terrivel-homem de bonnet Phrygio.

Mas antes d'isto o Doutor e o Diabo têm ido ao *restaurant* do orçamento, onde a Carta lhe apresenta um delicioso *menu*, regado com um licor valioso: o suor do povo.

E pouco depois trava-se a discussão da origem de Zé Povo, que em scena apparece disputado d'um lado por Pae Adão, e do outro por Pae Gorilla. Foi d'um gracioso effeito esta lucta.

É escoltada a Metaphysica pela geração velha, vestida de preto, com azas de mariposas nas sobrecasacas, e a Positiva pela geração nova de *toilettes* espaventosas.

Fausto aperta as mãos na cabeça, e o Diabo inexoravel exulta com a vingança que lhe ministrou dentro do engano.

Tu que amavas os prados loirejantes,
Dos regatos as trémulas centelhas,
E, nas doces manhãs rumorejantes,
Os doirados enxames das abelhas,

Tu que adoraste o campo, a côr, os cantos,
O moirajar das eiras, ao sol posto,
Tu que cantaste o riso e os longos prantos,
Os lyrios em abril e o sol d'agosto;

Que comprehendeste o amor cavalleiresco,
E viste nas ogivas do Passado,
As castellãs d'aspecto romanesco,
Pallidas do luar triste e gelado;

Has de cantar as almas elevadas,
E fustigar as grandes corrupções,
Nas estrophes que vão como as nortadas,
Voando pelas duras solidões,

Nas estrophes sombrias, justiceiras
Como um terrivel gladio penetrante,
Que façam baquear velhas barreiras,
Na passagem da idéa triumphante.

No entanto o combate das duas inimigas continúa a espaços, interrompido pelos assistentes que tentam pacifical-as.

Ora ninguém pode prever a solução que a questão terá. Só se sabe que tudo, segundo o que diz o Diabo, está reduzido a uma comedia; á voz de *pandega*, rivaes e inimigos, incluindo D. Juan que se acha alliviado da perna, dançam o bello fado, n'uma conciliação e alegria que fazem honra aos brios nacionaes.

Luiz de Magalhães teve o segredo de bordar sobre um assumpto, que á primeira vista talvez parecesse pouco commodo para a comedia, as mais graciosas phrases, chegando ás vezes a dar no meio do *charicari* d'aquella obra d'um burlesco apreciavel, a nota profunda, a definição altamente artistica do intuito philosophico e sensatamente critico que se entrevé na farça.

É uma pena que o dialogo do Diabo com a Positiva, no 2.º acto, pertença a uma obra que, pelo fim com que foi feita e pelas circunstancias, tem de ser passageira.

O desempenho foi regularissimo. Luiz de Magalhães fez magnificamente o papel de Mephistofeles. Henriques da Silva, um distincto poeta, interpretou bem o papel de Fausto, e Coulo, a D. Positiva, sobre tudo no 2.º acto, não deixou nada a desejar. Joaquim Gomes era o D. Juan, e cantou com expressão a aria amorosa no 2.º acto; ainda que se notou não estar com a voz muito nitida, e isto em virtude do cansaço que lhe causou a direcção da parte ornamental do theatro, que estava do melhor effeito. Permitta-

.....
És moça, és nova ainda: os annos até agora

Sorriram-te jovias como o nascer da aurora...

A vida—o negro inferno a que Deus vos condemna

Tem tido para ti aromas da verbena,

A frescura d'um lago, e o resplendor da luz...

Ora bem: queres tu evitar ter a cruz?

Toma os conselhos meus; attende-me um momento;

Vou-te fazer aqui um rico testamento!...

—Meus dias estão no fim; o mundo anda abalado,

E tudo o que era antigo e velho e consagrado

Pende para o sepulchro. A nobre idade-media

Termina entre a risota ignobil da comedia...

Cavalleiros e reis, os santos e até Deus

Dizem á existencia o derradeiro adeus.....

E eu, esse velho heroe das lendas mysteriosas,

Esse vulto fatal das sombras tenebrosas,

O principe do mal, tentador de Jesus,

Fecho como o morcego o meu olhar á luz;

Á luz do novo mundo, á luz da nova ideia,

Que á minha custa ri, e troça e galhofeia!

D'este velho diabo accieita os seus conselhos,

Deixa rir essa *troupe* ingenua de fedelhos

E faz o que eu te digo. E eu antes d'espichar

Quero inda uma partida ao meu doutor pregar,

Pensa tu bem no caso; era coisa de arromba

Fazer eu esmurrar ao Pensamento a tromba

Ainda mais uma vez na estrada do Progresso...

Hein! Era d'estalar?!

LUIZ DE MAGALHÃES.

Desde que ella nos disse «A vossa lyra
Será sempre na lucta a minha voz;
Tirae-lhe a velha corda que suspira;
Ha muito crime ainda horrendo, atroz

Que é preciso vencer.

Creança, poeta;
Nada será vedado ao teu olhar:
A tua fronte que era mansa e quieta
Ha de profundas coisas contemplar.

E é por isso que a ruga traioceira
Fendeu essa cabeça alegre e ardente
Que exhalava o fino aroma da amendoeira
Ao despertar d'um dia resplendente!

Poeta—essa tu'alma nobre, immensa
É praia aonde sempre irá quebrar
Do grande mar humano a onda intensa,
N'um continuo vae-vem, sem descançar.

Tu que cantaste as coisas mais suaves,
Que sentiste as tristezas e os lamentos,
Viste maio florir, cantar as aves,
E, vagabundo, ouviste ecoar os ventos;

Tal é nossa missão. O invio trilho,
Que hemos de percorrer, vae terminar
N'uma região distante, erma e sem brilho
Onde vegeta o goivo tumular.

Depois do sol ridente, a noite escura
Veste de sombra tudo; e assim fenece
Tambem da nossa amplissima ventura
O sol, que fez brotar a loira messe

De grandes illusões omnipotentes;
Que illuminou castellos de chimeras
Obras de sonhos leves, transparentes,
Tecidos com o luar das primaveras!

Mas que importa? Dos sonhos que voaram
Um perfume ficou, que já não morre.
Venham lutar agora os que sonharam...
O pranto de saudade, que nos corre

Pela face abatida, é como um orvalho
Que fecunda de alento enquanto cahe.
Como no bosque denso ergue o carvalho
A ramagem frondosa e o raio attrahe,

Aos vendavaes sereno offerecendo
A resistencia forte d'um gigante,
Nós contra o Mal iremos combatendo.
Cavalleiros do Bem, nosso montante,

Fundido á viva luz da madrugada,
Vae destruir do crime a selva umbrosa.

E n'essa quadra triste e desolada
Em que não fulge tudo côr de rosa,

Quando algida e sinistra a morte vier
Da nossa a fronte sua approximando,
E sentirmos, altivos no Dever,
Que a marcha pouco a pouco vae findando,

Brilhará sobre nós serenamente,
Como aurora do pólo d'esta vida,
Que atingimos luctando rudemente,

A consciencia erguendo-se remida.

Coimbra—82

SILVA GAYO.

CAMBIANTES

DE TARDE

Costumava sentar-se ali nas tardes calmosas, á sombra d'aquelles velhos cedros.

Atravessava o jardim rapidamente por entre as murtas, calcando a areia fina das ruas com os seus pequenos pés; e, enquanto tirava o sol dos olhos com o livro ricamente encadernado deixava ver um braço escultural, que sahia da manga curta do seu vestido claro, fresco, alguma cousa aberto no peito.

Os vastos cabellos pretos prendia-os com uma flor, n'um adoravel negligé; outras vezes, deixava-os cahidos, revoltos, á mercê do vento, que lh'os atirava para o seio.

Nas horas de calor, em que o sol dardejava uns raios de fogo sobre a terra, vinha sentar-se á beira do lago, um lago circular, todo rodeado de cedros, que lhe davam uma sombra agradável e onde dois enormes cysnes brancos deslisavam tão de manso que nem lhe perturbavam a superficie espelhada.

Uma pequena cascata, cercada de bambús, deixava cahir um fio d'agua, que ia perder-se com um som continuo e monotono n'aquella pequena bacia.

As vezes, os cysnes approximavam-se; e enquanto comiam os musgos, com os seus enormes pescoços estendidos, o fio d'agua corria-lhes pelo corpo, desfazendo-se em gotas, que iam cahir no lago, transparentes, formosas como perolas.

Um extenso tapete verde de relva, onde sobresahia a flor branca do mal-me-quer, cobria as margens; onde e onde, uma roseira branca ou amarela enroscava-se pelos cedros, lançando no espaço uns aromas subtils.

Em cima, sentiam-se os cantos das aves e o chilrear dos filhos, como se estivessem a aprender; e á noite, quando a lua vogava na immensa extensão azul do ceu, mais de um rouxinol vinha ali, sobre o flexível bambú, soltar aquelle harmonioso canto, enquanto o cysne dormia, immovel como se fosse um pedaço de alabastro.

Era á beira do lago que vinha passar as tardes e ler os livros predilectos. Sentava-se n'uma das cadeiras toscas que estavam espalhadas por ali e, toda entregue á leitura, deixava correr as horas sem o presentir.

Muitas vezes, baixava-se a colher um mal-me-quer; pousava o livro no regaço, e desfolhava-o, entreabrindo os labios para pronunciar muito mansamente:

— Bem-me-quer; mal-me-quer.

No fim, ou ficava a contemplar com um meigo sorriso e um ligeiro rubor as petalas que lhe tinham cahido no vestido. ou a sua branca e fina mão as sacudia nervosamente, até que se iam perder no verde da relva, como se as quizesse castigar de algum delicto.

Então retomava o livro e absorvia-se de novo na leitura. Quando algum capitulo interessante lhe prendia mais vivamente a attenção, o seu elegante corpo dobrava-se n'uma curva graciosa para se approximar mais da pagina, como se tivesse medo de perder alguma palavra.

Depois, deixava cahir o livro sobre o peito, recostava-se com um suspiro, e cerrando as palpebras, deixava correr o espirito pelas vagas regiões da phantasia, enquanto o arquejar do seio lhe accusava os pensamentos tumultuosos.

E os cysnes continuavam a deslizar por sobre o lago as suas pennas de neve.

Coimbra.

ANTHERO.

DITOS E PHRASES

Napoleão dizia diante do tumulo de João-Jacques Rousseau, pensando no seu proprio destino «—A especie humana valia bem mais que nem Rousseau nem eu viessemos ao mundo.»

A curia faz tudo quanto lhe soffrem e soffre tudo quanto lhe fazem.

As phrases hoje produzem difficilmente factos.

A indifferença pela dôr alheia, sobretudo quando impotente e obscura, é o grande vicio do seculo.

A. Herculano.

Um dito de Pio VI.

Passeiava o pontifice nas galerias do Vaticano e viu uma dama, frescamente decotada e que levava uma soberba cruz de riquissimos brilhantes.

— Santo Padre, vêde que bella cruz, diz o cardeal que o acompanhava.

— Sim, responde o pontifice, é realmente uma cruz magnifica, mas o calvario vale mais do que a cruz.

As leis e regulamentos devem ser curtos; os fatos compridos embaraçam muito.

Em tempo de revolução, multiplicam-se as apostasias; o senso moral, como a bussola, é desnordeado pela tempestade.

Nada se perde: um pensamento, um sentimento, como o menor movimento, transmitem-se e repercutem-se até ao infinito; a moral e a mechanica têm as mesmas leis.

A variedade dos estudos que impomos ao espirito de nossos filhos recorda a mistura rapida das côres do prisma que apenas causa na vista a sensação do branco.

S. M. Valtour.

É por amor-proprio que apreciamos as pessoas modestas.

Duc de Lévis.

Nas crises politicas, o mais difficil para um homem honrado não é cumprir o dever, é conhecê-lo.

De Bonald.

A velhacaria tem limites; a estupidez — não.

Napoleão 1.º

Luiz XIV tinha a grandeza do orgulho e a baixa idolatria de si proprio.

Ledru-Rollin.

A fraternidade, quando deslocada e temporanea, pode ser mais perigosa e mais custosa do que uma franca e patente hostilidade.

A. do Quental

Publicações recebidas

Recebemos e agradecemos:

— O Marquez de Pombal, por D. Agostinho de Sousa.

— O Marquez de Pombal (conferencia), por Alfredo Paço Vieira.

— O Marquez de Pombal, por Trindade Coelho.

— Elementos para a Historia do Municipio de Lisboa, 1.º fasciculo.

— Preito a Pombal (poesia), por Carlos d'Almeida Braga.

— O centenario do Marquez de Pombal e 48.º anniversario da entrada do exercito libertador em Coimbra, Commemoração da Associação Liberal.

— Codigo Social, base da Federação, Luso Brasileira, por Antonio Narcizo Alves Correia.

— Revista Universal, periodico illustrado.

— Pero Gallego, folha litteraria scientifica.

— Sciencias para todos revista semanal illustrada, n.º 15, 16 e 17.

— Districto de Leiria, cuja recepção accusamos n'um dos numeros passados d'esta folha.

— Verdade, de Thomar.

— Districto de Santarem.

— Elementos de litteratura classica antiga

e moderna—coordenados em harmonia com os programmas officiaes dos Lyceus—por José Gomes Lage.

— Synopse dos Elementos de litteratura classica antiga e moderna—por José Gomes Lage.

— Jornal de agricultura:—II anno.—numero 10, 15 de maio de 1882, summario:

SECÇÃO AGRICOLA.—O Marquez de Pombal.—A instrucção agricola melhorada.—Chronica agricola.

SECÇÃO DE SCIENCIAS VETERINARIAS.—Algumas causas da tuberculose nos animaes domesticos e da transmissibilidade d'esta doença á especie humana: Discurso proferido na bibliotheca Camões, em Santarem, pelo medico-veterinario d'artilheria n.º 3, José Maria Casqueiro.—Revista da imprensa estrangeira: Doença epileptiforme dos cães de caça—acariase auricular; seu tratamento. Transmissão, pela hereditariedade, de estados organicos morbidos, produzidos accidentalmente nos ascendentes. Conferencias e exercicios de micographia na escola de Cureghem.—A faculdade de medicina de Utrecht, a academia de medicina de Paris e a Gazeta dos Hospitales militares, de Lisboa.

Assignatura paga adiantada 2\$400 réis—por anno.

Redacção—Campo dos Martyres da Patria 132. Porto.

— O Caloiro.

No proximo numero occuparemos-nos d'algumas d'estas publicações.

NOTICIARIO

Gratos a toda a imprensa pela honra que nos tem dado de transcrever alguns dos nossos artigos, agradecemos particularmente á Folha Nova as suas ameadas transcripções, que muito nos penhoram.

Consta-nos que o sr. Arcebispo de Mitylena acaba de levar uma licção tremenda, que lhe inflingiu um dos sacerdotes mais dignos e honestos que vivem no patriarchado de Lisboa.

Era mais conveniente que as toupeiras de S. Vicente discutissem esses documentos que annullam os pedantes, os nescios, os reaccionarios, do que empregarem toda a sua actividade em minar e diluir a reputação dos homens de bem.

Fazemos hoje duas citações, que ouvimos em tempo a Alexandre Herculano. Vão na secção — Ditos e phrases—. Uma d'ellas dá a mais exacta definição da curia romana.

Tivemos agora occasião de ver as palavras, a que alludimos, perfeitamente confirmadas pelos acontecimentos do Porto, que dizem respeito ao procedimento do periodico—A Palavra.

No concellio de Torres Novas são verdadeiramente animadoras as esperanças d'uma colheita cheia, durante o corrente anno.

Oxalá que assim succeda, porque as colheitas dos annos anteriores têm sido d'uma escassez notavel.

Folgamos de noticiar que o ex.º sr. dr. Antonio Saldanha de Moncada estabeleceu escriptorio d'advogado em Torres Novas, rua d'Entre Praças, n.º 19, 1.º andar.

Felicitemos os habitantes da comarca de Torres Novas, porque podem contar no seu gremio um distincto alumno, que foi, da Universidade de Coimbra, um caracter honesto e digno, que é, um moço lhano, popular e competentissimo para bem desempenhar os seus deveres.

Ao nosso presadissimo amigo enviamos um cordial aperto de mão e appetecemos todas as venturas de que é legitimo credor.

M.

Pedimos ás direcções do correio o maximo cuidado na expedição d'esta folha, como lhe cumpre. Tem havido da parte d'alguns dos nossos estimaveis assignates indicação de falta do jornal. Podemos assegurar que a remessa é cuidadosamente feita e cremos

que as irregularidades partem das direcções dos correios, que não primam infelizmente por um serviço desejavel.

As latas tem uma larga tradição. Recordam-nos a economia de bons tempos em que por preço diminuto se obtinha em 2 ou 3 latas um jantar magnifico, facil de digerir... Terminava o tempo lectivo e eram sacrificadas! ellas, que durante um anno representavam para o bohemio estudante um serviço de loija completo, eram arrastadas post tot tantos que labores pelas ruas. Mudaram os tempos, os cobres e a cosinha, mas a tradição permanece. Cantaros e bábús, cafeteiras e ferrinhos saltam para a rua, de faces amolgadas e... realisam plenamente o programma que este anno foi distribuido:

A'S LATAS, CIDADÃOS!

(Epistola ad Juristas)

Eu, D. Chifrim Banzé, por graça da rapaziada, amiga e de Sua Magestade Imperial a Arruaça, inspector da Troça, chancelier-mór do Pagode, Cavalheiro professo da nobilissima ordem da Bolsa Vasia Grã-Cruz da Piada Fina e do Vinho Branco do Pancada, Socio de merito e effectivo de varias associações de Prego e Dependura, tanto nacionaes como estrangeiras, condecorado com a medalha d'ouro das campanhas do Canellão e do Corte de Cabello, admirador lamecha encartado do sopeirame da Alta e director-syndico em chefe da pantagruelica festividade das LATAS, etc., etc., etc.

Considerando que deve ser para nós de superno, supino e desenfreado jubilo o glorioso dia 20 de Maio, consagrado a ser o fecho, o PONTO final da nossa ardua perigrinação através dos livros e dos Geraes—podendo allim descansar no oasis suavissimo das farias;

Considerando que para nós emmudeceram os sons horrissonos-agudos da cabra—essa furia metallica que a mão grifenha do demonio arrancou do mais profundo das profundas do inferno para nossa constante tortura;

Considerando que foi subjugada... por este anno essa hydra de cem cabeças e 15 paginas, idolo querido do Pacheco, espectro implacavel que nos persegue, phyloxera que nos suga a saude com sangrias de sete tostões mensaes—e que estamos emancipados da tutela dos massudos alfarrabios dos praxistas;

Considerando que na genese funicular-properita da humanidade e na evolução historico-callaica dos tempos, esta festividade teve sempre da parte de nossos antepassados, o preito respeito de barulho, entusiasmo e Camoecas—sobre a trilogia que resume a synthese de todo viver academico;

Considerando que o merifico instrumento estridulo—o latophone—é o titulo irrefragavel do direito de precedencia de trocar que segundo a mais apurada orientação moderna-positiva, pertence unicamente aos juristas, que são, sem offensa, a flor, a nata e o creme da juventude que suspira pelos louros viridentes de Minerva;

Considerando que deve ser elevado á dupla categoria de instituição social e de instrumento de supplicio o citado invento, por ser o mais adequado meio de transmissão do gaudio juridico-juvenil ao timpano apolético-febril dos que labutam eternamente agrihoados ao X e ao polynomio, e dos que estudam as qualidades soporificas distillantes do chá de tília e do sinapismo Rigolot;

Attendendo ao que me foi representado e ouvido o conselho Supremo: Hei por bem determinar o seguinte:

Que no domingo, 21, á noite se reúnem no largo da Feira todas as corporações, altos di gnatarios, povo da Academia admittido á Solemnidade, ornados das respectivas insignias e vestidos a capricho pela thesoura magico-diamantina do Paixão—para formar o prestito latophónico que percorrerá as ruas do estylo e que será organizado do seguinte theor, feição, forma e geito:

Abrião a marcha quatro bate lores montados em jumentos ajaezados com luxo na forma prescripta pelas Ordenações do Reino; em seguida um arauto empunhando uma bandeira vermelha tendo no centro uma enorme esphera branca com o distico: Ad majorem PONTI gloriam. E logo a philarmonica dos charamel-iros e flautistas da Academia, atrojando os ares com a phantasia marcial e estrepitosas sobre motivos do Fado Corrido, do maestro Reinagão.

Em 2.º logar uma bandeira negra coberta de crepes com a lenda:

Al, a-teus acabaram-se os dias
Que ditoso vivi a teu lado.

guiando o carro allegorico da SEBENTA em figura de mulher desgrenhada e suja. Um grupo orphenico entoará o responsorio—Sic transit imperium se-bentarum.

Em 3.º logar os personagens reaes da Bohemia e da Pandega Pacata, cercados d'um troço de briosos dedilhando maviosas guitarras e em seguida o corpo cerrado, compacto dos alabardeiros de Sua Magestade Imperial a Arruaça, sobracoando moccas e arrastando latophones monumentaes, atroadores.

Em 4.º logar o carro symbolico da CABULA vestida de escarlata, fazendo ligas ao Estudo e á Applicação, em forma de esqueletos mirrados; no 1.º plano á direita as figuras graves, meditativas, carrancudas do Codigo Civil, do Processo e da Novissima Reforma, algemados e guardados á vista por um grupo de caeteiros; e no 2.º plano á esquerda, chorando o seu vergonhoso ostracismo os vultos legendarios de Correia, Telles, Pégas e Lobão empunhando oirentos in-folios.

—O prestito será esclarecido pela luz candente-resinosa dos archotes; nas arcadas atmosfericas reboarão gritos sediciosos, vermelhos: *Viva o PONTO! Abaixo os livros!*—e na lucidez estrellada do azul ceruleo-indefinido curvetearão em danças macabras, doidas, os arabescos luminosos dos foguetes (estilo fino).

O prestito depois de serpentear pelas ruas da cidade—bem como quando uma descommunal bicha solitaria—reverterá ao ponto de partida e dispersará ao rufar de vibrantes tambores, frautas e oboés. Por essa occasião subirá ás regiões da lua um balão de bojo hydroptico, tendo em caracteres graudos o distincto: *Sic itur ad ferias.*

Determino por ultimo que seja obrigatoria a carraspana e que fique revogada a legislação em contrario.

—Pelo que mando a todos os juristas que este viem que tenham entendido e queiram executar tão inteiramente como n'ellas se contém as disposições do presente pseudo-humoristico programma—sob pena de serem havidos para todos os effeitos réus confessos de sem-aboria e mau gosto.

Dado no Olympo, na vespera do glorioso dia de 21 de Maio do anno da Graça de 1882.—Logar do selo grande das armas latoidaceas.—D. Chinfrim Banzé—com rubrica e guarda.

Já foi entregue ao sr. dr. Antonio Candido a penna de ouro que a Academia resolveu offerecer-lhe, por occasião do brilhante discurso feito pelo distincto orador no centenario do Marquez de Pombal.

Uma commissão de academicos foi a casa do sr. Antonio Candido entregar a penna, fazendo n'essa occasião um pequeno mais excellente discurso o distincto estudante do quarto anno juridico, o sr. João Pinto Rodrigues dos Santos.

Consta-nos que o sr. dr. Laranjo tem quasi concluido um compendio de Economia Politica que sahirá ainda a tempo de aproveitar no proximo anno lectivo aos alumnos d'aquella cadeira.

Confiamos muito na competencia incontestavel de s. ex.^a para esperarmos um bom livro, que apresente a Economia Politica na altura em que a tem collocado os trabalhos dos seus mais eminentes cultores.

A necessidade d'um livro d'estes é facilmente reconhecida por todos aquelles que tem necessitado de manusear o compendio que actualmente se adopta.

Informa-nos pessoa fidedigna de que vae ser nomeado Bispo de Beja o ex.^{mo} sr. commendador dr. Antonio Xavier de Sousa Monteiro, conego da Sé de Coimbra.

Por absoluta falta de espaço não pudemos publicar no ultimo numero a carta do nosso estimavel correligionario Antonio Furtado. Fazemol-o hoje, pedindo desculpa da involuntaria falta.

LISBOA

A imprensa monarchica da capital de todas as nuances politicas continua ferozmente indignada pelos resultados pura e significativamente democraticos do centenario. A imprensa progressista é a que faz mais choradeira; o sr. Fontes assim lh'o ordena, com bons modos, já se vê.

O sr. Fontes consegue com toda a habilidade tudo quanto quer dos terriveis progressistas. Larga o poder, de sua livre vontade, para que o governo progressista ficasse com o odioso da approvação do tractado (ou cessão como lhe chamou o *Times*) de Lourenço Marques; e agora fazendo-lhes negações com o poder, vae obtendo que os demagogos historicos e reformistas se calem na questão de Caceres, na questão de Salamanca, que não aggridam o rei quando elle vae ao Porto ou quando recebe o caro primo, e até já o partido progressista declara em plena camara de deputados, pela bocca d'um dos seus mais considerados caudilhos, o sr. Emygdio Navarro, que appaiará o governo regenerador, se elle usar de metos violentos para reprimir a corrente democratica.

Que baixa politica a d'estes homens, se este nome merecem! Que de vergonha em

toda esta comedia constitucional, que se está representando ha 60 annos! E ainda apparece um ou outro ingenuo que os julga uns democratas, de quem a causa popular deve esperar muito. São todos o mesmo, todos quantos se accomodam sob a tal capa...

O partido republicano portuguez, já hoje numeroso, um partido novo, cheio de aspirações generosas pelo futuro da patria, um partido que recebe adhesões todos os dias, tem de trabalhar só, completamente isolado de quaquer influencia monarchica. Póde a politica opportunistica ser de resultados maravilhosos e tem-no mesmo sido, ninguem se atreve a contestar, n'alguns paizes e em varias circumstancias; mas em Portugal é essa politica impossivel, porque os partidos monarchicos chegaram ao grau mais baixo de abjecção; o seu leve contacto é uma calamidade para um partido que necessita afirmar se pela sua seriedade, pelo seu amor patrio, pela sua moralidade, pela sua economia, emfim por todas essas qualidades que a civilização moderna reclama para o governo d'uma nação.

Trabalhemos com bom senso, unidos e sempre no nosso campo, combatendo, sem treguas nem benevolencia alguma, tudo quanto se opponha á marcha constante e progressiva da ideia republicana, que o paiz confiará a direcção dos seus negocios ao partido republicano. Mas é necessario que o paiz veja esse partido livre de todos os defeitos dos partidos monarchicos e que deixe perceber a sua boa vontade e capacidade de bem servir os verdadeiros interesses nacionaes, de harmonia com as exigencias da epoca actual.

ANTONIO FURTADO.

EXPEDIENTE

Prevenimos os nossos estimaveis assignantes de que toda a correspondencia da *Evolução* deve ser dirigida para o Marco de Feira—4—Coimbra.

Encarregam-se obsequiosamente de receber a importancia das assignaturas da *Evolução* os seguintes cavalheiros: Santarem—José Ferreira Maia, rua Direita, n.º 89.

Ribeira de Santarem—Joaquim Malfeito.

Cartaxo—Francisco Pereira.

Alcanena—Antonio Garcia.

Rogamos aos srs. assignantes que satisfacão com a maxima urgencia a importancia do seu debito.

Noticias d'Odemira

Já deve saber do assumpto, que durante alguns dias a todos prendeu mais ou menos a attenção.

Correspondencias trocadas entre *O Seculo* e o *Diario de Portugal*, sem importancia outra, a nossa vêr, que mostrar aos que ignoram palavras feias da nossa lingua. Nós abtemo-nos de commentarios, por sabermos ser esse o seu desejo, que tambem é nosso.

Hoje viemos apenas descobrir um plano ardiloso, concebido pelo nosso prior ou outros: Aproveitaram-se d'uma occasião propria para nos dirigir algumas *amabilidades*, pois que como um cavalheiro d'aqui inserisse no *Diario de Portugal* um communicado em que se defendia de accusações que lhe foram feitas, elle ou elles entenderam continuar a mandar communicados para o mesmo jornal, como se fossem do mesmo cavalheiro.

E isto para parecer a nós e a todos que era outrem e não *sotainas*, quem defendiam o sr. prior. Tudo porém era obra da sua lava...

Gostamos e pedimos que continue.

Nós é que não cedemos do direito que sobre o *divino* (!) padre temos, e não deixaremos passar sem protesto qualquer que no'lo queira usurpar.

Não sei se sabe que está mais gordo, e em esperanças de mais!! Veiu de Beja, e diz que fallou com o seu muito intimo se-

nhor, que lhe prometeu uma coroação, que muito o satisfiz.

Este sr. prior, além de muitos diplomas que attestam a sua capacidade scientifica, artistica, litteraria etc., etc... conserva um que muito abona os seus sentimentos philanthropicos e humanitarios; é: o que lhe mandou passar o monte-pio Odemirense.

Temos em nosso poder uma copia autentica, e, se um dia pudermos, publicaremos a ultima parte do elogio feito por um dos oradores da assembleia geral, e o voto de louvor que esta lhe teceu, excluindo-o do numero dos seus socios por uma maioria ainda soffrivelmente grande.

Odemira, 18 de maio.

(Do nosso correspondente)

Santarem

Magôa-nos a triste posição politica do sr. S. C. em face da reeleição da commissão executiva da Juncta Geral.

Doe-nos o coração, quando nos lembramos de que o sr. Conselheiro Mello, repellido do conselho de districto, acaba de ver as suas esperanças calcadas, pisadas e completamente aniquiladas. É realmente pena que um potentado de tanta celebração, auxiliado pelo elemento governativo, ficasse fora do alcance da commissão districtal.

O sr. dr. Pedroso é que se ri a bandeiras despregadas e exulta.—Ahi tem o sr. governador civil o resultado da exclusão systematica do sr. dr. Pedroso; veja bem quanto vale a alliança do sr. Mello, que foi influente e que hoje apenas vive politicamente das recordações do seu passado. Mire-se n'esta derrota o partido regenerador que tanto apreciava o poderio incalculavel do sr. Conselheiro Mello.

—Ouvimos que o sr. Mello tenciona esmagar com a sua palavra fluentissima, logica de ferro e intelligencia robustissima, os actos da presente commissão executiva. Quem treme a bom tremer é o sr. dr. Manuel Gomes, porque a sua capacidade intellectual, a sua argumentação e o seu proवाद tirocinio nada valem diante das fumaçadas do sr. Conselheiro. Pedimos ao sr. dr. Pedroso que ampare o seu distincto collega nos ataques violentos que o esperam. Havemos de ir ouvir os debates quando elles se produzirem. Até lá, trataremos d'outro assumpto.

Saudamos os briosos estudantes d'este lyceu pela nitida comprehensão que possuem dos seus deveres, quando o jesuitismo tenta levantar a cerviz e introduzir-se furtivamente por todos os angulos do paiz e em todas as corporações, de que suppõem auxilio, ainda que inconscientemente prestado.—Hurrah pelos estudantes de Santarem, que revelaram as suas convicções anti-jesuiticas! Hurrah pelos estudantes de Santarem, que affirmaram brilhantemente a sua vitalidade juvenil por actos que nobilitam, e exigem a sympathia dos espiritos esclarecidos e homens de sãs convicções liberaes!

O padre Agostinho teve a habilidade rarisima de crear no seminario uma indisposição geral pelo seu procedimento repreensivel, quer para com os seminaristas, quer para com os proprios collegas. Já é ter bosa pronunciada para o mal!

—Falleceu o director do seminario, Pinto Homem.

Era um individuo irascivel; dominado pelas primeiras impressões, levava a applicação da justiça até á intolerancia despotica. Quando serenava, o seu fundo era bom, presidiam então ás suas deliberações os mais louvaveis principios de justiça equitativa.

X.

Alcobaça, 16 de maio

Quando Portugal, n'um rasgo de patriotismo, mostrou ás nações do mundo a sua inconstestavel vitalidade e o seu amor ás grandes ideias liberaes, na celebração do centenario do Marquez de Pombal, esse vulto que se destaca, nas irradiações do seu genio, da tela pardacenta da nossa politica desmoralizada; quando em todo o paiz se fazia a apothese do ministro de D. José, como um

protesto ao jesuitismo de negras recordações, e á corrupção dos nossos governos actuaes, Alcobaça respondia ao brado nacional, não (façamos-lhe essa justiça) com peregrinações ao Sameiro, mas com a indiferença d'um corpo inerte, sem vida para a lucta, sem estímulos que a façam caminhar na escala ascensional da civilização.

Desanima realmente vêr que esta terra, em vez de progredir, permanece n'uma apathia desoladora, quando se tracta do desenvolvimento intellectual dos seus habitantes ou das grandes ideias que attestam um elevado grau de civilização.

A causa, porém, encontramol-a facilmente. A *commercialidade* do intitulado chefe do partido dominante não se coaduna facilmente com estas coisas de ideias elevadas e generosas.

O *incomprehensivel* não pode ser objecto das attentões de qualquer *tapuya* que tem por secretario um rubicundo! É por isso que o Marquez de Pombal ficou desconhecido do povo d'Alcobaça; é por isso que o municipio ficou sem o legado Brillante, que representava um estímulo já para a instrução de muitos filhos d'esta terra; é por isso que os cofres publicos ficaram prejudicados, por lhes serem subtraídos direitos avultados, sem que o escrivão de fazenda se dê por achado e o agente do ministerio publico proceda contra os culpados, mostrando assim que não sabem nem querem cumprir os deveres que a lei lhes impõe; é por isso que a syndicatoria foi abafada; é por isso... que os habitantes d'Alcobaça devem reconhecer que estão sendo explorados indignamente e devem sacudir um jugo que os deprime.

—O tempo vae correndo magnifico para a agricultura.

As searas apresentam um aspecto animador e as arvores promettem abundancia de fructos.

Se algum transtorno atmosferico não vier destruir as fundadas esperanças dos lavradores, será este um dos mais abundantes dos ultimos annos.

Que sirva isto ao menos de enitívó aos pobres agricultores, a quem os governos vão absorvendo os magros rendimentos adquiridos á custa de insano trabalho e continuas privações.

—Proximo ao Suberco da Nazareth, cahiram, a semana passada, duas creanças. A morte respeitou-as n'aquelle abysmo, ficando apenas uma com um braço fracturado e a outra quasi illesa! Uma tem um anno de idade e ia ao collo da outra.

—Projecta-se aqui uma grande festa a SANTO ANTONIO, havendo bazar cujo producto será destinado ao asylo. Parece estar contractada a banda de caçadores 6.

(Do nosso correspondente)

Alcanena

Houve um d'estes dias principio d'incendio no prédio de habitação do sr. A. Courinha. Foram quasi nenhuns os prejuizos causados; atalhou-se a tempo habil.

Quem mais soffreu foi a virtuosa esposa do sr. Courinha, que pode ser superior ás impressões que factos d'esta ordem sempre produzem. S. ex.^a desmaiou e teria inspirados serios cuidados, se não fossem tão promptos os socorros prestados.

Realizou-se a festividade religiosa, emprehendida por tres bons rapazes d'esta terra. Acudiu muita gente das circumvisinhanças e tinha esta localidade uma apparencia deveras agradável. Tudo correu na melhor ordem. Apenas a imprudencia d'um guarda campestre ia dando logar a um conflicto, resultante da prisão arbitraria de um individuo pelo *alto crime* de atirar *aos ares* um foguete!! Era a hydra, que o assustou.

O povo reuniu-se e exigiu a soltura do *delinquente*. E contra a vontade popular, resoluta, não ha difficuldades nem embaracos. O rapaz foi immediatamente posto em liberdade, o regedor procedeu com bom senso. A banda marcial tocou a marselheza.

TYP.—DE SANTOS E SILVA



A EVOLUÇÃO

SEMANARIO REPUBLICANO

Com os progressos da cultura geral o governo republicano deve e não pôde deixar de estabelecer-se em todas as partes do mundo.

E. DE HARTMANN, Philosophie de l'Inconscient t. 1. pag. 430.

H. SPENCER, Classification des sciences, pag. 419.

Caminhamos para um ideal politico em que a acção do governo será reduzida ao minimo e a liberdade elevada ao maximo grau compativel com a liberdade dos outros.

A nossa theoria historica representa necessariamente a realza moderna como o unico resto capital do antigo regimen das castas.

A. COMTE, Cours de Philosophie positive, t. 6. pag. 298.

N.º 26

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA
Cada serie de 15 numeros 300 reis.

COIMBRA, 29 DE MAIO DE 1882

PUBLICAÇÕES

Anuncios, 20 reis a linha.—Toda a correspondencia deve ser dirigida para o Marco da Feira, 4.

ANNO 1.º

ARROBAS EM SCENA

No dia 24 são presos em Lisboa varios estudantes da Escola Polytechnica por cantarem a *Marselheza*. Não nos detemos a narrar o facto; os dois artigos que se seguem a este são escriptos por testemunhas oculares, que se occupam dos acontecimentos muito mais proficiente-mente do que nós o poderíamos fazer.

Desejamos, porém, expôr a nossa opinião, e fal-o-hemos em poucas palavras. O sr. Arrobas deu ordem para que fossem presos todos os individuos que cantassem ou tocassem a *Marselheza*. A responsabilidade d'esta medida é toda sua. Não se diga que a prisão dos estudantes foi estranha a vontade do sr. Arrobas; dias antes tinha sido preso Bordallo Pinheiro, e no mesmo dia 24 alguns policiaes tentaram prender dois soldados, allegando-se, sempre como causa d'estas prisões o crime nefando de se cantar o hymno nacional d'um paiz amigo. E aos que faziam quaesquer observações respondiam os policiaes que o seu procedimento era motivado por ordens superiores.

Demonstrado isto, perguntamos: Com que direito se prohibe o hymno d'uma nação, cujo governo está officialmente reconhecido por nós? Com que direito se prohibe o hymno nacional da França,

com a qual mantemos as mais estreitas relações de amizade? Preferirá o governo levantar um conflicto internacional, que pôde ter as mais sérias consequências, a dar plena satisfação ao embaixador francez, demittindo o governador civil de Lisboa tão inepto quanto prepotente? Que interesse tão grande é esse que faz pospôr a manutenção das boas relações internacionaes á conservação d'um funcionario?

Ninguém reconhece no sr. Arrobas meritos extraordinarios; pelo contrario todos manifestam, tacita ou explicitamente, que elle tem commettido erros de toda a especie. Não são só os jornaes da opposição que o dizem; o *Diario Illustrado*, ministerial à outrance, afirma que o governador civil de Lisboa tem errado muitas vezes. O regenerador *Jornal da Noite* vae mais longe; são suas estas palavras: «Continúa a dizer-se com a maior insistencia que o sr. Arrobas será demittido do logar que occupa tão inhabilmente.»

A prisão dos estudantes reveste todos os caracteres d'um rematado absurdo.

Os moradores da rua da Escola Polytechnica são unanimes em afirmar que não houve provocação da parte dos academicos; mas, quando a honvesse, não podia ainda assim a policia prender os estudantes no atrio da Escola, porque

dentro dos estabelecimentos de instrução superior só tem jurisdicção o director respectivo.

Era, pois, ao director, ou antes ao conselho da Escola, que competia proceder. O julgamento teve logar e o conselho entendeu que não havia motivo algum para proceder contra os estudantes.

Toda a razão, portanto, estava do lado d'elles. Negar-lhes o direito de protestarem contra a injustiça que lhe fizeram parece um facto que só na Turquia poderia dar-se. Pois deu-se em Portugal.

A mesma auctoridade que abusou indignamente do seu poder oppoz-se por todos os modos á realisação do *meeting* que os estudantes tinham convocado para fazerem o seu protesto! Nem sequer reconhece o direito de reunião! É o despotismo puro simples!

Se não soubessemos os resultados que se podem esperar da administração d'um funcionario mentecapto, custar-nos-hia a crer n'uma serie tão prolongada de desatinos.

Apesar de tudo isto, se não houver energicas reclamações, o sr. Arrobas ha de continuar a dirigir o primeiro districto do reino, porque o governo ou se receia d'elle ou não o excede em intelligencia e bom senso.

O sr. Arrobas hade, pois, continuar a prohibir que se cante a *Marselheza*. Mi-

chelet, porém, disse que o mundo, emquanto houver mundo, ha de cantal-a sempre. Não nos parece que o valor das suas palavras possa ser destruido pelas ordens estupidas d'um funcionario imbecil.

Esta arbitrariedade inaudita, de que foram victimas os estudantes de Lisboa, uniu n'um mesmo protesto todos os estudantes do paiz. Coimbra e Porto deram um bom exemplo de solidariedade academica.

Logo que em Coimbra se soube do facto, convocou-se uma assembleia geral da academia, e no dia seguinte ás prisões era enviado para Lisboa o protesto que em seguida publicamos.

Á assembleia presidiu o sr. João Pinto Rodrigues dos Santos, servindo de secretarios os srs. João Abel da Silva Fonseca e Gabriel Samora Moniz Junior.

Fallaram os srs. Feio, Henrique Pereira, Luiz Osorio, Nogueira, Samora Moniz, Santos Sobreira, etc., verberando todos em phrase levantada e energica o procedimento da primeira auctoridade administrativa de Lisboa.

Resolveu-se que a mesa da assembleia, como representante da academia, redigisse e enviasse n'esse mesmo dia para Lisboa o seguinte

FOLHETIM

A VELLEDO

A CONDESSA—Esse homem?...
O SENADOR—Era seu pai!
A CONDESSA—Deus lhe perdoe!
E cabia o panno, entre chamadas ovantes, gente de pé nas cadeiras, nos camarotes, clamando—bravo! bravo! No emtanto, o theatro evasiava ao de manso.

A ribalta extinguiu-se, os da orchestra enfiavam os instrumentos em saccos de chita, e erguiam a gola dos *par-dessus*. Aqui e além, nas ultimas ordens, um arrastar de cadeiras soava ainda, sentiam-se distinctamente vozes chamando, rizados altos e um deserto fazia-se na grande sala, sob a agonia do lustre e o cynismo do relógio, que marcava cinco horas, passava de cinco annos.

Os convidados por Jorge tinham ordem de reunir no *foyer*, findo o espectáculo. Era uma ceia de regozijo no *Gibraltar*, offerecida pelo joven auctor aos artistas e ao beijinho das letras contemporaneas. Este processo de colher louros era predilecto de Jorge, já então um dos mais conceituados e occos escriptores do seu tempo.

A peça tinha acabado tarde, duas da noite; e primeiro que a Velledo apparecesse, tiveram de esperar boa hora e meia. No emtanto fallava-se da peça. Estava o melhor da litteratura e da arte. E faziam-se apresentações.

O festejado Mattos, trinta annos de dra-

mas historicos e applausos freneticos, rapoza velha em coisas scenicas conforme corria, apresentou a Jorge uma das glorias da scena o grande Aurelio, interprete das suas creações, grande amigo de quem o Doux dissera n'uma atonismo absorto:

—C'est un petit prodige, ce marmot là...
E aquella apresentação pehorara muito Jorge, que commovido, voz mansa, agradecia com ar modesto.

Além o pensador Horacio, que fazia as suas primeiras caramboladas na cervejaria, definia a arte segundo Comte, a um venerando ancião de barbas alvas, Pedroso de nome, auctor de magicas e sainetes. E de lado o critico Pirralho, todo em cheviotte amarello, bigodeira mephistophelica, o grande ar de Paris, dizia a vida na *Comédie Française*, o cerimonial de entrada no *foyer*, referindo a sua intimidade com aquella gente toda, anedoctas dos Coquelins, e como Croizette era a musa dramatica moderna. Em volta d'elle bulia uma ninhada de esperanças cor de cidrão, ganymedes penteados que se davam ares, corcovando a espinha e rindo alto das facecias do mestre, com sentido na ceia offerecida. E a cada momento, Pirralho esfogueitava pefa sciencia em citações vehementes, fuzilando, causticando e vibrando a nota heroi-comica que na sua prosa fazia o delirio dos discipulos, e a admiração do publico. Reinava grande cordialidade. O pae nobre Cezario, que desde o desastre da *Filha roubada* não fallava ao auctor, veiu lacrimoso abraçal-o pelas costas. E em volta acharam bonito, e houve beijos como entre damas. Mas sentiu-se um

frou-frou de sedas no cimo do escadim doirado do *foyer*, e uma voz argentina e alta, em que dominava o grave, disse duas vezes ou tres, risonhamente:

—Boas noites, boas noites!
Era a Velledo. E atraz d'ella pelo braço de actores, maridos ou qualquer outra coisa, outras actrizes se mostraram, a Laura, a Elisa, a Maria Peres...

Albertina não quizera vir. Jorge tambem não estranhou a falta. Os trens esperavam á porta do theatro e, fallando ao mesmo tempo, n'uma alegria de boa gente que alarga o coração, essa sociedade toda foi abandonando o *foyer*. Havia de todos os generos, modestos, espirituosos, calembouristas, os de má lingua, os de má fama; e trambolhos lyricos, gente infeliz no jogo e fanada de orgia.

Aprumado e grandioso, ia o Pirralho no meio de seus discipulos, citando descobertas e ramos de sciencias que mais pezo causavam no seu cerebro vasto de homem ce e bre, pelo arvezado das designações, e dizendo muitas como se aquillo o preoccupasse:—este seculo que descobriu isto e aquillo, o revolver, a escada Fernandes e as machinas de costura, que tem na anatomia o grande Bichat, na philosophia o grande Spencer, na arte Bonnat, Flaubert, Munoz, Balzac...

E a cada lance de escada era rodeado, forçado a parar; e gesticulando com os seus grandes braços de officina, dir-se-hia um sapo hydropico, prégando ás rãs extasiadas. De seu lado, o grande Horacio abotoava modestamente o casaco preto, não tendo arranjado ainda *coterie*. E humilde, de olho acceso, fuzilava sobre os que iam de braço

com femeas, sentindo as primeiras seccuras do amor lascivo.

Cada qual calçava luvas brancas, *gris-perle* ou amarello pallido. As senhoras carregavam sobre a frente os *capuchons* das *sor-ties-de-bal*, rendas de froco ou simples tules picados de abelhas de ouro; e pela escada apanhando os vestidos n'um desleixo elegante, mostravam meias de seda bordadas de lado, e esses primeiros lineamentos da perna, esvasados e airosos, que lembram desenhos de jarra etrusca, pela expansão tenra das curvas. A Laura, uma ingenua, loira e redondinha que findava o primeiro amante, borboleteava pelo braço do festejado Mattos cujos sessenta mantinham pretensões ainda, de galanteria e elegancia. E, a cada passo, deitava-lhe rindo a cabecinha no hombro mostrando os dentes meudos. Maria Peres era uma grande morena, esquelética e muda, a quem davam papeis de velha para que sempre tivera vocação. Não tinha amor permanente, e, como quartos de hospedaria, alugava aos mezes a quem vinha, o seu coração hospitaleiro.

Toleravam-lhe a convivência as collegas no emtanto, porque apesar de tudo era util, e pelo contraste fazia virtuosas essas senhoras todas. Declinando nos quarenta e cinco, os olhos de Elisa apenas se incendiam ante collegias sem barba, todos frescos, de ar tímido e rizo doce. E dava o braço ao joven Biscaya, magreirão de monoculo e beijo hottentote, exportado das Pias pelo caminho de ferro, e por todos dito o mais precoce e viridente genio das raças modernas, alma de poeta, orador de espinha heroica á bengala, muita fé nas pedras de raio, e grande

PROTESTO

SENHORES DEPUTADOS DA NAÇÃO PORTUGUEZA!

Um acontecimento de véras condemnavel n'um paiz, que se rege por instituições livres, obriga a Academia de Coimbra, reunida em assembleia geral, a vir protestar energicamente contra o procedimento arbitrario e despotico d'uma auctoridade, que, collocada na administração do primeiro districto do reino, tinha obrigação rigorosa de zelar pelo cumprimento das leis constitucionaes e pela manutenção dos direitos, que nossos avós conquistaram á custa de tantos sacrificios.

Elles acabaram com a *inquisição* que amordocava a consciencia; extinguiram a *censura previa* que comprimia o pensamento, torturando-o dentro d'uma esphera acanhada... nós que deviamos ampliar tão brilhante legado, toleramos um homem, que saudoso do passado de despotismo, pretende implantar de novo os processos do velho regimen, abafando a consciencia e estrangulando o pensamento.

Os nossos avós pelejaram eruentas pugnas para nos legarem a liberdade de consciencia, a liberdade de pensamento, a liberdade de imprensa, que são os direitos do homem e as molas da civilização: nós consentimos que a pouco e pouco nos vão espoliando d'estas regalias, pautando-nos o que devemos pensar, o que devemos escrever e até o que devemos cantar!!...

E' supremamente despotico e tão despotico como ridiculo.

Senhores deputados da nação portugueza! vós já sabeis pelos jornaes o facto, que deu occasião a que a primeira auctoridade administrativa do districto de Lisboa puzesse em practica medidas odiosas, que violam as leis que nos regem.

No dia 24 de maio pela tarde, estavam alguns estudantes junto da Escola Polytechnica, como costumam; de repente um d'elles é preso pela policia, porque trauteava a *Marselheza*—o hymno nacional do povo francez!.. Conduziram-no á esquadra do Rato; e, como muitos acompanhassem o preso, prenderam mais 10 ou 11 estudantes, que até ás 6 horas têm sido conservados *incommunicaveis* no governo civil, como vemos pela leitura dos jornaes d'hoje!!..

Custa a crer que se pratique um tal acto de despotismo n'um paiz livre e que se não veja logo logo demittido o funcionario que assim espezinha os mais sagrados direitos do homem!...

asmo de que as ruas afunilassem, se olhadas da embocadura. Jorge deixara-se ficar atraz, á espera de dar o braço á Velledo, que esperava tambem. E, quando ia offerecer-se, viu-a voltar-se contra o brasileiro, pôr-lhe no hombro a sua mãosinha calçada em luva de canhão molle, e dizer-lhe com a sua bella voz de scena:

—O meu amigo será bastante bom para me deixar apoiar no seu braço?

Ficou attonito a semelhante desfeita! Pagava uma ceia de trescentos mil réis por causa d'ella, permittira-lhe uma ovação com os seus quatro actos e prólogo—era o mais respeitoso dos adoradores da diva; e por cima enxotavam-no!

—Ingrata, caprichosa! fez elle pallido de commoção. E até ao *restaurant* foi meditando na antipathia que á maior parte das mulheres inspirava, e na paixão que uma vez tinha merecido ao coronel Silveira, sendo ainda sargento em Bragança...

Dias e mezes correram, sem que realmente as relações de Jorge com a artista adiantassem muito. O pobre auctor sentia-se exaustivo de ceremonial, perdia tempo em declarações, não largava o camarim com presentes de flores e versos da melhor fabrica, mas fitando a grande Velledo nas pupillas, não via n'ellas fuzilar essa scentelha brusca que na mulher reclama a intimidade d'um homem. Ia sendo tempo de se pôr á vontade com ella, de se conhecerem de perto; Jorge tinha pouco geito para lunatico. O amor platónico era irrisorio á sua alma de provincia, positiva em negocios e amando

Senhores deputados da nação portugueza! Não poderá ser lei d'este paiz a ordem d'um governador civil, que prohibe o canto da *Marselheza*, emquanto vigorar a carta constitucional, que reconhece a liberdade de pensamento!

Mal iria ás instituições que nos regem, se a sua sustentação estivesse dependente do canto de qualquer hymno! Estamos muito distantes dos tempos de Jerichó para nos arrecejarmos da força das trombetas!...

A academia de Coimbra, indignada por um procedimento tão inqualificavel, vem perante vós protestar energicamente pela manutenção dos direitos individuaes contra a oppressão systematica do governador civil de Lisboa, vem reclamar providencias que mostrem que, por emquanto, ainda não estamos á mercê dos caprichos d'um despota qualquer.

Coimbra, 25 de maio de 1882.

A mesa da assembleia geral

O Presidente—João Pinto Rodrigues dos Santos.

Os Secretarios—João Abel da Silva Fonseca, Gabriel Samora Moniz Junior.

Echos de Lisboa

Ha muito tempo que a *vox populi* segreda que Arrobos está doído ou então é..... Amigos e inimigos das instituições, todos concordam em afirmar que elle está apostado a perder a monarchia pelo ridiculo.

No parlamento disse-se hoje bem alto que a hydra é uma monomania, filha do bestunto cerebrino do sr. governador civil, que nisto vaé disfructando uns certos proventos mysteriosos, occultos..... emfim um negocio como outro qualquer.

Vem isto a proposito da ultima campanha do *assobio*, levada a cabo pela horda policial do tigrino coronel-governador-civil-par do reino. É o caso.

Pela rua da Escola Polytechnica passava ha dias um individuo, que, despreoccupadamente, por acaso talvez, ia trauteando o hymno official da França, como podia assobiar o *rei chegou* ou hymno da Carta. Um estudante, que se achava na escadaria da entrada da Escola, lembrou-se de dar palmas ao homem. Dentro do pateo alguns cantarolavam a *Marselheza*.

Nisto um policia que por alli andava espreitando a hydra, dirigiu-se disfarçadamente para a porta da Escola, e, quando lhe pareceu, prende o inoffensivo estudante. Seguem-se os protestos que é costume; alguns

satisfazer de prompto os appetites que lhe vinham. Por mais, porém, que fizesse, para aos frequentadores do camarim parecer na intimidade da artista, não ouvia rosar em volta, da supposta ligação. Ella via-o chegar como aos outros, apertava-lhe a mão com um pequeno riso, fazendo telintar os braceletes.

—Bem, meu caro?

E continuava a palestra interrompida com outro. Diabo!...

Depois, a correccção exigida ao penetrar aquelle camarim.

Espirito de cazerna não era tolerado. Os homens não fufavam nunca. Vinha-se de cabeça descoberta corteja-la com grandes reverencias. E no respeito a relações de qualquer ordem, nada, mesmo nada, antes de se ser apresentado com as formulas de estylo classico.

Porque era de saber que se tractava com uma mulher superior, a primeira actriz portugueza, o astro, a deusa, a musa do drama. Rachel, Sarah, M.^{lle} Mars, e as mais chapas consagradas n'este genero de apoteoses. Depois, mulher do mundo, talento de primeira ordem, espirito de duquesa á Balzac, leituras finas, e seriedade de porte, dizia-se, não vulgar entre lonas pintadas. Era uma d'estas mulheres de scena afinal, corrompidas de espirito e gastas de sensibilidade pelo habito de fingir, representar ao vivo e pintar tudo, labios, cabellos, faces e sinceridade.

O uso do branco e do carmin, estragando-lhe a epiderme da face, proflubira-lhe as transparencias do rubor, que na mulher mesmo velha, são a juventude eterna da

endiabrados rapazes lembram-se de dar vivas á *raiz cubica*, o que provoca novas prisões em numero de 15. Pouco depois, como por encanto, apparecem defronte da Escola 60 policias fardados e muitos á paisana, commandados pelo sr. commissario geral. «O que é? o que não é? apanhou-se a hydra? escapou-se? vão chamar o Arrobos» e zôs: «conduzam immediatamente os revoltosos ao governo civil»; e lá foram os rapazes no meio de 42 policias, e patrulhas de cavalaria, como se se tratasse d'uns facinoras perigosos. Chegados ao governo civil, são postos incommunicaveis, e ainda foram presos mais alguns estudantes pelo simples facto de pedirem para fallar aos encarcerados.

Activam-se as diligencias para se obter a soltura dos presos, dirigem-se commissões aos ministros, ao parlamento, a toda a parte, e á noitinha consegue-se que elles vão dormir a suas casas sob condição de comparecerem no dia seguinte na Boa-Hora para pagar a fiança.

Eis os factos.

Commentarios dispensa-os o leitor intelligente; contudo, para substituir os da nossa lavra, dar-lhe-hei duas noticias que valem por muitas columnas de declamações.

Os estudante da Escola medica vão requerer *exame medico-legal na pessoa do senhor conselheiro Arrobos*, porque suspeitam que elle não se acha no goso perfeito das *faculdades intellectuales*.

Matal-o pelo ridiculo é a resposta mais adequada a tantos dislates, atormental-o, seringal-o com a troça é o melhor alvitre que se podia adoptar para o desautorisar, se elle é susceptivel de descer mais baixo na opinão de toda a gente sensata.

—Outra.

Os estudantes de Lisboa resolveram convocar um grande comicio para protestar contra as arbitrariedades inqualificaveis de que foram victimas alguns dos seus collegas, por effeito das ordens do inepto governador civil de Lisboa.

Esta é mais importante porque, attenta a animosidade geral que por abi vaé contra a imbecil auctoridade, é possivel que o governo ou antes o paço se veja constringido a dar-lhe a demissão. Veremos; mas, como republicanos, havemos de lamentar profundamente a perda do nosso melhor propagandista, se assim acontecer.

BINOCULO.

alma—ao tempo em que os papeis violentos e contrastantes, embotando-lhe a vibratilidade interior, lhe não deixavam já sentir as coisas originalmente e por si propria, como se cada sensação sendo um dedilhar de corda colea, ficasse impossivel, estando essa corda partida. Como todo o artista caçado, a Velledo só obedecia agora aos moveis estranhos, o interesse, o egoismo, o orgulho ou o desejo animal, sentindo um desprezo por tudo o mais. Tudo era n'ella scientificamente preparado, ensaiado, mechanico, solemne e feito de cor—um papel, um sorriso, um cumprimento ou qualquer noite paga.

Como toda a bohemia da arte, aos trinta annos, essa mulher percorrerá tudo na vida, miserias, vagabundagem, a bambocha de fabricas e tascas, mancebias de acaso em agnas furtadas com estudantes e bombeiros, o prego, fomes de palmo, todas as escoriações do vicio caloteado e baixo. Teve um filho aos quinze, de que já não sabia aos deztoito. E levou pancadas, foi abandonada umas poucas de vezes, figurou no livro das prisões, foi bailarina e comparsa de feira. E agarrada para povo n'um dramalhão de apparato uma noite, entrara a crescer. Os noticiarios faziam-lhe loaes e referencias que ella pagava depois do espectáculo. E engrossou, encheu de hombros, fez-se mulher.

Este viver atormentado a fóra curtindo ao mesmo tempo, ficando-lhe o frio olhar calculista, que tudo revertia em proveito proprio, farto de se vér explorado e cuspid.

A sua belleza, embryonaria até aos quinze ou desaseis annos, effloresceu apoz o primeiro filho em exuberancias mimosas e

Está finalmente implantado o imperio absoluto da policia em Lisboa.

As liberdades estão prostergadas, os principios estão sendo offendidos brutalmente por uma horda de analfabetos, que com o fardamento de policia, querem esmagar Lisboa debaixo d'um despotismo vergonhoso que ninguem hoje pôde nem deve aceitar.

Em nome do fanatismo da realeza, dissolve-se uma pobre philarmónica que no dia 9 tocava as 11 horas e meia nas ruas da baixa da capital. Em nome do fanatismo religioso prende-se uma criança de 15 annos, alumno da Escola Polytechnica, condemnando-o a 60 dias de prisão não remivel, roubando-lhe um anno de trabalho intelligente, e começando assim a vingança á commissão academica, á academia de Lisboa, por esta ter demonstrado, que no povo portuguez ainda ha sentimentos de civismo, que, quando desbertos, contrastam profundamente com os sentimentos baixos e ridiculos dos governos e dos seus empregados. Finalmente, em nome do fanatismo pelo absolutismo, em nome do odio á liberdade, prendem 11 alumnos da Escola Polytechnica por um d'elles ter commettido o nefando crime de trautear o hymno nacional da França, a expressão musical que synthetisa n'uma melodia esplendida as aspirações d'uma nação amiga, d'uma nação que deve ser por todos respeitada, como o exemplo brilhante do povo d'onde tem irradiado em scintillações esplendidas todas as ideias de liberdade, todos os harpejos suaves que formam a grande harmonia do ideal moderno; e os outros 10 por terem commettido o não menos nefando crime de acompanhar um seu collega, mas sem um grito de desordem, e unicamente para provar a amizade sincera a esse seu companheiro que tinha sido tão brutalmente esmagado pela força.

Quererá a academia de Lisboa ficar calada? Não, por certo; já nos consta que os estudantes vão promover um grande comicio em Lisboa protestando solememente contra esta arbitrariedade, que, se não for severamente castigada, pôde ser o inicio d'uma nova era de perseguições ultrajantes á nossa dignidade, aos nossos costumes e mais do que tudo á nossa liberdade, que nenhum Arrobos qualquer poderá esmagar.

Consta-nos tambem que a academia tencionava levantar um processo aos policias que tão estupidamente comprehendem os seus deveres e esperam que o poder judicial terá a hombridade sufficiente para não deixar assim vilipendiada a honra nacional e todos os principios que devem animar o espirito d'um povo livre.

brancas, e delicados tons de face. Aos trinta annos levanda uma existência tranquilla, boa mesa, dois cavallos, o palacete da Graça e brasileiro para despezas, a Velledo era uma bella mulher alta, branca, solida, e admiravelmente moldada.

Isto dava aos seus grandes gestos de drama, ridiculos á força de convencionaes, uma soberania e relevo, que eram o furor do corpo commercial, brasileiros de volta, provincias e ilhas, todo o paiz ainda rançado em banhas lyricas e sentimentaes tradições. Nenhuma d'esse tempo possuia olhos, hombros e braços como a Velledo. Gentes decahidas por idade ou excessos, iam ouvil-a de rainha, princeza de isto ou aquillo, Fernanda, Magdalena de Vilhena ou Morgadilha, a galvanisar-se e readquirir tom, pela excitação ou deslumbramento da sua voz dizendo tiradas pomposas, ou d'essa extraordinaria carne extravasando em maravilhas plasticas. N'uma cidade como a nossa, onde as damas filiformes e cor de palha, lembram bichos de seda em caricatura, essa magnifica e authentica mulher fazia imperio e dava cubica, mesmo assim fria de mascara, e parecendo viver fóra de scena, a eterna insomnia das estatuas. Não era muito o talento, não. Mas os gestos salvavam-na, depois de se haverem salvo pelos braços.

Além de que, os amantes tinham-na feito distincta, linha orgulhosa de princeza, e esse vestuario esmanchado, um pouco doído e tão pittoresco, que as mulheres aborrecidas desenhavam para se distrahir.

(Continúa.)

FIALHO D'ALMEIDA.

Todos os que sabem a tristissima historia das relações entre a academia e as regiões officiaes, por occasião do centenario, comprehendem perfeitamente que esta arbitrariedade policial é o 2.º acto da comedia que se está representando, e que tem unicamente como objectivo uma perseguição alvar e demente contra os estudantes que tiveram a força de solemnisar o centenario do Marquez de Pombal.

A academia apresentou um programma de solemnisção ao centenario do Marquez de Pombal em que transparecia o desejo de prestar o culto á sciencia e á liberdade como unico fim... Era necessario não deixar impunes os que levantavam assim tão alto a bandeira das brillantissimas tradições patrias. Ao governador civil e ao governo não lhes permittia os seus instinctos biliosos verem em socego manifestar-se tão cordata e elevadamente todos os principios de liberdade que animam o povo portuguez.

Começou n'esse tempo a suja perseguição que teve como prologo a má vontade do governo ao centenario de Pombal e que tem agora como epilogo a prisão brutal e vergonhosa de 11 estudantes d'uma das escolas superiores de Lisboa.

Começou então a manifestar-se o antagonismo que existe já hoje entre os que estudam e que amam a dignidade da sua patria e que assim levantavam tão alto a memoria d'uma das suas passadas glorias; e o governo, que receioso d'essa commemoração quiz quebrar uma por uma todas as aspirações da academia e que hoje raivoso da victoria dos estudantes persegue-os cobardemente sem critério e sem norma de lei alguma.

Continue o governador civil a atropelar assim as leis. Continue assim a rasgar todos os principios que tem sempre dirigido o povo portuguez até nos levar á perspectiva d'um conflicto internacional, porque é necessario que se diga com toda a franqueza que amanhã o ministro francez tem todo o direito a exigir uma completa satisfação á sua bandeira ultrajada.

L. C.

DITOS E PHRASES

Fr. Caetano Brandão, acerca do clero portuguez no principio d'este seculo disse: São aquelles que á força de supplicas im-

portunas, de respeito humanos e outros motivos ainda mais vergonhosos, costumam extorquir da curia romana provisões beneficicias, que mais parecem titulos de contractos de predios rusticos do que beneficios ecclesiasticos; provisões a favor das quaes tem infestado as parochias e côros de todo o reino uma tropa confusa de *sujeitos indigunos* etc. etc.

A insolencia do clero, a qual nasce da indulgencia dos bispos, turba o mundo e afflige a igreja. Entregam os bispos as coisas santas a cães e as pedras preciosas a porcos e elles em paga mettem-nas debaixo dos pés. Assim o quizeram, assim o tenham.

S. Bernardo: Carta ao papa Innocencio II.

Os Jacques Clementes não apparecem se não onde a sinceridade das convicções degenerou em delirio; e não onde as crenças são especulação.

Para ser Jacques Clemente requer-se mais alguma coisa do que saber assassinar; é necessario saber morrer.

A. Herculano.

Depois do combate nos campos da batalha, vem o combate da historia.

As lições da historia rara vez as aprendem os seus proprios auctores.

Garfield.

Contas de *gran capitán*: D. Gonçalo Fernandes de Cordova, militar insigne, obteve o cognome de *gran capitán*.

Tendo obrado grandes prodigios de valor na guerra de Napoles, foi objecto de intrigas na corte de D. Fernando.—Chamado a Hespanha, pediram-lhe contas do dinheiro gasto na guerra. Gonçalo que todo o seu rico patrimonio havia dispendido no serviço da patria, respondeu á exigencia das contas, dando-as pelo seguinte feito: 2005000 ducados em frades e freiras para pedirem a Deus pela victoria dos Hespanhoes—7005000 em espíritos etc. etc...

O vulgo attribue a estas contas as seguintes palavras:

tratam antes de mortificar-se que de fazer revelações.

Pelos muitos inconvenientes que nascem pelos nossos enfermos irem para casa de seus parentes desejo que isto só raramente se faça, e com causas muy urgentes, e vejam se será possível dar-lhe companheiro.

DE EVERARDO AO DEPOSITO DA CASA DE S. ROQUE

Os padres nada temem seu proprio nem de casa nem de fora.....

.....homens de todo desligados das cousas d'esta vida e que nada devem ter como proprio não tenham causa de perder nada na sua perfeição e tambem para que das cousas pequenas não se vá ás grandes perdendo-se o espirito de verdadeira pobreza... todavia o superior pôde dar licença a algumas pessoas, em particular, para dispor de cousas pequenas como são contas, imagens, agnus-dei, etc.

E segue — el parecer que V. R. da en que nuestros confesores non den limosnas a sus confessadas nos contenta mucho y se proveerá en las reglas de los sacerdotes=.

DA PROVISÃO DO CARDEAL INFANTE, INQUISIDOR GERAL

.....pela confiança que temos dos padres da companhia e por terem escolas geraes havemos por bem dar licença ao provincial..... e aos superiores dos collegios e casa de S. Roque..... possam rever e examinar e censurar todos os livros, tratados, opusculos, escriptos ou papeis de mão ainda que não tenham nome de auctor, que ao presente tiverem ou pelo tempo adiante comprarem..... damos licença ao provincial e superiores para que elles e as pessoas a que elles communicarem possam ter e usar de todos os livros, impressos, papeis e escriptos de mão..... de qualquer maneira defesos por nós ou polos inquisidores ou

Palas, picos y asadores, diez millones. Estopa, resina e piez, otros diez.»

Depois do peccado mortal, o que um bispo deve evitar de preferencia é o ridiculo.

Voltaire.

NOTICIARIO

Duas boas novidades litterarias.

Antonio Feijó tem no prelo um livro de versos, e Luiz Osorio vai publicar a poesia que recitou em Lisboa no sarau dos estudantes.

A poesia de Luiz Osorio é editada pelo seu condiscipulo João Valente.

A Imprensa da Universidade publicou, por occasião do centenario de Pombal, um livro contendo a colleção das diversas vinhetas e emblemas que ainda restam da antiga Imprensa dos jesuitas. Esta Imprensa foi, como é sabido, extinta em 1759, passando o seu material para a da Universidade.

Vimos este livro e admirámos o trabalho da impressão, que, apesar de se acharem algumas das gravuras bastante deterioradas, saiu perfeitissima. Este resultado foi, segundo nos consta, devido ao director da impressão que fez avivar as gravuras e executou todo o trabalho, pelo que é digno dos maiores elogios.

Cremos que já não existe nenhum exemplar d'esta curiosa publicação. Era de grande utilidade que a imprensa da Universidade procedesse á tiragem de mais exemplares.

Quando publicámos o manifesto do Congresso Universal do Pensamento Livre, esqueceu-nos mencionar os locais onde se recebiam adhesões.

Reparamos hoje essa falta. Qualquer comunicação pôde ser enviada para a redacção do *Protesto Operario*, Porto, Largo da Fontinha, 50—Lisboa, Rua da Paz, 74, 2.º.

O *Campino*, jornal de Villa Franca de Xira, transcrevendo da *Evolução* o protesto dos alumnos do 4.º anno juridico contra as

polo catalogo do papa ou do concilio tridentino contanto que não sejam da primeira classe. Evora, 3 de fevereiro de 1878.

DO GERAL EVERARDO AO VISITADOR MIGUEL DE SOUSA RESIDENCIAS PERIGOSAS

..... Tenho visto como nas residencias que temos se repetem os desastres. V. R.ª empenhe-se em que os nossos não corram perigo, e muito folgarei que os nossos, quando possível, venham dormir a casa. Não se entende isto nas ferias quando ordinariamente estão em Villa Franca (a quinta dos Jesuitas, vizinha de Coimbra, na margem do Mondego), e outras semelhantes residencias de muitos irmãos porque então não parece que haja este perigo.

HORARIO DO PROVINCIAL MANUEL RODRIGUES De março a setembro tangem-se o levantar ás 4 da manhã; o jantar ás 10, a ceia ás 6 e 3/4, o exame ás 8 1/2, deitar ás 8 3/4. De novembro a janeiro é o levantar ás 5 1/4, jantar ás 11, ceia ás 8, o exame ás 9 3/4, deitar ás 10. Nas epochas intermedias as differenças são de quarto de hora.

O padre Jeronimo Rebello vice-reitor que foi d'este collegio (S. Paulo, de Braga) deixou escriptas por sua letra e seu signal estas palavras que seguem: — Em o anno de 1576 disse o arcebispo Dom fr. Bartholomeu dos Martyres que bastava por pregação em Vimieiro fazerem a doutrina aos lavradores e para isto bastaria o cosinheiro. Em esta igreja diz o cura que nam se prêga domingo de Ramos nem dia de Paschoa.

DISPOSIÇÕES DO VISITADOR MIGUEL DE SOUSA (1578)

São muitas; publicaremos algumas das mais curiosas.

4.ª que façam orações ou declamações e que deem premios se quizerem.

injustas apreciações de que tem sido alvo o seu condiscipulo E. Gorrão, accrescenta as seguintes palavras:

«Parece-nos que este protesto, tão energico quanto conciso, deve servir de forte mordaca a todos aquelles que, não respeitando a dôr d'uma familia nem a desgraça d'um mancebo probó, se tem occupado em divulgar uns boatos calumniosos e aviltantes.»

O mez de maio tem corrido ameaçador para a agricultura. Devemos á amabilidade d'um amigo o seguinte extracto d'uma carta que recebeu de uma localidade do concelho de Idanha a Nova:

«No dia 18, das 4 para as 5 horas da tarde, descarregou sobre parte d'este concelho uma trovoadá medonha. As vinhas, além dos prejuizos d'este anno, ficaram ja podadas para o seguinte. As searas ficaram por tal modo que nem a palha se aproveita.

Os rendeiros ficaram desgraçados, o que se reflecte nos proprietarios que nada podem exigir. As sobreiras d'um instante para outro tomaram um aspecto estranho d'arvores aqui desconhecidas; são espectros vegetaes. As oliveiras estão juncadas de ramos, e as arvores fructíferas tem uma vista fria e desoladora, sem comparação com as mudanças no outomno.

A saraiva era tão grossa que chegou a ferir algumas pessoas matando aves e outros animaes».

Não garantimos a authenticidade do seguinte:

Consta-nos, muito vagamente, que vai abrir-se em cada commissariado uma aula de musica, em que se habitue o corpo policial a conhecer os diferentes hymnos nacionaes para que prenda qualquer executante, apenas o ouça tocar a Marselheza.

Lembramos um additamento: — ser preso todo o individuo que não souber afinar o hymno da carta.

Queixa-se-nos um cavalheiro, que nos merece todo o credito, de ter sido insolente-

- 5.ª que não haja excessos em agasalhar frades e hospedes.
- 8.ª leia o reitor cada mez as regras do perfeito das cousas espirituaes.
- 10.ª deem mais pregações a Roriz.
- 12.ª de noite não vão os moços buscar ovos.
- 13.ª deem á mesa bom vinho.
- 19.ª algumas vezes o reitor ajuntará os sacerdotes e fará conferencias com elles, se ha alguém que inquiete, se ha uniformidade na igreja.
- 20.ª fazer caso dos homens.
- 27.ª que não variem muito os officios.
- 28.ª Afagar os que vêm tentados,
- 30.ª Antes pender para o bem prover que para o mal.
- 31.ª Tirar pouco a pouco o fallar na crasta.
- 43.ª Tenham azorragues para botar os cães da igreja.
- 44.ª Tenha o reitor tento no que se prêga por si ou por outro.
- 49.ª Peça-se ao arcebispo provisão para tomar adagas e canivetes.
- 51.ª Não se admita no estudo quem não sabe escrever.
- 52.ª a 55.ª Sobre o numero de estudantes nas classes; na 1.ª até 100; na 2.ª até 110; na 3.ª até 120; na 4.ª até 200.
- 61.ª Os mestres não se ponham a fazer pregações e colloquios alta voz.
- 62.ª Haja premios e dialogos, os premios podem dal-os os discipulos para as suas classes.
- 64.ª Não haja figuras nas declamações.
- 65.ª Os discipulos todos tirem os barretes.
- 69.ª Não é necessario que o reitor mostre aos consultores todas as cartas que lhe escreve o padre povincial.
- 71.ª Os mestres não podem fazer festa na classe nem armar a classe sem licença do Reitor.

GABRIEL PEREIRA.

DOCUMENTOS DOS JESUITAS

(Continuação)

EM UMA CARTA DE EVERARDO MERCURIANO AO PROVINCIAL MANUEL RODRIGUES, DE JUNHO DE 1575

..... Entrou o abuso na Companhia de se tratarem por doutor, mestre, licenciado, etc.; na companhia não existem taes grãos, só servem para ajudar o bem commum; nem servirão de titulo ou preeminencia.

ALGUNS AVISOS ESPIRITUAES DO GERAL EVERARDO

Não se consintam paradoxos e opiniões extravagantes que além de serem contrarias ao espirito da Sociedade são n'este tempo de grande perigo mormente n'essa região, tendo a companhia emulos, assim os que ensinam e prégam sigam sempre a doutrina commum e sã.

Que os nossos attendam sempre devéras á verdadeira abnegação de si mesmos, e á mortificação, e desapropriação de sus affectos no permitindo singularidades.

Para confesores de mulheres poucos e escolhidos, que fallem pouco e se não demorem com esta gente principalmente de tarde ou estando a igreja sem gente; nem confessem sem testemunhas *nulum locum dantes aut suspicioni aut diabolo y en suma no pierdan tiempo con este trato que es de poca ganancia y puede ser de mucha perdida.*

En la institucion d'esta gente quando se dan a cosas spirituales se an de prevenir las illusiones. Ducuntur hæc variis desideriis et implicantur multis erroribus et multæ conversæ sunt retro post Satan: y por este medio el demonio suele triumphar de muchos siervos de dios.

E preciso tirar-lhes os desvanecimentos de cabeça, que tratem das obrigações e que

mente tratado ha poucos dias, n'um comboio ascendente, por um empregado da companhia, que tem o officio de revisor.

É doença chronica que invadiu quasi todos os empregados do caminho de ferro, que não se envergonham de ser mal educados, acreditando-se uns *tigres* ainda mais ridiculos que o proprio *tigrinus arrobæius*. Pedimos ao sr. Espargueira que exija mais educação e melhor serviço aos seus subordinados.

Começaram no dia 29 os actos na faculdade de direito. Eis os nomes dos examinados.

1.º ANNO

Ribeiro de Magalhães.
Marques d'Oliveira.
Almeida e Silva.
Carvalho Jalles.

2.º ANNO

Abel d'Azevedo.
Almeida Rego.
Carneiro da Cunha.
Cunha Brochado.

3.º ANNO

Alvares Cabral.
Alfonso Carvalho e Lemos.

4.º ANNO

Barbosa Mendonça.
Alfredo Carvalho.

5.º ANNO

João Arroio.
A. Guimarães.

A reforma d'instrução secundaria, apresentada ultimamente pelo sr. Thomaz Ribeiro, passou a dormir o somno dos justos. Era d'esperar, porque a celebre carta, que o sr. Thomaz Ribeiro escreveu no Porto sobre a salamanca, roubou a este sr. ministro todo o tempo para cuidar de coisas uteis e aproveitaveis.

Foi acaso o jesuitismo que lhe determinou esse procedimento, que se não justifica? Acreditamos-o sem difficuldades.

Fervilham os empenhos no ministerio da justiça para *abichar* as conexas. O reaccionario ministro vê-se seriamente apouquizado e não sabe resolver tantos interesses que estão em conflicto.

O nosso presado collega do *Seculo* disse, por equívoco, ter recebido do sr. Miguel Baptista da Silva a sua dissertação sobre finanças. Pedimos licença para advertir que foi o curso do 4.º anno juridico quem mandou imprimir aquella dissertação, e não o auctor, infelizmente já fallecido.

Den á luz uma robusta creança a ex.^{ma} esposa do sr. Joaquim da Silva Coirinha, de Alcanena.

Nossas felicitações.

M.

O ultimo numero da *Evolução* appareceu adornado de muitos erros. Além d'outras excellentes cousas, saíram um *occuparemanos* e uma *syndicatoria* de delicioso effeito.

Por mais que nos censem com a revisão, sempre colhemos o mesmo resultado.

À hora a que este jornal sair deve já ter sido entregue no ministerio do reino a representação dos alumnos da Escola Medica de Lisboa, pedindo que se sujeite o sr. Arrobas a uma inspecção medica, afim de se conhecer o estado das suas faculdades mentes.

Podemos asseverar aos leitores a veracidade d'esta noticia, que muita gente tomou por uma *blague*.

A academia de Coimbra resolveu, reunida em assembleia geral, agradecer á academia de Lisboa o entusiastico e fraternal acolhimento que esta fez aos estudantes de Coimbra, por occasião do centenario do Marquez de Pombal.

IMITAÇÃO DA CARTA DE BUY-BLAS
(de V. H.)

Na sombra, alma gentil, envolto no mysterio
Alguem vos ama e esconde o seu modesto amor:
É o verme a quem prendeu o rutilar sidereo,
Que vem banhar no abysmo a sua enorme dor.
Por vós, que o deslumbraes do vosso espaço ethereo,
Elle a vida daria—o triste sonhador!

S. G.

Publicações recebidas

Na impossibilidade de dar circumstancia da noticia de todas as publicações, cuja offerta agradecemos, diremos duas palavras sobre algumas, sem vislumbre de menos attenção por aquellas a que, por falta d'espaco, não dedicamos a nossa critica, tão modesta como franca.

—PREITO A POMBAL!—Uma poesia do sr. Almeida Braga. Apresenta, a pagina 11, dois versos magnificos; são:

... o seu nome a brilhar nas radiações da gloria,
domina e reina já nas paginas da Historia.

A. Feijó—Sacerdos Magnus.

Como o distincto poeta pede benevolencia á critica, e porque não nos julgamos á altura da sua poesia verdadeiramente original, não fazemos o minimo commentario.

—REVISTA UNIVERSAL—periodico illustrado—homenagem a Almeida Garret.

É uma excellente publicação, de 8 paginas cada numero, que, além de instructiva leitura e variada, apresenta nitidas gravuras.

Assignatura (paga adiantada) para Portugal, Ilhas e Ultramar: por cada volume de 50 numeros, 3,500 reis; por cada serie de 10 numeros 500 reis.

Para o estrangeiro accrescem os portes do correio e as differenças do cambio. Numero avulso 60 reis.

Escriptorio na Rua da Rosa, n.º 206, 2.º andar—Lisboa.

—Codigo SOCIAL, base da Federação Brasileira. É um folheto de 60 paginas, em que o sr. Alves Corrêa, seu auctor, diz certamente o que pensa, mas que não podemos comprehender em todos os pontos.

É na verdade incomprehensivel, para nós, o periodo que o auctor, tratando da educação da mulher, fecha com as palavras seguintes:

«... tire-se-lhe da cabeça esse *formigueiro* de idéas vaidosas e aspirações falsas, que lhe fazem comprimir o craneo em volta da sua pequenez, e encham esse vasio com um numero de verdades palpaveis e sublimes aspirações que o adaptem á sua grandeza.»

Se, por ventura, não é exclusivamente nossa a culpa de acharmos obscura esta passagem, confirma o auctor a declaração que faz, na *Advertencia*, de que não abriu um livro nem consultou pessoa alguma antes de publicar este trabalho. Confirmar, porém esta affirmativa parecia-nos desnecessario; era para nós sufficiente a palavra do sr. Corrêa.

ELEMENTOS PARA A HISTORIA DO MUNICIPIO DE LISBOA. Publicação mandada fazer pela camara actual do municipio de Lisboa para commemorar o centenario do marquez de Pombal.

Encerra o 4.º fasciculo interessantes documentos, subsidio precioso para os futuros historiadores. Acompanha este faciculo uma gravura, representativa da—*Divisa da cidade de Lisboa*. Consiste n'um navio, em que se vêem poisados 2 corvos, allusão ao que nos diz a lenda. Conta-se que, tendo sido exposto á voracidade das aves de rapina o cadaver de S. Vicente, 2 corvos o defenderam contra os animaes que pretendiam banquetear-se. É sabido considerar-se S. Vicente padroeiro da capital.

É colleccionador dos documentos, que, por numerosos, nos abstemos de citar separadamente, o sr. Eduardo Freire de Oliveira, archivista da camara municipal de Lisboa.

—ESTUDOS FINANCEIROS—Dissertação para a 8.ª cadeira da faculdade de direito; por Miguel Baptista da Silva. Sabem os leitores d'este semanario o apreço em que tinhamos o merito d'este infeliz mancebo, que falleceu n'uma idade em que tanto havia a esperar do seu talento; e os leitores do *Instituto* conhecem o merito do trabalho apresentado pelo notavel academico na aula de finanças.

O actual curso do 4.º anno juridico, em homenagem á memoria do seu ex-condiscipulo, resolveu publicar aquella levantada manifestação da sua muita intelligencia. Não temos senão reverencia e sympathia por um acto tão honroso para quem o pratica. A dissertação é precedida da biographia, feita pelo distinctissimo e já conhecido academico João Pinto Rodrigues dos Santos, da poesia que já os nossos leitores conhecem, recitada pelo estimado poeta Luiz Osorio, á beira da campa, e d'algumas palavras que na mesma occasião pronunciou o intelligente quartanista Alfredo Vieira.

GUTTENBERG, publicação quinzenal dedicada á classe typographica e artes correlativas. Temos presente o numero programma que, além do artigo de apresentação, insere outros de grande merito. A edição é nitida e o preço de cada numero, de 8 paginas, é 40 reis. Para as provincias só se remette por series de 5 numeros, pagos adiantadamente. Administração—Calçada do Tijolo, 39, Lisboa.

LISBOA

O COMICIO

Terminou agora (2 1/2 horas da tarde) o comicio, promovido por uma commissão de estudantes para protestar contra as ultimas arbitrariedades do governador civil de Lisboa, já bem conhecidas de todos.

Perto de 4000 pessoas de todas as classes enchiam o vasto recinto a Arroios.

Tomou a presidencia Augusto Crespo, um dos mais prestantes membros da commissão pombalina, e da escola medica; e serviram de secretarios Barata e Lança. Crespo narrou as peripecias succedidas hontem para obter a licença para o comicio, que afinal não foi concedida; diziam que a commissão era composta de creanças, quando não era assim, eram todos maiores e, ainda mais, eleitores; na urna tirariam o desforço; o commissario de policia não vinha assistir porque *confia no bom senso da commissão*; pediu ordem; da ordem do comicio sahirá a força; foi energico e preciso.

Foram lidos telegrammas do Porto e Coimbra. Tomou em seguida a palavra Pereira e Sousa, membro da commissão. Elle era uma creança, mas tinha sido nomeado pelo governo para a commissão official pombalina. Leu a parte de policia do *caso da polytechnica* que produziu sensação; agora já se provoca á rebellião pelo assobio; aos discursos de Danton, Kobespierre e Marat contrapõe se o assobio; é ordeiro mas energico; se querem apanhar a hydra, prendam a maioria que approva a Salamanca.

Theophilo Braga, professor, ao principiar teve uma ovação; fallou do direito de reunião e definiu o que é ordem; contra-ordens a ordens é que é a desordem; a revolução, a anarchia está em cima; os poderes constituidos é que estão na desordem; elles é que deshonram as instituições e adduziu factos comprovativos; não deve ser representação mas requerimento; Arrobas e a policia infringem constituição, são criminosos; denominou de covardia a não comparencia de professores da Escola Polytechnica. Foi aplaudidissimo.

Portugal da Silva com voz firme e convicta revoltou-se contra isto tudo; prohibiram tudo até o assobio; respeita a auctoridade, mas a que exerce bem esse poder; os poderes publicos deixam medrar a reacção e atropellam os estudantes na sua carreira academica.

Barata leu o protesto; bravos e palmas cobriram o estudante.

Verdades Faria, tambem estudante, verbou entusiasticamente todas estas ultimas prepotencias; não conhecem os academicos como cidadãos para se reunirem, mas co-

nhecem-os para as propinas! agradeceu á imprensa independente e a todos que tem tomado a defeza dos estudantes presos; Fontes disse que era preciso dar força á auctoridade, mas então é porque ella não a tem.

Fallou tambem Eduardo Maia, que, quanto não fosse academico nem professor, desejou associar-se como habitante de Lisboa contra os desatinos do Arrobas.

O protesto foi delirantemente approvado e approvado tambem o parecer de Theophilo Braga para que tivesse a forma de requerimento, para ser instaurado o competente processo.

Completa ordem, dispersando tudo pacificamente. Vivas á academia. Grande apparatus policial.

E assim uns 4000 representantes da população de Lisboa manifestaram serena mas energicamente a sua reprovação ao governo da primeira auctoridade do districto.

ANTONIO FURTADO.

Correspondencia

ADMINISTRATIVA

Temos pedido por escripto a alguns dos nossos estimaveis assignantes que mandem pagar n'esta administração a importancia de suas assignaturas. Usamos d'este meio pelo motivo de não haver n'algumas localidades auctorisação para cobrança pelo correio, ou porque, sendo insignificantes as quantias a cobrar, seria relativamente grande a percentagem que teriamos de deduzir para pagamento da cobrança.

A esses nossos assignantes esperamos dever-lhes a fineza de responderem em breve ao nosso pedido.

Temos a prevenir os srs. assignantes que não receberam o numero especial d'esta folha, sabido por occasião do centenario, por não haverem ainda satisfeito a sua assignatura relativa á 1.ª serie, que o receberão logo que mandem satisfazer os seus debitos.

Aos cavalheiros, que ultimamente tem assignado para este jornal, requisitando a colleção dos numeros sabidos, temos a pedir desculpa da falta de alguns numeros, cuja edição se esgotou; esperamos poder enviá-lhos mais tarde, o que faremos logo que obtenhamos alguns d'esses numeros, que tratamos de comprar.

Recebemos d'Odemira, onde muitos cavalheiros honram a nossa folha com a sua assignatura, o seguinte telegrama:—*«Sd um assignante recebeu a Evolução.»*

Podemos affiançar que enviamos a todos os srs. assignantes.

Lembramos simplesmente uma coincidência notavel.—Temos supportado em silencio irregularidades do serviço postal; rogamos porém no ultimo numero ás direcções dos correios que fossem mais escrupulosas no cumprimento dos seus deveres.

Succede logo um facto d'esta ordem. É realmente curioso!!! Aos nossos estimaveis assignantes pedimos desculpa de não remetter os numeros que faltam, porque os não temos.

EXPEDIENTE

Prevenimos os nossos estimaveis assignantes de que toda a correspondencia da *Evolução* deve ser dirigida para o Marco de Feira—4—Coimbra.

Encarregam-se obsequiosamente de receber a importancia das assignaturas da *Evolução* os seguintes cavalheiros: Santarem—José Ferreira Maia, rua Direita, n.º 89.

Ribeira de Santarem—Joaquim Malfeito.

Cartaxo—Francisco Pereira.

Alcanena—Antonio Garcia.

Rogamos aos srs. assignantes que satisfacão com a maxima urgencia a importancia do seu debito.